NORAH VINCENT
FEITO HOMEM
"SELF-MADE MAN"
A JORNADA DE UMA MULHER AO UNIVERSO MASCULINO
Planeta
Norah Vincent queria saber como realmente é a vida dos homens. Muitas mulheres estão convencidas de que os homens sempre viveram melhor, em todos os sentidos. Para descobrir por si mesma se isto era verdade, e tentar detectar onde falha a percepção comum, ela fez o seguinte: por dezoito meses se disfarçou de homem. Durante este período, Norah vivenciou uma verdadeira experiência antropológica, relatando o que observou incógnita. Com a ajuda de um artista da maquiagem, de um *trainer* e de um especialista em impostação vocal, ela se infiltrou em espaços e situações que as mulheres nunca viram. Por mais de um ano e meio, aventurou-se no mundo como seu *alter ego*, Ned, com uma barba sempre por fazer, com o cabelo cortado escovinha, com óculos de aros metálicos e com sapatos do próprio número de Norah, 42 – um disfarce perfeito que lhe permitiu observar e participar do mundo dos homens como se fosse um deles.

Índice

1. Preparação 11

2. Amizade 30

3. Sexo 72

4. Amor 102

5. Vida 142

6. Trabalho 195

7. *Self* 241

8. Fim da Jornada 287

Agradecimentos 301

1 Preparação

Sete anos atrás, fiz meu primeiro treinamento para me tornar um homem.

Tive a idéia deste livro quando me fantasiei pela primeira vez para uma festa de *drags*. Eu estava morando em East Village, desfrutando de uma adolescência extremamente prolongada, bebendo e me drogando muito, e me exibindo em todas as manifestações excêntricas nas calçadas que a cidade de Nova York tinha a oferecer.

Na época, eu estava saindo muito na companhia de uma *drag king* que eu havia conhecido através de amigos. Ela costumava se travestir e me fazer tirar fotos dela fantasiada. Certa noite, me desafiou a me fantasiar com ela e sair pela cidade. Eu sempre quis tentar passar por homem em público, só para ver se conseguia, e por isso concordei, entusiasmada.

Ela havia desenvolvido sua própria técnica para criar uma barba, em que você corta chumaços de um centímetro de cabelo de partes discretas da sua própria cabeça, pica-os em pedaços menores e depois os gruda mais ou menos no seu rosto com cola de álcool. Usando um espelho de pé pequeno e redondo que havia sobre sua

mesa, ela me mostrou como fazê-lo na luz turva e esverdeada do seu minúsculo apartamento-estúdio. Não ficou, de modo algum, preciso e eu não teria passado despercebida à luz do dia, mas era suficiente para o palco e funcionaria bastante bem para os nossos propósitos nos bares escuros à noite. Eu mesma fiz um cavanhaque e um bigode, além de um exagerado par de costeletas. Coloquei um boné de beisebol, jeans folgados e uma camisa de flanela. No espelho de corpo inteiro eu parecia um garoto de alguma fraternidade — ou mais ou menos isso.

Ela se arrumou — de um jeito que era mais gracioso e tímido, mais parecido um rapazinho hippie que, na verdade, ainda não tinha muita barba — e nós saímos assim durante algumas horas.

Até onde se pode saber, nós passamos no teste, mas eu estava com muito medo de realmente interagir com alguém, exceto para dar a um rapaz algumas breves indicações na rua. Ele me agradeceu como um "mauricinho" e foi embora.

A maior parte do tempo, no entanto, simplesmente andamos pelo Village observando os rostos das pessoas para ver se alguém nos olhava mais detidamente. Mas ninguém o fez. E isso, por mais estranho que pareça, foi o que mais me impressionou sobre esta noite. Foi a única coisa realmente digna de nota que aconteceu. Mas foi importante.

Eu morava naquele bairro havia anos, andando em suas ruas, onde os homens espreitavam do lado de fora dos bares, nas sacadas e nas entradas das casas. Como mulher, era impossível andar por aquelas ruas invisível. Era objeto de desejo, ou de pelo menos um interesse semi-lascivo, dos homens que ficavam ali parados, mesmo que você não fosse bonita — isso, ou você seria apenas outra xoxota para ser colocada no devido lugar. Seja como for, seus olhos a seguiam para cima e para baixo na rua, jamais acenando, afirmando sua dominação como uma coisa natural. Se fosse mulher e morasse ali, acabava acostumada a ser olhada, porque isso acontecia todos os dias e não havia nada que você pudesse fazer a respeito.

Mas naquela noite, travestidas, nós passamos pelas mesmas sacadas, entradas e bares. Passamos por aqueles mesmos grupos de homens. Só que desta vez eles não olharam. Ao contrário, quando encontravam meus olhos eles desviavam imediatamente, e de comum acordo os seus, e jamais olhavam de volta. Era incrível a diferença, o respeito que demonstravam por mim *não* me olhando, intencionalmente não fixando os olhos em mim.

Foi isso. Foi isso que me irritou tanto sobre encontrar seu olhar como uma mulher — não o desejo, se é que havia desejo, mas o desrespeito, o direito de fazer isso. Era rude, e pretendia ser rude, e vendo esses rapazes desviarem o olhar com deferência quando pensavam que eu fosse um homem, pude validar em retrospecto a verdadeira hostilidade de seus olhares anteriores.

Mas isso não era tudo. Havia algo mais do que respeito sendo comunicado em seu olhar desviado: algo mais sutil, menos direto. Parecia mais uma falta de intenção de mostrar desrespeito. Para eles, desviar os olhos era rejeitar um desafio, aderir a um código de comportamento que mantinha a paz entre os homens em algumas esferas, assim como, certamente, é mantida a paz e a ordem no galinheiro, entre os machos. Olhar outro homem nos olhos e sustentar o seu olhar é chamar para a briga — isso ou um encontro homossexual. Desviar o olhar era aceitar o *status quo*, deixar a cada homem sua minúscula esfera de influência, a pequena proteção de orgulho e equilíbrio que o envolve e o resguarda.

Ponderei sobre tudo isso na noite em que aconteceu, mas nas semanas e meses que se seguiram perguntei a muitos homens que eu conhecia se eu estava certa, e eles concordaram, acrescentando em geral que se tratava de algo sobre o qual eles não pensavam mais, se é que algum dia pensaram. Era simplesmente algo que aprenderam ou absorveram quando meninos, e quando se tornaram homens faziam sem pensar.

Depois que o incidente passou, comecei a pensar que, se depois de ficar travestida durante algumas horas eu havia aprendido um segredo tão importante sobre a maneira como os homens e as mulheres se comunicam uns com os outros, e sobre os códigos

silenciosos da experiência masculina, será que eu não conseguiria observar potencialmente muito mais sobre as diferenças sociais entre os sexos se me passasse por homem durante um período de tempo muito mais longo? Parecia verdade, mas eu ainda não era intrépida o bastante para levar algo a esse extremo. Além disso, parecia impossível, tanto psicológica quanto praticamente, levar isso adiante. Por isso, arquivei a informação na minha mente por mais alguns anos e fui fazer outras coisas.

Então, no inverno de 2003, enquanto assistia a um *reality* show na rede de televisão A&E, a idéia me voltou à cabeça. No programa, dois homens e duas mulheres concorrentes começaram a se transformar no sexo oposto — não com hormônios ou cirurgias, apenas com roupas e outros recursos estéticos. As mulheres cortaram o cabelo. Os homens alongaram os seus. Ambos tomaram lições de impostação de voz e de movimentos para aprender a falar e a se comportar mais parecido com o sexo que eles estavam tentando representar. Todos escolheram novos guarda-roupas e nomes para seus alter-egos. Embora o objetivo do exercício fosse ver quem podia passar mais efetivamente no mundo real com o novo disfarce, a maior parte do programa concentrava-se nas próprias transformações. Nenhum dos homens realmente conseguiu convencer, e apenas uma das mulheres permaneceu no programa. Ela conseguiu passar muito bem por homem, embora durante um tempo curto e em circunstâncias cuidadosamente controladas.

Como acontece na maior parte dos *reality shows* da televisão, especialmente os norte-americanos, ninguém envolvido era particularmente introspectivo sobre o efeito das experiências sobre eles ou sobre as pessoas à sua volta. Estava claro que os produtores não tinham muito interesse nas implicações sociológicas mais profundas de se passar pelo sexo oposto. Esta era apenas outra versão de uma remodelação extrema. Uma vez realizada – ou não – a proeza, o show estava terminado.

Mas, para mim, assistir ao programa trouxe de volta à mente minha experiência anterior em me travestir e me fez compreender que passar pelo outro sexo à luz do dia poderia ser possível com a

ajuda certa. Eu sabia que escrever um livro sobre me passar por um homem no mundo me daria a oportunidade de investigar alguns territórios inexplorados que o programa havia deixado de fora, e que eu mal havia tocado em minha breve incursão travestida de homem, alguns anos antes.

Eu estava determinada a tentar pôr em prática essa idéia.

Vamos começar pelo começo. Antes que eu conseguisse construir este homem no qual eu iria me tornar, precisava pensar em uma identidade para ele. Precisava de um nome. O nome tinha de ser algo que me fosse familiar, algo a que eu pudesse responder quando me chamassem. Se eu não respondesse ao chamarem meu nome, isso certamente me denunciaria como um impostor. Por conveniência, eu queria um que começasse com a letra N. Isso diminuía consideravelmente as opções, e a maioria delas não era atraente. Por exemplo, não havia jeito de eu ser conhecida como Norman ou Norm. Nick, quando comparado com Norah, não parecia muito inteligente, e Neil ou Nate simplesmente não tinham nada a ver comigo.

Foi então que me surgiu o nome Ned, um apelido da minha infância que há muito já não era mais usado mas que estava, como veio a se comprovar, intimamente ligado ao projeto em questão.

Recebi o apelido de Ned quando tinha cerca de sete anos. Eu o recebi, em parte, porque Norah é um nome difícil de se pôr um apelido, mas principalmente porque nada, exceto o nome de um menino, realmente fazia sentido quando se via o que meus pais enfrentavam com sua única filha. Praticamente desde que nasci fui aquele tipo de menina que só gosta de brincar com meninos e de brincadeiras de meninos, e que faz as pessoas pensarem que ela deve ter um gene gay.

De que outra maneira explicar o meu horror instintivo de vestidos, bonecas e "frescuras" de qualquer tipo, quando as outras meninas se encantam com essas coisas? De que outra maneira explicar as ligações e os fetiches estranhos que surgem tão cedo e contra toda programação social? Por que, por exemplo, eu insistia em me

vestir como um *cowboy* mal tinha saído das fraldas? Por que decidi tocar saxofone quando todas as outras meninas escolhiam flauta ou clarineta? Por que eu cobiçava o tubo de xampu de meu pai e barbeava os Comandos em Ação de meus irmãos com as navalhas dele? Por que a única boneca feminina que eu tive ou gostei era uma Joana d'Arc com armadura?

Realmente é impossível dizer. A identidade de gênero, ao que parece, está tão certamente nos genes quanto o sexo e a sexualidade, mas não sabemos por que a programação sofreu um desvio. Talvez um fio cruzado em algum lugar ou o equivalente hormonal para isso. Parece uma explicação tão provável quanto qualquer outra a que, mesmo antes de a menina ter idade suficiente para saber o significado do desejo ou dos significados culturais, ter nascido gay tende a fazê-la adorar armaduras e botas de montaria. Seja qual for o caso, fui o resultado felizmente distorcido de alguma glândula ou hélix que se enfureceu, um destino que me propiciou brincar de Tarzan no alto da macieira nas tardes de verão e me vestir inteiramente de homem para o Halloween quando eu tinha sete anos de idade.

Minha mãe diz que deveria ter desconfiado de algo quando eu pedia emprestado um dos paletós e um chapéu de meu pai, pintava uma barba e um bigode no rosto e saía batendo de porta em porta com todas as outras fadas e bruxas. Como eu dizia, ia fantasiada de velho. Colocava um travesseiro sob o paletó, para fazer uma barriga, e carregava uma bengala.

Mas como ela teria sabido, se eu poderia muito bem a estar imitando? Ela era uma atriz, e eu passei muitos verões da minha infância correndo pelos bastidores ou espreitando seu camarim, enquanto ela se preparava para um show. Um de seus papéis mais memoráveis foi um papel duplo em que ela representava Shen Te e o Sr. Shui Ta na peça *A Boa Alma de Setzuan*, de Bertold Brecht. Shen Te é uma ex-prostituta de bom coração, dona de uma tabacaria na província Chinesa de Sichuan. Vítima de trapaceiros que acharam que ela fosse uma pessoa fácil de enganar, Shen Te estava enfrentando a ruína financeira. Para salvar o seu negócio, ela se disfarça de homem, Sr. Shui Ta, seu suposto primo implacável, que ela invoca para realizar o trabalho de cobrar suas dúvidas e defendê-la de pedintes e ladrões.

Como ver minha mãe neste papel poderia ter tido qualquer outro efeito sobre mim senão o de profunda inspiração, já que eu já era uma criança fascinada pelo disfarce? Será que as mulheres realmente fingiam ser homens na vida real? E se conseguissem, pensava eu, como poderiam fazer isso? Meus olhos se arregalavam diante dessa perspectiva.

Felizmente, para o bem de meus pais, meus dois irmãos mais velhos eram normais. O mais velho, Alex, um cavalheiro consumado, também desde que nasceu, ficava, com freqüência, silenciosamente desconcertado, mas era sempre gentil e acomodado. Teddy, o do meio, não. Este era um desordeiro, aquele que dava os apelidos na família e implacável no seu ofício. Era o verdadeiro incentivo por trás de Ned.

Veja, Ned tinha um significado mais profundo, intimamente conectado não apenas com fato de eu ser uma menina masculinizada, mas com problemas que essa condição particular apresenta durante a puberdade e em torno dela. Esse é o momento na vida de uma menina masculinizada em que a maturidade sexual e a identidade de gênero se confrontam de uma maneira desagradável.

Ter irmãos mais velhos significa que as meninas que eles conhecem e gostam vão atingir a puberdade antes de você. Eu sabia que isto sempre foi motivo de ansiedade entre as garotas que eu conhecia, desde sua primeira menstruação a — o verdadeiro prêmio — o crescimento de seios incipientes, o portão que todas esperávamos transpor. Isso significava tudo. Antes de mais nada, significava que você de repente passava a interessar à outra metade da espécie. Até então, você era apenas joelhos e cotovelos sujos sem nada para mostrar de si exceto os espaços entre seus dentes. Até então, você era apenas a última escolhida para chutar a bola e, no meu caso, a irmãzinha desajeitada que estava sempre atrás dos irmãos e que não era respeitada por ninguém. Mas aquelas meninas que desabrochavam e que meus irmãos mais velhos e seus amigos estavam

sempre cobiçando, as meninas de formas perfeitas da sexta série, com brilho nos lábios e bustiês, elas *tinham* algo, e isso fazia as maltrapilhas sem graça como eu ficarem carrancudas e recolhidas na inveja. Nossa falta de desenvolvimento era um tema doloroso que não deveria ser tocado.

Mas é para tocar no intocável que servem os irmãos infernais.

Certo dia, depois da escola, Teddy e seus amigos me encontraram brincando com meu pequeno exército de homenzinhos de plástico no jardim da frente de nossa casa. Provocadores como sempre, começaram a implicar comigo por minha falta de desenvolvimento físico. O tema intocável. Baixei os olhos, esperando que eles fossem embora caso eu não reagisse. Mas nesse dia Teddy estava particularmente inspirado. O apelido de Ned já era usado nessa época — eles todos o usavam em seus insultos, nenhum deles significativo o bastante para ser lembrado. Quer dizer, até que Teddy gritou as inesquecíveis e exasperadoras palavras:

"Ned não tem bunda nem tetas."

Não foi surpresa isto ter provocado sonoras gargalhadas no grupo.

Era verdade. Ned realmente não tinha bunda nem tetas, e Ned sabia disso, e não estava feliz com isso. Nesse ponto eu não olhei para cima, mas comecei a arrancar punhados de grama. Então, por alguma razão desconhecida — que, afinal, pode penetrar no fluxo de consciência do adolescente —, Teddy começou a balançar seus quadris para frente e para trás sugestivamente, da maneira como um adulto que tivesse quadris ou uma bunda poderia fazê-lo, e cantando a palavra "milk-shake!" enquanto o fazia. Naturalmente, todos os seus amigos acharam isso incrivelmente divertido e entraram no coro.

Diante disso, pulei imediatamente. A visão de cinco meninos satirizando com música minha pré-pubescência dolorosa e patética foi simplesmente demais para mim. Eu me levantei, fui até a garagem e saí de lá — a essa altura, com a raiva me fazendo ranger os dentes — brandindo um dos tacos de hóquei no gelo de Teddy. Os

meninos acharam isso mais divertido do que tudo, o que, é claro, aumentou mais ainda a minha raiva. Eu os cacei pelo bairro brandindo o taco de hóquei por bem uma hora, com eles rindo, dançando e gritando "milk-shake", depois correndo e se escondendo, me espiando, gritando e rebolando.

Assim nasceu Ned. E foi aí, na verdade, que este livro começou — ou seja, com o Ned que não tinha bunda nem tetas.

Em Ned eu tinha meu novo nome e um ponto de partida para uma identidade masculina. Mas quando resolvi me tornar Ned, ainda tinha muito trabalho a fazer para que passar por um homem à luz do dia se tornasse algo factível. O primeiro e mais importante passo era descobrir como fazer uma barba mais digna de crédito do que a versão apressada que a minha amiga *drag king* havia me ensinado anos antes, algo que parecesse real, de perto, no decorrer de um dia todo e também da noite, caso necessário.

Tive sorte neste departamento. Tinha uma enorme quantidade de amigos no teatro, muitos dos quais se mostraram-se úteis no processo de dar vida a Ned.

Decidi consultar Ryan, um conhecido meu que era um artista da maquiagem e que me falou sobre uma técnica de pêlo facial que ele havia usado em um show recente. Disse achar que poderia funcionar para mim na rua se a usasse parcimoniosamente.

Sua técnica era bem mais sutil e especializada do que a cola que eu havia usado no Village, embora bem mais simples.

Primeiro, Ryan sugeriu usar cabelo de crepe de lã em vez do meu próprio cabelo ou do cabelo de outra pessoa. O cabelo de crepe de lã vem em longas cordas trançadas, e você pode comprá-lo de empresas especializadas em maquiagem. Era oferecido em toda uma série de cores, desde o loiro platinado até o preto, e por isso eu poderia comprar a cor que melhor correspondesse à cor do meu cabelo e sempre ter uma reserva à mão sem ter de massacrar meu corte de cabelo.

Ryan mostrou-me como desfazer as tranças, pentear os fios juntos, depois pegar as extremidades entre meus dedos polegar e

indicador e cortá-los, com uma tesoura de cabeleireiro, em pedaços de um milímetro ou menos. Cortando-os sobre um pedaço de papel branco, ele me mostrou como evitar amontoar o cabelo ao aplicá-lo ao meu rosto. Sugeriu que eu usasse um pincel de maquiagem para fazer isto — um grande pincel de blush para meu queixo e faces, e um pequeno pincel de sombra para os olhos para meu lábio superior.

Em seguida, aplicou um adesivo baseado em lanolina e cera de abelha chamado *stoppelpaste* para as partes da minha face onde eu queria que o cabelo grudasse. Isso funcionaria melhor que cola de álcool por várias razões. É invisível, enquanto a cola de álcool tende a embranquecer sobre a pele e aparecer, a menos que você esteja usando um aplique completo, que jamais pareceria real no rosto de uma mulher à luz do dia. (Eu tentei isto.) Além disso, a *stoppelpaste* é suave na pele e pode ser retirada com um removedor de maquiagem hidratante. A cola de álcool, ao contrário, precisa ser removida com um solvente de acetona irritante. Também seca e endurece rapidamente. A *stoppelpaste*, não. Imaginei que isto me daria mais liberdade de movimento e expressão natural, uma ferramenta indispensável para tornar Ned digno de crédito.

À temperatura ambiente, a *stoppelpaste* é um material bastante denso e tende a não se espalhar facilmente, e por isso Ryan sugeriu usar um secador de cabelo para aquecê-la durante alguns segundos antes de aplicá-la. Isso a derreteria o suficiente para fazê-la se espalhar uniformemente. Fazendo um pequeno pedaço de cada vez, ele aplicou a *stoppelpaste* no meu rosto, depois bateu ligeiramente o pincel de maquiagem nas aparas de cabelo, e em seguida deu pancadinhas leves no meu rosto com o pincel até todo o meu queixo e o lábio superior estarem cobertos com uma barba curta.

Mais tarde, quando aprimorei esse processo, descobri que as tesouras não produziam pedaços suficientemente pequenos. Se os pedaços fossem muito longos, tendiam a parecer mais como se estivessem grudados no meu rosto do que nascendo dele. Eu precisava tornar os pedaços minúsculos, para que eles parecessem quase pontos. Para conseguir esse efeito, ou o mais próximo dele que eu

conseguisse chegar, comprei um barbeador elétrico masculino e passei-o pelas pontas do cabelo, produzindo pedaços como os de uma barba curta de verdade que, quando aplicados, parecesse que eu estava com a barba por fazer.

Com relação à barba, o fundamental era não colocar demais. Minha pele, como a da maioria das mulheres, não apenas é mais macia ao toque, mas muito mais lisa aos olhos do que a pele de um homem. É também bem pálida e rosada nas faces. Conseqüentemente, como Ned, as pessoas estavam sempre me dizendo que eu parecia ter muito menos que trinta e cinco anos, embora tivesse muitos fios brancos na cabeça. Mas como a minha pele vai do tom pêssego e creme sobre meus molares ao tom de Don Johnson abaixo, eu ficaria meio parecida com Fred Flintstone. Por isso, tinha de ter o cuidado de não exagerar na área em que fosse aplicar os pêlos e tentar ficar dentro dos limites que um homem jovem, com poucos pêlos e uma bela pele, ficaria.

Para ajudar a dar um formato quadrado à minha mandíbula, fui ao barbeiro e lhe pedi que cortasse o meu cabelo plano no alto da cabeça — um corte que, em geral, detesto nos homens, mas que nas circunstâncias ajudou muito a masculinizar minha cabeça. Depois fui a uma ótica e escolhi dois pares de armações retangulares, para também acentuar os ângulos do meu rosto. Um par era de metal, para todas as ocasiões em que eu quisesse parecer mais informal, e o outro era de tartaruga, para as ocasiões — como trabalho ou encontros amorosos — em que eu quisesse ter uma aparência mais elegante.

Com barba e o cabelo cortado plano no alto da cabeça, os óculos me ajudaram muito a me enxergar como outra pessoa, embora a transformação fosse mais psicológica que qualquer outra coisa, e eu tenha demorado um pouco para me aprofundar nela. No início, tive muita dificuldade em me enxergar como qualquer um que não fosse eu mesma com pêlos colados ao meu rosto. Passei a vida toda olhando o meu rosto e durante grande parte do tempo usei cortes de cabelo curtos. Os pêlos no rosto realmente não mudaram isso. Eu ainda era eu. Mas os óculos operaram a

mudança, ou pelo menos começaram a operá-la. Então tornou-se um jogo mental que eu jogava comigo mesma e, logo, também com todo o mundo.

Inicialmente eu estava tão preocupada em ser descoberta — não passar por homem — que, para garantir o meu disfarce, usava meus óculos em toda parte e, com freqüência, um boné de beisebol junto, é claro, com a barba meticulosamente aplicada. Mas à medida que o tempo foi passando e fui ficando mais confiante no meu disfarce, mais mergulhada no meu personagem, comecei a projetar mais naturalmente uma imagem masculina, e os acessórios que eu havia usado para criar essa imagem foram se tornando cada vez menos importantes, até eu às vezes chegar a prescindir deles.

As pessoas aceitam o que você lhes transmite, se lhes transmite de uma maneira bastante convincente. Até eu comecei a aceitar mais prontamente a imagem refletida no espelho, assim como as pessoas que me cercavam.

Quando terminei de cuidar da minha cabeça e do meu rosto, comecei a me concentrar no meu corpo.

Primeiro, tinha de encontrar uma maneira de enfaixar meus seios. Isto é mais complicado do que parece, mesmo que se tenha seios pequenos, especialmente quando se está determinado a ter a frente mais plana possível. Primeiro, tentei o óbvio — bandagens Ace. Comprei duas de dez centímetros de largura e as enrolei esticadas em torno de mim, fixando-as com fita cirúrgica para garantir que elas não se soltariam no meio do dia. Isso deixou meu peito bem plano, mas também tornou minha respiração dolorosa e difícil. Além disso, dependendo de como eu me sentava, depois de um certo tempo a bandagem freqüentemente escorregava para baixo e empurrava meus seios para cima e para dentro, em vez de para fora e para baixo. Não era um bom visual para um homem.

No fim, os sutiãs esportivos sem bojo funcionaram melhor. Eu os comprei em dois tamanhos menores que o meu número e com um estilo de frente plana. Nua, ele não me fazia parecer uma tábua, mas com uma camisa folgada e uma arrumação criativa funcionou bem. Era o método mais seguro. Ele nunca se movia. Nunca caía. No entanto, marcava meus ombros e minhas costas, especialmente quando eu fiquei maior.

Porque eu fiquei maior. Esse foi o passo seguinte na transformação do meu corpo. Levantar pesos. Muitos pesos. Consultei um treinador da minha academia, contei-lhe sobre o projeto e pedi que me aconselhasse sobre a melhor maneira de masculinizar meu corpo o máximo possível sem usar esteróides. Ele sugeriu aumentar o volume muscular em meus ombros e braços.

O aumento do volume muscular acontece em um processo de duas etapas. Primeiro, levantando pesos pesados em baixas repetições e, segundo, comendo o equivalente ao seu peso corporal ou mais em gramas de proteína por dia.

Cada dia eu treinava um músculo diferente. Durante a semana, trabalhava cada parte do corpo até a exaustão apenas uma vez por semana, tirando pelo menos um dia de folga nos fins-de-semana para me recuperar. Em meu tempo livre, comia e bebia o máximo de proteína que pudesse empurrar pela minha garganta abaixo. Depois de seis meses, ganhei sete quilos. Ainda era um rapaz pequeno pelas medidas normais, mas meus ombros estavam visivelmente mais amplos e quadrados, e só isto já me colocou um passo mais perto da masculinidade.

Para completar a transformação física, fui em busca de uma prótese de pênis que eu pudesse usar para completar a verossimilhança. Em um *sex shop* em Manhattan encontrei o que até então eu chamava de "molengão portátil". Não era um dildo, que, em sua tumescência plena e constante me seria desconfortável e alarmante para todos à minha volta. Em vez disso, este item, que apelidei de "Joe Babaca", era um membro flácido projetado especialmente para o que as *drag kings* chamam de dar volume ou encher suas calças. Era melhor do que uma meia e me daria, se não aos outros, uma experiência mais realista da "masculinidade". Para mantê-lo no lugar, eu o colocava dentro de um suporte atlético, porque em uma cueca ele saía tanto do lugar quando eu andava, que acabava distraindo a minha atenção.

Finalmente, uma vez resolvida a anatomia básica, seios no lugar, ombros quadrados, barba aplicada e o pinto devidamente colocado, levei Ned para comprar roupas — travestido, é claro. Comprei-lhe roupas clássicas, coisas seguras como camisas de rúgbi, roupas cáqui e jeans *baggy*. Não queria gastar excessivamente em um terno, mas Ned precisava de um guarda-roupa para trabalhar, e por isso eu lhe comprei três blazeres, várias calças, quatro gravatas e cinco ou seis camisas. Comprei um grande suprimento de camisetas brancas, que se provaram um produto básico para o meu guarda-roupa, esporte ou formal. Eu as usava debaixo de tudo, em parte como uma camada extra para esconder os sulcos do meu sutiã, e em parte para dar vigor ao meu pescoço, ou pelo menos distrair o olhar de quem está examinando minha carência do pomo de Adão e meu peito sem pêlos.

Fiz minha última parada para Ned na Juilliard School, onde contratei uma especialista em impostação de voz para me ajudar a falar mais parecido com um homem. Minha voz já é grossa mas, como acontece com tantas outras coisas, descobri que quando você está querendo se passar por homem, todas as características que parecem masculinas em você como mulher são bem menos acentuadas em um homem.

Minha professora revisou algumas dicas de gênero em nossas aulas, mas precisei ser Ned durante algum tempo para perceber como os homens e as mulheres falam diferente e o quanto eu teria que ir fundo para não deixar que Ned despertasse suspeitas.

Minha professora disse: "As mulheres tendem a cortar sua própria respiração." Ela descreveu e demonstrou o processo impulsionando seu peito e sua cabeça para frente quando falava, e cortando o ritmo da sua respiração quando forçava a saída de um fluxo de palavras de sua boca.

"É claro que isto é um estereótipo", disse ela, "mas em geral as mulheres tendem a falar mais depressa, a usar mais palavras, e interrompem sua respiração para falar tudo."

Descobri que isto era verdade em meus próprios padrões de fala, que amigos zombeteiros às vezes descreviam como torrencial.

Eu freqüentemente ficava sem respiração antes de terminar meu pensamento e, ou tinha que recuperar o fôlego no meio para conseguir falar o resto, ou falar as palavras mais depressa para terminar antes.

Desde o meu treinamento, também observei este fenômeno em ação em vários jantares ou em restaurantes. As mulheres, em geral, inclinam-me para falar e falam em explosões de palavras, pedindo para serem ouvidas. Os homens freqüentemente se recostam e pronunciam cada palavra com uma concisa autoridade.

Naturalmente, o que você faz com sua respiração afeta a maneira como sua voz vai soar. Usando menos palavras, falando mais devagar e segurando minha respiração durante a emissão das palavras, tudo isso me ajudou a usar as notas mais profundas do meu registro e permanecer assim. Isso significava, é claro, que eu não podia me permitir ficar excitada demais sobre coisa alguma, porque isto mudaria minha respiração e minha voz subiria para suas notas mais altos. Por outro lado, descobri que relaxar e respirando profundamente antes de iniciar um dia como Ned me ajudava a entrar na sua voz, depois em sua maneira de se comportar e finalmente em sua cabeça.

O processo de entrar na cabeça de Ned suscitou uma pergunta óbvia, que muitas pessoas têm feito sobre este livro, principalmente para esclarecer exatamente o que ele pretende ser e o que devem esperar extrair dele.

Seria eu um transexual ou um travesti, e escrevi este livro como um meio de aparecer como tal?

A resposta para as duas partes desta pergunta é não.

Digo isso baseada na percepção experimental, porque depois de ter vivido como um homem por um ano e meio, se fosse um transexual ou um travesti, posso lhe garantir que a esta altura eu saberia.

Por uma razão: eu teria experimentado muito mais satisfação vivendo como Ned.

Os transexuais, em geral, relatam que passar como um membro do sexo oposto é um alívio imenso e prazeroso. Eles acham que finalmente chegaram a ser eles mesmos após muitos anos vivendo um disfarce.

Comigo aconteceu exatamente o oposto.

Raras vezes senti prazer com isso e nunca me achei, de modo algum, pessoalmente preenchida por ser percebida e tratada como um homem. Nunca, como muitos transexuais afirmam, me senti um homem aprisionado no corpo errado. Ao contrário, eu me identifico profundamente com a minha feminilidade, mais ainda depois de Ned do que jamais antes.

Como você verá, ser Ned foi muitas vezes uma experiência desconfortável e alienante, e longe de me encontrar nele, com freqüência me sentia, de alguma maneira fundamental, fora de mim. Quando vivia como Ned, tinha que me esforçar muito para fazer o seu trabalho, para ser ele. Isso não ocorria de jeito nenhum de modo natural, e quando ele cumpriu o seu propósito, fiquei feliz em me livrar dele.

Quanto a me vestir de homem, isto também não foi definitivo nem particularmente divertido para mim. Não posso negar a breve emoção que senti saindo disfarçada e vendo uma parte da vida cotidiana que as outras mulheres não vêem. Usar um pênis entre as minhas pernas foi uma experiência estranha e excitante durante um dia ou dois; mas esse *frisson* desapareceu rapidamente e eu me vi vivendo um personagem que não era o meu, tentando me aproximar de algo que eu não sou nem queria ser.

Esta, portanto, não é um livro de memórias confessional. Não estou resolvendo uma crise de identidade sexual. Há um território íntimo sendo explorado aqui. Sem dúvida. Como podem atestar as inclinações da minha infância, eu sempre fui e continuei fascinada, confusa e às vezes até perturbada pelo gênero, tanto como um fenômeno cultural quanto como um fenômeno psicológico cujos limites são, ao mesmo tempo, misteriosamente fluidos e rígidos. Do ponto de vista cultural, sempre vivi como meu *self* mais verdadeiro, em algum lugar na fronteira entre o masculino e o feminino, e viver

assim tornou este projeto mais imediato e significativo para mim. Mais que isso, eu participei da minha própria experiência, a vivi e internalizei seus efeitos. Ser Ned mudou a mim e mudou as pessoas à minha volta, e tentei registrar essas mudanças.

Mas dizer que conduzi e registrei os resultados de uma experiência não é dizer que este livro pretende ser um estudo científico ou objetivo. Não chega nem perto disso. Nada do que digo aqui terá qualquer valor exceto o das observações de uma pessoa sobre sua própria experiência. O que se segue é apenas a minha maneira de ver as coisas, míope e certamente inaplicável a algo tão grande como um pronunciamento sobre o gênero na sociedade norte-americana. Minhas observações estão pontilhadas dos meus próprios preconceitos e pré-concepções, embora eu tenha tentado ao máximo qualificá-las devidamente. Este livro é mais uma narrativa de viagem do que qualquer outra coisa, é uma narrativa circunscrita nisso, um *tour* por seis cidades de um continente, a visão de uma mulher sobre a vida aproximada de um homem, e não um guia autorizado para todo o vasto e variado terreno da masculinidade na América.

Eu queria experimentar porções da experiência masculina e queria que as pessoas que conheci, os personagens, suas histórias e seus encontros compartilhados desempenhassem o maior papel possível na minha reportagem. Mas eu sabia que tinha de impor algum princípio organizador no produto final.

Achei que simplesmente andar pela rua como um homem, embora frutífero na primeira ou nas duas primeiras vezes, não me daria material substantivo suficiente para trabalhar a longo prazo. Eu precisava – assim imaginei – criar experiências discretas para Ned em que ele fizesse amigos, socializasse, trabalhasse, tivesse encontros e fosse ele mesmo diante de pessoas que não o conheciam, mas que ele passaria a conhecer e com quem contracenaria como mais do que simples conhecidos. Requeria-se uma verdadeira imersão, com personagens consistentes em ambientes administráveis. Eu achava que seria muito problemático lançar dezenas de pessoas ao leitor em uma seqüência longa e confusa de temas e impressões dispersos, e por isso optei por confinar cada local e

grupo de personagens em um capítulo, deixando que assim emergissem os temas importantes.

O segundo capítulo, por exemplo, é sobre minha temporada de oito meses em um time masculino de boliche. O lazer, o jogo e a amizade são os temas de destaque, embora outros se apresentem e recorram em capítulos posteriores. O terceiro capítulo é sobre a cultura dos clubes de *strip-tease*. O apetite sexual e a fantasia são os temas prevalecentes. Os capítulos quatro e seis cobrem as experiências mais normativas dos encontros amorosos e de trabalhar como homem, enquanto os capítulos cinco e sete — que acontecem em um mosteiro e em um grupo de movimento masculino, respectivamente — representam minhas tentativas de usar a vantagem das minhas armadilhas masculinas para fazer o que eu jamais faria como uma mulher: infiltrar-me em ambientes exclusivamente masculinos e, se possível, aprender seus segredos.

Tive cada uma destas experiências na ordem em que aparecem — ou seja, terminei a temporada no time masculino de boliche antes de entrar no mosteiro, trabalhar ou participar das reuniões do grupo de homens — e por isso a linha do tempo, em geral, é preservada, assim como, espero, a sensação do crescimento e conhecimento acumulados de Ned sobre a experiência masculina.

Para disfarçar as identidades das pessoas envolvidas, mudei os nomes de todos os personagens, do local de trabalho e da instituição, e omiti propositalmente todas as referências específicas a locais. Como conduzi minha experiência em cinco estados diferentes, em três diferentes regiões dos Estados Unidos, evitei nomear esses estados ou regiões.

Finalmente, uma palavra sobre o método. Ficará claro para você, se já não ficou, que enganei muitas pessoas para escrever este livro. Só posso me desculpar por isso. A fraude é parte e parcela da impostura, e a impostura era necessária nesta experiência. Não poderia ter sido de outra maneira. Para ver como as pessoas me tratariam como homem, eu tinha de lhes fazer acreditar que eu era um homem, e por isso tinha de esconder deles o fato de eu ser uma mulher. Ao fazê-lo violei várias regras de confiança, algumas mais

sérias do que outras. Alguns leitores, talvez a maioria, podem não se sentir bem com relação a isso. De certa maneira, eu também não me senti bem ao agir assim e isso era, para mim, como você vai ver, uma fonte constante de considerável tensão.

Comecei minha jornada com uma idéia muito ingênua sobre o que esperar. Achava que me passar por homem seria a parte mais difícil. Mas não foi, de modo algum. Consegui fazê-lo com muito mais facilidade do que imaginei. A dificuldade estava nas conseqüências de me passar por homem, e isso eu jamais considerei. Como vivia fragmentos de uma vida masculina, uma parte do meu cérebro estava regularmente tomando notas e fazendo observações, intelectualizando a matéria-prima da experiência de Ned, mas outra parte do meu cérebro, a parte subconsciente, estava golpeando a minha cabeça e, finalmente, estes golpes me atingiram.

Nesse sentido, posso dizer, com relativa segurança, que no fim eu paguei um preço emocional muito mais alto por minhas fraudes circunstanciais do que qualquer das pessoas com as quais cruzei. E isso é punição suficiente pela intromissão.

2 | Amizade

Quando contei à minha orgulhosamente assumida namorada, que morava em um *trailer*, que Ned iria se juntar a uma liga masculina de boliche, ela me aconselhou: "Lembre-se de que a diferença entre o seu pessoal e o meu pessoal é que o meu pessoal joga boliche sem ironia." Tradução: esconda sua bandeira burguesa ou vai conseguir que a presunção a expulse bem antes de eles descobrirem que você é uma mulher.

As pessoas que jogam em ligas por dinheiro levam o boliche a sério e não gostam de jornalistas se infiltrando em suas vidas sociais de vitórias dificeis, especialmente quando o intruso em questão não jogou boliche mais do que cinco vezes na vida, e mesmo assim só de brincadeira.

Mas apesar da minha inépcia e da minha condição excêntrica, o boliche era a escolha óbvia. É o esporte mais social e, portanto, seria uma maneira perfeita de Ned fazer amizade com rapazes, como um rapaz. Melhor ainda, eu não teria que expor nenhuma parte suspeita do meu corpo ou transpirar muito e arriscar estragar a minha barba.

Entretanto, na prática não era tão fácil quanto parecia. Dar

esse primeiro passo para transpor a barreira entre o personagem Ned na minha cabeça e o Ned real, entre os companheiros provou-se mais complicado do que eu jamais teria imaginado.

Qualquer mulher vestida com elegância que já tenha passado por uma fila de operários de construção no intervalo do almoço, ou se visse de repente sozinha em companhia de homens desconhecidos com seu sexo oculto, vai entender bem como foi andar naquela cancha de boliche pela primeira vez na noite da liga dos homens. Aqueles rapazes podiam não saber que eu era uma mulher, mas no minuto em que abri a porta e senti o ar daquele lugar bafejar sobre mim, cada parte de mim sabia.

Meus olhos ficaram turvos de pânico. Eu não enxergava nada. Lembro-me de ter tido consciência apenas de uma onda de barulho e imaginei aqueles rostos indistinguíveis me olhando com desconfiança. Provavelmente apenas uma ou duas pessoas devem ter se virado para olhar na minha direção, mas senti como se cada par de olhos naquele lugar tivesse pousado em mim e aí se fixado.

Esse era um clube de homens, e os clubes de homens têm uma aura sobre eles, uma aura bastante ameaçadora que paira no ar. As mulheres, quando se dispõem, tendem a reagir a isso visceralmente. Todos os sinais tácitos dizem PROIBIDO A ENTRADA DE MULHERES e MULHERES NÃO ENTRAM ou ainda ENTRE E AGÜENTE AS CONSEQÜÊNCIAS.

Como mulher, você não pertence a esse lugar. Não é desejada. E cada parte de você sabe disso e lhe implora para se levantar e ir embora.

E eu quase fui embora, ainda que tivesse dado apenas dois passos depois que passei pela porta e ainda não tivesse conseguido erguer os olhos com medo de encontrar os olhos de alguém. Depois de ficar parada ali, congelada, durante alguns minutos, estava prestes reunir a energia suficiente para sair dali e desistir de tudo quando o diretor da liga me viu.

"Você é o Ned?", perguntou ele, vindo depressa na minha direção. "Estávamos esperando por você."

Ele era uma figura minúscula, mirrada e desajeitada, com

uma barbicha grisalha, cabelo escovinha, um dente quebrado na frente e um boné preto.

Eu havia telefonado para ele durante a semana para me informar sobre a liga, e ele me disse a hora em que eu devia chegar e por quem perguntar quando chegasse lá. Eu já estava atrasada e minhas hesitações nervosas me atrasaram mais ainda.

"Sim", grasnei, tentando manter a voz baixa e o comportamento controlado.

"Ótimo", disse ele, me pegando pelo braço. "Vamos pegar uns sapatos e uma bola para você."

"Certo", disse eu, e o segui.

Até então, tudo bem.

Ele foi comigo até o balcão da frente e me deixou ali com o atendente, que estava ajudando outro jogador. Enquanto esperava, consegui, pela primeira vez, concentrar minha atenção em algo além de mim e do meu medo da detecção imediata. Olhei para a série de cubículos atrás do balcão, todos com aqueles familiares sapatos acolchoados vermelho, azul e branco guardados aos pares. Vê-los me confortou um pouco. Eles me lembraram dos bons tempos em que eu sempre jogava boliche com amigos, quando era menina, e senti uma pequena onda de despreocupação diante da perspectiva de me fazer de tola. E daí se eu não conseguisse jogar? Essa era uma experiência sobre pessoas, não sobre esporte, e ninguém ainda havia apontado para mim e rido. Afinal, talvez eu conseguisse fazer isso.

Peguei meus sapatos, levei-os até uma série de cadeiras de plástico laranja e me sentei para colocá-los. Isso me deu alguns minutos para entrar em cena, e mais alguns minutos para respirar e observar os olhos das pessoas para ver se eles me seguiam ou se passavam por mim e mudavam de direção.

Uma rápida observação comprovou que ninguém parecia desconfiado.

Até então, tudo bem.

Fiz bem em escolher uma pista de boliche. Era como qualquer outra pista de boliche que eu já havia visto; parecia familiar.

A decoração era descuidada e genérica até o mínimo detalhe, como algo saído de um *kit* enviado pelo correio, completado com painéis de madeira barata e *slogans* pintados nas paredes que diziam: O BOLICHE É A DIVERSÃO DA FAMÍLIA. Havia os usuais cartazes vagabundos exibindo bolas e pinos multicoloridos voando pelo ar, e as pontuações dos melhores jogadores. As pistas também eram como eu me lembrava, compridas e brilhantes, com aquele dispositivo mecanizado no fundo.

Além, disso, é claro, havia os cheiros: fumaça de cigarro, verniz, óleo de máquina, banheiros sujos, papéis de bala velhos e lixo acumulado, tudo se misturando para produzir aquele cheiro típico de pista de boliche, que nos envolve no momento em que entramos e fica impregnado muito tempo em nosso corpo depois que saímos dali.

Pelo que eu pude ver, apenas uma coisa realmente mudou nos últimos quinze anos. A marcação dos pontos não era mais feita à mão. Em vez disso, era tudo computadorizado. A pessoa simplesmente entra com os nomes e as médias de cada jogador no equipamento que fica em sua mesa e o computador faz o resto, registrando as pontuações, calculando os totais e os exibindo nos monitores que ficam no alto de cada pista.

Conforme examinava o lugar, percebi todos os capitães de equipe atentos aos seus monitores. Enquanto isso, seus companheiros de equipe colocavam suas braçadeiras e esfregavam resina nas palmas das mãos ou aproveitavam os últimos minutos para praticar antes do jogo.

Pude perceber, então, que isso ia ser muito divertido. Eles estavam todos lançando bolas curvas que vinham aperfeiçoando havia vinte anos. Eu não conseguia nem mesmo me lembrar como segurar uma bola de boliche, que dirá jogá-la com alguma precisão. E essa era a menor das minhas preocupações. Eu estava travestida de homem em um lugar bem iluminado, cercado de uns sessenta indivíduos que teriam me deixado nervosa em circunstâncias normais.

Estava malvestida e desleixada como Ned, metida em uma camisa xadrez, jeans, e com um boné de beisebol enfiado na cabeça,

acima dos óculos mais proletários que consegui encontrar. Mas, apesar dos meus esforços, ainda estava limpa e bem vestida demais entre esses exemplares genuínos para passar por um deles. Mesmo no máximo do meu aspecto rude, perto deles eu me sentia como uma petúnia presa em um pauzinho de sorvete.

Estava cercada de homens que tinham pó de cimento no cabelo e pó de serragem sob as unhas. Tinham rostos amarelos de nicotina que pareciam máscaras rituais, e suas mãos eram grosseiras e marcadas como patas de falcão. Eram homens que, como um deles me disse depois, haviam passado a vida toda escavando merda.

Olhando para eles, pensei: é em momentos como este que o termo "homem de verdade" realmente nos impressiona, e entendemos, de alguma maneira elementar, que o animal macho definitivamente não é um produto social.

Eu não via como isso poderia funcionar. Se eu estava me passando por algo, passava-me por um garoto, não por um homem, e por um garoto tímido. Mas se eles estavam me julgando, não dava para perceber pela maneira como me cumprimentavam.

O diretor da liga me levou até a mesa onde meus novos companheiros de equipe estavam sentados. Quando me aproximei, todos se viraram para me olhar.

Jim, o capitão da minha equipe, se apresentou primeiro. Ele tinha mais ou menos 1,60m, uns dez centímetros menos que eu, uma compleição pequena, ombros sólidos, mas pernas magras e pés incrivelmente pequenos — certamente menores que os meus, que calço 42. Isto fez com que eu me sentisse um pouco melhor. Ele realmente era um diminutivo. Usava um boné de beisebol e uma camisa de futebol que chegava quase até os joelhos de sua calça jeans. Tinha bigode e cavanhaque bem cuidados. Ambos eram um pouco mais avermelhados do que o castanho claro do seu cabelo, e efetivamente escondiam a vulnerabilidade de menino da sua boca. Tinha trinta e três anos, mas parecia menos. Não era uma ameaça para ninguém e sabia disso, como sabiam todos que o conheciam. Mas também não era um fraco. E era um brigador no basquete.

Quando estendeu seu braço para apertar minha mão, eu estendi o meu também, em um movimento amplo. Nossas palmas se encontraram com um ruído suave, e eu apertei a dele com firmeza, da maneira como havia visto os homens fazerem em festas quando se reuniam na sala de alguém para assistir a um jogo de futebol. Visto de fora, esse ritual sempre me pareceu exagerado. Por que toda essa cerimônia de macho? Mas de dentro, era completamente diferente. Havia algo muito afetivo e cúmplice neste aperto de mão. Recebê-lo era uma aprovação, uma inclusão imediata em uma camaradagem que parecia muito antiga e exercitada.

Foi mais afetivo do que qualquer aperto de mão que eu jamais recebi de uma mulher estranha. Para mim, as apresentações entre mulheres freqüentemente parecem falsas e frias, cheias de uma gentileza flácida. Também vi muitas mulheres abraçarem uma à outra desta maneira, às vezes até mulheres que se conheciam havia muito tempo e se consideravam boas amigas. Parecem dois ímãs atraídos um ao outro pela convenção. Seus braços e rostos se encontram, e talvez o alto de seus ombros, mas apenas brevemente, o mais breve que a polidez permitir. É feito por hábito e para salvar as aparências, um gesto vazio, até mesmo ressentido, desenvolvido em nós e raramente sentido.

Esta solidariedade do sexo era algo que o feminismo tentava nos ensinar, e algo — agora me parece — que os homens criaram e aperfeiçoaram muito tempo atrás. De algum modo, os homens não precisavam aprender ou lembrar a si mesmos que a irmandade era poderosa. Era simplesmente algo que eles pareciam saber.

Quando este homem que eu nunca havia visto antes apertou minha mão, ele me deu algo real. Ele me incluiu. Mas a maioria das mulheres com as quais troquei apertos de mão ou até abracei retinha algo consigo, como se estivéssemos em constante competição uma com a outra, ou secretamente desconfiando de algo, sabendo ou não sabendo disso e ainda assim fazendo os movimentos. Na minha opinião, queimar os sutiãs não mudou muito isso.

Em seguida, conheci Allen. Seu cumprimento repetiu o de Jim. Tinha uma força positiva pronunciada por trás dele, uma supo-

sição de afeição que pareceu me marcar como um companheiro desde o início, sem perguntas, a menos ou até que eu provasse o contrário.

"Ei, cara", disse ele. "Prazer em conhecê-lo."

Ele era mais ou menos da altura de Jim e com uma compleição similar. Tinha também os mesmos cavanhaque e bigode. Entretanto, era mais velho e parecia mais velho. Tinha quarenta e quatro anos, e era a imagem do sujeito que abusa de substância e vive exposto aos fenômenos atmosféricos. Seu rosto estava permanentemente ruborizado e pontilhado de poros abertos; uma tez induzida por cigarro, álcool e por sua ocupação que contrastavam com seu cabelo e sobrancelhas loiros branqueados pelo tempo.

O último a quem fui apresentada foi Bob. Não apertamos as mãos. Só acenamos com a cabeça tendo a mesa entre nós. Ele também era baixo, mas não magro. Tinha 42 anos e uma grande barriga da meia-idade ressaltada sob sua camiseta, daquele tipo que não dá para usar cinto e você fica imaginando o que segura suas calças. Seus braços eram relativamente grandes, mas não as pernas ou a bunda, a silhueta típica do bebedor de cerveja. Tinha um bigode grisalho malcuidado e usava grandes óculos com aros de metal e lentes de piloto ligeiramente escurecidas.

Não era do tipo amigável.

Felizmente, Jim falou a maior parte do tempo nessa primeira noite e, com seus olhos, desde o início me incluiu na conversa. Ele conhecia Bob e Allen havia muito tempo. Jogavam golfe e pôquer juntos várias vezes por mês havia anos, e Allen era casado com a irmã de Bob. Eu era um estranho vindo de lugar nenhum, sem nenhum trabalho compartilhado ou experiência de vida doméstica a oferecer, e a generosidade social de Jim me incluiu no grupo.

Ele era um comediante e contador de histórias nato, fácil de ouvir e com quem era bom conversar; de longe, o mais extrovertido do grupo e definitivamente encantador. Contou histórias das maiores surras que levou na vida — e parecia que haviam sido muito poucas — como se fossem festas das quais ele teve o privilégio de participar. Tinha uma percepção incrível do seu disparate e uma disposição encantadora de mostrar e ridicularizar seu próprio papel em qualquer situação desagradável que tivesse protagonizado. Até as piores coisas com as quais teve de lidar na vida, coisas que não eram absolutamente culpa sua, coisas como a saúde deficiente de sua esposa — primeiro câncer, depois hepatite, depois câncer de novo — ele encarava com uma surpreendente ausência de amargura. Nunca se irritava com nada, pelo menos não na nossa frente. Isso, ao que parecia, ele só se permitia privadamente, e os únicos prazeres que se permitia em público eram os físicos — cigarros, algumas cervejas que ele sempre trazia para a equipe e comer "porcarias".

Nós todos, em geral, comíamos porcarias nessas noites de segunda-feira, todos nós exceto Bob, que ficava só na cerveja, mas nos deixava mandar seu filho Alex, de doze anos, que sempre aparecia na noite da liga, ao 7-Eleven que havia do lado para comprar cachorros-quentes, balas, refrigerantes etc. Sempre dávamos um trocado para ele por seus serviços, um dólar aqui e ali, ou o troco do que comprávamos.

Alex estava ali, evidentemente, para passar algum tempo agradável com seu pai, mas na maior parte do tempo Bob o mantinha à margem. Se não o estivéssemos mandando ali ao lado para buscar lanches, em geral Bob o empurrava para outro lugar com alguns dólares extras. Ele o encorajava a praticar o jogo em alguma pista vazia do outro lado da cancha, ou jogar algum dos videogames que havia na parede do fundo. Alex era imaturo para sua idade, um garoto conversador e um pouquinho chato, sempre cheio de perguntas triviais ou histórias desconexas sobre algum fato histórico que ele havia aprendido na escola. Coisa típica de garotos, mas eu realmente não conseguia culpar Bob por querer mantê-lo ocupado em outro lugar. Se você deixasse Alex se pendurar no seu braço, ele se pendurava, e fazia você se arrepender de ter deixado. Além disso, esta era a noite dos homens saírem, e a maior parte do que conversávamos não era coisa para ser ouvida por crianças.

No entanto, percebi que ninguém jamais moderava sua fala quando Alex estava por perto. Nós praguejávamos como estivadores e ninguém parecia se incomodar, inclusive eu, que um menino de doze anos estivesse escutando. Não posso dizer que o menino tenha despertado em mim algum instinto maternal. Eu nunca me importava com ele, mas participava ativamente quando os rapazes implicavam com ele. Quando o garoto começava a falar demais sobre Américo Vespúcio ou alguma outra coisa que tivesse aprendido em estudos sociais, Jim ou Allen diziam, "Você ainda está falando?" e todos ríamos. Alex não dava a menor bola e em geral continuava falando.

Eu tinha a impressão de que parte da maneira de Bob ensinar seu filho a se relacionar com outros homens era atirá-lo aos lobos e deixá-lo sair da situação por tentativa e erro. Ele aprendeu qual era o seu lugar vendo o que funcionava e o que não funcionava. Se ouvisse insultos pesados ou apanhasse no processo, tanto melhor. Isso o fortaleceria.

Sobre este assunto, Allen me perguntou se eu já havia escutado a canção de Johnny Cash chamada "A Boy Named Sue". Eu não havia escutado — um lapso que, pensando agora, provavelmente deve ter sido um palpite de que eu não era um homem, porque a piada no meu círculo de amigos era sempre que todo homem do mundo é um pouco fã de Johnny Cash, e que "Ring of Fire" é o hino universal do amor fracassado dos homens.

Allen me contou que a canção era sobre um menino a quem o pai renegado deu o nome de Sue. Naturalmente, os meninos zombaram dele durante toda a sua infância por causa do seu nome. E no fim da canção o garoto, já adulto, encontra seu pai num bar e lhe dá uma surra por ele lhe ter dado um nome de menina. Depois de surrado, o pai se levanta orgulhoso e diz:

Filho, este mundo é difícil
E para um homem vencer nele, tem de ser forte
E eu sei que não estaria por perto o tempo todo para ajudá-lo.
Então, dei-lhe esse nome e disse "até logo".

Eu sabia que você teria de ser forte ou morrer.
E foi esse nome que o ajudou a ser forte.

... Agora você acabou de travar uma batalha infernal,
E eu sei que você me odeia, e tinha o direito
De me matar agora e eu não o culparia se o fizesse.
Mas você deve me agradecer antes de eu morrer
Pelas pedras nas suas entranhas e o cuspe em seu olho
Porque eu sou o _____ que lhe deu o nome de Sue.*

Fiquei impressionada com quão perto Allen havia chegado do meu segredo sem conhecê-lo. Eu tinha de lembrar os rapazes de momentos como este, se decidisse lhes contar a verdade sobre mim. Fiquei imaginando se eles ficariam furiosos ao ver todas as indicações em retrospecto, aquelas que eu estava sempre percebendo ao longo do caminho.

Sendo Ned, tive que me acostumar com um modo diferente. A discórdia entre minhas maneiras de mulher e o jeito masculino que tive de aprender, como Alex, no dia-a-dia, tinham uma freqüência considerável na minha mente. Por exemplo, nossas noites juntos sempre começavam lentamente, com alguns alôs grunhidos que, entre as mulheres, teriam sido interpretados como rudes. Isso fez minhas antenas femininas ficarem um pouco inquietas. Será que eles estavam aborrecidos comigo por algum motivo?

Mas entre esses rapazes nenhuma interpretação era necessária. Tudo era claro e franco, nunca mais, nunca menos do que estava na mente de qualquer um. Se eles estivessem aborrecidos com você, você sabia. Esses cumprimentos bruscos não queriam dizer nada além de cansaço e uma apropriada distância masculina. Eles ficavam muito satisfeitos em me ver, mas não suficientemente satisfeitos para sentir a minha falta se eu não aparecesse.

---

* "A Boy Named Sue", letra e música de Shel Silverstein. © Copyright 1969 (renovado) Evil Eye Music, Inc., Madison, Wisconsin. Uso autorizado.

Além disso, estavam vindo de dias de trabalho longos e exaustivos, em geral cheios de trabalho braçal cansativo e da insatisfação mortal de ter, o dia todo, alguém que você quer estrangular dizendo-lhe o que fazer. Não tinham energia para fingir. Allen trabalhava na construção civil, Bob era encanador, e Jim trabalhava no departamento de consertos de uma companhia de aparelhos elétricos. Para conseguir um dinheiro extra para comprar presentes de Natal e talvez passar um fim-de-semana esquiando em Vermont a preço de banana, ele também fazia bicos na construção civil ou em qualquer coisa que aparecesse, e trabalhava em tempo parcial em uma loja de artigos para festas.

Nenhum deles estava muito satisfeito com seu trabalho nem esperava tirar qualquer satisfação dele. O trabalho era apenas uma coisa que eles faziam para suas famílias e para se permitirem os poucos momentos diante do jogo de futebol aos domingos ou na pista de boliche às segundas-feiras. Jim morava num *camping* e Allen também havia morado em um deles durante grande parte da sua vida, embora agora não fosse claro onde estava morando. Bob nunca disse onde morava. Como sempre, Jim fazia piadas sobre sua classe. Com seu humor fino habitual, chamava os *campings* de "guetos galvanizados" e Allen concordava sobre viver em um buraco de merda cheio de "wiggers" (brancos que acham que são negros) ou "white niggers" (negros que acham que são brancos), eles próprios estando entre eles.

Na minha presença, nenhum deles jamais usou a palavra "nigger"* em qualquer outro contexto, e jamais falaram em termos desrespeitosos sobre as pessoas negras. Na verdade, ao contrário da crença popular, sendo a escória branca a única minoria ainda socialmente aceitável de vilipendiar, nenhum desses rapazes era realmente racista até onde pude perceber, ou, certamente, não mais do que qualquer outra pessoa.

* Gíria pejorativa usada para definir uma pessoa negra indolente e preguiçosa que, em geral, não faz nada. (N.T.)

Como sempre, Jim contou uma história engraçada sobre isso. Disse que estava saindo tarde de um bar, certa noite, e um rapaz negro aproximou-se dele pedindo dinheiro. Ele havia saído de um mato atrás do bar que era conhecido como um dos redutos de *crack* da área. O rapaz disse para Jim, "Ei, cara. Não tenha medo de mim porque eu sou negro, certo? Só queria saber se tem alguma grana pra me arrumar."

"Não tenho medo de você porque é negro", respondeu Jim. "Tenho medo de você porque você saiu do mato."

Eles aceitavam as pessoas pelo que elas pareciam. Se você fazia o seu trabalho ou era um assaltante, e os tratava com o mesmo respeito que eles dispensavam a você, estava tudo bem. Se saísse do mato, era considerado uma criatura suspeita, não importava a sua cor.

Eles adoravam futebol, e por isso, numa determinada segunda-feira, eu introduzi um tema excitante para a semana, para ver se conseguia captar suas posições sobre raça e ações positivas no esporte profissional. Naquela semana, Rush Limbaugh havia feito sua agora famosa observação infame sobre um jogo do Philadelphia Eagles para a ESPN, sugerindo que um zagueiro do Eagles, Donovan McNabb, um entre os poucos zagueiros negros do NFL, "conseguiu muito crédito pelo desempenho neste time, o que ele não merecia."

Perguntei aos rapazes: "Vocês acham que o McNabb merece estar onde está?"

Achei que iriam reagir com uma série de respostas inflamadas, mas a conversa terminou com um único comentário de cada um. Sim, ele estava realizando um bom trabalho. Sim, era tão bom ou melhor do que a média dos zagueiros da liga. Eles estavam contentes com o seu desempenho, em algumas noites ficavam muito contentes, e era isso que importava. O debate político sobre a cor da sua pele não lhes interessava nem era importante para eles. Eram simplesmente torcedores. Ou um sujeito era bom e fazia o que havia sido contratado para fazer, ou não fazia, e esse era o único parâmetro pelo qual ele devia ser julgado.

A única vez que ouvi menção à expressão "discriminação reversa", Jim estava contando uma história, como fazia de vez em quando, sobre o período que passou no exército. Havia sido promovido ao posto de atirador, e o ocupou proficientemente durante algum tempo, quando um novo oficial superior, um homem negro, foi colocado na sua unidade. Jim se viu rebaixado para a cozinha e logo depois para toda uma série de outros trabalhos inferiores.

"O sujeito tirou todo mundo de seus postos e colocou seus amigos negros no lugar", disse Jim. "Foi uma discriminação descarada. Então fui até o sargento da unidade, que era um homem negro e muito justo, e lhe contei o que havia acontecido. Ele investigou a questão e me disse que eu estava certo e me colocou de volta no meu posto."

Todos na mesa aquiesceram com a cabeça e isso foi tudo.

Expondo meus próprios preconceitos, eu esperava que esses rapazes tivessem um ódio virulento de qualquer um que não fosse como eles, esperando o momento de derrubá-lo a pontapés. Mas a única manifestação consistente de desagrado que vi neles foi por clientes comparativamente ricos para quem eles haviam construído, feito serviços de encanador ou de carpintaria. Mas mesmo nesse caso eles riam das indignidades que sofriam e se maravilhavam, mais do que criticavam, com os hábitos estranhos e os problemas da classe média alta, dizendo apenas "os ricos são assim mesmo".

Bob contou uma história engraçada sobre um companheiro seu que teve uma dor de barriga horrível quando estava trabalhando e foi terminantemente proibido de usar o banheiro da dona da casa. Segundo a descrição de Bob, para resolver a situação o rapaz levou um jornal e um balde até a traseira da sua *van* para fazer o serviço. Depois de um certo tempo, a senhora, querendo saber por que houve uma interrupção não autorizada no trabalho, entrou precipitadamente na *van* e se deparou com uma cena repulsiva que a fez gritar, chamando o homem de bárbaro.

Havia as ocasionais piadas gays ou sexistas, mas elas também nunca eram maldosas. Ironicamente, os rapazes me disseram que eu, sendo, de longe, o pior jogador de boliche da liga — minha média era apenas 100 — tinha a sorte de não ter jogado com eles na temporada anterior, quando qualquer um que tivesse uma média abaixo de 120 recebia o rótulo de "bicha", e qualquer um com média abaixo de 100 era chamado de menina. No fim da temporada, quem ganhasse o prêmio de consolação tinha que jogar dez *frames* vestido com calcinhas de mulher.

Cada um deles tinha suas histórias usuais sobre ser "cantado" por um gay ou ir parar por engano em um bar gay, mas eles as contavam com a mesma perturbação e humilhação desarmantes em que contavam as histórias sobre o jeito de viver habitualmente misterioso das pessoas ricas. Os gays e seus casos não lhes interessavam muito, e se os gays eram o alvo de uma piada de vez em quando, o mesmo acontecia com tudo o mais, incluindo, e mais freqüentemente, eles próprios.

Nada era mais importante que o humor, especialmente para Jim, mas ele era um sujeito inteligente, e quando fazia uma piada sempre sabia, e deixava você saber que ele sabia, que aquilo era um gracejo. Ele contou a piada mais ultrajante que já havia contado na minha presença com a devida advertência. "Olha, esta é uma piada realmente nojenta", disse ele. "É nojenta de verdade, mas é muito engraçada. Vocês querem ouvir?" Todos queriam. "Muito bem. Um molestador de crianças e uma menininha estão andando num bosque" — ele parou aqui para acrescentar "eu disse que era realmente nojenta". Então, prosseguiu. "Bem, então a menininha disse para o molestador: 'Senhor, está ficando muito escuro aqui. Estou com medo' E o molestador disse: 'É. E como você acha que eu estou me sentindo? Vou ter de voltar sozinho!"

Jim ficava mais engraçado ainda quando se tratava de mulheres e de relações entre os sexos. Como sempre, suas observações eram incrivelmente perspicazes e sua maneira anedótica de estruturá-las atraía a nossa atenção e nos fazia morrer de rir. A propósito de nada, ele certa noite introduziu o tema das mulheres com esta interjeição:

"Sabem, se os homens conseguissem aprender a viver sem

uma xoxota durante um tempo, eles fariam muita coisa boa. Quer dizer, é isso que os boxeadores fazem quando estão treinando, e isso os mantém concentrados na luta. Dispensem a xoxota e vocês vão ficar fortes, rapazes. Quer dizer, há dois meses que eu não transo, e estou pronto para levantar o canto da casa."

Este era o tipo de coisa que saía da sua boca vindo de lugar nenhum e costumava me fazer imaginar o que teria sido dele se ele estivesse ido para a universidade em vez de ir para o exército, aos dezessete anos. Seu humor era o ingresso para seu cérebro, e você podia perceber que ele estava trabalhando a uma velocidade muito mais rápida do que a maioria dos cérebros em volta dele.

Ele com freqüência contava histórias sobre sua época na escola quando era menino, histórias que confirmavam a minha suspeita de que ele tinha muita coisa dentro da sua cabeça que foi inculcada dentro dela no *playground*, e que agora sabia o bastante para não andar com a companhia errada. Contando essas histórias, no entanto, ele era impossivelmente engraçado.

"Eu era um desses meninos quietos, macambúzios", dizia ele. "Nunca falava, só ficava sentado ali no canto. Ninguém conseguia me chamar pra briga. Podiam me cutucar com uma vareta, que eu não me mexia. Ficava sentado ali fazendo desenhos sobre matar a família deles."

De vez em quando, Jim surgia com uma palavra que alguém — Bob ou Alex —perguntava o que era, uma palavra como "capacitar", que Alex queria saber o que significava, e "cordial", que Jim usava para descrever seu comportamento em relação a alguma pessoa, e que Bob evidentemente achava que era um pouco demais para a filha da mãe.

Em defesa de Jim, eu disse que a palavra era apenas "demais" se você estivesse falando sobre coquetéis, o que, é claro, só piorou as coisas, porque fez com que eu parecesse um idiota e iria destruir para sempre qualquer disfarce de classe ou qualquer aprovação mínima que eu tivesse conquistado.

No entanto, Jim me salvou com um riso cortês.

Então prosseguiu com seu jargão sobre homens e mulheres: "Veja, falando de trabalho, por exemplo. Eu posso trabalhar com uma garota feia. Tem uma garota feia que trabalha no meu escritório comigo todos os dias, e eu fico ótimo. Faço minhas coisas. Consigo me concentrar. Mas de vez em quando tem aquela mulher sensual que entra no escritório, e o tempo todo que ela fica ali eu fico completamente idiota. Tudo vai pro espaço. Não consigo fazer nada. Tudo o que consigo fazer é ficar olhando pra ela assim..."

E fez uma expressão tola, imitando a si mesmo no escritório comendo com os olhos a garota sensual.

Mas deixando de lado toda a brincadeira, esses rapazes encaravam sua sexualidade pelo que ela era. Percebiam que não tinha ninguém circulando por ali, e encontravam maneiras de se virar, maneiras que às vezes envolviam mentir para suas esposas sobre a ida a um clube de *striptease*.

Certa noite, Jim estava falando sobre seus planos de fazer uma viagem para esquiar. Ele queria encontrar um local que fosse bom para esquiar, mas também queria uma vida noturna animada. "Eu gostaria de encontrar um lugar que tenha um bom clube de *striptease*", disse ele.

Bob concordou. "É. Conte comigo pra ir com você. Estou definitivamente a fim disso."

Isso provocou uma discussão curta sobre clubes de *striptease* e sobre a maneira de os homens casados lidarem com eles. A viagem para esquiar ofereceria uma dessas poucas oportunidades de os homens serem homens, pois suas esposas não iriam com eles. Isto tinha de ser aproveitado, porque estava claro que pelo menos as esposas de Bob e Jim os haviam proibido expressamente de ir a clubes de *striptease*. Além disso, eles concordavam que nenhumas férias seriam realmente relaxantes sem um pouco de sexo. Ao que parecia, para esses rapazes havia algumas coisas sobre as quais um homem casado aprendia que não podia ser honesto com sua esposa: sua eterna paixão, e mesmo necessidade, de shows pornôs e sexuais estando entre os principais exemplos.

Como Allen me disse certa vez quando lhe perguntei sobre

o segredo do casamento: "Você diz às mulheres o que quer que elas saibam e deixa que elas suponham o resto."

Nada dessa conversa me surpreendeu. Nós éramos, em virtude do nosso nome, reconhecidos como o time mais pornográfico da liga. O resto das equipes tinham nomes como Os Camaradas, mas o nosso era Os Chupadores de Saco. Quando eu soube disso na primeira noite quase revelei o meu disfarce, deixando escapar um filme de arte idiota, "Rapazes, vocês gostam dos filmes de John Waters?" O filme *Pecker*, de Waters, retratava a prática da chupação de saco.

"Quem é ele?", perguntaram todos.

"Ah", murmurei, "eu achei que vocês tivessem tirado daí o nome da equipe."

"Não", disse Jim. "Foi algo que eu vi em uma revista pornô. Um cara estava de cócoras em cima de uma garota, balançando seu saco na boca da garota, e a legenda dizia 'Chupação de Saco'. Achei um nome hilário."

A coisa mais estranha sobre toda esta conversa suja e sobre esconder de suas esposas as idas aos clubes de *striptease* era a absoluta deferência com a qual eles falavam sobre suas esposas e seus casamentos. Para eles parecia necessário mentir sobre algumas coisas, mas em suas mentes isto não ameaçava nem prejudicava a integridade de suas parcerias. Eles estavam felizes e gostavam de suas esposas.

Quando veio o diagnóstico do segundo câncer da esposa de Jim, ele falou um pouco sobre isso, mas só em frases curtas. Ele havia passado o ano anterior bebendo até ficar letárgico e destruindo carros abandonados no lote que ficava atrás do ferro-velho de um amigo. Podia-se dizer que a notícia o estava devorando, e a única maneira de conseguir lidar com isso era destruir a si mesmo e a qualquer coisa inanimada que estivesse ao seu alcance.

"Sabe, cara", disse ele para mim, "ela agüenta um monte de coisas de mim e eu não posso dizer que algum dia tenha sido infeliz com ela. Quantos caras podem dizer isso? Eu consegui uma boa mulher. Ela nunca me deu um minuto de trabalho."

Bob concordou: "É, eu também me sinto assim. Não tenho nada de ruim pra dizer sobre minha esposa. Nada."

Isso era uma estranha contradição, mas uma contradição que eu percebi com muita freqüência entre os homens casados que falavam com Ned sobre sua sexualidade. A maneira como eles falavam sobre isso fazia parecer que o impulso sexual masculino e o casamento eram incompatíveis. De alguma coisa tinham de abrir mão, e em geral era da honestidade. Esses rapazes mentiam às suas esposas sobre suas idas aos clubes de *striptease* ou, pelo menos mentiam sobre a ubiqüidade de suas fantasias sexuais envolvendo outras mulheres. Em noites como estas, entre os rapazes, eles podiam ser honestos e não havia julgamentos.

A parte de boliche da noite era evidentemente secundária à cerveja e à conversa fiada com os rapazes na mesa, fumando e falando bobagens. Eles se preocupavam com seu jogo e com a posição da equipe — mais que revelavam —, mas quando Jim, brincando, expressava isso para mim como uma maneira de eu não me sentir tão mal por ser o pior jogador de boliche que qualquer um deles já havia visto, a liga era na verdade apenas uma desculpa para eles se afastarem de suas esposas durante a noite. Eu soube, depois, que isso não era real. Na verdade, era uma liga a dinheiro e cada jogo nos custava vinte dólares o que me deixava ainda mais grata e impressionada que eles encarassem meu mau desempenho com tanto bom humor.

Eles me animavam cada vez mais à medida que o meu jogo melhorava, e eu tinha a sensação de que não era apenas pelo dinheiro. Era como se houvesse um credo não falado entre eles de que havia algo que os impedia de confiar plenamente em um homem que não conseguisse jogar boliche. Eu também não bebia nem fumava e, embora nunca tenham dito nada, posso dizer que eles não achavam isso de modo algum natural, provavelmente o sinal de alguém que tinha tudo de bom na vida para o seu próprio bem. Cerveja e cigarros eram seus remédios, o caminho prazeroso para uma morte precoce, que era o melhor — além de sexo e de alguns bons momentos com os rapazes — que podiam esperar da

vida. A idéia de dizer a um desses rapazes que fumar ou beber em excesso era ruim para a sua saúde era ridiculamente classe média demais para ser considerada. Indicava uma suprema ignorância do que suas vidas realmente eram — hobbesianas — para não dar um belo termo a elas. Sórdidas, estúpidas e curtas. A idéia de se tentar prolongar uma vida dura, sem saída, e fazê-lo privando-se dos poucos prazeres encontrados no caminho, era simplesmente insultante.

Toda essa história do boliche, quando se entrava nisso a fundo, estava, como se podia esperar, ligada à masculinidade de todas as maneiras previsíveis — hierarquia, força, competição —, mas era muito mais sutilmente processada e representada do que eu poderia ter imaginado que fosse, e eu não era, de jeito nenhum ,uma estranha nessa luta. Eu tinha meus próprios problemas, velhos problemas que estavam ligados a ser uma menina que passou sua infância brincando com brinquedos de menino e a vida toda competindo com os meninos nos esportes.

Quando apareci na pista de boliche naquela primeira noite, eu estava atrasada. O tempo destinado ao treino estava terminando e por isso eu não tive a chance de fazer nenhum lançamento antes de começarmos o jogo. Esses homens jogaram boliche a vida toda. Atiravam a bola com efeito e lançavam com precisão. Devem ter percebido a porcaria que eu era no minuto em que levantei a bola com ambas as mãos. Havia cinqüenta ou sessenta homens naquele lugar, quase todos fumando, quase todos bebendo. Tinham nomes como Adolph e Mac, e para uma lésbica morta de medo de ser tachada de gay, eles estavam ali apenas olhando, sentados em suas respectivas mesas sem mais nada a fazer senão observar a mim, o novo fracote que ninguém conhecia, andar até o local do lançamento e fazer um estrago com a bola na canaleta. Devem ter dado boas risadas às minhas custas.

Seja como for, era assim que eu me sentia, e provavelmente era o que acontecia entre as outras equipes quando eu virava de costas. Mas quando voltava para minha mesa com o rosto em chamas, com um zero ou um sinal de bola fora no quadro, eles nunca me ridicularizavam. Eu sempre recebia um conselho estimulante,

"Você chega lá, cara", diziam eles. "Você devia me ver quando eu comecei." Ou, tentando me ajudar mais ainda, "Você tem de ser amigo dos pinos, cara. É tudo o que você tem de fazer. Ser amigo dos pinos. Agradar os pinos."

Eles eram bem mais generosos comigo do que tinham qualquer razão para ser, e só depois de alguns meses, quando passaram a me conhecer um pouco melhor, sentiram-se com liberdade suficiente para zombar de mim, de vez em quando, sobre como eu era babaca. Mas mesmo assim era de uma maneira leve e afetiva, na verdade, um cumprimento, um sinal de que eles estavam me considerando um deles.

"Ei, todos nós fizemos *strikes* nessa rodada", diria Bob, "exceto um. Alguém sabe de quem eu estou falando?" Então sorria para mim enquanto se inclinava para trás em sua cadeira, dando uma tragada profunda em seu cigarro. Eu dei um grande show mostrando-lhe o dedo médio esticado no ar, e todos rimos. O ar durão de Bob foi por água abaixo.

Enquanto eu tentava ser um dos rapazes, conseguia me perceber dizendo e fazendo todas as coisas que os rapazes fazem quando são adolescentes e tentam conseguir um lugar no grupo. Como eles, eu estava tentando me inserir, passar despercebida, evitar ser descoberta. E assim eu imitava os comportamentos exibidos que diziam, "Aceite-me. Eu sou legal. Sou um de vocês."

Na metade do tempo eu me sentia envergonhada por me esforçar demais, dizendo "foda" ou "foda-se" várias vezes numa frase para impressionar, ou andando de modo afetado ao ir e voltar das jogadas, de peito empinado e relaxada demais, e provavelmente parecendo que havia cagado nas calças.

Mas depois pude ver todos esses comportamentos aprendidos também em Bob, Jim e Allen, assim como a insegurança remanescente que eles pretendiam disfarçar. E acho que era daí que vinha sua generosidade. Eles haviam superado aquela necessidade adolescente de desafiar qualquer recém-chegado como uma maneira de desviar a atenção de seus próprios receios. Como sempre, Jim

era quem falava mais abertamente a respeito de seus episódios de machismo e as lixeiras nas quais era atirado por causa deles.

"Eu me lembro quando estava no exército", dizia ele, "e estava mais bêbado do que de costume. E havia aquele cara enorme jogando bilhar no bar em que eu estava. E não sei por que, mas simplesmente atirei uma 'bolacha' de cerveja na direção dele, e ela o atingiu direto atrás da cabeça. Ele se virou bem devagar, olhou para mim e disse com um jeito cansado: 'Nós realmente precisamos fazer isso esta noite?' E eu disse: 'Não, você está certo. Não precisamos. Desculpe." Ele tornou a se virar e o cretino aqui não atirou outra que o atingiu de novo atrás da cabeça? Não sei por que fiz aquilo. Não tenho a menor idéia. E quando fiz, sabia que ele ia me chutar o traseiro, e então me virei e tentei correr, mas escorreguei em uma poça de cerveja e caí de cara no chão. Ele simplesmente me levantou e me deu uma surra. O mais engraçado disso tudo foi que o tempo todo em que ele estava me batendo, ficou se desculpando por ter de fazer aquilo."

Isto era uma fonte de hilaridade para todos, a merda estúpida que você se sente impelido a fazer como um cara que quer encontrar seu lugar na ordem das coisas, e as surras obrigatórias que tem de dar ou levar para restabelecer a ordem depois de uma discórdia. Mas só Jim realmente tinha perspectiva suficiente para admitir a insensatez da sua masculinidade e para perceber o absurdo da necessidade de brutalidade no mundo dos homens. Um sujeito a quem você provocou duas vezes e que o advertiu a parar por ali não tinha outra escolha senão lhe bater se você continuasse. Era assim que as coisas aconteciam entre os homens, e Jim zombava disso de um jeito carinhoso.

Bob era mais contido. Ele não tinha nem um pouco do dom de Jim para a autodepreciação. Realmente não admitia seus erros ou os maus passos que havia dado no passado. Eu tinha a sensação de que ele não conseguia se permitir expressar arrependimento ou deixar escapar que não sabia alguma coisa. Em vez disso, mantinha o mundo ao alcance do seu braço, projetando uma espécie de autoridade compacta do seu peito de barril, simplesmente

acenando com a cabeça ou franzindo o cenho diante de alguma coisa que você dissesse, como se a resposta fosse insuportavelmente óbvia quando, é claro, pelo menos na metade do tempo, ele provavelmente não sabia a resposta. A maneira como falava com seu filho, Alex, era essencialmente a maneira como falava com todo o mundo. Era o cara que sabia das coisas, e o que ele não sabia não valia a pena saber.

Mas quando se tratava de algo sobre o que Bob se sentisse mais confiante, ele engajava você. Não que os engajamentos de Bob fossem longos ou includentes, mas envolviam uma energia retórica. Certa vez eu lhe perguntei se o seu local de trabalho era sindicalizado, e sua resposta me surpreendeu. Eu imaginava que todos ali, sendo membros genuínos da classe trabalhadora, fossem defensores ferrenhos do sindicato, como eram os intelectuais liberais que eu conhecia em Nova York, mas Bob não via as coisas dessa maneira. Assim como, aparentemente, os membros de uma das outras equipes, que haviam se denominado de Não-Sindicalizados.

"Não", disse ele. "Minha loja não é sindicalizada."

"Por que não?", perguntei.

"Os sindicatos são para os preguiçosos."

"Por que isso?"

"Porque eles estão todos interessados na antigüidade", disse ele, fazendo uma pausa de efeito. "Vou lhe dar um exemplo", prosseguiu. "Um lugar onde eu trabalhei era sindicalizado, e era administrado no sistema da antigüidade. Os caras que estavam lá mais tempo tinham mais poder, o que significava que quando fossem dispensados, sempre tinham a melhor posição. Havia lá um sujeito, desses que estavam lá a vida toda, que era uma porra de um preguiçoso. Ele costumava ficar zanzando por ali e lendo jornal. Nunca fazia trabalho nenhum. Enquanto isso, eu trabalhava pra caralho o dia todo. Mas quando chegava a hora de dispensar as pessoas, eu era dispensado e ele não. Ora, isso não é justo, é?"

"Não", concordei. "Não é."

Tentei aprofundar com ele a questão, mas como entendi depois, a gente sempre sabia quando uma conversa com Bob havia

acabado. Ele simplesmente voltava a olhar para você com uma determinação condescendente através de uma nuvem de fumaça de cigarro.

Um monte de caras era assim. Você levava anos para conseguir conhecê-los um pouco mais do que palavras grunhidas. Eles eram hermeticamente fechados.

Mas, mesmo assim, sob a superfície permanecia aquele respeito de homem para homem que eu havia percebido nos primeiros apertos de mão e continuei a perceber toda vez que algum rapaz de outro time dizia "oi, cara" para mim quando nos encontrávamos no estacionamento ou nos cruzávamos indo ou vindo da máquina de refrigerantes.

Mas houve um cara entre os jogadores que desde o início estabeleceu uma estranha intimidade comigo. Foi algo tão imediato e tão fisicamente afetivo que eu tinha certeza de que ele conseguia enxergar através de Ned. Nunca soube seu nome. E não acho que soubesse de nada conscientemente. Não era tão manifesto. Mas havia uma química inegável entre nós.

Obviamente, passei minha vida como mulher flertando, fazendo sinais com a cabeça ou usando alguma manobra no espectro sexual com quase todo homem que eu conheci, e sabia como era quando um homem mais velho se apaixonava por você como mulher. Era sempre o tipo de homem que era decente demais para ser vulgar, o tipo avuncular que transformou a atração sexual por você em um afeto profundo. Ele demonstrava isso colocando o braço em torno de você inocentemente, sem alusões indiretas, ou batendo de leve no seu ombro e sorrindo.

Esse homem era assim, velho o bastante para ter conseguido algum tipo de alívio de seus anseios, e agora era livre para simplesmente gostar de mim por eu ser uma mulher. Mesmo que ele absolutamente não soubesse que eu era uma mulher, seu cérebro parecia, de algum modo, ter descoberto e reagia de acordo. Neste contexto, a coisa era geral. A maneira como ele me tratava me fazia *sentir* como uma mulher — uma garota, na verdade, muito jovem e carente de proteção — e eu ficava imaginando como havia sido

possível que alguma parte dele não tivesse me reconhecido como tal. Era inequívoco, e nunca senti isso com nenhum outro homem com quem entrei em contato como homem.

Eu sentia algo inteiramente diferente da parte dos outros homens que achavam que eu era um rapaz. Eles me protegiam. Outro antigo jogador de boliche fez isso. Puxando-me de lado entre as pistas, tentou me ensinar algumas coisas para melhorar meu jogo. Esta era, o tempo todo, a postura masculina de mentor. Ele me tratava como um filho, me orientando com um encorajamento firme e conselhos sólidos, um homem velho transmitindo sua experiência a um homem jovem.

Isso era o comum. No decorrer da temporada de boliche, que durou nove meses, muitos homens das outras equipes tentaram me dar dicas para o meu jogo. Meus próprios companheiros de equipe estavam constantemente fazendo isso, cada vez mais à medida que ia transcorrendo a temporada. Havia uma tensão no ar que crescia em torno de mim quando eu falhava, uma tensão que eu sentia fortemente, mas que parecia irreconhecível para aqueles próprios homens. Eu fazia bons *frames*, às vezes até boas jogadas inteiras, mas ainda fazia também muitas ruins, e isso frustrava todos nós.

Próximo à marca dos nove meses, Jim começou a me lançar olhares aflitos quando eu voltava para a mesa depois de uma rodada ruim.

Eu dizia: "Está certo, desculpe. Eu sei que sou péssimo."

"Olhe, cara", dizia ele, "eu já lhe disse o que acho que você está fazendo errado e você não escuta ou fica puto."

"Não, não", protestei. "Eu estou realmente tentando fazer o que você diz. Só que não está dando certo. O que eu posso fazer?"

Eu lançava como uma menina e isso aborrecia tanto a mim quanto a eles. Se eu lhes dissesse a verdade no fim da temporada, não queria que eles tivessem a satisfação de dizer: "Ah, isso explica tudo. Você joga como uma garota porque você *é* uma garota."

Mas a motivação deles parecia comicamente primitiva, como se fosse doloroso assistir a um companheiro falhar repetidas vezes

em algo tão adaptável quanto atirar um cascalho. O tempo passava e a sobrevivência da tribo dependia disso. E, de alguma maneira absurdamente primitiva, isso parecia obrigatório para eles.

Como homens, eles se sentiam impelidos a consertar minha inépcia, em vez de ficarem secretamente contentes e tentarem instigar isso por baixo do pano, o que muitas atletas mulheres conhecidas minhas teriam feito. Eu me lembro disso por ter praticado esportes com e contra mulheres a minha vida toda. Nenhuma atleta mulher que eu conheci alguma vez tentou me ajudar com meu jogo ou me dar alguma dica. Era cada uma por si. Não era suficiente você ganhar. Você queria ver sua irmã perder.

As garotas podem ser muito mais desagradáveis do que os homens, quando se trata de alguém que está no caminho rumo ao que elas querem. Elas sabem onde bater para doer mais, e seu objetivo é preciso como *laser*. Certo verão, quando eu era uma adolescente mal adaptada, fui a um campo de tênis em Nova Jersey que reunia principalmente princesas ricas e seus contrapartes masculinos. A maioria delas na verdade não jogava tênis num nível melhor que o de um clube de campo. Seus pais as haviam mandado para lá para se livrarem delas. Elas ficavam ali a maior parte do tempo, fazendo pose uma para a outra, exibindo seus bronzeados. Mas eu tinha muitas aulas particulares de tênis nessa época e minhas cortadas eram realmente impressionantes para a minha idade. Eu levava o tênis muito a sério.

Quanto à pose, eu parecia ter sido criada por wolverines*.

Os instrutores costumavam gravar em vídeo cada uma de nós jogando, para que pudessem assistir as fitas conosco e avaliar nossas técnicas. Um dia, minha turma de cerca de vinte garotas estava em volta da televisão assistindo ao jogo e o instrutor estava avaliando o meu saque. Ele tinha muitas coisas negativas para dizer

* Wolverine ou carcaju é um pequeno mamífero de garras afiadas pertencente à família das doninhas que, muito agressivo, costuma atacar animais maiores que ele. Foi nele que a Marvel Comics se baseou para criar seu personagem de HQ de mesmo nome. (N. da T.)

sobre os saques das outras garotas, mas quando chegou a minha vez, elogiou incondicionalmente, exibindo a minha parte da fita repetidas vezes em câmera lenta.

Diante disso, uma das garotas mais bonitas do grupo, sem dúvida exasperada pela repetição, disse alto o bastante para todos ouvirem: "Bem, eu prefiro ter a aparência que eu tenho e sacar da maneira que eu saco a sacar da maneira como ela saca e ter a aparência dela."

Esse é o apogeu da competitividade feminina.

Mas com esses rapazes e com outros atletas homens que eu conheci era um conflito inteiramente diferente. Seu treinamento me lembrava o do meu pai, cuja maneira de encarar a paternidade havia sido sempre dar conselhos úteis e concretos. Era como ele demonstrava sua afeição por nós. Estava tudo ligado a um desejo de nos ver fazendo a coisa certa.

As atenções desses rapazes eram assim: paternais. E realmente me surpreendeu que viessem de membros de equipes oponentes pois essa era, afinal, uma liga que valia dinheiro. Mas eles pareciam ter um interesse competitivo em que eu tivesse um bom desempenho e em me ajudar a ir bem, como se vencer um homem que não estivesse no seu máximo não fosse satisfatório. Eles queriam que você fosse bom *e então* queriam vencer você por seus próprios méritos. Não queriam vencer contra um "café-com-leite", nem perder para ele por lhe dar vantagem.

Mas meu jogo nunca conseguiu melhorar consistentemente. De vez em quando eu fazia bons *frames*, mas a maior parte do tempo ficava em torno de uma média de 102 pontos e aprendi a engolir isso. Os rapazes também. Eles sabiam que eu estava dando o máximo de mim e, ao que parecia, isso era tudo o que realmente importava. Como tudo em mim era um pouco estranho e excêntrico, eles aceitavam minha falta de jeito com um sacudir de ombros, como se dissessem: "Alguns caras são assim. O que se vai fazer?"

Acho que isso era o que eu mais respeitava nesses homens. Eu era um estranho, e um babaca, mas eles desculpavam todas as minhas falhas, e faziam isso por nenhuma outra razão que eu

pudesse discernir senão pelo fato de eu parecer um bom cara que merecia uma oportunidade, algo que a vida e as circunstâncias haviam negado à maioria deles.

Eu jamais teria previsto isso, mas parte de mim realmente gostava dessas noites com os rapazes. Sua companhia era como um amparo no início da semana, algo que eu podia esperar, um oásis onde nada realmente era esperado de mim. Quase toda interação era inteiramente previsível, e aquelas imprevisíveis eram as mais preciosas, por serem raras.

Quando alguém se abria comigo de repente, como quando Jim me confiou o quanto amava sua esposa e como ele sofreu quando o médico lhe disse que o máximo que ele poderia esperar era que ela vivesse mais um ano; ou quando Bob sorriu para mim divertido, depois de implicar comigo por causa de um lance, isso me tocou mais profundamente do que jamais me tocaram as inúmeras intimidades de minhas amigas mulheres. Estas eram flores no deserto, ofertas ternas feitas no meio de toda aquela conversa de homens.

Eu nunca havia feito amizade com rapazes como aqueles. Eles me intimidavam demais, e a tensão sexual que sempre subsiste de uma forma ou de outra entre os homens e as mulheres, em geral se interpunham no caminho. Mas fazer amizade com eles como um homem colocou-me no seu mundo como um agente livre e me ensinou a ver e apreciar a beleza das amizades masculinas de dentro para fora.

Muito do que acontece emocionalmente entre os homens não é expresso em voz alta, e por isso quem está de fora, especialmente a mulher que está de fora e que está acostumada com uma vida emocional aberta e falada (com freqüência falada demais), tende a supor que o que não é dito não está ali. Mas está ali, e quando você está dentro é como se de repente ouvisse sons que só os cães conseguem ouvir.

Eu me lembro de uma noite quando, pela primeira vez, eu me liguei nesse subtexto. Algumas pistas adiante, um dos rapazes

estava tendo um jogo particularmente difícil. Eu estava abstraída do que estava acontecendo, lamentando muito o meu próprio jogo para observar qualquer outra pessoa. Era a vez de Jim, e eu percebi que ele não estava jogando. Em vez disso, ficou sentado em uma das cadeiras ao lado da pista, esperando. Em geral, isso acontecia quando havia um problema com a pista: um pino preso ou um *rack* mal colocado. Mas os pinos estavam direitos. Fiquei observando Jim, imaginando por que ele não estava indo até a pista.

Então percebi que todos os outros jogadores também haviam se sentado. Ninguém estava jogando. Era como se alguém houvesse apitado. Só que ninguém havia apitado. Ninguém havia dito nada. Todos simplesmente pararam e recuaram, como em uma caserna quando entra um oficial.

Então percebi que havia um rapaz se dirigindo à pista. Era o rapaz que estava fazendo o melhor jogo. Eu olhei para o painel e vi que ele tinha feito *strikes* em todos os *frames*, e agora estava no décimo e último *frame*, no qual você ganha três lances se faz um *strike* ou um *spare* nas duas primeiras jogadas. Ele tinha que fazer três *strikes* seguidos para conseguir uma pontuação perfeita, e de algum modo todos naquele lugar haviam percebido a importância do momento e estavam se comportando de acordo. Todos, é claro, exceto eu.

Foi um momento bonito, totalmente silencioso e reverente, um bando de homens instintivamente prestando seus respeitos à superioridade esportiva de outro homem.

Esse homem foi até a pista e fez seus três *strikes*, um depois do outro, cada um seguido de crescentes aplausos, depois de silêncio e calma novamente, e depois, no *strike* final, uma explosão, e cada homem naquele lugar, incluindo eu, cercou aquele jogador e foi apertar sua mão ou lhe dar um tapinha nas costas. Foi quase mística aquela intimidade telepática e a alegria geral que a sucedeu, cristalina em sua perfeição. O momento disse tudo, ao mesmo tempo sobre a sintonia tácita que existe entre os homens e sobre quanto disso as mulheres perdem quando olham para eles de fora para dentro.

Depois que tudo acabou e todas as congratulações terminaram, Jim, Bob, Allen e eu olhamos um para o outro e dissemos coisas como "Cara, isso foi incrível" ou "Uau, que espetáculo!". Não conseguíamos expressar aquilo em palavras, mas sabíamos o que acabáramos de compartilhar.

Durante meses eu representei um papel com esses rapazes sendo Ned, o figurante. É claro que de certa forma isso havia sido fácil, porque tudo estava na superfície. Ninguém o conhecia e ele, na verdade, não conheceu ninguém. Ficava na maior parte do tempo quieto — ouvindo, registrando, tentando não dizer a coisa errada, tentando não se expor — e isso colocava uma barreira entre ele e seu ambiente. Apesar da intimidade masculina que envolvia a noite, os rapazes e eu éramos, na verdade, apenas estranhos afáveis conversando um pouco sobre as poucas coisas que tínhamos a dizer uns aos outros: a piada sobre uma bicha estranha ou a história exagerada dos dias gloriosos, uma referência ao programa de reparos domésticos estilo "faça você mesmo" e, é claro, a dissecação ritual do Sunday Night Football e a temporada atual de hóquei. Nada realmente misterioso. As coisas normais que os homens acham conveniente dizer quando ninguém está se revelando.

Então, depois de jogar boliche com estes rapazes todas as noites de segunda-feira, durante seis meses, eu revelei algo. Certa noite, decidi que havia chegado a hora de lhes contar a verdade.

Mas como fazê-lo? Eu não sabia. Estava cautelosa e insegura sobre de que maneira fazer minha confissão. Não podia prever como eles iriam reagir. Tinha visões de mim mesma correndo pelo meio da rua principal da cidade com minha camisa arrancada no ombro e uma tropa de linchamento me caçando com pedaços de tijolos e bolas de boliche na mão.

Felizmente, naquela noite, Jim me proporcionou a oportunidade perfeita. Ele me perguntou o que eu ia fazer depois que terminássemos de jogar, algo que ele nunca havia feito antes, e por isso aproveitei a oportunidade e perguntei se ele queria tomar uma bebida comigo. Era o mais acessível do grupo, e achei que estar só com ele e contar a história primeiro para ele iria me dar uma idéia de como prosseguir, se é que eu prosseguiria.

Fomos até seu bar preferido, um bar de motociclistas, não muito distante do *camping* onde ele morava. Quando nos sentamos no bar, eu lhe disse que ele devia pedir uma dose de qualquer coisa que pudesse relaxá-lo ao máximo, porque iria precisar.

"Acho que estou prestes a explodir sua mente", disse eu.

"Duvido", disse ele. "A única coisa que você poderia dizer que explodiria minha mente era se me contasse que sua namorada na verdade é um homem e que você na verdade é uma mulher."

"Bem", disse eu, impressionada com sua exatidão, "você está meio certo".

"Muito bem", disse ele lentamente, me olhando com ceticismo. "Nesse caso, eu quero um conhaque e uma cerveja."

"Na verdade", disse eu, "você pode querer dois. Eu estou pagando."

Ele engoliu o primeiro e pediu outro. Eu não tinha certeza se ele estava assombrado ou apenas aproveitando a bebida grátis. Conhecendo Jim, provavelmente a segunda opção, embora eu não fosse uma grande gastadeira ou qualquer coisa assim. Naquele bar, você podia ficar bêbado com dez dólares.

Quando ele limpou os vestígios da segunda dose de seus lábios, comecei a falar.

"Jim", disse eu, "você está certo. Eu não sou um homem. Sou uma mulher."

"Cala a boca, cara", disse ele. "Vamos, diga lá. O que você queria me dizer?"

"Não. É realmente isso. Sou uma mulher. Olhe", disse eu, "vou lhe mostrar minha carteira de motorista, se você não acredita em mim."

Eu a tirei da minha carteira e a coloquei na sua mão. Ele olhou por um segundo, depois disse: "Essa aí nem mesmo se parece com você."

Colocou a carteira de volta na minha mão. "Além disso, é fácil falsificar essas coisas."

"Eu juro, Jim, ela não é falsificada. Sou eu. Meu nome é Norah, não Ned."

"Cale a boca", disse ele de novo. "Por que você está fazendo isso comigo? Tudo bem, palmas pra você. Se isso é uma piada, é das boas. Você me pegou, mas uma piada é uma piada."

"Não é uma piada, Jim."

Ele balançou a cabeça e tomou um grande gole da sua cerveja.

"Está bem, olhe", disse eu. "Vou lhe mostrar todos os cartões da minha carteira, incluindo o meu cartão do seguro social. Todos têm o mesmo nome."

Coloquei todos os cartões enfileirados sobre o balcão para que ele pudesse vê-los. Ele os olhou apressadamente, depois disse: "Você está me gozando? Porque se está, isso é sacanagem. Quer dizer, se eu soubesse disso antes, teria feito alguma coisa, mas porra, você precisa falar a verdade."

"Não", disse eu, "juro por Deus que não estou gozando com a sua cara. Eu sou uma mulher. Meu nome é Norah. Olhe, eu não tenho pomo de Adão, está vendo?" Coloquei o dedo dele no meu pescoço e o corri para cima e para baixo.

"Estou usando um corpete esportivo apertado para segurar meus seios", disse eu, colocando a sua mão nas minhas costas para que ele pudesse sentir as tiras sob meu moletom. "Olhe, se você ainda não acredita em mim, vamos até o banheiro que eu lhe mostro."

"Não, obrigado", falou ele, precipitadamente, se afastando de mim. "Não quero ver essa merda. Jesus, cara. Você está me gozando. E eu que achava você o meu amigo mais legal. Que porra! Isso está realmente explodindo a minha mente. É melhor que isso não seja gozação."

Demorou um certo tempo para conseguir que ele admitisse o fato, ainda que remotamente, e mesmo assim de vez em quando ele ainda dizia: "Você não está me gozando, está?" Mas ficamos sentados ali durante umas três horas conversando sobre o livro e por que eu estava fazendo isso, e pouco a pouco tive a sensação de que a dúvida foi se desfazendo.

"Eu devo dizer", disse ele finalmente, "que pra fazer isso é preciso ter culhões ... ou não, sei lá. Uau, então você é uma garota. Não espanta que fosse tão boa ouvinte."

Entramos em todo o processo complicado de rever os acontecimentos, coisas que ele havia achado um pouco estranhas na época, mas que agora faziam sentido. Tivemos longos momentos de silêncio, e depois ele disse algo como: "Então era por isso que você sempre usava um moletom, mesmo que estivesse muito quente lá dentro? Pra esconder seus seios?"

"É", disse eu. "Isso incomoda, também, porque eu suo em bicas."

Voltamos a fazer silêncio durante algum tempo e depois ele disse: "Por isso seus lábios e seu rosto são tão vermelhos. Sempre percebi isso e achava esquisito."

Essa era sua maneira de dizer que eu tinha uma bela compleição, acho eu, pelo menos mais bonita do que todos os rostos ásperos dos homens da liga, o que não era dizer muito. O único rapaz que tinha um rosto, ainda que remotamente, tão liso como o meu mesmo com a barba curta, tinha dezenove anos de idade.

Mas acho que a maior parte do tempo parece que consegui ter bastante êxito como Ned, porque não havia muitas coisas que Jim conseguisse olhar para trás e perceber alguma revelação. No fim, disse simplesmente: "Essa barba é realmente legal, cara. Achei que era exatamente igual a que eu tenho no fim do dia."

Isso era satisfatório.

Quando saí do bar naquela noite, ele me deu um abraço de boa noite. Foi a primeira evidência de que havia me aceito, ou pelo menos parte de mim, como mulher. Ainda se referia a mim como "ele", o que era compreensível, mas eu sabia que não teria se aproximado nem um pouquinho de Ned fisicamente se não enxergasse a mulher nele. Uma parte da verdade estava sendo incorporada.

Mas eu ainda estava travestida de homem e, enquanto nos abraçávamos, nós dois percebemos isso.

Jim disse: "Merda, ninguém quer ser visto abraçando outro homem no estacionamento de um bar como este." Ele se afastou

rapidamente. Quando nos separamos, cada um tomando a direção do seu carro, ele gritou sobre seu ombro: "Ei, cara, se cuida lá no Iraque, hein?"

Quando alcançamos nossos carros, eu gritei de volta para ele, "Ei, Jim." Quando ele se voltou eu tirei meu moleton e meu corpete esportivo e mostrei-lhe rapidamente meus reveladores seios. "Viu? Eu lhe falei."

Ele se assustou e se virou. "Jesus, você é pirada. Eu não precisava ver essa merda. E você ainda está de barba." Ele gritou isso como uma censura, mas eu conseguia perceber o riso na sua voz.

E esse foi ponto crítico na nossa amizade. Depois disso, tudo mudou. Saímos para tomar uns drinques entre as segundas-feiras, uma vez com sua esposa, mas várias vezes sozinhos. Quando estávamos sozinhos, ele me contava uma série de coisas sobre ele. Coisas particulares, coisas que ele dizia jamais ter contado a um homem, algumas coisas que ele dizia nunca ter contado a ninguém. Disse-me que gostava muito mais de Norah do que de Ned. Quando eu lhe perguntei a razão, ele disse que era porque Ned era um rapaz um pouco tenso, e o que ele iria querer com mais uma tensão na sua vida? Já tinha tensões demais. Mas Norah, uma lésbica que se vestia como um homem e podia falar com ele sobre mais do que futebol e cerveja, isso ele não tinha muito. Pessoas assim não circulavam no seu meio. Pessoas como ele não circulavam no meu. Ele também não era o que parecia ser.

Ele era um presente para um jornalista, um personagem mais complexo do que eu poderia ter inventado. Mas ele não era um material para mim mais do que eu era um show excêntrico para ele. Como dizia, era como se Ned e Norah tivessem se tornado um híbrido. Ele ainda pensava em mim principalmente como um homem, pelo menos externamente. Mas sabia que eu era uma mulher e reagia comigo de acordo — isto é, com uma grande exceção: ele não se sentia atraído por mim.

Não havia tensão sexual entre nós. Isto significava que ele podia sair comigo como se eu fosse um dos rapazes e jogar bilhar comigo ou, como faria mais adiante, ir a clubes de *striptease* comigo.

Mas o tempo todo ele me tratava como um dos rapazes porque, de certa maneira, não sabia como fazer diferente. Não havia precedente social para isto. Entretanto, conseguia falar comigo com uma intimidade que nunca conseguiu com outros homens. Era o melhor dos dois mundos. Como ele dizia, o melhor amigo que já teve. É claro que às vezes isto significava que não queria saber onde me colocar em seu subconsciente.

Costumava fazer piada disso comigo.

"Sabe, muito obrigado", disse ele uma vez. "Eu tinha uma vida de fantasia perfeitamente normal até conhecer você. Agora vou me masturbar, ou qualquer coisa assim, pensando em Pam Anderson ou quem quer que seja e, de repente está ali a porra do Ned com seus seios, sua barba e sua bola de boliche sorrindo pra mim e não consigo me livrar dele. Você fodeu com a minha vida."

Então sorria e eu sabia que ele estava perversamente agradecido por isso, ao menos pela diversão. Ele também era um excêntrico, e no fim contente por conhecer outro.

Eu também imaginava cenas estranhas com ele, embora elas não fossem realmente sexuais, ou mais sexuais do que as dele. Deus sabe que eu não me sentia atraída por ele. No entanto, meu cérebro também não sabia bem o que fazer com ele. Eu via que por dentro ele era um garotinho, um menino que fez coisas ruins na vida e que sofreu coisas ainda piores. Jim podia ter uma aparência grosseira e não era um anjo, mas estava, na verdade, apenas tentando esconder suas sensibilidades para poder se apoiar nelas. Ele sabia o que elas valiam e sabia que eu sabia, e acho que ele achava seguro me deixar vê-las.

Eu costumava imaginá-lo encolhido perto de sua esposa com uma pequena camiseta branca e sem cuecas, como algum menininho que havia acabado de sair do banho, todo limpo e aquecido e precisando de conforto. É claro que não o imaginava assim quando estava me masturbando, mas aí você tem a diferença clássica entre os homens e as mulheres.

Acho que ele encontrou em mim um "amigo" que conseguia entender seus pensamentos e impulsos mais tolos, aqueles com os

quais ele não queria sobrecarregar sua esposa, ou se sentia muito envergonhado de falar com ela sobre eles, o tipo de confissões chocantemente grosseiras que, ao que se supõe, somente os homens entendem, mas raramente querem revelar um para o outro porque têm uma carga emocional muito grande. Talvez ele soubesse que eu reagia a elas com reconhecimento e solidariedade, não apenas porque ele pensava em mim como sendo em parte homem, mas também porque, como mulher, eu também lhe contava meus pensamentos negros.

Mas quando eu reagia a ele emocionalmente, tinha de resistir à tentação de ser maternal, porque depois que ouvi algumas das coisas que me contou — histórias sobre espancamentos que sofreu quando criança e as lutas que teve de travar para enfrentar o abuso em silêncio — a mulher que há em mim queria abraçá-lo e deixá-lo chorar. Mas isso seria como jogar uma manta de lã sobre sua cabeça, exatamente a coisa errada a fazer. Ele precisava saber que eu estava ali, ouvindo e sentindo, mas não podia tocar nele ou pressionar o contato com palavras conciliatórias. Tinha apenas que saber em qual sintonia ele estava e por quanto tempo. Nunca era mais que alguns momentos. Isso era tudo o que o seu orgulho lhe permitia.

De todo modo, ele vai ficar envergonhado quando ler isto, se algum dia o ler. Vai fazer uma piada a respeito, ou não vai ter nenhuma reação, mas pelo menos vai saber que, da minha própria maneira desajeitada, eu me importava com ele. Espero que ele saiba que me ensinou muito sobre como ouvir um homem quando ele está lhe contando uma coisa que é difícil contar para ele. Talvez agora eu saiba entender melhor do que os homens da minha vida precisam de mim emocionalmente e como dar isso a eles.

Como sempre, tudo com Jim era oito ou oitenta, sério e depois cômico num piscar de olhos. Quando eu lhe dizia algo especialmente sensível, algo sobre o qual ele não queria falar, dizia: "Dê-me algum tempo pra falar sobre isso."

E se eu o pressionasse, ele dizia: "Sabe, as mulheres são uma merda. Vocês não sabem quando parar. Não sabem quando calar a boca. Por isso vocês apanham."

Então sorria para mim e nós dois ríamos. Muitas pessoas o levavam a sério quando ele dizia coisas desse tipo, mas essa era apenas um de nossos vínculos. Nós tínhamos o mesmo senso de humor. Podíamos dizer um monte de coisas um para o outro e sabíamos quando era brincadeira e quando não era. Quando não era uma brincadeira, era sempre terno ou rude, de maneira que você nunca se enganava. O resto do tempo era só conversa fiada.

Além disso, quanto a bater em mulher eu conheci a esposa de Jim. Ela conseguia acabar com a insolência verbal dele com um olhar. Era uma mulher tranqüila, e o respeito dele por ela era enorme. Com ela ao lado, ele parecia um porteiro que estava ali para carregar suas malas.

Quando chegou a hora de considerar contar aos outros rapazes sobre mim, Jim me disse que não sabia muito bem como eles reagiriam. Disse que, honestamente, não sabia se iriam me bater. Achou que fosse melhor primeiro ele lhes contar privadamente. Mas hesitou durante uma ou duas semanas e então, na segunda-feira seguinte, no meio do jogo, eu simplesmente disse para ele. "Foda-se. Vamos contar."

"Está bem", disse ele, suspirando. "Se você realmente quer, eu apóio você." Olhou em volta cautelosamente e acrescentou: "Eu acho."

Ele havia guardado o meu segredo durante duas semanas, duas noites de segunda-feira com os rapazes. Naquelas ocasiões, trocamos alguns significativos sorrisos maliciosos e palavras em voz baixa, mas agora manteve sua cabeça baixa, respeitando a minha necessidade de dizer aos outros quando eu me sentia pronta para isso.

Como havia sido com Jim, tentei preparar o terreno com Bob e Allen. Queria ter toda a sua atenção, ter todos sentados na mesa ao mesmo tempo. Mas o fluxo do jogo era constante, com um de nós se levantando para fazer sua próxima jogada sempre que alguém se sentava.

"Escutem, rapazes", disse eu. "Tenho algo importante pra dizer a vocês."

Eles olharam para mim com um vago interesse, mas nada além disso. Eu me virei para Jim em busca de ajuda, e ele interveio para reforçar a urgência.

"Sim, caras, escutem. Vocês vão querer ouvir isso, acreditem em mim."

Bob havia se levantado da sua cadeira, mas voltou a se sentar quando Jim falou. Ele e Allen viraram-se para minha direção, agora curiosos e expectantes. Eu tinha a sua atenção, mas sabia que só tinha um momento entre os *frames*. Não conseguia pensar em nenhuma maneira de introduzi-los em uma mudança de sexo tão rapidamente. Não havia nenhum espaço para minimizar o risco ou passar de um assunto para outro, nenhuma maneira de empurrar a granada com cuidado. Este não era o local apropriado para uma conversa particular e, de todo modo, esse não era o estilo deles. O barulho estava alto à nossa volta, com o rádio berrando e os rapazes conversando e tagarelando por todos os lados. Eu sabia que quando dissesse as palavras que estava prestes a dizer, tudo iria mudar irremediavelmente. Talvez eles rissem e encarassem a coisa como uma brincadeira, ou até pensassem nisso como uma surpresa de boas-vindas. Talvez ficassem mudos, em choque, e passássemos o resto da noite num terrível desconforto evitando os olhos um do outro. Ou talvez me arrastassem até o estacionamento e me furassem com a extremidade quebrada de uma garrafa de cerveja. Eu não tinha como saber. Não conseguia encontrar nenhum sinal em seus rostos. Simplesmente teria que dizer e esperar pelo melhor.

Então, falei. Disse da maneira mais direta que pude: "Eu não sou um homem, rapazes. Sou uma mulher."

Pronto. Eu havia falado. Fiquei tensa, esperando o impacto.

Mas Bob havia simplesmente acenado com a cabeça quando eu falei, como se aquilo não tivesse nada de extraordinário. Inclinou-se para trás em sua cadeira e deu sua tragada típica no cigarro, como um interrogador do FBI a quem ninguém poderia surpreender. Apertou seus olhos intencionalmente como se eu tivesse acabado de confessar ter cometido um crime depois de ele ter me pressionado por muito tempo.

Finalmente, com uma indiferença impressionante, ele disse: "É mesmo?" Depois de uma longa pausa ele acrescentou: "Devo cumprimentá-la. Para isso, é preciso ter culhões... ou o que seja. Eu nunca sequer teria pensado nisso."

Enquanto isso, Allen parecia atordoado.

"Está bem, sim", disse ele, de uma maneira controlada. "E daí?"

Inicialmente isso, me derrubou. Ele não podia estar considerando isso com tanta tranqüilidade, pensei. Então percebi que ele havia entendido tudo errado. Achou que eu estava contando uma piada cuja primeira frase era "Então, eu sou uma garota, certo..." Ele ainda estava esperando pela frase-clímax.

"É isso, Allen", disse eu. "Essa é a piada. Eu sou uma garota. Não sou um rapaz."

Não sei dizer se isso não foi absolutamente registrado ou, se foi, se ele não queria permitir que fosse. Percebeu que o clima na mesa era de deixar andar — fingir que a coisa não estava ali e deixá-la ir embora — e então balançou a cabeça e disse: "Uau!"

Contei-lhes o resto da história entre os *frames*. Eles já sabiam que eu era uma escritora, e a certa altura, durante a temporada, eu havia lhes dito que estava escrevendo um livro. Agora eu lhes dizia que estava escrevendo o livro sobre mim e eles, e que se travestir de homem fazia parte do projeto. Eles pareceram gostar da idéia e queriam saber quais seriam seus nomes no livro. Jim falou num tom agudo que queria que Colin Farrell fizesse seu papel no filme.

Depois que eu terminei, todos jogaram uma das piores partidas da temporada. Achei que Bob e Allen estavam em choque. Talvez Jim estivesse nervoso, temendo uma explosão iminente. Mas joguei uma de minhas melhores partidas. Eu me sentia livre, solta pela primeira vez, e estava ganhando deles como jamais antes. Mas de repente comecei a sentir uma terrível dor de cabeça. A tensão do momento estava cobrando o seu tributo.

"Ei", disse eu, "algum de vocês tem um Advil ou qualquer coisa parecida? Estou com uma dor de cabeça de matar."

"Não", disse Bob sem um momento de hesitação, "mas acho que posso ter um Midol*."

Todos riram, e isso quebrou a tensão. Então imediatamente começaram a contar uma série de piadas sobre garotas, as histórias normais sobre intuição feminina e estar menstruada e assim por diante. Pareciam aliviados em saber que eu podia suportar uma piada. Nem a coisa de ser lésbica os impressionou.

"A propósito", disse eu, "vocês sabem que eu sou lésbica, não?"

"É", disse Bob. "Eu deduzi isso."

De novo, todos riram. Para Bob, aquilo era um "barato".

Como aconteceu com Jim, depois disso as coisas mudaram completamente com os rapazes. Todos se soltaram e se abriram. Todos gostaram muito mais de Norah do que de Ned, mesmo sabendo que eu era uma lésbica vestida como um homem. Quando abri o jogo para eles, pude voltar a ser uma pessoa plena e franca, muito mais animada e autêntica do que Ned já havia sido. Passei a maior parte do tempo com eles como Ned, tentando não me trair ou dizer a coisa errada. E havia feito isso muito mal, da maneira como fazem os adolescentes desesperados, e com os mesmos resultados infelizes. Eles finalmente estavam contentes de ter uma pessoa de verdade no meio deles, fossem quais fossem seus defeitos e idiossincrasias.

Meu estilo de vida supostamente subversivo não importava para eles, ou pelo menos não parecia importar, e esta era a parte que eu não esperava de modo algum, ou tinha lhes dado crédito por isso no começo. Eu os havia julgado injustamente como potenciais bárbaros, e agora eles estavam me mostrando quem era o julgador ali.

Nenhum daquele material politizado fez qualquer diferença para eles. Eu continuava jogando a temporada de boliche com eles, vestida como Ned, mas revelada como Norah. Não contamos a mais ninguém da liga, e pelo que sei eles nunca descobriram. Os rapazes

* Remédio para alívio pré-menstrual. (N. T.)

continuaram me chamando de Ned e "ele", assim como Jim; mas da mesma maneira que ele, eles sabiam que eu era uma mulher.

Para mim, o rótulo não poderia ter importado menos. Estávamos finalmente começando a conhecer um ao outro e este foi o período mais tranqüilo que passamos juntos em toda a temporada.

Allen ficou bêbado numa noite de segunda-feira, uma ou duas semanas depois que lhes contei meu segredo. Passou a noite toda inclinado sobre mim e falando bobagens no meu ouvido, a maior parte sobre coisas triviais que raramente faziam sentido. Os outros rapazes sabiam como ele ficava quando estava de porre e só riam e deixavam ele ir em frente enquanto eu ficava ali sentada, infeliz, mas educada.

A certa altura ele se aproximou um pouco mais de mim e disse: "Sabe, nada disso me importa. Isso não me afeta. Você é legal. Não me importa o que você é. Eu realmente gosto de jogar boliche com você, cara. Droga, você é mais legal que Bob."

Isso não era exatamente a coisa mais legal de dizer na frente de Bob, pois Allen era cunhado dele e os dois eram amigos íntimos havia anos. Entretanto, eu sabia que Allen pretendia me fazer um grande elogio e o tomei como tal. Mas também sabia que era algo que ele jamais teria dito a Ned, não só porque ele não gostava tanto de Ned quanto de Norah, mas porque não podia falar com um homem da maneira como podia falar com uma mulher.

Esses rapazes eram velhos camaradas, mas percebi que não compartilhavam intimidades um com o outro da maneira como minhas amigas e eu fazíamos, ou da maneira como Jim havia feito comigo quando soube que eu era mulher. O contraste também era notável para Jim, motivo pelo qual, quando lhe contei sobre minha verdadeira identidade aquela noite no bar, ele disse: "Por isso você é tão boa ouvinte." Quando Jim falou com Bob sobre a doença de sua esposa, por exemplo, um evento que muda a vida das pessoas, enormemente traumático, ele falou quase sem afeto, tensamente, usando a única linguagem disponível, os fatos da catástrofe, para sugerir, mas não comunicar seu sofrimento. Bob ouviu da mesma

maneira, acenando respeitosamente com a cabeça e com uma preocupação visível, mas também com um pequeno distanciamento e desconforto. Ele era um bom amigo, mas parecia tão confinado quanto Jim, por sua reserva. Observá-los me deixava tensa e triste, como se sua conversa estivesse acontecendo em um jarro fechado onde o ar era denso e sufocante.

Talvez isso também fosse parte do insulto no comentário de Allen. Talvez ele não pretendesse apenas dizer que eu era legal, mas também que de algum modo se sentia mais próximo de mim que de Bob. Sua amizade tinha limites definidos de contato, afeição e expressão, e como mulher eu pude romper essas barreiras rápida e facilmente quando mudei meu sexo. Ao que parecia, essas eram as regras. Como homem, você não se mostrava vulnerável e não sobrecarregava a si mesmo ou a seus amigos com suas dúvidas e medos. Eles não queriam ouvi-los e você não queria revelá-los. Mas com uma mulher era imediatamente mais fácil. Você podia falar livremente e sair impune disso, ou pelo menos o mais livremente que sua reticência costumeira permitisse.

Parecia que ficar bêbado era uma das únicas maneiras de Allen poder expressar seus sentimentos, mesmo para uma mulher. Eles surgiam um pouco fragmentados e imprudentes no processo, mas eram, de qualquer forma, comoventes.

Ele pode não ter dito muita coisa na noite da minha revelação, mas evidentemente esteve pensando no assunto desde então. Disse-me que havia conversado com sua filha de treze anos aquela semana e ela lhe contou como as adolescentes falam, "nossa, isso é tão gay" referindo-se a alguma atividade ou artigo de vestuário que não está na moda.

"Sabe", disse Allen, "ela está sempre dizendo isso, mas dessa vez eu a interrompi e disse: 'Você deveria ter cuidado com a forma que usa essa palavra.'"

Jim havia me contado uma história similar sobre um confronto que teve, alguns dias antes, com uma colega de trabalho com quem estava conversando sobre personagens gays em programas de TV como *Will e Grace*. Ela disse: "Bem, eu não tenho problema com gays, mas por que eles têm que ficar empurrando isso na minha cara?"

Ele disse que realmente a encostou na parede por causa disso, dizendo finalmente: "Ou você tem problema com gays ou não tem. Não há 'mas'."

Esses rapazes estavam começando a soar como uma reunião de partido progressista, e tudo o que eu fazia era rir com eles quando eles diziam coisas como: "Se você é realmente uma garota, como diabos tem esses pés tão grandes?" Mas eu era agradecida pelo seu apoio, fosse qual fosse a forma como o demonstrassem, e me sentia mais do que um pouco envergonhada de como os havia subestimado.

Eles haviam me recebido entre eles e eu os enganei. Apesar disso, receberam a revelação impressionantemente bem. Eu os havia tratado com uma certa superioridade, mesmo em minha grata surpresa ao perceber que eles eram, de certo modo, humanos. Eles deram um grande salto em deferência a mim, sem o benefício do esnobismo omitido. Eu os tratei com uma certa superioridade até nestas páginas, congratulando-me por me curvar para receber sua afeição e dispensar-lhes a minha, presumindo entendê-los. A classe é indisfarçável em seu tom, e até uma pseudo-intelectual vai sempre soar como se pensasse que ela está ganhando pontos no céu liberal por apertar a mão de um homem das cavernas ou, pior, de um selvagem nobre. O máximo que eu posso dizer é que eles eram homens muito melhores nisso do que eu, e sem dúvida muito piores ou tão ruins de modos que eu jamais saberia ou poderia saber. Eles me receberam bem entre eles e, assim fazendo, fizeram com que eu me sentisse um pouco idiota, como uma sabe-tudo cretina e arrogante. De certa forma, fizeram de mim o tema da minha própria reportagem. No fim das contas, eles jogaram com ironia.

Eles me fizeram parecer ridícula diante de mim mesma e me fizeram rir disso. E por isso eu sempre lhes serei grata, porque qualquer um que faz isso por você é um verdadeiro e grande amigo.

3 | Sexo

"As quatro regras. Isso é tudo o que você precisa saber sobre as mulheres. Encontrá-las, senti-las, fodê-las e esquecê-las."

Phil, um profissional de 33 anos de idade casado e com duas filhas, estava me contando sobre a primeira e única conversa de homem para homem que teve com seu pai. Ele tinha doze anos na época, e esse foi o único conselho que recebeu de alguém sobre como tratar uma dama. Eu o havia conhecido como Ned em outro bar, algumas noites antes. Iniciei uma conversa com ele e perguntei-lhe se podia me mostrar onde ficavam os bons clubes de *striptease* da região.

Ele concordou. Então, ali estávamos no Lizard Lounge, sentados no fundo de um salão escuro em uma daquelas mesas quadradas de fórmica marrom que você vê nos cafés de parada de caminhão, aquelas com bases instáveis que sempre têm um calço enfiado sob um de seus pés e uma bandeja de plástico imunda deslizando para trás e para a frente entre seus tampos, em movimentos apressados. O salão estava repleto de mesas como essa, arrumadas em estilo café, todas com suas cadeiras de estrutura de metal viradas na mesma direção, e os homens que estavam sentados nelas olhando extasiados para as mulheres nuas que dançavam para eles no palco. Outras mulheres nuas perambulavam entre as mesas, servindo os

fregueses em troca de notas de um dólar, um chumaço das quais cada uma delas tinha amarrado em torno de um tornozelo.

Phil havia pedido uma garrafa de água, como eu. Eles não serviam álcool no Lizard Lounge, o que é comum em locais onde as garotas ficam totalmente nuas no palco e apresentam as danças mais explícitas no colo dos indivíduos. Nos locais onde é servido álcool, as dançarinas geralmente não tiram toda a roupa e, se são apresentadas danças de colo, costumam ser do tipo domadora, na qual o toque não é permitido e não acontece nada além de esfregação. Quer dizer, a menos que você encontre um lugar que quebre as regras, com vários lugares para fazer um ou outro prolongamento da ação, dependendo do que a dançarina esteja disposta a fazer fora do palco.

Phil despejou sua água em um copo, depois esvaziou dois pacotinhos de açúcar na água e misturou com um canudo. Engoliu-a enquanto falava.

"Meu pai e eu vínhamos juntos a lugares como este", disse ele. "Nós nos divertíamos muito. Ele veio à minha despedida de solteiro aqui e participou de duas danças de colo."

Inicialmente isso me espantou, a idéia de um pai e um filho indo juntos a clubes de *striptease*, como se fosse um rito de passagem. Espantou-me ainda mais que um pai aconselhasse seu filho a tratar as mulheres como organismos hostis que deveriam passar a ter uso necessário e conveniente, e descartadas assim que possível. Mas quanto mais eu observava as compulsões dolorosas da sexualidade masculina quando estava na companhia de homens disfarçada de homem, mais entendia a profunda insegurança que sente um homem quando está na companhia de mulheres, mais eu entendia um jogo sem graça em que os homens eram colocados na frente um do outro, tudo isso em um esforço desesperado para esconder essa insegurança e esse sofrimento. Meus companheiros de boliche sabiam muitas das mesmas piadas sem graça de Phil e de seu pai, cheias da mesma despreocupação do sabe-tudo que mostrava exatamente o quanto, não o quão pouco, as mulheres e a estima das mulheres realmente significava para eles.

Estávamos no clube havia apenas alguns minutos, tempo suficiente para Phil contar sua história de família, quando uma daquelas mulheres nuas que estavam ali para servir os homens aproximou-se de mim. Olhei para o chão como que para declinar sua oferta, mas não era uma oferta. Essa era a minha primeira vez em um clube de *striptease* e eu ainda não conhecia o cerimonial. Não sabia que dar dólares às dançarinas não era, na verdade, uma escolha. Esperava-se que você lhes desse se lhe pedissem, motivo pelo qual o porteiro me deu oito notas de um dólar no troco dos meus vinte.

A dançarina virou suas costas para o sorriso pastoso de Phil enquanto deslizava entre nossas cadeiras para olhar para mim. Colocou meu joelho direito entre suas pernas e pôs sua pélvis próxima ao meu rosto. Eu olhei para cima, além da altura dos olhos, tentando não ver as mãos com veias ressaltadas que já separava grosseiramente e masturbava sua xoxota raspada. Olhei para a extensão da sua barriga esticada e de seus seios pequenos e furiosos, e para seu rosto virado para baixo, que pensei que seria sua parte menos ofensiva. Mas estava errada. Seu rosto era onde a sordidez mais se mostrava. Ela parecia velha para este trabalho, mas provavelmente era mais jovem do que parecia. Fixou os olhos em mim com um esgar gasto de desprezo e resignação, como uma prostituta posando para uma foto na polícia.

E quem podia culpá-la?

Nós éramos a escória em seu mundo e um dólar não merecia esforço. Ela estava nos dando o que queríamos e dando de forma suja. Não estava fingindo que gostava de nós, ou que nos queria, ou que se importava com o que estávamos pensando. Ela sabia o que estávamos pensando.

Seu rosto não importava. Provavelmente só uma mulher iria se incomodar com seu rosto. Nenhum dos outros homens dos quais a vi se aproximar jamais a olhou nos olhos, e eu só o fiz por vergonha e aversão. Pensei que fosse encontrar algo suportável nesse rosto, mas ele era uma máscara. Seus olhos eram propositalmente repulsivos, e eu desviei meu olhar.

O que esperava? Ela sabia que não importava o quão obscenas as coisas ficassem, os homens queriam mais. Eles olhavam para aquela fenda que estava diante deles com pouco interesse no direito de posse, como faziam os homens à minha volta. Eles desviavam seus olhos do palco para olhar para ela impassivelmente, como se ela fosse um intervalo comercial ou um acompanhamento de batatas fritas. Eu empurrei meu dólar na sua direção apenas para me livrar dela, mas ela não ia pegá-lo.

"Ainda não", disse ela.

Devia estar achando que eu era virgem e ia se divertir com meu desconforto. Inclinou-se na minha direção e pegou minha cabeça entre suas mãos. Puxou-me para seu peito, deixando cair um seio mirrado sobre cada face, e depois sacudindo-os para trás e para frente com os ombros. Talvez estivesse realmente sorrindo, agora. Por fim, colocou seu tornozelo no meu colo, enterrando a ponta do seu calcanhar no meu joelho e abrindo o chumaço de notas para que eu pudesse alcançá-lo e ali depositar o meu dólar.

"Agora", disse ela.

Assim foi minha iniciação a um substrato da psique sexual masculina que a maioria das mulheres não conhece, não quer conhecer, ou ambos. Como poderiam? É improvável que seus namorados e maridos lhes contem a respeito, nem mesmo sobre coisas que faziam quando solteiros. Isso é vergonhoso demais. Ou, falando mais francamente, é demasiado incriminador. Se um homem freqüenta um lugar como esse e admite isso, já está marcado aos olhos de muitas parceiras em perspectiva, e se admite ter se divertido com isso ou ter satisfeito seus instintos mais primitivos nos cantos do salão, fica ainda mais marcado. Por isso os homens que conheci jamais foram honestos com as mulheres de suas vidas sobre locais de *striptease* como esses ou sobre os impulsos sexuais que eles se destinam a satisfazer.

Phil conhecia intimamente esses antros e suas ofertas, e gostava de brincar de guia e tutor. Sabia que eu nunca havia ido antes a um lugar assim, e quando eu lhe fiz algumas perguntas de sondagem a respeito, ele ficou cheio de presunção de especialista sobre o

que aquilo tudo significava, como se apenas em virtude de ele ser quem era — um sujeito prototípico —tivesse o segredo da mente masculina:

"O que os homens mais procuram em uma mulher? Nós não estamos buscando uma boa pessoa. Não estamos buscando alguém para criar nossos filhos. Não estamos buscando alguém que vai começar a trabalhar em nossa casa, ser uma boa trabalhadora e contribuir para o bom andamento da casa. Um cara está procurando uma mulher para trepar com ele. Nós queremos alguém em quem possamos enfiar o nosso pau o tempo todo. É para isso que noventa por cento dos homens procuram uma mulher. E não é preciso explicar isso pra ninguém."

É claro que eu falei com homens suficientes para saber que esta não era, de modo algum, toda a verdade, e Phil também sabia disso, mas era um tipo de verdade. Muitos homens — na verdade, a maioria — querem esposas e famílias por todas as razões certas e boas, para ter amor, companhia, dedicação. A domesticidade não é hostil a eles. A própria idéia é absurda e desaprovada mil vezes por dia. Mas quando se escuta eles falarem, muitos homens parecem lutar com sua sexualidade oculta, assim como com todas as forças religiosas, políticas, matrimoniais — literalmente maternais — que lhes dizem que têm de reprimir.

Os homens se casam, mas sua sexualidade não desaparece magicamente em meio à felicidade da vida familiar. Por isso a preponderância de homens casados que correm envergonhados e às escondidas para os clubes de *striptease*.

Às vezes até mesmo homens respeitáveis, com vidas respeitáveis, têm esse material primitivo repulsivo preso em algum lugar de suas mentes, mantido em seu devido lugar e separado do amor significativo que acompanha as responsabilidades da paternidade e da condição de marido. Como poderia ser diferente? Por mais que eles pudessem querer, esses impulsos e desejos de algum modo não deixaram de existir em companhia respeitável. Foi apenas o mito prevalecente da sociedade, ou talvez a satisfação do desejo feminino, que fingiu o contrário. Como resultado, coube aos homens

e às mulheres, individualmente, escolher sozinhos a sórdida realidade, magoando e sendo magoados, porque às vezes é muito difícil resolver satisfatoriamente o conflito entre a sexualidade masculina básica e o papel civilizado de um homem.

Esses clubes e os pensamentos e sentimentos que os produzem são o subporão da sexualidade masculina, em que muitos homens têm pelo menos um pé ou dedão firmemente plantado. Não importa o quão alto eles ascendam no mundo civilizado, não importa o quão distintos, asseados, ilustrados ou sábios eles se coloquem na estratosfera da época e da realização, muitos homens ainda têm um filme de nus passando no fundo de suas mentes. E quanto mais educados, politizados e refinados eles se tornam, mais envergonhados com freqüência se sentem de seus impulsos básicos.

Mesmo os homens mais moderados e conscienciosos com os quais conversei sobre suas sexualidades, freqüentemente falam do sátiro que existe dentro deles e que os conduziram, especialmente quando eram jovens e enlouquecidos para transar devido aos instintos primitivos, a fazer coisas das quais se envergonham.

"Na faculdade, eu me lembro de ter acordado na cama com mulheres que eu não conhecia e, pior ainda, não queria conhecer", disse Ron, um homem de família educado e instruído que ganha a vida no mundo das letras. "E eu me sentia muito apavorado pelo que o meu corpo me havia levado a fazer. da maioria dessas mulheres eu simplesmente me livrava sem cerimônia, e até hoje me sinto muito mal em relação a isso. Eu as tratei terrivelmente mal, mas me sentia insanamente impelido a isso pela urgência de encontrar algum alívio."

Apesar de não querer saber a verdade sobre o que acontece nos clubes de *striptease*, muitas mulheres acham que sabem. Filmes populares mostram mulheres seminuas movimentando-se sugestivamente no palco, o que algumas delas fazem nos clubes de dominação. Mas as mulheres destes primeiros clubes que eu visitei estavam nuas e não havia nada artístico em seu *striptease*. Não havia provocação, apenas boceta, nua e crua. As mulheres no palco estavam, em geral, nuas no primeiro minuto, e não faziam alusão a

alguma consumação sonhada, elas apenas leiloavam sua mercadoria a curta distância.

O dinheiro real está nas danças de colo, que em muitos lugares custa vinte dólares cada. Mas, mais uma vez, estas não são nada parecidas com o que vemos nos filmes populares. Não são de modo algum danças. São rotações de contato pleno das mulheres nuas ou quase nuas, não destinadas a algo tão "antigo" quanto excitação, mas para fazer o homem atingir o orgasmo dentro dos cinco minutos pelos quais ele pagou.

Como eu iria saber mais tarde, havia sexo de verdade acontecendo em alguns destes lugares. Em um outro clube a meia hora de distância do Lizard Lounge, um local que tinha a reputação de ser um *front* virtual para a prostituição, especialmente no meio da tarde, quando havia pouco movimento, pesquisei um pouco para ver até onde as garotas iriam. Um cliente habitual havia me dito que o limite ali era o que havia na carteira, e que a lata de lixo no banheiro dos homens era forrada de preservativos usados. Não vi isso na noite em que estive lá, mas de todo modo perguntei a uma das dançarinas se podíamos fazer algo mais do que dançar e nos esfregar. Ela me disse que nada feito; que a gerência era muito severa. Uma garota havia sido demitida dali naquele mesmo dia por chupar o pau de um cliente em uma das salas VIP.

Fazia sentido ser do interesse da gerência desencorajar esse tipo de coisa, porque eles se arriscavam a ter seus estabelecimentos fechados se fingissem ignorar isso. Aparentemente, eram as garotas que embolsavam o dinheiro extra se optassem por ir além de dançar. Mas nesse caso, mais uma vez, se um lugar adquirisse a reputação, entre os clientes regulares, de empregar garotas que iam além do combinado, naturalmente tendia a atrair mais clientes pela propaganda boca-a-boca. De um jeito ou de outro, havia uma compensação.

Depois do meu primeiro encontro com uma dessas garotas do chão, decidi que se eu quisesse realmente entrar nesse mundo, tinha que me sentar numa cadeira ao lado do palco, o que significava sair da proteção das sombras, atravessar o salão na frente de todos estes homens e pegar um dos lugares cobiçados na frente.

Lá os homens colocavam seu dinheiro entre os dentes e se inclinavam para as dançarinas, que pegavam o pagamento entre seus seios ou coxas, enquanto os homens olhavam para elas com admiração e gratidão por seus favores.

Phil estava realmente excitado, ansioso para eu ter a experiência completa, e por isso pegamos nossas garrafas de água e encontramos dois lugares perto do palco.

A primeira garota que surgiu lá em cima foi anunciada como uma favorita da *Penthouse*, uma suposta iguaria acima do hambúrguer que ficava no chão. Por isso, o mestre de cerimônias pedia muitos aplausos para ela. Mas, para minha surpresa, os assobios e palmas foram poucos. Ninguém se enganava. Isso era um antro. Ninguém que estivesse dançando ali era o máximo. Havia tanta eletricidade naquele bando que estava ali quanto no bingo semanal da Virgínia — que é, de uma forma bastante ameaçadora, mais ou menos como eu descreveria o clima geral do lugar. Aparentava e dava a sensação de um bordel transformado. Não havia janelas ou algum tipo de decoração. Apenas as cadeiras de vinil com estrutura de metal, as mesas bambas, o palco baixo e uma catraca na entrada da frente, onde duas criaturas barrigudas, em pé atrás de um vidro, recebiam o dinheiro da entrada e os vinte dólares das danças privadas.

Eu estava bem na frente, visivelmente um desajeitado atrapalhado, com minha camisa social e meu rosto juvenil. Queria que Ned fosse bonito, mas não era o lugar para isso. Eu estava vestido para um encontro, e isso era um covil.

A garota da *Penthouse* apareceu vestida de azul-marinho com um quepe de oficial, visivelmente envergonhada pela ausência de alarido que estava gerando, mesmo diante da perspectiva de ficar nua. Ela se pavoneou durante um minuto pelo palco, apontando para o público seu indicador manicurado ao estilo francês. Mas como não despertou muitos aplausos contritos, arrancou sua blusa e calças por seus fechos de velcro, revelando o biquíni fio-dental

preto que estava por baixo e um par de botas de vinil preta com salto fino que iam até os joelhos.

"Quem quer uma chupada?", perguntou o mestre de cerimônias.

A dançarina fez um sinal para um voluntário subir no palco. Um jovem asiático esquelético que estava na fila da frente ficou impetuosamente agradecido. A dançarina colocou uma toalha de praia no piso do palco, na frente dela, e indicou ao rapaz que se deitasse de costas sobre a toalha. Enquanto fazia isso, ele olhava para ela e para nós com uma espécie de alegria e descrédito, como se dissesse: "Ela vai realmente me chupar aqui, agora?"

Eu me senti cúmplice só de olhar e um pouquinho tão depravada quanto os participantes. Afinal, eu *era* uma participante, gostasse ou não. O ato de assistir ao show havia me tornado parte dele e, como mulher — e a única mulher na sala que não estava à venda — eu não conseguia me colocar no lugar da *stripper*, imaginando todos aqueles pares de olhos desumanizados correndo sobre mim, e a voz do mestre de cerimônias me importunando na frente deles, açulando. Eu não conseguia separar o ato da *stripper* da vida desesperada que eu achava que provavelmente a tinha lançado naquela armadilha de ter de fazer isso para sobreviver. Não conseguia avaliar essa vida em comparação com a minha, que agora parecia vergonhosamente privilegiada e imerecida na comparação. Mas então, olhando pelo salão todo o consumo irrefletido que esses homens estavam exercendo, usando estas mulheres como se fossem uma droga, como outro golpe de garrafa sem rosto, senti esta comparação cair e a diferença supostamente monumental entre nós desaparecer. Eu sabia que as circunstâncias da vida dela ou da minha não faziam nenhuma diferença nesse lugar. Para estes homens, ela não tinha vida. Ela era genérica e desarraigada, e suas partes femininas desprovidas de qualquer individuação. E assim estava eu. Eu não tinha de me colocar no lugar dela. Eu estava no lugar dela, apenas outra bunda para ser beliscada, se eles apenas soubessem disso.

O rapaz asiático atirou-se no chão tão sofregamente que seus tênis saltaram como os de um menino pequeno quando suas pernas bambearam. A dançarina ficou de joelhos sobre ele e abriu sua braguilha. Introduziu sua mão, puxou o elástico da sua cueca e penetrou lá dentro. Ela levantou seu polegar e o indicador no sinal universal para indicar um pinto pequeno, e a platéia riu. Ela estendeu a mão atrás de si e tirou de uma bolsa preta um dildo tamanho pornô. Colocou-o sobre o saco do voluntário, segurando com uma das mãos enquanto corria sua língua para cima e para baixo do mastro e em torno da cabeça simulada. Isto animou mais a platéia e ela o chupou, enterrando-o até o fim em sua garganta. Isto provocou um fraco frenesi e o previsível clímax. Ela se inclinou para trás para esperar a ejaculação, e o dildo esguichou seu leite alto no ar. Ela o levantou para revelar um dispositivo tipo bomba em seu interior. Mais uma vez houve risos e o espetáculo estava terminado. O rapaz asiático levantou-se e fugiu apressadamente do palco, atrapalhado com seus tênis.

A *stripper* pôs de lado seus acessórios, levantou-se e se movimentou pedindo mais aplausos, mas o apogeu já havia terminado.

"Todo mundo dizendo 'Fique nua'," instruiu o mestre de cerimônias.

A platéia tossiu a resposta e ela soou fraca entre eles. Mais uma vez, a garota recuou envergonhada.

"Ah, não", disse o mestre de cerimônias, "isso não vai ser suficiente. Vocês querem vê-la nua? Então todos gritem 'Fique nua'."

Novamente, a platéia obedeceu fracamente.

Agora também o mestre de cerimônias estava desconfortável.

"Muito bem", tentou ele de novo. Podíamos ouvi-lo suspirando. "Vamos tentar mais uma vez. Vocês querem ou não ver esta boneca nua?"

O grito saiu mais alto desta vez — "Fique nua." Mas você ainda conseguia sentir a inércia nele, superada apenas pela necessidade da transação.

Teria de ser suficientemente bom. O biquíni foi tirado para

revelar os usuais seios falsos e bulbosos pretendendo ser naturais, colocados altos demais e meio separados em seu torso macio.

Ela ofereceu-os à platéia, um em cada mão, percorrendo a beira do palco. Parou na frente do homem que estava à minha esquerda, um panaca babão vidrado em informática e com óculos fundo de garrafa. Ele se levantou, nervoso, com algumas notas amassadas na mão, tirou seus óculos e piscou cegamente seus olhos avermelhados e inchados, enquanto se aproximava um pouco mais do palco. Colocou sua cabeça entre seus seios não nutrientes durante alguns momentos, depois voltou desajeitado para sua cadeira, recolocando seus óculos com um sorriso estúpido.

Como seu último ato, a Srta. Penthouse ofereceu alguns itens: duas camisetas e algumas cópias de seus vídeos pornôs.

"Dez dólares", disse o mestre de cerimônias. "Dez dólares por um vídeo. Quem quer um? Quem vai dar dez dólares para esta dama?"

Vários gritos e notas elevaram-se no ar, e a dançarina pavoneava-se de um lado para o outro do palco, passando sua língua pela lombada de uma das caixas de vídeo. Ela parou na frente do comprador escolhido, um óbvio cliente habitual que, com seu cabelo ensebado e penteado para trás e sua camisa amarela manchada de mangas curtas e abotoada na frente, parecia um transgressor sexual registrado. Ela agachou-se acima dele, abriu suas pernas e deslizou a caixa lubrificada para frente e para trás entre os lábios da sua vagina e depois a entregou para ele. Ele passou a extremidade umedecida da caixa sob seu nariz como se fosse um charuto caro, inalando-a com um sorriso satisfeito. A platéia adorou isso.

A dançarina fez o mesmo com o resto dos vídeos. Passou também toda a extensão das camisetas entre suas pernas, e depois as atirou para serem apanhadas pela platéia. Elas também foram cheiradas para a inalação de vestígios do cheiro dela.

Mas eu duvidava de que houvesse qualquer cheiro. Essas mulheres eram secas — secas e lisas como as bonecas que elas imitavam. Pensar nisso me lembrou um rapaz gay que eu conheci que,

quando eu lhe perguntei por que preferia os homens, ele disse: "Porque eles são muito bonitos e secos."

Havia a mesma misoginia gay à mostra nessas clubes. Essas não eram mulheres. Eram sancionadas pela fábrica, fragmentadas, tratadas e depiladas de qualquer coisa ofensiva. A Barbie alemã original foi moldada em uma *pinup* pobre, e depois esculpida e colorida num tom pêssego para se adequar exatamente ao consumo da classe média americana, e essas mulheres eram, por sua vez, moldadas nela, até mesmo os sapatos de plástico.

Em seu estado natural, a vagina não é um instrumento delicado. Ela respira, saliva e até ejacula, e sempre tem um cheiro. Essas mulheres não tinham cheiro, mesmo que transpirassem no palco e colocassem seu rosto entre suas pernas, como uma delas fez comigo quando eu me sentei na frente. Elas eram inodoras. Eram secas e congeladas. Fiquei imaginando o que elas faziam consigo mesmas antes do show para tornarem suas partes tão pouco desenvolvidas.

Quando já havia distribuído todas as suas camisetas e vídeos, a Srta. Penthouse deixou o palco, acenando e soprando beijos enquanto saía. Aproveitei a oportunidade para deixar Phil sozinho um pouco e vagar minha cadeira na frente. Disse-lhe que ia olhar uma dança privada e ele sorriu aprovadoramente, levantando sua mão no ar e fazendo sinal de *hang loose* com o dedo mindinho e o polegar.

Eu me encaminhei para a parede do fundo onde as garotas do chão estavam reunidas, fumando e olhando à meia-distância, como garçonetes em um intervalo.

Lá atrás, na lateral, havia um aposento aberto, retangular, tipo cabina, com dez cadeiras giratórias. As cadeiras estavam alinhadas contra as duas paredes mais compridas do retângulo, e aparafusadas no chão. Uma das paredes mais compridas era apenas uma meia-parede, como um balcão em uma cozinha, de modo que as pessoas que estivessem no fundo do salão principal pudessem espiar o que estava acontecendo na cabina.

A maioria das cadeiras estava ocupada por homens totalmente vestidos, cada um deles com uma das garotas nuas sentada em seu colo, olhando para eles com suas pernas enroladas em seu torso ou se segurando no chão enquanto ela colocava sua genitália na dele. Algumas das garotas estavam viradas de costas, também com as pernas abertas, com suas nádegas pressionadas contra os homens. Neste lugar parecia não haver proibição de tocar as garotas, porque os homens estavam manuseando loucamente e chupando os seios das garotas enquanto investiam contra elas com os rostos transtornados de êxtase.

Eu estava olhando desavergonhadamente, mas, afinal, era para isso que eu estava ali, era o que a gerência esperava. Por que a parede aberta? Esta era sua melhor propaganda. Havia uma longa fila para entrar na cabina.

Um dos homens, um rapaz bem jovem com uma camiseta de futebol, provavelmente com pouco mais de vinte anos, no máximo, girou totalmente sua cadeira para ficar olhando a parede aberta. Seu boné de beisebol estava virado ao contrário na cabeça, como está na moda, uma pose artificial que só o fazia parecer mais jovem. Ele estava abraçando a dançarina frouxamente em torno do pescoço, seu queixo se apoiando sem firmeza no ombro liso da garota. Ele não estava movendo seus quadris. Seu rosto estava relaxado. Seus olhos estavam abertos e surpreendentemente gentis, e ele estava olhando diretamente para mim, quase com doçura, através de uma camada de conforto, como uma criança sonolenta sendo carregada pela mãe em um supermercado. Sabia que eu o estava observando, mas não desviou seus olhos, e não me julgou ou me ameaçou por estar olhando. Só devolveu o meu olhar e ficou apoiado ali naquele ombro nu, absorvendo a calma que ela estava lhe proporcionando.

Eu olhava para ele como outra mãe — não consegui evitar — e talvez nesse lugar estranho e desconjuntado ele conseguisse ver isso. Talvez pudesse perceber que eu lamentava por ele no melhor sentido possível, e talvez isso não constituísse problema quando

ninguém mais estivesse olhando. Ou talvez ele estivesse simplesmente enlevado demais para perceber.

O resto dos homens estava fazendo o seu papel mecanicamente, colocados lado a lado, tão descaradamente como se estivessem urinando em mictórios públicos de beira de estrada, apenas satisfazendo uma urgência, fazendo o que precisava ser feito.

Isso, foi, na verdade, algo que Phil havia me dito logo no início:

"Vamos, cara, você sabe. Para nós, ejacular é uma necessidade biológica, como ir ao banheiro."

Não importava que os casais de cada lado desses homens estivessem próximos demais para se tocar, e não importava que pessoas como eu estivessem observando. Por que deveria? Não havia nada íntimo, nada significativo acontecendo. Para esses homens, parecia que a verdadeira privacidade estava reservada apenas para sua defecação no meio da manhã.

Observando isso, fiquei amedrontada, sentindo-me muito só ali em pé. Como uma mulher prototipicamente fervilhando com todas as minhas ilusões necessárias, confrontada com este espetáculo de função fabril masculina, eu sentia um desespero que só era salvo pelo conhecimento de que eu não era heterossexual. Eu não queria camaradagem nem parceria com homens. Mas a maioria das mulheres quer, e é por isso que elas não querem saber, não podem saber que talvez estejam fazendo amor com alguém que, na verdade, está apenas as fodendo. Este não é o quadro todo, é claro, mas é uma moldura apavorante, um cenário dos piores, e quando o vi e pensei nisso e permiti que isso me insultasse, não apenas como mulher, mas como uma mente sexual emocionalmente carente, eu me senti muito pequena e perdida no meu disfarce. Eu precisava, como muitas mulheres precisam, mais que uma conexão carnal no sexo, mas nesses lugares era absurdo procurar por isso, ou me sentir magoada quando não o encontrasse. No entanto, ponderei se não estava percebendo uma versão mais grosseira do conflito que pode ocorrer quando homens e mulheres tentam reconciliar suas vidas sexuais.

Permaneci um pouco mais de tempo no fundo do salão, observando a assistência, que era composta principalmente de homens mais jovens, e alguns poucos desgastados e reclusos em seus cinqüenta e sessenta anos. Quando considerei a expressão em seus rostos enquanto observavam as dançarinas no palco, pude ver em alguns momentos uma estranha reverência em seus olhos, e em outros um imperturbável desinteresse. Mas não havia condescendência no seu olhar, não havia ódio por essa coisa inferior que eles se sentiam impelidos a olhar. Todos pareciam uniformemente aturdidos pelo espetáculo, olhando fixamente para as partes corporais à mostra como se não as tivessem visto milhares de vezes antes em revistas, filmes e locais iguais a esse.

Eu queria saber como era ter essa sensação dentro de si, mas o mais próximo que poderia chegar seria uma dança de colo, e mesmo assim seria diferente. Entretanto, eu queria saber como essas mulheres me tratariam quando fossem o suposto objeto da minha luxúria, e eu estivesse pagando por isso. Olhei para as dançarinas que estavam no intervalo, aquelas que estavam esperando por solicitações, e tentei escolher uma.

Havia uma realmente bonita, de uma maneira natural. Ela era jovem, provavelmente uns dezenove anos mais ou menos. Seu cabelo loiro escuro parecia real, assim como seus seios. Ela estava usando muito pouca maquiagem. No escuro, parecia não usar nenhuma. Não precisava de muita. Sua pele era uniformemente lisa, como se ainda fosse pura.

Fiz um sinal para ela vir até mim e ela se levantou de sua cadeira, entrando na fantasia, sorrindo muito docemente enquanto pegava a minha mão e me conduzia até as criaturas que estavam em pé atrás da vitrina de vidro na entrada do clube. Estendeu sua mão para receber o dinheiro, que em seguida eu lhe dei. Ela o entregou aos dois homens que estavam na registradora, com o que me pareceu uma resignação triste. Por todo o ar desonroso, o aspecto comercial, e a sensação que o lugar causava, podíamos estar no departamento de armas de uma loja de artigos esportivos.

Depois de pagar, perguntei à garota se podíamos ir a algum lugar mais privado que a cabina aberta. Ela acenou que sim e me conduziu para o fundo, atrás de uma divisão que ficava do lado do palco. Atrás dela havia cinco divãs pequenos, cada um deles limitado em três lados por divisões menores que permitiam uma semiprivacidade. Ela me conduziu até um vazio e fez um sinal para que eu me sentasse. Quando eu me sentei, pediu-me que tirasse minhas chaves, moedas e qualquer coisa pontuda ou abrasiva de meus bolsos. Então, colocou um *négligé* de seda sobre o meu colo. Ela o havia tirado de um grupo dessas peças de vestuário que estavam penduradas no alto da divisória que separava esta parte fechada do resto do clube. Quando tudo estava pronto, abriu minhas pernas e se sentou.

Começou imediatamente a se esfregar. Eu sabia que ela podia sentir meu pênis falso através das minhas calças. Ela era a primeira mulher que o sentia. Deve ter parecido muito estranho para ela que ele não estivesse duro, mas talvez algumas das pessoas que viessem aqui o fizessem exatamente para remediar uma disfunção erétil ou persistir nisso anonimamente.

No início, fiquei paralisada, deitada de costas no sofá, meus braços caídos ao lado do corpo, minha cabeça virada de lado, meus olhos fechados quase como um reflexo. Nunca havia feito isso com alguém com quem pelo menos eu não tivesse jantado primeiro. O ato não era novo para mim, é claro, mas era desprovido dos preâmbulos necessários: emoção, sedução, imaginação, conexão mental — as coisas que, talvez, sejam os marcos da sexualidade feminina, e justamente as coisas que faltavam nesses locais de *striptease* e danças de colo. Aqui não havia fingimento das preliminares, mentais ou quaisquer outras, e para mim isso tirava todo o prazer da experiência.

Enquanto ela continuava, eu me coloquei em outro lugar. Tentei fingir que ela era alguém que eu conhecia, gostava e com quem queria estar. Mas na verdade não funcionou. Também tentei me esfregar contra ela, mas foi apenas um movimento forçado, falso e ridículo.

Então terminei abruptamente, exatamente quando a música

terminou, e ela me perguntou se eu queria ir mais além — as danças de colo têm tempo marcado e são pagas para ter a duração de uma música. Eu lhe agradeci e disse que não. Ela sorriu e se levantou, puxando-me com ela para dar o lugar para outra dançarina e seu cliente, que já estavam abrindo o seu caminho para o cubículo. Enquanto eu tentava me recompor, a dançarina que chegava me empurrou impacientemente com as costas da sua mão.

Eu tive várias danças de colo como Ned, e elas sempre pareceram a mesma coisa. Na verdade, eu mal consigo me lembrar como elas eram, porque não se parecem muito com nada. Para mim, quando elas estavam acontecendo, eram principalmente um vazio, tão vazio quanto os rostos das dançarinas e o ar morto atrás de seus rostos. Eu me lembro de ter ficado, repetidas vezes, impressionada com o vazio nos olhos das dançarinas. Depois da apresentação, elas normalmente faziam a ronda no bar para recolher notas dos espectadores, porque poucas pessoas se davam ao trabalho de ir até o palco para colocar algo em seus fios dentais. Foi durante esses encontros, quando tentei envolvê-las na conversa, que vi como elas eram insípidas, ou assim se tornaram para sobreviver a este trabalho. Isso foi o que mais me deprimiu.

Mas quando comecei a entender melhor a vergonha que despertava nos homens a necessidade de visitar locais como esse, e a indubitável vergonha que despertava nas dançarinas o fato de ter de trabalhar neles, achei que começava a entender um pouco mais o tipo de mulher que se torna um objeto sexual aos olhos dos homens. Muitas mulheres têm perguntado a si mesmas por que tantos homens adoram as estrelas pornôs e as modelos modernas, mulheres que não são mulheres reais, cujos seios são falsos, cujos pêlos são descoloridos até ficar cor de palha ou perversamente depilados, cujos rostos suportam uma maquiagem pesada e cujos corpos foram alterados cirurgicamente ou por meio de dietas para se conformarem à perfeição tipo boneca, algo que não é encontrado na natureza. Por que — eu freqüentemente ponderei — os homens não queriam mulheres reais? Era misoginia, uma espécie de homossexualidade coletiva reprimida ou talvez pedofilia que os

fazia realmente querer um tipo de corpo que mais parecia o de um homem ou de uma criança, magro e liso?

Para alguns, isso, sem dúvida, é verdade, porque caso contrário, revistas como *Barely Legal*, cheias de meninas pré e parapubescentes, não venderiam tão bem. Por que a indústria da moda, há tanto tempo dominada pelos homens gays, exige que as mulheres passem fome até seus corpos, sem quadris e sem seios, parecerem os corpos de meninos adolescentes?

Mas enquanto eu fazia a minha ronda nos clubes de *striptease* em busca de algum tipo de resposta, ponderei se talvez isso não voltasse à vergonha. Eu sabia, por minhas próprias fantasias sexuais, que há algo atrativo, pelo menos abstratamente, em transar com alguém que não está presente. Quando você está pensando em trepar por trepar e na liberação animal — e é isso que a inclinação sexual masculina na sua forma mais primitiva parece ser — você não quer testemunhas. Você não quer ser um animal sujo, insensível, com alguém que você ama ou respeita ou é capaz de amar e respeitar. Você ficaria envergonhado demais que ela visse essa parte de você à luz do dia, e uma mente não é algo como a luz do dia? Uma mulher real é uma mente, e uma mente é uma testemunha, e uma testemunha é a última coisa que alguém precisa quando está envergonhado. Por isso, o que você precisa é foder um buraco falso, sem mente. Quanto mais falso, melhor.

É estranho, mas quando se trata de homens genuinamente heterossexuais, suponho tudo isto adicionado na minha mente a algo que poderia ser o oposto da misoginia, a idéia sendo que o homem só poderia tratar como um objeto algo que se parecesse *o menos possível* com uma mulher real, porque só então ele suportaria maltratá-la e a si mesmo o suficiente para satisfazer seus instintos.

Quem sabe? Eu certamente não poderia saber com nenhum tipo de certeza. Mas sabia como era fantasiar sobre as mulheres no abstrato frio, e sabia que, quando se faz isso, não se está pensando em Ava Gardner. Está-se pensando em alguém anônima, peituda, burra, puta, chupando você no quarto trancado durante algum tempo.

Embora tivesse acabado de ficar sabendo, eu achava que há um mundo de diferença entre ir lá na sua cabeça e ir lá de verdade. Mas agora eu estava aqui, onde podia participar deste mundo como Ned, e pelo menos ficar algum tempo na extremidade receptora do que ele tem a oferecer. Quando o fiz, encontrei algo mais do que o desconforto de ser uma mulher em um mundo de homens. Encontrei, pelo menos o que eu achava que fosse, um vislumbre do desconforto de ser um homem em um mundo de homens e o que isso fazia com as mulheres, assim como com os homens, e senti algo que não esperava sentir. Genuína solidariedade.

Entretanto, até então eu era apenas um visitante, orbitando na periferia e guardando uma distância segura, o que não podia me contar muita coisa. Depois de visitar o Lizard Lounge com Phil, soube que não ia me colocar de novo na tortura de passar mais tempo nesses lugares com alguém que eu não conhecesse. Além disso, a vida familiar de Phil dificultava suas saídas. Por isso, certa noite de segunda-feira, depois do boliche, perguntei a Jim, meu companheiro de equipe, se ele queria ir ao antro local e tomar uma cerveja comigo. Nós já nos conhecíamos bastante bem. Além disso, ele havia comentado que queria ir a um clube de *striptease* nas suas férias de esqui, e por isso eu sabia que ele gostava disso, além de ter uma necessidade enorme de se distrair.

Sua esposa havia recebido seu segundo diagnóstico de câncer algumas semanas antes e estava claro, pelo pouco que ele falou a respeito, que não havia muita esperança no horizonte. Estava igualmente claro que ele não tinha ninguém para conversar sobre o assunto, e a raiva e a dor que estavam fervilhando dentro dele estavam atingindo um ponto crítico. Estava tendo problemas para dormir e por isso, quando ela ia para a cama, com freqüência às nove horas, em vez de assistir a reprises na TV a cabo e fumar maconha até de madrugada, ele ia até o bar para tentar encontrar algum conforto nessa companhia alienante. Eu o convenci a ir ao clube de *striptease* comigo sempre que ele pudesse e isso, durante algum tempo, tornou-se uma coisa regular para nós. Íamos até lá e jogávamos bilhar durante algumas horas, ele se livrava de parte do que o estava consumindo e nós mergulhávamos no miasma daquele lugar como se fosse uma terapia, deixando que ele nos corrompesse, até que conversar com mulheres nuas e nos enfiar naqueles cubículos para ter nossas partes esfregadas pareceu se tornar algo quase normal.

O local não tinha janelas, era mal iluminado e sufocante pelo excesso de fumaça de cigarro. Uma vez lá dentro, não se tinha como saber se era dia ou noite. Isto era algo que todos esses lugares tinham em comum, provavelmente porque em geral abriam ao meio-dia e eram bastante freqüentados em grande parte da tarde. Imagino que eles achavam que as pessoas que faziam disso um hábito, preferiam cometer seus pecados no escuro.

O local tinha um grande bar oval, também característico, com dois pequenos palcos quadrados no centro, uma garota dançando em cada um, se esfregando no mastro e se movendo nos quadrados de luz que acendiam e apagavam debaixo delas.

Havia uma cozinha no fundo que servia batatas fritas, cachorros-quentes, hambúrgueres e *waffles*, mas não era aconselhável comer nada ali que um dia tenha estado vivo. Próximo à cozinha, havia uma grande tabuleta vermelha e branca que dizia PROIBIDO MOTOCICLISTAS. Eu já havia visto tabuletas como esta em outros lugares. Perguntei a Jim o que aquilo significava, e ele respondeu: "Você sabe, gangues."

Tolamente, eu disse: "Você quer dizer Bloods and Crips, esse tipo de coisa?"

"Não", riu ele. "Estes são brancos."

Ele queria dizer gangues de motocicleta como os Warlocks — que eram considerados muito piores que os Hell's Angels — e outros clubes como The Breed and the Pagans. Constava que eles eram presença habitual em lugares como este, embora eu nunca tenha visto muitos deles. Mas sem suas cores eu não os teria necessariamente reconhecido pelo que eram.

No entanto, lembro-me de um rapaz que eu não teria percebido mas, pensando de novo agora, era provavelmente membro

de uma gangue. Ele tinha bem mais de 1,80m de altura, era largo como uma porta e tinha essa atitude experimente-para-ver que nos faz perceber que ele poderia fazer praticamente qualquer coisa que quisesse e voltar com força letal. Jim e eu estávamos sentados no bar. Jim havia ido ao banheiro e deixou seu casaco nas costas do seu banco. Havia vários bancos vazios do lado de cada um de nós, mas o sujeito queria o banco de Jim. Ele veio, pegou o casaco de Jim e o jogou no chão. Quando fez isso, eu estupidamente abri minha boca para protestar que havia alguém sentado ali. Ele parou no meio da ação e me lançou um daqueles olhares zombeteiros, com a sobrancelha levantada, que diz "Você estava dizendo ...?", mas cuja intenção real é "Você quer morrer?"

Eu nunca havia estado na extremidade receptora de uma dessas declarações masculinas gratuitas, mas é o tipo de coisa que você não interpreta mal, exceto, talvez, se estiver muito bêbado. Percebi meu erro instintivamente e mudei de atitude.

"Não se preocupe, cara", disse eu, levantando a mão num gesto defensivo. "Eu nem cogitaria isso."

Ele acenou com a cabeça e se sentou no banco. Três rapazes que estavam sentados mais distantes no bar começaram a rir, como eu. No entanto, acho que nem todos reagiriam da maneira que eu reagi. Certamente nenhum motociclista rival teria a mesma atitude que eu. Daí, suponho eu, a necessidade da tabuleta na extremidade do bar.

Também na extremidade do bar havia uma grande TV colocada no alto da parede. Duas outras estavam colocadas do mesmo modo em outros pontos do salão. Isto também era típico da maioria desses lugares. Os aparelhos estavam sempre ligados em um evento esportivo, em geral basquete, futebol americano ou hóquei.

Bem na lateral havia duas mesas de bilhar e a sala apertada dos divãs, que era tão pequena e discreta que eu supus que fosse um armário de material de limpeza até a primeira vez que joguei bilhar e vi uma das dançarinas sair de lá com um cliente. Mesmo então eu ainda era ingênua o bastante para achar que nem mesmo uma única dança poderia acontecer ali em qualquer espaço de tempo.

No entanto, na primeira vez que entrei lá descobri que não era assim. Podia caber até três ou quatro casais no espaço do tamanho de um banheiro.

Tornei-me uma cliente habitual do lugar, indo lá tantas noites quanto pude no decorrer de várias semanas, às vezes com Jim, às vezes sozinha. Conheci Gina na primeira noite que fui lá com Jim. Já havia ido lá algumas vezes sozinha, mas não fiquei muito tempo. No início eu já achava difícil conseguir ir a esses lugares, quanto mais regularmente. Eles me deprimiam tanto que eu levava dias para me recuperar de uma única ida.

Jim se apaixonou por Gina de cara, porque ela tinha seios amplos — ele gostava de tetas grandes — e porque, quando dançava, ela colocava seu mamilo na boca e o mordia, empurrando-o para frente e para trás com seus dentes durante uns bons quinze segundos e esticando sua pele como se fosse massa de pizza. Jim adorava isso.

"Uau", era tudo o que eu conseguia pensar.

Gina era uma mulher miúda, de cerca de 1,50m, e afora seus seios enormes ela tinha a compleição de uma ginasta de dezesseis anos de idade. Sua bunda era arrebitada e rija, sem um pingo de celulite, e os únicos sinais da vida que ela tinha ali eram as marcas de estrias em sua barriga que, por outro lado, era firme e juvenil quanto o resto dela. Disse ter 34, o que podia ser mentira, mas ela podia passar por isso no escuro.

Disse que tinha três filhos, dois adolescentes e um de três anos de idade. Dançava desde os dezoito anos, a idade em que ela teve seu primeiro filho. Supus que essa tivesse sido a razão para iniciar essa vida, mas ela dizia que não precisava de dinheiro. Havia sido criada com seus avós em um subúrbio abastado, e embora eles próprios não fossem ricos, tinham o suficiente para lhe dar o que ela precisasse. Afirmava que mesmo agora não fazia isso pelo dinheiro, mas se isso fosse verdade, e não apenas uma história que ela nos contou, então sua vida era muito mais triste do que eu pensava.

Quando lhe perguntei por que ela dançava ali se, na verdade, não precisava do dinheiro, ela disse simplesmente: "Adoro

os homens." Mesmo que isso fosse verdade quando ela começou, o que é duvidoso, com certeza não teria continuado pensando assim trabalhando neste ou em outros lugares desse tipo. Era um pouco como dizer que você se tornou um médico-legista porque gosta de gente.

Quanto mais conversávamos, mais eu ficava impressionada, não pelo seu pretenso amor pelos homens, mas por seu aparente desafeto pelas mulheres. Ela falava sobre as partes femininas como se fossem lixo. Dizia que as achava repelentes e, longe de achar os homens a quem ela proporcionava prazer nojentos, ela ficava imaginando por que eles não a achavam nojenta. Ela não conseguia entender por que alguém iria querer se aproximar de uma xoxota. Ela falou sobre isso durante algum tempo — tempo demais — contorcendo o rosto, enquanto dizia: "Xoxota imunda e molhada, argh!" Não me surpreendia que ela tivesse tanta autoaversão — todos nesses lugares tinham —, mas a veemência de sua aversão expressada pela anatomia feminina e pelo seu permanente amor pelos homens como uma, assim chamada, espécie, dava-me a impressão de que ela estava se esforçando muito para esconder algo traumático do passado ou para repelir seus verdadeiros sentimentos sobre o presente, mas então achei que isso combinava com esse território.

Ela não ia deixar que eu ou qualquer outro cliente soubéssemos o que ela estava realmente pensando. Fugir da verdade era parte do negócio, integrante a todo o show que estávamos representando uma para a outra. Ninguém vinha aqui buscando a realidade. Obviamente, todo mundo vinha aqui para escapar dela. E talvez para esses homens, e para muitos homens, isso parecesse a ilha da fantasia. Mas na verdade era exatamente o oposto. Era tão real e feio quanto conseguia ser, desde as estrias aos infelizes sofás. Era quase bem mais feio do que o mais feio da vida fora dali. Entrar em um desses lugares não era uma fuga. Era como entrar no pedregoso subconsciente, exatamente o primeiro lugar que a maioria das pessoas estava tentando evitar.

"Eu sou quente e úmida", dizia Gina.

Ela dizia muito isso, sempre que a conversa acalmava.

"Eu sou tão facilmente excitável", acrescentava ela, lembrando-nos que o alívio para a sua condição estava apenas a um sofá de distância.

Então ela passava para algo neutro como a partida de bilhar que Jim e eu estávamos jogando, como se esse fosse o fluxo normal da conversa.

"Se eu fosse você, jogava a bola cinco na caçapa lateral. Se você puser um pequeno efeito nela, isso vai lhe dar uma bela saída para a bola sete no canto."

Ela dizia ser uma perita nisso, e eu não duvidava. Ficava alguns minutos conosco na mesa, sugerindo jogadas e nos observando errar a maioria delas.

Era uma boa vendedora, a única *stripper* que eu conheci que realmente conseguia jogar o jogo com alguma convicção. Ao contrário das outras garotas, que pouco faziam para ocultar seu desafeto por nós e por todo o trabalho, Gina era ótima em fingir que gostava de nós. Como o político consumado, lembrava-se nosso nome de uma noite para a outra e até acenava e gritava do palco um encorajamento para nós, quando íamos tacar a bola oito. Ela se aproximava entre as danças e colocava o braço à nossa volta, conversava fazendo-nos esquecer, por alguns minutos, que isto era apenas uma transação.

Certa noite, subiu no meu colo, prendeu suas pernas em volta da minha cintura e seus braços em torno do meu pescoço, quando eu sentei num banquinho ao lado da mesa de bilhar.

"Como vai você, Ned?" disse ela, sorrindo.

Normalmente eu temia essas interações com outras *strippers*. Elas nos chamavam no bar com suas tetas nas mãos, às vezes com um sorriso meio zombeteiro no rosto, e nos perguntavam como estávamos, em geral da maneira mais hostil e obviamente não interessada. Tínhamos que fingir junto com elas, cedendo àquele sorriso rígido e conversando um pouco antes de colocar um dólar entre seus seios. Às vezes algumas *strippers* se agarravam a mim, segurando minha mão contra seus seios por um bom tempo

enquanto falavam sobre qualquer coisa que lhes vinha à mente. Em geral, o que vinha à mente era como haviam tido um dia longo e cansativo. Provavelmente faziam isso esperando outro depósito de alguém que parecesse um chupador, mas às vezes eu ponderava se conseguia perceber um pequeno desespero nisso e um fraco tom de verdade quando elas dizia: "Posso levar você para casa comigo?" ou quando afagavam o meu cabelo e diziam: "Você é tão doce. Tem um rosto de bebê. Quantos anos você tem?"

Eu não me importava com o que elas diziam. Tudo me fazia sentir mal. Não gostava de ser cliente delas. Não gostava da maneira que elas desgostavam de mim por causa disso. Mais que tudo, não gostava do quanto eu me identificava com esse desafeto, e o quanto isso me fazia querer lhes assegurar, e a mim mesma, que eu não era como os outros clientes. Mas às vezes, quando já estava representando o meu papel durante muito tempo, era difícil até para mim acreditar nisso. Afinal, eu estava lá mais freqüentemente do que a maioria deles, e o fato de estar ali, fosse por que razão fosse, fazia com que eu me sentisse como se estivesse mentindo a mim mesma sobre não pertencer àquele lugar.

Mas quando Gina subia no meu colo, ela não oferecia ou expunha as partes do seu corpo em troca de gorjetas. Apenas se sentava ali e conversava comigo como se conhecesse toda a minha vida. Não havia muito a dizer, apenas coisas agradáveis, mas isso não parecia forçado. Era desconcertante, e por mais distante que eu estivesse do interesse real, entrava um pouco na fantasia emocional, principalmente para sua satisfação. Nessas ocasiões, alguém condescendia que apenas conversássemos por um minuto como duas pessoas que desfrutavam da companhia uma da outra.

Tudo isto destinava-se a, finalmente, levar você para a sala de trás. Ela não era tola. Sabia que se simplesmente agisse com o cliente como uma mercenária, como fazia a maioria das outras garotas, só conseguiria alguns dólares do encontro, mas caso se portasse com ele como uma estudante apaixonada, provavelmente conseguiria pelo menos vinte, talvez mais, em uma ou duas danças de colo, antes que a noite acabasse. E isso era o que, em geral,s

acontecia. Eu a observava trabalhar e a via desaparecer na sala dos sofás bem mais freqüentemente do que as outras garotas, algumas das quais eram muito mais moças do que ela.

A primeira vez que a observei entrar lá, ela entrou com um homem que parecia o Papa Hemingway, exceto pelo fato de estar vestido como executivo, com camisa branca social, calças azul-marinho e sapatos de couro decorados. Gina gostava de usar o sofá que ficava mais próximo. Ele ficava perpendicular à porta e se projetava um pouco pelo batente da porta. Como a cortina preta só descia até três quartos da altura, era possível ver ou supor grande parte do que estava acontecendo atrás dela. Eu conseguia ver as pernas de Gina. Ela estava ajoelhada entre os sapatos de Papa Hemingway, seus minúsculos pés descalços torcidos sob ela no chão. Enquanto ela fazia o seu trabalho, seus pés torciam e destorciam ritmicamente junto com o pé direito de Papa Hemingway, que batia suavemente no chão, como em uma batida lenta. Ela chutou seus sapatos na direção da porta. Um deles caiu virado de lado. Próximo deles estava uma pilha de dinheiro, ganhos de Gina. O quadro de tudo isso, o canto do sofá, os sapatos habilmente chutados, o dinheiro no chão, Gina ajoelhada e os sapatos de Papa a cada lado dela, teriam composto a propaganda perfeita para esse lugar, em toda a sua glória sórdida, ou algo que você teria visto como uma piada na *Playboy*, com uma legenda em cima dizendo: "Logo eu estarei em casa, querida."

Um grande motociclista vestido de couro e zuarte com uma barba estilo Charles Manson e muitos *piercings* no rosto ficava sentado fora da sala dos sofás, pegando o dinheiro quando as garotas entravam e saíam, e olhando periodicamente atrás da cortina preta para se certificar de que tudo estava bem.

Eu achava que ele fazia isso para se excitar, também, mas pela expressão entediada do seu rosto tive a sensação de que, quando uma pessoa passa algum tempo em um destes lugares, a visão de tetas, bundas e do coito simulado não a afeta muito mais. Era como pornografia e violência nos filmes. Vendo todos os dias, a gente se torna tão habituado a tudo o que estes locais vendem — nudez,

cerveja e orgasmo barato — que tem de estar sempre aumentando o valor da aposta para sentir qualquer coisa.

A fantasia é um véu necessário, e quando você o tira, acontece o oposto do que você acha que vai acontecer. A gratificação mata o desejo. E a gratificação constante o mata permanentemente, até que mesmo mulheres nuas e desejosas parecem feitas de papelão.

Em algum ponto, tudo isso deixa de ter a ver com desejo, se é que foi realmente desejo no início, e se transforma em outra coisa: solidão, sofrimento interno, pagar o preço ou penitência por alguma mágoa de muito tempo atrás que jamais foi curada, mas de algum modo encontrou uma união sociável e infeliz aqui, com todos os outros desajustes e detritos. Não creio que ninguém nesse lugar fosse realmente capaz de conseguir uma excitação normal. Eles estavam mortos por dentro e era possível enxergar isso. Estavam sofrendo e adaptados a isso, buscando isso, talvez até gozando nisso, porque quando o prazer se esgota o sofrimento é tudo o que resta. É a única coisa que dura muito tempo.

Este lugar não era apenas onde os homens vinham para ser bestas. Era também onde as mulheres viam para exercer algum vestígio de poder sexual da maneira mais bruta possível. Minha xoxota em troca de seus dólares. Eu digo quando, digo como, digo quanto e sou paga por isso. Havia uma tremenda manipulação incorporada às regras sob as quais estes locais operavam. A provisão contra tocar as garotas podia ser alterada ou suspensa à vontade por cada garota, e imposta por homens contratados para este propósito, homens como o motociclista cheio de *piercings* que ficava na porta da sala dos sofás. Este era um dinâmico cafetão mais velho, mas mais participava do que realmente agia, e sempre em um ambiente controlado. Era uma paródia grotesca do que as mulheres e os homens faziam na vida real, a dança de acasalamento despojada de toda pretensa civilidade.

Era uma cena desagradável. Havia muita raiva nessas salas, e a animosidade estava sempre fervendo sob a superfície. Com exceção dos tipos "rapazes de fraternidades" que vinham em bandos, e

apenas para os lugares mais sofisticados, a maioria dos homens no local vinha sozinho e se sentava sozinho para tomar uma cerveja ou um uísque. Tudo neles dizia: "Não me aborreça." Eles simplesmente ficavam andando por ali, assistindo ao que acontecia no palco, soltando vibrações ruins como radiação lenta. Mesmo as garotas com freqüência não conseguiam arrancar um sorriso desses tipos carrancudos, o que explicava por que tantas delas há muito haviam desistido de tentar, e agora se aproximavam como caixeiras descontentes de lojas de conveniência que abrem a noite toda. Isso mostra que ninguém tinha muito entusiasmo pelo processo: dinheiro entra, dinheiro sai; cerveja entra, urina sai; deixe-me em paz. Como eu disse, não era a ilha da fantasia.

A única vez em que Jim e eu entabulamos um conversa com outro cliente no local, o sujeito começou a se queixar direto de que os clubes de *striptease* eram apenas um alívio caro. Ele apontou para a pilha de notas de um dólar que estava diante dele no bar, dizendo-nos como ele havia minguado de notas de vinte para alguns míseros dólares em apenas meia hora. Jim solidarizou-se com escárnio, apontando para a nossa própria pilha diminuída e sugerindo que talvez arranjar uma noiva por correspondência fosse uma idéia melhor.

"Na verdade, não", disse o rapaz. "Outro dia eu li no jornal sobre um rapaz que arranjou uma dessas para ele e um dia ele voltou do trabalho para casa e a encontrou transando com o vizinho, e então ele a atirou no meio da rua na mesma hora e quebrou sua cabeça."

A maneira como ele contou isso soava como se a moral da história fosse que as prostitutas que moram com você causam mais problemas do que elas valem. Não era exatamente uma surpresa ou uma opinião da minoria naquela assistência, mas chocante o bastante para desencorajar uma propensão para o bate-papo na internet.

Depois de algumas semanas indo ao local regularmente, cheguei ao ponto em que simplesmente não conseguia mais me obrigar a ir. Era demais — todo o sofrimento acumulado dos clientes

desprezíveis que havia tornado nenhum outro lugar tolerável para ir, e as dançarinas injuriadas que dificilmente conseguiam conter seu desespero, e os *barmans* mau humorados que ganhavam péssimas gorjetas. Tudo isso caía sobre você e se empilhava em torno de você com o cheiro de cinzas e bebida do lugar, até você não querer mais fazer isso consigo mesmo.

Próximo ao fim do nosso tempo juntos, embora estivéssemos tomando um drinque em um bar que ele gostava de freqüentar, Jim confessou-me que estava começando a se sentir da mesma maneira.

"É", disse ele. "Vou parar por um tempo de ir a esses lugares. Eles me provocam sonhos ruins."

Ele havia me contado, algumas semanas antes, sobre um sonho particularmente vivo e perturbador que ele havia tido sobre voltar à sala dos sofás com Gina apenas para descobrir que não havia nenhum sofá ali. Em vez disso, havia apenas boxes de banheiro sem portas e mictórios imundos dentro deles. Sonhou que ela o estava chupando num dos boxes. Disse que acordou se sentindo realmente enojado e desgostoso.

Tudo o que eu consegui pensar foi "que apropriado". Ao contrário da maioria daqueles cretinos, ele conhecia este lugar pelo que ele era, e era por isso, por todos os seus defeitos, que eu gostava dele.

Estive dentro de uma parte do mundo masculino que a maioria das mulheres e muitos homens jamais viram, e o vi apenas como mais um dos rapazes. Nesses lugares, a sexualidade masculina parecia algo que se suponha que você não sentisse, mas sentia, como algo pesado que você estava carregando e não tinha lugar algum para descarregar, exceto no colo de alguma estranha deteriorada, e apenas por cinco minutos. Cinco minutos de abuso mútuo que não faziam você se sentir nem um pouco melhor.

No entanto, uma coisa era certa. Todo mundo ficava com as mãos sujas e, politicamente falando, ninguém realmente saía dali para progredir. Não era, nem de longe, tão simples como os homens tratando as mulheres como objetos e permanecendo limpos ou fortalecidos no processo. Ninguém vencia, e quando se caía nisso, ninguém era mais ou menos vitimizado do que o outro. As garotas recebiam dinheiro. Os homens recebiam uma aproximação do sexo e do flerte. Mas, no fim, todos eram igualmente rebaixados pela experiência. Cada um deles, não importa qual fosse a sua situação individual, havia feito a escolha de estar ali, e era provável que a escolha tenha sido feita no contexto de uma vida digna de um naufrágio emocional que havia sido provocado em suas vidas por pessoas de ambos os sexos muito antes de eles transporem aquela porta.

Agora, quando penso sobre as minhas experiências nesses lugares e na profunda piedade que eles despertavam em mim, lembro-me de algo que Phil disse na primeira vez noite em que fomos juntos ao Lizard Lounge. Foi algo que me chocou muito mais do que a veemência repentina da sua conversa de homem sobre para quê serviam as mulheres, e era algo que eu agora percebo que poderia ter se aplicado tanto aos homens quanto às mulheres desses lugares.

"Eu vou a alguns destes bares", disse ele, "e este é o homem de família que existe dentro de mim, e digo a mim mesmo que estas meninas eram as filhas de alguém. Alguém as colocou para dormir. Alguém as beijou e as abraçou e lhes deu amor, e agora elas estão neste buraco."

"Ou talvez alguém não tenha feito nada disso", disse eu.

"É", concordou ele. "Eu tenho pensado sobre isso também."

4 | Amor

Eu achava que ter encontros iria ser a parte divertida, a parte mais fácil. Certamente, como homem, eu tinha um acesso romântico a muito mais mulheres do que jamais tive como lésbica, o que parecia a melhor de todas as possíveis bênçãos. Eu podia partilhar, finalmente, da suposição da heterossexualidade e convidar para sair qualquer mulher que eu gostasse, sem insultá-la. É claro que podia receber muitas negativas, e a auto-aversão que vinha junto, ao bancar a triste figura do rejeitado, o xavequeiro importuno de quem toda mulher está sempre fugindo.

Infelizmente, foi o que aconteceu com Ned a maior parte do tempo quando ele começou a tentar abordar mulheres estranhas em bares de solteiros. Como eu iria logo aprender, é o que acontece com a maioria dos homens. É apenas a maneira como as coisas acontecem quando você é homem. Você era o atleta ansioso, o pássaro brilhantemente colorido em plena dança do acasalamento, e ela era o juiz alemão concedendo-lhe um aceno de cabeça muito a contragosto.

Para ser um homem, eu tinha que descobrir o segredo. Tinha que jogar o jogo como ele era jogado, não importa o quão ruim ele parecesse. Mas imaginei que não poderia fazer mal pedir o apoio de um compatriota, e então pedi a um amigo, Curtis, que

me ajudasse. Ele era perfeito para essa função. Era bonito, bem constituído, do tipo gregário, seguro e sensível o bastante para não se levar muito a sério ou se importar muito com o que uma estranha pudesse pensar dele. Concordou em me ajudar a navegar por esse cenário e me treinar nos sinais masculinos, que ainda precisavam ser melhor sintonizados. Nunca tive muita certeza, por exemplo, exatamente o quanto abaixar o meu boné de beisebol sobre os olhos. Ainda usava muito as mãos para falar, e às vezes ainda aplicava meu hidratante de lábios com um trejeito feminino. Ainda na véspera, quando fazia compras em uma loja de departamentos como Ned, esfreguei uma na outra as partes internas de meus punhos após aplicar colônia em uma seção de fragrâncias masculinas. A mulher que estava atrás do balcão me olhou com estranheza e depois desviou o olhar como se tivesse visto algo indecente.

Eu precisava de outro par de olhos para me corrigir em coisas como esta, coisas que eu fazia sem pensar. Curtis disse que me cutucaria quando eu saísse da linha.

Ele passou a primeira noite em que saímos juntos me chutando por baixo da mesa.

Fomos a vários lugares naquela noite, todos eles bares da vizinhança que reuniam jovens profissionais que estavam à caça ou apenas saíram para beber com amigos.

No primeiro local, um bar esportivo para pessoas abastadas, eu estava pronta para me lançar com desembaraço, embora Curtis tenha feito tudo para me dissuadir. Ele tinha mais experiência, tendo sempre vivido na pele de um homem. Deu com a cara na parede várias vezes por ser ousado demais ao se aproximar de uma garota. Não recomendava essa prática.

Mas eu estava afobada, ansiosa para testar meus novos passos. Por isso, assim que sentamos, percebi duas mulheres de uns vinte e poucos anos sentadas em uma mesa do outro lado do salão. Lancei-lhes alguns olhares prolongados para checar seu interesse. Captei o olhar de uma delas e o sustentei por um segundo, sorrindo. Ela me devolveu o sorriso e desviou o olhar. Foi um sinal suficiente

para mim, e então me levantei, fui até sua mesa e perguntei-lhes se queriam se juntar a nós para um drinque.

"Não, obrigada", disse uma delas, "já estamos indo embora."

Bastante simples, certo? Um fora. Não tão grande. Mas quando me virei e atravessei o salão na direção da nossa mesa, me senti como o garoto rejeitado no refeitório, que escorrega e deixa cair sua bandeja no linóleo na frente da escola toda. A rejeição faz muito mal.

"A rejeição é importante para os homens", disse Curtis, rindo, quando caí na minha cadeira com um suspiro humilhado. "Acostume-se com ela."

Essa foi minha primeira lição no ritual da corte masculina. Você tinha que receber o golpe e tentar novamente. Era isso ou esperar por algum ato piedoso de Deus que jamais aconteceria. Não era uma ilha mágica em um comercial de cerveja onde todas as moças iriam me cercar se eu tomasse a marca certa.

"Tente de novo, cara", me animou Curtis. "Vamos, não desista tão facilmente."

Próximo à nossa mesa estava um grupo de três mulheres no bar, evidentemente amigas, conversando entre si. Ele apontou na direção delas.

"Ali. Perfeito. Vá até lá."

"Está bem, está bem", disse eu. "Meu Deus, isso realmente faz mal."

"Pois é. Bem-vindo ao meu mundo."

Blasfemei baixinho enquanto me levantava para ir. Curtis cruzou seus braços e se inclinou para trás na sua cadeira, com um sorriso malicioso nos lábios.

Quando cheguei ao bar pude perceber que essas mulheres estavam absorvidas em sua conversa. Eu teria de interrompê-las, e a mulher que eu era sabia que a minha abordagem, não importa o quão despretensiosa, seria percebida como um tanto patética e detestável. O sujeito de ombros pequenos se aproxima das garotas bonitas com uma frase decorada e um enorme rombo de insegurança óbvia se formando no meio do seu peito. Parei, ao pensar nisso. Não queria ser esse sujeito, o sujeito incômodo que as mulheres sempre temem. Estava constrangida por mim mesma. Mas agora, como recuar com dignidade? Eu já estava chegando desajeitadamente atrás delas, fingindo, de mau jeito, estar chamando o *barman*.

Quando me inclinei na direção do bar com uma nota na mão, as mulheres voltaram-se para me olhar, da maneira que a gente faz quando algo imperceptível entra na sua visão periférica. Seus olhos me captaram como uma tabuleta na estrada, percorrendo-me de cima abaixo, depois voltando ao seu ponto de interesse em outro lugar.

Fui sumariamente colocada no meu lugar, paralisada ali sem nenhum recurso.

Pensei no que poderia dizer que não soasse inventado, vulgar ou presunçoso. Decidi que era melhor ser honesta. Sempre respeitei isso nos homens que se aproximavam de mim. Certa vez, dei meu telefone para um jovem executivo na rua, em Nova York, simplesmente como uma recompensa por ele ter tido o culhão de se expor e pedir meu telefone. Não tinha a intenção de sair com ele, o que, pensando retrospectivamente, eu percebia que não era justo. Quando ele telefonou, tive que lhe dizer que eu era lésbica, em que, como a maioria dos homens interessados, ele se recusou a acreditar que fosse uma situação real, sustentável.

"Então por que você me deu seu telefone?", perguntou ele, finalmente.

"Porque fiquei orgulhosa de você", disse eu.

Agora, no bar, era a minha vez de me tornar orgulhosa de mim, ou pelo menos enfrentar a derrota esmagadora. Decidi, no entanto, que Curtis ia ter de passar por isso comigo dessa vez e, assim, voltei para a nossa mesa e o arranquei dali.

"Você vem comigo", disse eu, arrastando-o até o bar.

Ele tinha um ar satisfeito no rosto. Estava se divertindo às minhas coisas. Sabia que estava me ensinando uma lição e estava desfrutando de cada segundo dela.

Quando chegamos ao bar, as mulheres estavam tão absorvidas, como sempre, umas com as outras, muito próximas entre si, tentando se fazer ouvir acima da música. Entramos na sua órbita abruptamente, eu ainda meio que arrastando Curtis pelo braço. Tentei aproveitar a brecha.

"Olá, senhoritas. [Senhoritas? Jesus!] Desculpe interromper, mas gostaria de conhecê-las. Não pretendo ser um pé no saco [Meu Deus, já estava eu me humilhando], mas meu nome é Ned e este é meu amigo Curtis."

Curtis e eu havíamos brincado, comentando que ele seria meu protetor em momentos como este, meu salvador na conversa. Como rapazes típicos, achávamos o humor de *Top Gun* desproporcionalmente engraçado neste contexto. Faria com que nos sentíssemos melhor com relação àquela situação humilhante em que sabíamos estar nos metendo.

No início, as três mulheres olharam para nós por cima, como se fôssemos produtos inferiores no supermercado. Depois sorriram fracamente. Elas eram educadas. Sabiam muito bem disfarçar rapidamente, com o tipo de polidez anêmica que todos nós usamos com as pessoas incômodas nas festas. Nós estávamos ali, mas eu podia perceber que a paciência delas estava se esgotando.

Eu me concentrei na mulher que estava à esquerda, que disse ter estudado em Princeton e estar trabalhando em um programa de relações internacionais. Decidi revelar o personagem do escritor, que havia adotado como cobertura com meus companheiros de boliche, e passar a falar sobre meu trabalho recente como colunista político. Achei que isso criaria um campo comum, o que em parte aconteceu, mas apenas de um modo condescendente: "Ah, você escreve sobre política. Hum-hum."

Ela não ia morder a isca.

Enquanto eu falava, tentando lidar com suas respostas curtas, me vi, como havia feito na minha primeira ida até o bar, mudando de novo para seu ponto de vista. Vendo como ela parecia protegida, lembrei-me como eu havia, com freqüência, me protegido em encontros com homens estranhos. Sempre fiz a mesma suposição,

uma que meu irmão Ted havia inculcado em mim quando eu era adolescente: todos os rapazes que avançam sobre uma mulher só querem uma coisa — conseguir entrar dentro da sua calcinha.

Lembro-me dele dizendo: "Não importa o que eles digam. Eles não dizem nada. Simplesmente, lembre-se. Eles só querem uma coisa. *É assim que os homens são.*"

Eu encarei essa avaliação como verdade, uma avaliação que era, tenho de admitir, principalmente nascida da minha experiência na faculdade, onde descobri que a maioria dos rapazes que se davam ao trabalho de falar comigo nas festas, na verdade só queria uma coisa. Para o resto deles, eu era invisível. Acho que eles pensavam: "Por que se dar ao trabalho se você não queria transar com ela?"

O que quer que um homem embutisse nesta intenção, e em geral não era algo muito criativo, eu sempre sabia, ou achava que sabia, o que ele realmente queria. Percebi que havia tratado a maioria dos homens com a mesma frieza que essas mulheres estavam demonstrando comigo.

E, para mim, aí estava o paradoxo. Mesmo se (e este é um enorme "se") pudesse ser argumentado que a maioria dos rapazes que conversa com moças estranhas nos bares ou na rua só querem uma coisa, também era verdade que eu não era a maioria dos rapazes. Eu era uma mulher, sensível como uma mulher. Além disso, não queria dormir com elas. Elas eram apenas outro caso a ser testado.

Entretanto, não era uma boa sensação estar na extremidade receptora da sua desconfiança. Afinal, havia muitos rapazes no mundo, aqueles do tipo casadouro, suponho eu, que na verdade só querem conseguir encontrar uma garota, mas não têm outra maneira de fazê-lo exceto iniciar uma conversa de uma maneira casual. Então devem arcar com a responsabilidade pelo mau comportamento da maioria do seu sexo? E será que a maioria realmente se comportava tão mal?

Ali estava eu, totalmente presa no meio da mais antiga trama do mundo: ele disse/ela disse. Cabia à mulher ficar na defensiva, porque a experiência passada a havia ensinado a fazer isso. Cabia

ao homem ficar na ofensiva, porque ele não tinha escolha. Era fazer isso ou nunca conhecer ninguém.

É espantoso que os homens e as mulheres acabem se encontrando. Seus sinais, necessariamente, são opostos, seus comportamentos são, desde o início, contraditórios. Eu estava começando a me sentir mais feliz que nunca por ser lésbica. Como mulher, era muito mais fácil conhecer mulheres, porque mesmo em um encontro romântico havia sempre o vínculo comum do mundo feminino, a linguagem comum das mulheres, que freqüentemente faz até mulheres estranhas conseguirem conversar amigavelmente uma com a outra, quase desde o momento em que se conhecem.

Fiquei imaginando se a mesma coisa aconteceria aqui. Será que essas mulheres baixariam suas defesas se descobrissem que eu era uma mulher?

Após mais dez minutos de condescendência, percebi que isso não levaria a lugar nenhum, e que eu poderia aprender mais sobre Ned se as deixasse a par da situação.

Tive que repetir a frase "Eu, na verdade, sou uma mulher" quatro vezes, antes que elas captassem o que eu estava dizendo. Houve um momento de silêncio absolutamente aturdido, e depois o inevitável "De jeito nenhum", em coro.

Então, com uma rapidez surpreendente, todas começamos a conversar sem parar. Sua fachada indiferente caiu, e eu percebi que não foi apenas devido à fascinação da conversa sobre o disfarce, mas porque elas se sentiram suficientemente desarmadas, sabendo que eu era uma mulher, para me deixar participar. A inclusão era até física. Quando me aproximei como Ned elas estavam sentadas olhando para o bar. Só se deram ao trabalho de virar meio corpo para falar comigo, seus rostos sempre de perfil. Agora elas se viravam completamente para conversar comigo, com as costas voltadas para o bar.

Entendi esta reação imediatamente. Eu a havia previsto. Mas uma parte de mim ainda se ressentia de seus preconceitos. Eu ainda era a mesma pessoa que era antes, assim como qualquer homem estranho é uma pessoa sob seu paletó ou seu boné de beisebol.

Como mulher, eu era aceita. Como homem, havia sido rejeitada mais uma vez. Eu entendia intimamente as razões sociais para isto, mas, seja como for, parecia injusto.

Quando Curtis e eu dissemos "boa noite" e fomos embora, eu me vi pensando sobre a rejeição e como ela fez com que eu me sentisse pequena, e como a maioria dos homens deve se sentir pequena sob o peso do que as mulheres esperam deles. Eu era um ator desempenhando um papel, mas, ainda assim, essas mulheres me abalaram. Nenhuma dessas interações importava. Eu não tinha nada real em jogo. No entanto, me sentia mal.

Então, como os homens devem se sentir quando é um encontro de verdade e tudo no jogo parece colocado contra eles? Eles fazem o movimento, ou as mulheres blefam — sem dar sinais sobre o jogo que têm — levando-os a fazerem o movimento. Os rapazes se apressam (estupidamente, parece-me agora) a entrar no espaço entre elas, dizendo algo irreversível e franco — um cumprimento ou uma indicação direta de interesse — e, na maior parte das vezes, as mulheres se afastam, ou riem desdenhosamente, e eles são deixados a ver navios. Esse é o jogo, e os homens são os trouxas. As mulheres guardam o portão e os homens os explodem. A seleção natural é brutal, e as mulheres, nas palavras imortais de Jim Morrison, parecem realmente perversas quando eles não são desejados.

"Como você lida com toda essa rejeição?", perguntei a Curtis quando sentamos para uma avaliação final.

"Deixe-me contar-lhe uma história", disse ele. "Quando eu estava na faculdade, havia um rapaz, Dean, que transava o tempo todo. Esse cara tinha mulheres diferentes que entravam e saíam do seu quarto todo fim-de-semana e na maior parte das noites durante a semana, e não era particularmente bonito. Era gordo e meio relaxado. Um cara legal, mas nada especial. Eu não conseguia imaginar como ele fazia, e então uma vez simplesmente lhe perguntei: 'Como você consegue tantas garotas pra transar com você?' Ele era um sujeito de poucas palavras, do tipo honesto, se você entende o

que eu quero dizer. Então tudo o que ele disse foi: 'Eu sou rejeitado 90 % das vezes. Mas tem os outros 10 %.'"

Isso fez nós dois cairmos na risada e bater na mesa.

"Ser um homem é isso", concluiu Curtis. "A rejeição faz parte do jogo. É esperada."

Os encontros não foram apenas uma das experiências mais difíceis de Ned; foram também as mais repletas de enganos. Eu estava enganando as pessoas em vários níveis, e a parte responsável de mim não se sentia particularmente bem com isso. Mas também sentia a alegria de estar tendo um bom desempenho na vida real, o que significava que eu estava mentindo e me divertindo com a mentira às custas de outra pessoa. Estava profundamente envolvida, de uma maneira que podia magoar a mim mesma e a outras pessoas.

Mas até que ponto algum de nós ia ficar magoado? Eu perguntava a mim mesma o que são um ou dois encontros no grande esquema das coisas. Decidi que me revelaria a qualquer uma com quem tivesse mais que um ou dois encontros passageiros, malsucedidos — o que aconteceu com três mulheres. Com o restante, eu seria apenas falsa, mas breve.

Para a maioria das mulheres com quem tive encontros, mesmo um ou dois encontros significavam muito, especialmente as mulheres com seus trinta e tantos anos, que vinham perambulando sozinhas, tentando encontrar um companheiro entre os encontros circunstanciais. Quase inevitavelmente, elas carregavam o peso das mágoas anteriores nas mãos de homens, o que em muitos casos as colocou injustamente contra o sexo masculino. Para elas, como para tantas de nós, a mágoa romântica correspondia à falha romântica, e como elas eram exclusivamente heterossexuais, a falha romântica era mais freqüentemente atribuída ao sexo — e não à moral — da pessoa que infligia o sofrimento.

Os bissexuais sabem que a mágoa é causada por ambos os sexos em igual medida, se não sempre pelos mesmos meios. Mas para estas mulheres — que nunca tiveram encontros amorosos com

outras mulheres, e por isso nunca foram romanticamente magoadas por elas — os homens como uma sub-espécie, não os homens específicos com as quais haviam se envolvido, eram responsabilizados pelo rompimento de um relacionamento e pelo dano físico que haviam lhes causado.

Por isso, não surpreende que nessa atmosfera, como um homem solteiro saindo com mulheres, eu freqüentemente me sentisse atacada, julgada, na defensiva. Enquanto com os homens que eu conheci e fiz amizade como Ned havia uma suposição de inocência — ou seja, você é um bom cara até prova em contrário —, com as mulheres houve, muito freqüentemente, uma suposição de culpa: você é um grosseirão como todo outro homem até prova em contrário.

"Passe no meu teste e então veremos se você é digno de mim" era a mensagem implícita que vinha do outro lado da mesa. E isso de mulheres que aparentemente tinham pouco a oferecer. "Seja leve", diziam elas, embora elas próprias fossem leves como um zepelim de chumbo. "Seja delicado", insistiam no tom mais áspero. "Não seja como os outros", sugeriam, embora já tendo virtualmente me taxado como tal.

As mulheres mais amargas que conheci estavam, em geral, com trinta e poucos anos ou mais. Haviam passado por experiências dolorosas e provavelmente tiveram mais que o necessário de encontros infernais ou de relacionamentos eventuais antes de eu aparecer. Ouvindo-as contar, o conjunto de homens elegíveis, maduros, estáveis e emocionalmente amadurecidos fora dali era pequeno e contaminado, e ter de passar por isso quando o que mais se queria na vida era se estabelecer e criar uma família, seria o bastante para diminuir o pique de qualquer um.

Repetindo, muitas das mulheres que conheci não eram fortalezas emocionais nem particularmente bem ajustadas ou estáveis. Apenas assim se consideravam. E mesmo aquelas que sabiam estar sendo lesadas pareciam se sentir no direito de esperar indiferença de um homem como se, na maneira de ser das coisas consagrada pelo tempo, um homem devesse ser forte, resolver as

coisas para sua mulher, e sustentá-la quando ela não conseguisse fazê-lo sozinha.

Ironicamente, uma das mulheres, que era a menos ajustada e a menos atraente no encontro, transformou-se em um dos meus relacionamentos mais importantes.

Cheguei no horário no Starbucks local. Conheci Sasha, como conheci a maior parte das moças com quem sai, por meio de um *web* site pessoal na internet. Trocamos fotos e vários e-mails. Depois de mais ou menos uma semana de vai-e-vem, decidimos nos encontrar para um café, um encontro rápido que supostamente permitiria que uma de nós, ou ambas, percebêssemos o que sentíamos. Ou, pelo menos, assim eu pensava.

Quando me aproximei da sua mesa, Sasha já estava olhando uma pilha de fotografias que ela, obviamente, havia pegado na drogaria do outro lado da rua. Eu esperava que ela as guardasse no minuto em que eu aparecesse, mas em vez disso começou a mostrá-las a mim. Eram as fotos do casamento de um colega seu de trabalho — observe, não eram do casamento de um amigo ou de alguém de sua família — mas do casamento de um colega de trabalho. Ela passou uma a uma de vários filmes, mostrando seus colegas de escritório em seus fraques e vestidos tomara-que-caia, todos se apertando uns contra os outros, meio bêbados, posando para a câmera.

Este, pensei eu, era um ato hostil. Todo o mundo sabe que mostrar fotografias é uma das partes mais tediosas ao se conhecer alguém, e por isso as pessoas deixam isso para mais tarde, quando você já conhece algumas das pessoas retratadas, ou gosta o suficiente da outra pessoa para suportar a tortura.

Descobri, depois, que as experiências desastrosas desta mulher, em particular, com o sexo oposto haviam lhe ensinado a acreditar que, para os homens, as mulheres eram, como ela mesma dizia, "carne com pulsação". Em retrospecto, fico imaginando se esse ritual das fotos não era um teste elaborado, talvez sua maneira distorcida de me mostrar que se eu estava ali apenas para transar com ela, tinha de cumprir minha pena em sua cela antes de chegar

a algum lugar. Talvez ela tenha descoberto que esta é uma maneira eficaz de espantar os grosseirões, mas me fez querer fugir dali.

Era apenas o começo. Quando terminamos de olhar as fotos, ela partiu para uma descrição de duas horas de seu divórcio iminente e das circunstâncias que o precipitaram, uma das quais era um caso ainda não consumado que ela ainda estava mantendo com um homem casado. Ela entrou em parafuso, uma obsessiva surpreendida em seu próprio ciclo de sofrimento. Eu sentia muito por ela, mas, afinal, sua situação não era pior do que a de muitas pessoas. Além disso, sentia-me bastante ressentida por ter sido arrastada para uma sessão de terapia em um primeiro encontro.

Próximo ao final do encontro, decidi que esta mulher ou era a pessoa com a conversa mais inconveniente, ou a mais socialmente impenetrável que eu já havia conhecido. Fosse qual fosse o caso, ela estava se aproveitando da minha boa educação.

Eu iria tirar um pouco do peso das minhas próprias costas antes que os lerdos funcionários do café — que estavam agora dando sinais não tão sutis de última chamada, batendo as portas dos armários e arrastando sacos de lixo — fossem obrigados a nos empurrar porta afora para fechar.

Eu estava me sentindo mal.

"Você vive o tempo todo dentro da sua cabeça", disse eu, finalmente, "ou tem consciência de que existem outras pessoas no mundo?"

Ela ponderou sobre isso durante um segundo, sem o menor sinal de ter se sentido ofendida, e depois respondeu: "Sim, acho que tenho um tipo de vida na minha cabeça."

"Por que você está aqui?", continuei.

Diante desta pergunta, ela me olhou e me viu, o que tive de admirar. "Porque é melhor do que ficar olhando para as paredes no meu quarto."

Isto eu conseguia entender, e tive pena dela. Eu estava ali.

"Você está desapontada com a sua vida?"

Mais uma vez ela fez uma pausa, pensou nisso, depois disse: "Não."

Eu não me lembro muito do resto da conversa. Não foi muita coisa. Fomos expulsos do Starbucks e foi basicamente isso. Mas suas respostas francas às minhas perguntas fizeram-me compreender que eu podia perguntar quase qualquer coisa a esta pessoa, e só isso já era interessante. Ela se sentia muito contente em conversar em qualquer nível, se isso a mantivesse envolvida e a impedisse de se sentir oprimida, sozinha. Pude perceber quais tinham sido suas impressões de Ned, como ele se comparava aos outros homens com quem ela havia saído, o que mais ela estava esperando de um homem, e se a terapia barata era tudo o que queria de um segundo encontro com Ned, ou se Ned havia ganho pontos por ser sensível, um bom ouvinte.

"Eu lhe disse tudo isso porque queria ser honesta com você desde o início sobre a minha situação", disse ela.

Evidentemente, ela não estava pronta para recomeçar a ter encontros. Não estava buscando um relacionamento. Estava buscando distração e um ouvido no qual despejar seus problemas. Não tinha energia emocional suficiente para ficar seriamente envolvida com Ned, o que encarei como uma zona segura entre nós, e que me possibilitava conhecê-la, como homem, sem lhe causar muita decepção romântica, se é que causaria alguma.

Eu estava especialmente interessada nela porque ela havia se envolvido com um homem casado e saiu ferida dessa experiência. Este era um clichê da mulher ferida — se havia um — e ela seguia o padrão até o último detalhe. Ela havia optado por se envolver com alguém que não estava disponível, mas o responsabilizava por se recusar a deixar sua mulher. Ele era o grosseirão, o calhorda. Ela era a parte sofredora, a esposa que esperava na retaguarda, aquela que merecia o melhor. Sua situação desagradável foi provocada por ela própria e era absolutamente previsível, mas ela a usava para corroborar sua desconfiança do sexo oposto e, como acontecia com muitas das outras mulheres com quem saí, Ned, desde o início, colocou essa carga acumulada sobre seus ombros. Ele era apenas o próximo homem que iria magoá-la.

Como poderia ser diferente? Quando uma mulher se aproxima de um homem armada até os dentes com as feridas profundas pelas quais os homens, como uma espécie, devem supostamente ser responsabilizados, o homem em questão tem pouca escolha senão revidar, e quando tudo o que ele diz e faz é avaliado em contraposição à política tendenciosa do sexo, e a única coisa que ele podia fazer era se encolher ou apodrecer sob o escrutínio. Infelizmente, essa dinâmica de alienação, embora temporariamente desagradável para mim (o homem, nesses casos), funcionava a longo prazo bem mais em detrimento dessas mulheres, que não somente eram desesperadamente infelizes, mas faziam tudo para garantir que assim permaneceriam. Sua recusa em enxergar os homens como indivíduos e, mais importante que isso, enxergar seus encontros iniciais com eles como *tábulas rasas*, de cara os condenava.

Eu enxergaria mais coisas em Sasha — mágoas, defesa, honestidade, e muito mais.

Enquanto isso, tive *muitos* encontros. Ouvi muitos clichês. Mas também vi muitas mulheres que não se pareciam em nada aos padrões. Uma mulher de meia-idade com quem Ned iniciou uma conversa em um bar resumiu um clichê em quatro palavras: "As mulheres estão enfurecidas." A razão disso? Segundo ela, uma completa e total desconexão emocional entre os sexos — as mulheres querendo e precisando desesperadamente de mais comunicação emocional e atenção, e os homens estando totalmente confusos com esta necessidade e incapazes de satisfazê-las. Parecia que ela havia lido *You Just Don't Understand*, de Deborah Tannen: "Muitos homens honestamente não sabem o que as mulheres querem, e as mulheres honestamente não sabem por que os homens acham o que elas querem tão difícil de compreender e satisfazer."

Mas o oposto também é verdade, embora discutido publicamente com menos freqüência. Muitas mulheres que eu conheci também não sabiam, não entendiam ou não pareciam se importar com o que muitos homens em sua vida queriam.

Talvez as mulheres fossem culpadas de arrogância, neste aspecto. Pensamos em nós mesmas como mestres emocionais do universo. No nosso mundo, os sentimentos reinam. Nós os possu-

ímos. Nós os entendemos. Nós os oferecemos. Os homens, pensamos, não fazem nada disso. Mas como aprendi com meus amigos da liga de boliche e de outros lugares, isso é absolutamente falso e absurdo. É claro que os homens têm toda uma série de emoções, assim como as mulheres — só que muitos deles são, com freqüência, calados e discretos, invisíveis aos olhos e ouvidos da maioria das mulheres. Tannen* estava bastante certa nesse ponto. As mulheres e os homens se comunicam de maneira diferente — muitas vezes, em planos inteiramente diferentes. Mas assim como os homens têm falhado conosco, nós temos falhado com eles. Tem sido uma de nossas grandes falhas femininas coletivas presumir que qualquer coisa que não consigamos perceber simplesmente não está ali, ou que o quer que não seja comunicado na nossa linguagem, não é fala inteligível.

O mesmo se aplica ao estereótipo sobre os homens monopolizarem as conversas. Como Sasha, muitas das mulheres com quem saí — mesmo nos encontros mais passivos — falaram a maior parte do tempo. Eu as ouvi falar, literalmente, durante horas a respeito dos detalhes mais minuciosos e mais tediosos de suas vidas pessoais; os homens pelos quais elas ainda estão apaixonadas, os homens de quem se divorciaram, os companheiros de quarto ou colegas de trabalho que detestavam, suas infâncias que relutavam em lembrar; mas, de algum modo, encontravam energia para contar *ad nauseam*. Ouvi-las era como sofrer uma lenta lobotomia frontal. Eu ficava ali sentada e atordoada com a inépcia social de pessoas às quais jamais pareceu ocorrer que ninguém, muito menos alguém com quem estavam tendo um primeiro encontro, teria qualquer interesse em

* Referência à acadêmica e escritora novaiorquina Deborah Tannen. Ela estudou a comunicação nos planos interpessoais, com atenção a diferentes espaços de interlocução. Seu livro *You Just Don't Understand: Women and Men in Conversation*, no qual analisa as diferenças de gênero na construção comunicativa, foi líder de vendas durante meses e traduzido para 24 línguas. A popularidade de Tannen transcende o plano discreto da academia, e ela se projetou por meio de numerosos espaços dos meios escritos e audiovisuais. (N.T.)

suportar este suplício. Esta era uma falha humana, não uma falha masculina ou feminina.

Quando eu não estava escutando longos lamentos, fazia perguntas a essas mulheres sobre elas próprias, a maioria delas para preencher os silêncios, porque elas raramente me faziam perguntas sobre a minha vida ou, nesse sentido, faziam muito esforço para se envolver em uma conversa genuína para compensar. Talvez a criatividade esteja perdida para ambos os sexos.

Será que as pessoas imaginavam não estar em seu melhor comportamento nos primeiros encontros? Será que não supunham pelo menos fingir um interesse na outra pessoa, pelo menos por polidez? Certamente, era o que eu estava fazendo, mantendo uma conversa polida. Tanto que jamais esperava ouvir essas pessoas de novo. Estava entediada. Essa era a pior parte de um encontro ruim. Ele nos faz sentir como uma pessoa detestável, e ficamos repetindo para nós mesmos: "Eu sei que sou mais divertido do que isto, e sei que quando vim até este café não estava desesperado em relação à condição humana."

Talvez elas estivessem apenas se expressando da melhor maneira que podiam, sabendo que jamais me veriam de novo. Mas, para minha surpresa, muitas delas tornaram a fazer contato comigo — e entusiasmadas.

Para minha mente, meus primeiros encontros foram, com freqüência, tão ruins, que os segundos encontros eram impensáveis, mesmo em nome da pesquisa, exceto em casos raros nos quais eu achava que podia aprender algo de útil formulando uma série de perguntas que, em circunstâncias normais, teriam sido consideradas rudes, mas quando dirigidas àquelas pessoas quase autistas, mostravam-se constituir o ingresso em uma conversa vagamente interessante.

Se as mulheres mais descontentes que conheci e com as quais saí como Ned tivessem tido, algum dia, uma sintonia com os sinais dos homens, quando as conheci teriam recebido algum tipo de informação. Além disso, se a maneira como discutiam seus

passados e o modo como se aproximaram de mim fosse algo fadado a funcionar, elas pareciam incapazes de enxergar qualquer novo homem como um indivíduo. Pior ainda, pareciam transformar cada novo homem, benigno ou não, na malignidade que esperavam que ele fosse. Tendiam a enxergar um lobo em todo homem que conheciam e, por isso, transformavam cada homem que conheciam em lobo — mesmo que esse homem fosse uma mulher.

Na verdade, isso não surpreende. As mulheres que eram hostis comigo me deixavam louca, e isso me fazia querer ser hostil com elas. Não consigo imaginar homens na mesma posição não reagindo da mesma maneira. E assim, o ciclo autoperpetuante de indelicadeza e descontentamento prosseguiria eternamente. Essas mulheres eram, em sua maioria, hostis, primeiro porque achavam que o mau comportamento dos homens haviam-nas tornado assim, e os homens que conheciam se comportavam mau porque hostilidade gera menosprezo.

Eu não era um bom exemplo sobre como para encontrar um relacionamento duradouro, mas consigo me lembrar de me sentir exatamente da maneira como pareciam se sentir essas mulheres quando eu era jovem e estava na faculdade, e assim que saí da faculdade. Encontrei muita munição para detestar os homens em Estudos de Mulheres, grande parte dela, como a subjugação e o abuso das mulheres historicamente (e mesmo atualmente), inegável. Além disso, encontrei muito reforço para minha misandria de garota nos estudantes grosseiros que estavam em toda parte no *campus*. Li os manuais do feminismo radical e, seguindo sua orientação, achava que todos os homens eram corrompidos pelo patriarcado. Daí em diante, durante anos todo rapaz que eu conhecia era testado.

Mas nada como alguns anos nas trincheiras do romance lésbico para dar a uma garota uma pequena perspectiva dos supostos males inatos do sexo oposto. Com o tempo, aprendi que as garotas não se comportam em nada melhor do que os homens sob a coerção relacional, e que séculos de subjugação não tornaram as mulheres moralmente superiores.

Sasha e eu mantivemos um relacionamento por e-mail depois do nosso terrível encontro. Na verdade, o e-mail é, atualmente, fundamental para se marcar encontros. Fiz contato com quase todas as mulheres com quem saí via internet e, em geral, trocamos vários e-mails antes de nos encontrarmos. Com freqüência, o processo de me comparar com as mágoas anteriores começava aí, assim como a expectativa de que eu mostrasse ser melhor do que o resto.

A correspondência era obrigatória na maioria dos casos, mesmo com as mulheres que conheci em encontros rápidos seguidos, posteriormente, por e-mails. (Encontros rápidos, para aqueles que não estão familiarizados com a prática, é um processo pelo qual pessoas solteiras podem se encontrar e ter mini-encontros com dez ou mais membros do sexo oposto no espaço de uma hora. Um grupo, em geral as mulheres, senta-se em mesas. Os homens, então, vão passando de uma mesa para a próxima, passando cinco minutos com cada mulher. Todos recebem uma folha de papel na qual marcam um sim ou um não próximo ao nome de cada pessoa que eles conhecem, indicando se têm ou não algum interesse em encontrar essa pessoa de novo. Os organizadores, então, correspondem as marcas de sim e fornecem os e-mails às partes interessadas.)

Essas mulheres queriam ser convencidas pela linguagem. Não queriam sair com um homem estranho sem avaliá-lo primeiro, e não iriam desperdiçar uma refeição, nem mesmo uma xícara de café, com alguém que não se desse ao trabalho de antes escrever algumas linhas. Fiquei contente de ser obrigada a isso. O efeito de sedução de uma carta bem escrita ou, melhor ainda, de um poema bem escolhido, sobre a mente de uma mulher estranha era com freqüência forte e às vezes hilário, mesmo para as mulheres envolvidas, que estavam bastante conscientes e prontas para rir do efeito divertido que as cartas podiam ter sobre elas. Uma garota me disse, muito depois de ter saído com Ned e conhecido o seu segredo, que uma colega, lendo um dos e-mails de Ned sobre o seu ombro, comentou: "Merda. Ele está lhe mandando poemas? É melhor você transar com este homem."

Ned impressionava, não apenas porque dava às mulheres pelo menos uma versão pálida do material de leitura que elas pareciam ansiar, mas porque o fazia de boa vontade. A maioria delas me disse que era raro um homem escrever tanto, muito menos escrever com consideração e envolvimento.

Descobri que isto é verdade em minha própria experiência como mulher. Para estabelecer um pequeno contraste, saí algumas vezes com homens, como mulher, durante o período em que me travestia de Ned. Os homens que conheci na internet e, subseqüentemente em pessoa, não requeriam este preâmbulo epistolar, nem o ofereciam. Estavam ansiosos, em geral, para me conhecer o mais rápido possível, eu descobri, porque queriam ver como eu era. Seus sentimentos ou fantasias seriam baseados muito mais nisso — ou talvez na exclusão disso — do que em qualquer coisa que eu pudesse escrever para eles. Nos encontros com homens eu me sentia fisicamente muito mais avaliada do que já fui pelas mulheres, e embora isto me tornasse mais simpática às suspeitas que as mulheres estavam trazendo para seus encontros com Ned, tinha também o efeito oposto. De algum modo, a aparente imposição dos homens de um padrão superficial de beleza parecia menos invasivo, menos desagradável, do que as avaliações de caráter das mulheres. Certamente, as mulheres notavam a aparência de Ned, ou talvez notassem de maneira mais precisa, mas era a conversa que tinham depois, a interação, que era a prova de valor intangível que estava além da natureza simiesca. Escrever bem era o pré-requisito, e foi aí que eu vi o primeiro padrão de julgamento tomando forma.

Às vezes eu ficava surpresa com a rapidez com que esse processo se iniciava na correspondência. Para descrever a minha personalidade para uma mulher, escrevi que gostava de tentar evitar o trivial remexendo o mundo à minha volta, dando um passo em falso proposital, mas inofensivo, só para ver o que acontecia, coisas como iniciar uma dança tola no meio do supermercado ou dizer uma coisa inesperada, uma coisa vaga socialmente inaceitável em um jantar, apenas para criar um embaraço na conversa. A isto, ela respondeu que seu último namorado gostava de fazer coisas desse

tipo e uma ou duas vezes terminou realmente a magoando. Disse que minha propensão a esse tipo de comportamento havia lhe causado um impacto. Esse foi o fim dessa correspondência.

Outra mulher me disse, em seu primeiro e-mail, que precisava de um homem confiante, mas achava que havia uma linha tênue entre ser seguro de si e ser arrogante. Disse que traçava essa linha com todo homem que conhecia. Esse foi um encontro às cegas que muitas vezes tive como Ned, e algo que me fez pensar até que ponto eram, na verdade, razoáveis as supostas necessidades emocionais não satisfeitas das mulheres.

Elas queriam um homem confiante. Queriam, de muitas maneiras, se submeter a ele. Eu conseguia perceber isso em muitos encontros, o desejo não expressado de serem sustentadas e conduzidas, seja na conversa ou mesmo no espaço físico, e às vezes isso fazia com que eu me sentisse muito pequena em meus trajes, como um rapaz deve se sentir quando está atingindo a maioridade e, de repente, se espera que ele carregue o mundo debaixo do braço, como se fosse uma bola de futebol. E algumas mulheres achavam Ned muito pequeno fisicamente para ser atraente. Diziam que queriam alguém que pudesse sujeitá-las na cama ou, como disse uma mulher, "alguém que possa dirigir o ônibus". Ned era demasiado frágil para isso, e parecia não corresponder às expectativas.

Percebi isso de um modo especialmente sutil em um de meus primeiros encontros, esperando por uma mulher em um restaurante extravagante que eu havia escolhido. Estava sentada sozinha em uma daquelas cabinas cavernosas de couro vermelho que você vê nas churrascarias da Europa, e segurava o menu, que também era vermelho e enorme, e me senti absolutamente ridícula, como o garoto desajeitado, em um filme de adolescentes, que está tentando transar com uma mulher mais velha. Eu me senti minúscula e insignificante quando me vi diante do que imaginei serem as expectativas de um tipo Cary Grant dessa mulher sofisticada (ela era uma diplomata) que saberia exatamente o que fazer e dizer, e cujo casaco seria grande o bastante para cobri-la. De repente, entendi, internamente, por que R. Crumb* desenha suas

mulheres tão grandes, e seu ser diminutivo mendigando em seus calcanhares ou andando de cavalinho sobre elas pela sala. Eu estava tão desconfortável, que quase me levantei e saí para não enfrentar o olhar de desapontamento divertido no rosto daquela mulher, um olhar que, felizmente, jamais se materializou. Tivermos um jantar muito agradável, tranqüilo. Entretanto, nunca me senti tão inadequada em um encontro quanto me senti às vezes como o Ned miniaturizado.

Mas ao mesmo tempo em que estas mulheres queriam um homem que assumisse o controle, queriam um homem que fosse vulnerável a elas, um homem que revelasse quem ele realmente era e abrisse suas comportas, alguém expressivo, intuitivo, sintonizado. Isto eu era em alto nível, e sempre conseguia pontos por isso, mas sentir a pressão para ser aquele colosso que cavalgava o mundo também fazia com que eu me sentisse muito solidário com os homens heterossexuais, não só porque ser como César é uma carga pesada demais para carregar, mas porque tentar ser, ao mesmo tempo, um sujeito sensível dos tempos atuais é algo praticamente impossível. Se as mulheres sentem-se prisioneiras do complexo puta/Madonna, os homens são, igualmente, prisioneiros deste complexo guerreiro/menestrel. Além disso, embora se espere que um homem seja moderno, ou seja, que apóie o feminino em todas as suas particularidades, que enxerguem e tratem as mulheres como iguais em todos os aspectos, por outro lado freqüentemente se espera que ele seja, ao mesmo tempo, tradicional, que trate uma dama como uma dama, que lidere o caminho e pegue a nota do restaurante.

Expectativa, expectativa, expectativa. Esse era o tema da vida de encontros de Ned, assumindo o personagem masculino

---

* Referência a Robert Crumb, artista e ilustrador norte-americano que assina seu trabalho como "R. Crumb". Crumb foi um dos fundadores do movimento *underground* dos quadrinhos cômicos, e é considerado, freqüentemente, a figura mais proeminente neste movimento. Seus trabalhos foram bastante apreciados na cena *hippie*, tendo deixado marcada frase "Keep on Truckin" e os personagens Mr. Natural (um sábio mestre) e Fritz, the cat (um gato boa-vida que usa muitas drogas e tem uma vida sexual bastante lasciva). (N. T.)

desejável ou se livrando de sua temida antítese. Encontrar o equilíbrio certo era enlouquecedor, e operar sob o peso constante de tanta culpa política era simplesmente exaustivo. Entretanto, na linguagem dos políticos liberais, eu atuava na minha vida real sob a carga de ser uma minoria duplamente oprimida — uma mulher e uma lésbica — e encontrei as privações desse *status*, como homem, atuando sob o que eu considerava, nessa época, como sendo a carga igualmente pesada de ser uma maioria dupla, um homem branco.

Uma mulher que nunca conheci, mas com quem mantive uma intensa correspondência de uma semana como Ned, atirou Ned na cesta dos homens perniciosos assim que tentei avisá-la para evitar ficar emocionalmente envolvida. Ela supôs que o meu problema fosse medo da intimidade, mas no meu caso era também outra coisa. Depois de apenas uma semana de troca de correspondência, percebi que esta mulher estava fazendo um investimento emocional em Ned, e comecei a me sentir desconfortável com o engano. Eu também, talvez de uma maneira totalmente adolescente, fiquei emocionalmente envolvido. Havia começado a gostar dessa pessoa e queria conhecê-la. No início, não tinha certeza se queria revelar-lhe a minha fraude, e por isso eu era desesperadamente vaga, indicando, na maior parte das vezes, que ela não devia investir emocionalmente no desenvolvimento de algo romântico entre nós. Em resposta, ela imediatamente me acusou de ser um homem casado que estava mentindo apenas para ter sexo extra-conjugal, algo que ela havia encontrado antes. Ela podia dizer — postulou — pela qualidade caracteristicamente desviada da minha prosa, que eu estava tentando impor sobre ela o cenário da "outra". Diante disso, pôs fim à nossa correspondência.

Não que eu a culpasse por querer se livrar daquilo — foi uma reação saudável —, mas fiquei mais uma vez impressionada pelo impulso imediato para me colocar no mesmo nível dos enganadores, uma raça cujas maneiras vis são, aparentemente, imediatamente reconhecíveis no papel, mesmo em uma lésbica.

Sasha e eu também tivemos nossa série de trocas de e-mails confessionais, repletos de perguntas. Eu não estava desempenhando um papel na página ou mesmo em pessoa, exceto na maneira como me vestia e em meus esforços para manter minha voz nos tons mais baixos do meu registro. Era simplesmente eu. Era esse o ponto, afinal: ser uma pessoa de verdade, eu mesma, de todas as maneiras possíveis; culturalmente uma mulher, mas disfarçada como um homem. Não tentei escrever ou dizer as coisas que eu achava que um homem escreveria ou diria. Respondia a ela genuinamente em todos aspectos, exceto com relação ao meu sexo.

Nosso tempo juntas foi o mais longo: no total, mais ou menos três semanas. Só tivemos três encontros durante esse período, mas nos escrevíamos várias vezes por dia, compartilhando nossos pensamentos um sobre a outra e com relação a nossas idéias sobre qualquer assunto que viesse à tona. Naturalmente, no decorrer de tudo isso, falamos também sobre seu relacionamento passado com homens que, como ela indicou em certa extensão, havia sido menos que satisfatório. Sugeri que talvez, se os homens fossem tão insatisfatórios para ela emocionalmente, ela deveria considerar ter um encontro com uma mulher. Então, arrisquei, ela podia descobrir que a falha não estava no sexo. Diante disso, enviou uma resposta desnecessariamente áspera, algo da ordem de ter tanto interesse no lesbianismo como em matar a heroína.

Nessa época (cerca de dois encontros e uma semana e meia na nossa correspondência), ela me disse que achava Ned atraente, mas também deixou claro que estava emocionalmente envolvida com outra pessoa e era provável que isso permanecesse durante um longo tempo. Esta foi a razão de eu ter permitido que nosso intercâmbio fosse tão longe. No primeiro encontro, deixou claro que ainda estava apaixonada pelo homem casado, e que qualquer coisa que ela e eu pudéssemos compartilhar estaria circunscrito por esse envolvimento. Ela estava buscando companhia, talvez um pouco de atenção masculina paralela para ampará-la num mau momento, mas não estava realmente disponível.

Entretanto, algo se desenvolveu entre nós em um tempo curto, e decidi que não devia ir adiante. Eu lhe contaria a verdade no terceiro encontro, que programamos para o fim daquela semana. Eu estava curiosa para ver o que aconteceria com sua suposta atração por Ned quando ela soubesse que ele era uma mulher. Será que ela evaporaria? E, se assim fosse, isso negaria, na sua mente, ou mesmo na realidade, o fato de que havia estado presente ali no início? Uma atração é real se está ligada a algo ilusório ou a algo que não existe? Muitos teriam argumentado que isso é o que todo amor sempre é — uma ligação com algo ilusório. Lacan escreveu que amor é dar algo que você não possui a alguém que não existe. Talvez Ned fosse uma lição objetal nesse princípio; ou pelo menos em luxúria, se não fosse em amor.

Mas e se sua atração continuasse? E, se continuasse, como ela lidaria com o conhecimento de que essa coisa que ela considerava tão repulsiva, o lesbianismo, estivesse acontecendo com ela? Ela fugiria desgostosa ou perceberia que talvez esses sentimentos, que a maioria de nós é criada para rejeitar e desprezar, não são tão estranhos e pervertidos quanto ela sempre os condenou e que, na verdade, poderiam surgir tão naturalmente quanto outros apetites quando libertos das convenções.

Nós nos encontramos para jantar na casa dela. Durante o jantar, eu lhe disse diretamente, ao perceber o caminho natural que a nossa conversa tendia a seguir, que havia algo que eu não havia lhe dito a meu respeito, e que não podia lhe dizer o que era. Disse-lhe que se fôssemos para a cama juntas, ela teria que estar disposta a aceitar o que eu não havia lhe dito e as restrições físicas que isto requeria. Ela reagiu bem. Estava curiosa. Não ameaçada. Disse que não precisava saber.

Falamos sobre outras coisas durante a sobremesa, e voltamos ao tema de ir para a cama juntas, ou seja, que versão aproximada disso eu poderia fazer sem divulgar o meu segredo. Falamos sobre nossas cartas e o tema do lesbianismo surgiu novamente.

"Sua reação foi muito veemente", disse eu. "Você podia apenas ter dito que não estava interessada. Por que a heroína?"

"Vamos, então, colocar da seguinte maneira: eu penso no lesbianismo como na Índia. Para mim, basta ver um especial na PBS. Não sinto necessidade de ir lá."

"Faz sentido", concordei.

A conversa passou para outro assunto, e depois voltou novamente para a perspectiva do sexo, e o meu visível desconforto de estar à beira da revelação total. Eu havia lhe dito tanto quanto podia. Ela me perguntou se o meu segredo era algo físico e eu lhe disse que era. Ela estendeu suas mãos através da mesa e pegou minhas mãos nas suas. "Será que ela perceberia que minhas mãos eram pequenas para um homem?", ponderei. Se percebeu, não disse nada.

Decidimos ir para o quarto. Uma vez lá, ela acendeu várias velas ao lado da cama. Eu me sentei na beirada da cama, que era bem baixa, próxima do chão, e lhe pedi para sentar no chão com as costas voltadas para mim. Ela fez isso, apoiando-se no colchão entre as minhas pernas. Peguei seu longo cabelo em minhas mãos e o coloquei sobre um dos ombros, expondo um lado do seu pescoço. Desci o decote em V do seu suéter, expondo seu ombro, e segui sua pele com as pontas dos meus dedos, atrás da orelha, ao longo da linha do seu cabelo, por sua clavícula. Inclinei-me para beijar os lugares que eu tocava. Ela moveu-se em resposta, virando sua cabeça para o lado. Levantou seu braço atrás dela e colocou a palma de sua mão no meu rosto. Ela agora iria certamente sentiria a barba e saber que o seu toque não era o de uma barba de verdade. Provavelmente, o jogo acabava aqui.

"Está sentindo a barba?" perguntei.

"Sim."

"Como ela lhe parece?"

"Macia", disse ela.

Ela não parecia alarmada ou surpresa.

Isto estava indo tão longe quanto eu estava disposta a ir ou era capaz de levar — com certeza, a maquiagem agora estava manchada — e por isso afastei sua mão do meu rosto e me levantei da cama para ficar na frente dela, para olhar para ela no chão.

"Você quer que eu lhe mostre ou lhe diga?", disse eu.

"O que você preferir."

Demorei mais tempo do que eu imaginava para falar. Eu estava segurando suas mãos quando finalmente falei.

"Eu sou uma mulher."

Ela não puxou suas mãos.

Continuei imediatamente, para preencher o vazio. Contei-lhe sobre o projeto do livro e por que eu estava fazendo aquilo. Então, esperei.

Ela ainda estava quieta. Então, falou: "Você vai ter que me dar alguns minutos para eu me acostumar com isto."

Ficamos sentadas em silêncio. Evidentemente, qualquer deformidade física que ela estivesse esperando não tinha nada a ver com eu ser mulher.

"Não sou uma transexual", acrescentei à guisa de ajuda. "Isto é maquiagem e meus seios estão amarrados. Na verdade, também não uso óculos." Tirei-os. Meus óculos, em geral, tinham um efeito reverso de Clark Kent. Sem eles, as pessoas achavam que eu parecia mais comigo mesma, enquanto com eles Ned saía da cabina telefônica. A armadura de plástico imitando tartaruga que eu havia escolhido ajudava a deixar meu rosto mais quadrado e a esconder meus olhos, que todos achavam doces demais para um homem. Isto, e o conhecimento de que eu era uma mulher, ajudaram-na bastante a enxergar a mulher que estava sob o disfarce.

"Sim. Agora eu consigo perceber", disse ela.

Ela pegou uma das minhas mãos, que ela ainda estava segurando, e a examinou.

"Estes não são os pulsos de um homem", disse ela, acariciando-os, "ou as mãos de um homem, ou a pele de um homem."

Ela olhou para mim durante alguns minutos na luz suave, distinguindo as partes femininas e acenando com a cabeça.

"Sempre achei que você não era muito peludo para um homem", disse ela. Riu um pouco e disse: "Bem, agora posso lhe dizer que meu apelido para você, nas últimas semanas, foi Meu Namorado Gay. Você acionou o meu radar de gays na primeira vez

que a vi. Seu cabelo era muito arrumado, sua camisa muito justa e seus sapatos bonitos demais."

Muitas mulheres notaram e me cumprimentaram por meu cabelo e por meus sapatos. Para os encontros de Ned eu arrumava meu cabelo até o último fio. As mulheres com quem saí pareceram apreciar bastante o esforço e pareciam, sem dúvida, contentes em encontrar um homem com um cabelo arrumado sobre a cabeça.

Meus sapatos eram apenas mocassins de couro preto, mas eu os usava com meias pretas e jeans, e uma camisa social preta, como alguma porcaria renovada pelos Fab Five em *Queer Eye for the Straight Guy*. O termo *metrossexual* surgiu muito no meu grupo durante minha carreira de encontros como Ned. Mas foi nesse ponto que abandonei totalmente um dos meus preconceitos sobre as mulheres heterossexuais e o que elas estavam realmente buscando nos homens. Quando iniciei o projeto, achei que encontraria muitas mulheres para as quais Ned seria o homem ideal, o homem ideal sendo essencialmente uma mulher, ou uma mulher no corpo de um homem. Mas eu estava errada sobre isto. Não era assim tão simples. Os desejos das mulheres eram obstinadamente calidoscópicos, e suas inclinações mais sutis ainda mais impossíveis de categorizar.

Certamente, seria possível fazer mais generalizações sobre homens e mulheres, o que eles tendiam a fazer e queriam fazer, comprar e consumir, mas tudo isso era, na verdade, apenas superficial, e só depois que se penetra profundamente dentro do indivíduo, você começa a ver as contradições emergirem e se anunciarem. O conceito de ou/ou não é muito útil quando se está tentando entender os homens e as mulheres, porque toda vez que se tenta resumi-los a seus hábitos de limpeza, suas anomalias vêm à tona e nos deixam diante de uma confusão, e não conseguimos escrever nada claro como conclusão, exceto dizer que ambos são verdadeiros e nenhum dos dois o é.

Ned não fazia, de modo algum, o tipo de todo mundo. É claro que algumas mulheres — como Sasha, como se pôde ver — ainda queriam ir para a cama com ele quando souberam que ele

não era homem. Mas muitas outras, não. Elas eram heterossexuais convictas. Como me explicou Anna, em um encontro, quando eu lhe disse que era mulher: "Não fiquei de imediatamente sexualmente atraída por Ned. Eu o achei bonito e simpático e o encontro foi tão agradável que pedia uma repetição. E o que ele escrevia, meu Deus, era o que ele escrevia que me tirava do sério. Mas no fim o próprio Ned não despertou em mim uma reação sexual visceral imediata. Ned era muito leve para mim, muito metrossexual. Eu jamais suporia, em um milhão de anos, que você não fosse um homem, mas eu gosto de homens que pesam cem quilos. Claro, eu os acho emocionalmente decepcionantes, especialmente na cama, mas a força física, a rusticidade, eu acho erótica, e não prefiro o sexo diferente."

Sasha e eu passamos horas, naquela noite, falando sobre o livro, por que eu o estava escrevendo, e como ela ficou fascinada pelo que aprendeu sobre si mesma. Sasha estava muito interessada nas implicações da experiência. Estava curiosa sobre suas tendências, ou carência de tendências, lésbicas daí em diante. Não ficou nem um pouco amedrontada ou ameaçada pela mudança ou por sua atração por Ned e sua continuada atração por mim. Estava extremamente satisfeita de ter acontecido em uma experiência que havia saído das normas.

Sasha e eu fomos para a cama juntas e, obviamente, Sasha teve de rever suas idéias rígidas sobre o lesbianismo e seu desejo de "chegar lá". Mas fez isso com um entusiasmo impressionante para alguém que, tenho absoluta certeza, não era uma lésbica enrustida e nem mesmo uma genuína bissexual. Em nossas conversas estranhas e formais, de alguma maneira nós nos conectamos mentalmente. Talvez eu tenha passado a admirar seu caráter aventureiro e suas excentricidades. Talvez ela apenas necessitasse desesperadamente de um bom amigo. Poderia haver mil razões boas ou más, mas acho que nenhuma delas tinha muito a ver com sexo. E esta — eu afirmo isso de uma maneira inteiramente não científica — é uma tendência obstinadamente feminina.

Para a maioria das mulheres, o sexo é um epifenômeno, a

fumaça que sai da máquina. E o carvão é mental. É: "Você me faz rir? Você me faz pensar? Você conversa comigo?" Não é: "Você é bonito? Você é rico, realizado e bem-sucedido na vida?" Eu suponho, mais freqüentemente do que você possa pensar, que nem é: "Você é homem ou mulher?" Na verdade é apenas: "Você está aí e me quer?"

Mas é exatamente aí que está o importante paradoxo da sexualidade. Porque assim que me revelei, assim que me revelei às mulheres com quem saí, três daquelas às quais me revelei, três mulheres heterossexuais, quiseram ou dormiram uma vez comigo quando souberam que eu era uma mulher. Lembro que uma dessas três mulheres, Anna, não dormiu comigo porque eu não pesava cem quilos.

Ela se esforçou, como qualquer outra, para entender essa charada. Conversamos exaustivamente sobre isso, tentando entender a natureza da atração que ambas sentíamos, uma atração que era física, mas física porque tinha sido primeiro mental.

Anna foi, de longe, o melhor encontro que eu tive como Ned. Considerando o que descrevi até agora, essa pode não parecer a melhor escolha de cumprimento, mas eu o qualifico como um. Ela era um encanto, e a prova de que uma química de verdade pode existir entre duas pessoas desde o momento em que elas se conhecem. É claro que ela era, também, a prova de que a química era apenas isso: partículas que se misturam e provocam um zunido no cérebro mas, no que diz respeito a isso, não era um bom prognóstico de ajuste ou de qualquer outra coisa além da química em si. Não tinha nada a ver com o que duas pessoas iriam querer uma da outra ou do que funcionaria logisticamente quando a excitação acabasse. Você pode ficar inteiramente inconsciente de quem ou o quê vocês eram uma para a outra, ou até mesmo, no nosso caso, se eram homem ou mulher, gay ou heterossexual, e a química ainda estaria ali entre as duas, clara e inegável. Mas por mais significativa que ela às vezes pareça, talvez no fim não tenha significado absolutamente nada.

Nós nos encontramos para jantar em um restaurante chinês

barato que eu conhecia. Todos esses encontros estavam me quebrando financeiramente, e baseada na experiência passada, estava esperando que fosse ser uma noite curta. Mas no minuto em que Anna se sentou, fiquei tão imediatamente à vontade com ela que queria levá-la para um lugar onde os preços nem estivessem no menu — o tipo de lugar onde aqueles que se encontram às cegas e acontece um clique embriagam-se lentamente em martínis sofisticados até se afagarem em seus banquinhos do bar e dar ostras um ao outro no final da noite.

No final da noite, estávamos nos acariciando no bar de um local que ficava na mesma rua. Eu perguntei se podia pegar na sua mão. Ela acenou que sim e sorriu letargicamente, meio compassiva, meio estimulante — da maneira como poderia ter olhado para muitos homens implorando —, colocando sua mão sobre o balcão do bar, com a palma da mão para cima, entre nós duas. E aí estava. A coisa buscada. O simples favor concedido e um enorme alívio nele contido.

Eu segurei sua mão e beijei seus dedos. Isso foi tudo. Nada sério. Conversamos muito e depois escrevemos muitos e-mails uma para a outra, até que finalmente eu lhe contei a verdade. E então nada mudou e tudo mudou. Eu a encontrei outra vez como eu mesma, e o clima entre nós ainda estava ali, mas agora ela estava um pouco temerosa, sentindo-se desconfortável com alguma coisa não em sua mente, mas por razões que ambas entendemos e respeitamos. Essa era a beleza da experiência. Era diferente para cada um.

A terceira garota heterossexual que ainda queria continuar vendo Ned (mesmo depois de saber que ele era uma mulher) foi a única com quem eu tive sucesso em pegar em público.

Sally trabalhava no balcão de uma sorveteria. E enquanto ela estava servindo o meu sorvete, eu lhe disse que realmente gostava de seus óculos. Era verdade, o tipo de coisa que eu teria dito como eu mesma, mas também o tipo de coisa que tocaria muito mais o coração de uma garota heterossexual quando a disse como Ned.

Ela foi amável e direta. Respondeu ao cumprimento de Ned com agradecimentos convidativos e contando a história de que

pegou sua armação de uma cesta de liquidação em uma ótica. Eu lhe dei meu número de telefone em um guardanapo e lhe pedi que me ligasse — provavelmente não era uma coisa masculina de se fazer, mas achei que era a coisa mais polida. Minha empatia feminina sabia como podia ser terrível se recusar a dar seu número para alguém, mas como seria muito mais terrível dar-lhe o número e ter de fugir do telefone durante as próximas duas semanas, até que a pessoa desistisse ou resolvesse ficar de tocaia.

Ela telefonou no dia seguinte. Sua voz ao telefone era tentadora. Disse que jamais havia feito isso antes. Nunca ninguém a havia chamado para sair imediatamente. Ela estava eufórica com a atenção. Ficaria louca mais tarde, pensei, e teria todo o direito de ficar.

Sally e eu saímos três vezes juntas. Três encontros para conversar, nos quais acabamos não falando muito. Não havia muito a dizer. Ela tinha 35 anos e ainda morava com os pais. Trabalhava na sorveteria desde que era adolescente. Havia sido noiva, mas rompeu o noivado um ano antes, ou ele havia rompido, ou eles deixaram o romance atrofiar até que alguém desistiu, era difícil dizer. Desde então ela não tinha saído com outro homem, mas não se sentia amarga, ou não tanto quanto se poderia supor.

Ela se comportava com naturalidade e sorria, e ria com as piadas de Ned. Não o intimidava. Sabia o suficiente para não fazê-lo. Há sempre garotas assim. Eu as conheci durante toda a minha vida. Aquelas que não desafiam um menino ou, mais tarde, mesmo um homem, porque ele realmente ainda era um menino, e o mais leve sinal de firmeza de caráter o afastaria. No colégio, foi isso que aprendi como menina: Vá com calma. Esconda a sua inteligência.

Mas sentindo-se tão pequeno e intimidado com as mulheres como Ned, e isso apesar de ela já ser uma mulher adulta, a coqueteria de Sally era, para mim, uma bênção, uma pequena bondade e um conforto, ainda que fosse principalmente uma representação.

Ao que parecia, Sally gostava de Ned. Ela flertava, não apenas com seu riso e com sua atenção, mas com suas mãos. Ela me tocava freqüentemente no braço ou no ombro enquanto conversávamos. No meio da conversa, estendia seu braço até o outro lado da mesa para endireitar o colarinho em desordem da minha jaqueta, e continuávamos conversando como se nada houvesse acontecido.

No fim do terceiro encontro, eu me revelei. No início, ela ficou pasma. Continuou sorrindo e meio que rindo, não visivelmente descontrolada. Então disse que sabia que havia algo estranho, mas não havia conseguido descobrir o que era.

"Talvez alguma parte de mim soubesse", disse ela. "Eu não sei. Você olhava muito nos meus olhos. Você ouvia muito bem. Você não era peludo. Não sei bem."

Ela disse que não estava zangada, mas não falou muito sobre qualquer outra coisa. Mas depois, horas mais tarde, escreveu um e-mail para dizer que estava, na verdade, "meio" zangada. Queria saber se eu só a convidei para sair para fazer a pesquisa para o livro. Tentei amenizar isso, mas era verdade. Pedi-lhe que fosse à minha casa no dia seguinte para conversarmos. Eu não estava vestida como Ned.

Ela apareceu com uma garrafa de vinho. Sentou-se no sofá bebericando, sem dizer nada. Eu lhe perguntei o que ela queria. Ela olhou para mim, aparentemente não assustada com a mudança na minha aparência.

"Acho que continuar vendo você", disse ela.

Isto me surpreendeu.

"Mas você não é lésbica, é?", perguntei.

"Não sei", disse ela. "Na verdade, nunca fui muito fã de pênis."

Tentei fazê-la falar mais sobre isto, mas ela não falou, exceto para dizer que nunca poderia contar à sua família nada sobre isso, pelo menos não a parte lésbica. Ela ficava muito envergonhada, disse ela, de jamais contar a alguém que poderia ser gay.

"Talvez você não seja", disse eu. "E, se for, não vai se sentir sempre desta maneira".

"É, acho que não", disse ela, e se levantou para ir embora.

Combinamos de nos encontrar de novo, mas nunca conseguimos. Parei na sorveteria para vê-la uma vez, algumas semanas

depois, e ela pareceu desconfortável. Disse que estava saindo com um rapaz e que as coisas estavam indo bem. Fiquei feliz por ela. A última vez que a vi lá, enquanto tomava uma casquinha com uns amigos, ela fingiu não me ver. Não me surpreendi. Mudou de direção para não me dar o gostinho de ver como ela estava se sentindo, me dando o tratamento do silêncio. Estava com muita raiva, mas como eu e tantas mulheres que eu conhecia, ela parecia ter dificuldade de demonstrá-la, optando, em vez disso, por contê-la e fingir que estava tudo bem, para fazer as coisas correrem aparentemente bem, enquanto por dentro ela fervia.

O feminismo rompeu essa praga em algumas de nós, dando-nos o direito de ficar loucas de raiva e a coragem de expressar isso, e eu conheci essas mulheres também.

Meu pior encontro foi, de longe, com uma mulher com quem marquei de me encontrar num café em Nova York. Trocamos uma curta correspondência antes, apenas para nos conhecermos. Como muitas outras, foi difícil convencê-la a se encontrar comigo, mas finalmente ela concordou. Era uma mulher atraente, que se formou na escola da Ivy League e depois passou algum tempo na Sorbonne. Podia-se dizer que ela estava acostumada a falar com as pessoas supondo que elas não tivessem lido as coisas que ela leu. Era uma dessas poliglotas esnobes que morou em vários países do mundo e agora se considerava acima da companhia dos americanos cretinos com os quais, no momento, era obrigada a conviver.

Quando criança, morou no Oriente Médio, e por isso comecei a conversa com o que imaginei ser uma observação pertinente, perguntando-lhe o que achava dos véus que as mulheres usavam. Imaginei, disse eu, que tendo vivido nos dois mundos, ela pudesse ter algumas idéias interessantes sobre a questão. Ela se deteve na palavra "interessante": "Não sei o que você quer dizer com *interessante*. Os ocidentais não entendem nada sobre isso. Eles acham que é uma coisa opressiva e atrasada, mas o que é realmente atrasado é o fato de, no ano de 2003, o Congresso aprovar uma lei proibindo os abortos após o terceiro trimestre de gravidez."

Aqui estava o teste do aborto. Isso apareceu em outros encontros. Ao que parecia, várias mulheres mudavam de assunto para dar sua opinião sobre isso, supostamente como um meio de testar minhas credenciais feministas.

Uma mulher mencionou o assunto de passagem em um encontro, enquanto conversávamos sobre alguém que ela conhecia que era contra o aborto.

"Isso é interessante", exclamei. "Essa é a primeira vez que ouvi alguém ser honesto sobre a posição pró-vida e chamá-la por seu devido nome."

Ela concordou, mas alguns minutos depois, quando tinha motivos para mencionar novamente a posição pró-vida, resolveu usar, em vez dela, o termo da propaganda popular "anti-escolha". O limite estava traçado.

Não caí na armadilha então, e não caí também com a garota esnobe, preferindo não entrar em uma discussão política. Além disso, não queria interromper a trajetória de hostilidade dessa mulher. Queria ver até onde ela ia. Queria ver se, como aconteceu com Sasha, eu conseguia descobrir o que estava por trás disso, fazê-la falar sobre a dinâmica que estava surgindo entre nós e por que ela estava ali. Afinal, eu estava fazendo uma pesquisa e, se ia abordar o abuso, queria encontrá-lo para ver o que ele poderia me ensinar.

Ela não gostou disso nem um pouco mais do que havia gostado do meu uso do qualificador benigno "interessante". Começou a criticar meu estilo de conversa como sendo demasiado meta. Aparentemente, eu não lhe fiz as perguntas certas. Eu estava séria demais, algo que ela devia ter descoberto ser verdade em outros homens com os quais havia saído. Havia dito que estava interessada em Ítalo Calvino, e então mencionei o conceito de leveza como ele o definia, perguntando se era isso que ela buscava nas pessoas. A isto, respondeu com o que, para ela, era provavelmente entusiasmo, concordando que sim, que era exatamente a qualidade que estava buscando.

Eis a definição parcial de Calvino:

Para cortar a cabeça de Medusa sem ser transformado em pedra, Perseu se baseia na própria leveza das coisas, nos ventos e nas nuvens, e fixa o seu olhar no que pode ser revelado apenas pela visão indireta, uma imagem captada em um espelho. Sou imediatamente tentado a encarar este mito como uma alegoria sobre o relacionamento do poeta com o mundo, uma lição no método a seguir quando se escreve.

Esta, por coincidência, é uma descrição perfeita de como eu me senti com o nosso encontro. Posso não ter sido suficientemente Perseu para agradá-la, mas ela definitivamente me transformou em pedra.

De passagem, muito adiante na conversa, mencionei nossa diferença de idade. Ela tinha 30 e eu 35. Mal as palavras saíram da minha boca, ela atacou: "Ah, por favor. Você não vai me dizer que os trinta e cinco anos de um homem são iguais aos trinta e cinco de uma mulher. São mais parecidos com os vinte e três de uma mulher."

Nessa altura, na primeira e única vez na minha carreira como Ned, extremamente tentado a tirar a roupa e gritar "Olha, querida, eu também sou uma garota e, além disso, lésbica, por isso largue este discurso de Shulamith Firestone*. Superei isso quando *eu* tinha vinte e três anos e se você espera conseguir um cara que já não seja um *castrato*, é melhor praticar um pouco mais desse Calvino que está pregando."

Mas continuei em silêncio e encolhi os ombros. Eu merecia algum abuso, mesmo que Ned não o merecesse. Nunca tive um segundo encontro com essa esnobe. Era melhor abordar outra pessoa.

---

* Shulamith Firestone, nascida no Canadá em 1945, é feminista e uma das fundadoras do Chicago Women's Liberation Union. Escreveu *The Dialectic of Sex: A Case for Feminist Revolution*, onde sintetiza as idéias de Sigmund Freud, Karl Marx, Frederick Engels e Simone de Beauvoir para desenvolver uma teoria feminista da política,um texto importante sobre o feminismo nos Estados Unidos. (N. T.)

Assim fiz. E foi então que convidei Anna para jantar.

Para mim, o encontro de Ned com Anna e o ponto crucial da minha temporada de encontros como Ned foi, sem dúvida, aquele momento no bar. O momento em que Anna deu a mão a Ned e a maneira como ela o tratou ao fazer isso, com tal magnanimidade consciente, equilibrada, aceitando o acesso com a maior graça possível. Nenhuma mulher que conheci como Ned administrou isso tão bem. Era muita coisa para administrar.

E se você nunca se sentiu sexualmente atraída por mulheres, nunca entenderá totalmente o poder monumental da sexualidade feminina, exceto por procuração ou na teoria, nem saberá completamente a imensa vantagem que isso nos proporciona sobre os homens. Como lésbica, eu sabia algo disso. Mas é diferente entre duas mulheres, mais um envolvimento de iguais, uma troca de algo compartilhado. Como homem, aprendi muito mais, e aprendi, acho eu, de um ponto de vista inesperadamente desvantajoso.

O movimento das mulheres era, em parte, sobre a retificação dos sentimentos de impotência — impotência física, impotência institucional — e o medo e a raiva deles decorrentes. E quando abrimos nosso caminho no mundo, nós nos esquivamos pelos cantos, manobramos nossa sexualidade com um cuidado malicioso, soltando-nos apenas o suficiente para sermos desejadas, mas não demasiado, a ponto disso se tornar inseguro, e o tempo todo invejamos a suposta inviolabilidade dos homens e tememos seus suportes implacáveis. Achamos que estamos operando de baixo para cima. Mas se a experiência de Ned é algo para passar despercebido, não é o que parece para os rapazes.

Sair com mulheres como um homem foi uma aula sobre o poder feminino, e isso me transformou, em todos os pontos de vista, em um misógino temporário, que suponho ter sido o melhor indicador de que a minha experiência funcionou. Vi meu próprio sexo do outro lado, e durante algum tempo não gostei das mulheres por causa disso. Não gostei da sua superioridade, dos seus sorrisos acusatórios, do seu direito de me escolher ou me rejeitar com a

ponta do dedo, uma execução tão indolente, tão fácil, que tornava as derrotas, e até mesmo os sucessos, insuportavelmente humilhantes. O poder masculino típico parece, comparativamente, um instrumento cego, suas evasivas e estratégias de campo risivelmente terapêuticas perto do mal que uma mulher pode fazer com uma única palavra cortante: não.

O sexo é mais poderoso na mente e, para os homens, na mente as mulheres têm muito poder, não só de excitar, mas de dar valor, autovalor, significado, iniciação, sustentação, tudo. Enxergando isso mais claramente através da minha experiência, comecei a imaginar se os homens mais extremos recorrem à violência com as mulheres porque acham que isso é tudo o que eles têm, sua única vantagem patética sobre tudo o que ela parece ter acima deles. Não justifico isso. Não há nenhuma justificativa para isso. Mas, como homem, eu me senti vagamente sintonizado com este modo de pensar ou com sua possibilidade. Não vivi isso, mas acho que vi como a rejeição pode provocar uma alteração absurda na mente de um homem rejeitado, onde a misoginia e, finalmente, o estupro podem ser uma tentativa viciosa de tomar o que não pode ser tomado porque não foi concedido. Às vezes, as mulheres parecem tão superiores quando você as vê através dos olhos de um homem comum que agora, olhando para trás, para esse sentimento como mulher, a simples idéia de cravar seu pênis numa mulher para se vingar ou reclamar seu direito sobre ela, de repente parece tão absurdamente fora de escala e inútil como um pigmeu enfiando seu dedo na lua.

Nos clubes de sexo que visitei e nos encontros que tive, vivenciei uma perspectiva que me foi imposta de fora pela cultura, por outras mulheres e outros homens, e vislumbrei essa conexão profundamente perturbadora entre a violência e o sexo, e as mulheres e o autovalor, os marcos da impotência masculina, o desamparo, a luxúria venerável e a ira assassina que podem provir da mesma carência, da mesma postura servil que pode ocorrer num momento. Queira-me, tudo isso parece dizer. Ame-me. Deseje-me. Escolha-

me. Preciso de você. Você me ignora. Você me desdenha. Você me destrói. Odeio você.

Tendo visto isso, tenho mais medo do que nunca das mentes masculinas, e estranhamente sinto-me mais impotente do que nunca andando no mundo entre eles, ainda que eu saiba que isso não é justo. Os homens não são todos iguais, e Ned, como todo homem e não sendo homem, não era todos os homens e nunca poderia ser. Mas parece verdadeiro dizer que nós, mulheres, temos muito mais poder do que imaginamos, e por isso, mesmo com nossos medos, nossas defesas e nossa inteligência, corremos ainda mais perigo do que imaginamos ou ousamos contemplar.

Mas houve outras razões de a minha temporada como Ned, saindo com mulheres, deixar-me com raiva das mulheres. É claro que me sinto presa na mesma armadilha que elas. Quando eu era Ned, as mulheres tornaram-se uma sub-espécie a ser responsabilizada, assim como, para essas mulheres, os homens tornaram-se o adversário do mal. Eu fiz o que eles faziam e vi como era quase inevitável quando se é oposto, ainda que, é claro, eu não fosse. O cérebro armazena os dados em categorias, mas eu estava nas duas categorias ao mesmo tempo. Estava zangada porque queria que elas se comportassem de um modo mais razoável. Estava zangada porque queria tirar conclusões de uma maneira mais razoável. Sair com essas mulheres como uma mulher disfarçada era como olhar uma dúzia de versões diferentes de mim mesma e culpar cada uma por seus defeitos femininos específicos, e saber que eles são meus também. Usando roupas de homem, eu podia escapar da armadilha por um segundo e dizer: "Isso não sou eu, isso são as Mulheres, com M maiúsculo. Feministas, com F maiúsculo".

Eu não gostava dessas mulheres e das mulheres em geral porque elas — nós — se tornaram presas, por necessidade, do autointeresse e do chauvinismo. Tornei-me misógina durante algum tempo, porque no início não esperava nada dos homens. Nada que eles fizessem era bom porque, como muitas mulheres, no fundo eu não achava que os homens fossem capazes de muita coisa. Nesse aspecto, eu era tão má quanto as mulheres com quem eu saía.

Ned conseguia se sentir bem a seu respeito e de seus amigos porque era um cara simples, não se esperava muito dele. Agora, assim como seus amigos do boliche, ele não podia fazer nada senão exaltar suas boas ações, que algumas vezes iam um pouco além de calorosos apertos de mãos e uma leve pitada de autoconsciência pela qual podia se orgulhar. Mas as mulheres deveriam rejeitá-lo de cara. E eu utilizei isso severamente contra elas: eram muito pequenas e insignificantes, e tinham a visão tão estreita quanto qualquer um, inclusive eu. Ned viu isso, e eu vi Ned vendo isso, e então eu vi a mim mesma. Acho que esse era o grande fascínio de Ned. Ele era um espelho, uma janela e um prisma ao mesmo tempo.

Mas a verdade é que, por causa de toda a raiva que eu sentia fluir na minha direção, raiva dirigida à abstração chamada homens, fiquei mais surpresa em descobrir, aninhada nos confins da heterossexualidade feminina, um amor profundo e uma genuína atração por homens de verdade. Não por mulheres em corpos de homens, como meu eu preconceituoso havia pensado. Nem mesmo pelo metrossexual, embora ele tivesse seu público, mas por homens bronzeados, peludos, fedidos, musculosos, varonis; homens calvos, homens barrigudos, homens que conseguiam consertar coisas e, sim, homens que gostavam de esporte e funcionavam bem na cama. Homens que as mulheres amavam por serem homens com todas as qualidades que a testosterona e o patriarcado haviam lhes proporcionado, e que passei a apreciar por essas mesmas qualidades e, embora às vezes exasperadores eu ainda os encontro.

Passei a perdoar muito as mulheres e a mim mesma por nossas falhas aparentes demais. Nossa arrogância emocional, nossa falta de perspectiva, nossas necessidades, projeções e culpas freqüentemente nada razoáveis, nosso fracasso, como o dos homens, em administrar ou reconhecer o desequilíbrio do nosso próprio lado da equação.

Sair com mulheres foi a coisa mais difícil que eu tive de fazer como Ned, mesmo quando as mulheres gostavam de mim e eu gostava delas. Nunca me senti mais vulnerável a completos estranhos,

nunca tão socialmente indefesa do que no meu traje tilintante de armadura emprestada.

Mas acho que talvez esse seja um dos segredos da masculinidade, que nenhum homem conta se puder evitar. Toda armadura do homem é emprestada e dez tamanhos maior, e debaixo dela ele está nu e inseguro, e esperando que você não perceba.

5 Vida

"Ginger ou Mary Ann?" perguntou Padre Sebastian.

"O quê?"

"Ginger ou Mary Ann?" repetiu ele, sorrindo. "Você sabe, de *A Ilha dos Birutas**. Qual delas é sua mulher ideal, a garota glamourosa ou a garota da casa ao lado? Ginger ou Mary Ann?"

Ned estava sentado com um grupo de monges de hábito preto na sala de lazer da sua abadia reclusa, desfrutando de um pequeno relaxamento após o jantar, antes de o sino tocar para as vésperas. A sala de lazer era a grande sala comum localizada diretamente descendo o corredor do portão do claustro e, além dos quartos privados dos monges, era o único lugar no mosteiro que estava fora dos limites para os visitantes. Era onde os monges falavam sem reservas.

Mas só até agora. Esta conversa era uma exceção. Os monges, em geral, não falavam tão abertamente sobre mulheres, ou pelo

* A *Ilha dos Birutas* (*Gilligan's Island*), seriado de TV que foi ao ar entre 1964 e 1967. Uma comédia que retratava o dia-a-dia de um grupo de naufrágos em uma pequena ilha e suas várias tentativas de voltarem ao continente. (N. T.)

menos não na frente de visitantes. Afinal, eles eram monges. Na verdade essa foi a única ocasião durante a minha estada de três semanas ali em que algum deles avaliou tão abertamente o belo sexo na minha frente.

"Bem, espere um segundo", disse eu. "E se você estiver buscando algo um pouco mais profundo e mais matizado?"

Esta era uma resposta de mulher, ou o próximo a uma quanto eu iria chegar com esses homens. A resposta de uma mulher de verdade é sempre a professora — mesmo para as lésbicas, ela era a única escolha palatável — mas Ned não iria dizer isso no meio deles.

"A Sra. Owell não conta", disse o Padre Sebastian.

"Ora, vamos, e por que não?"

"Ela simplesmente não conta."

"Bem, então, eu não acho que possa escolher nesses termos. E você? Qual você escolheria?"

"A garota da casa ao lado."

O que mais eu esperava que ele dissesse. Ele era o rapaz da casa ao lado. Um homem muito bom, distinto.

Eu me voltei para o padre Diego, que estava sentado ao lado do padre Sebastian.

"Certo. E você? A garota glamourosa ou a garota da casa ao lado?"

"Para mim, a garota glamourosa era a garota da casa ao lado", disse ele, suspirando teatralmente, "e ainda me lembro do seu nome: Caroline Dalfur."

Eles podiam ser monges vivendo sob votos de castidade, mas ainda eram rapazes bem típicos. E é claro que foi exatamente por isso que os escolhi.

Dadas as alternativas, um mosteiro era o local menos apavorante que consegui pensar para observar homens vivendo juntos, muito próximos, sem mulheres, e o único em que havia a probabilidade de eu me infiltrar como Ned.

As outras escolhas óbvias eram a prisão ou quartéis, mas ambos teriam requerido exames físicos, extensas verificações no

meu passado e, no primeiro caso, cometer um crime. Além disso, não queria ser estuprada analmente e espancada sem motivo diariamente em uma prisão de homens, nem ser atormentada por um sargento instrutor.

Precisava ir a algum lugar em que não tivesse que me despir, onde pudesse ter privacidade mental e física quando precisasse. Minha sanidade e meu disfarce dependeriam disso.

Sobravam as ordens religiosas. Considerei me infiltrar em uma comunidade judaica ortodoxa, mas sabia que para mim seria impossível passar por um judeu entre judeus praticantes, pois sabia muito pouco de sua prática religiosa ou tradições culturais. No entanto, sabia o suficiente sobre as práticas católicas para conseguir me infiltrar ali.

Fui criada como católica praticante e, durante uma época levei muito a sério minha religião. Quando criança e adolescente fui leal à tradição intelectual masculina da igreja e à sua ênfase na razão a serviço da fé. Na faculdade, li algumas obras de Duns Scotus e Aquinas, Anselmo, Boethius, Ocham e Agostinho, e levei a sério os escritos de Thomas Merton e C.S. Lewis sobre os temas do misticismo e da teologia cristãs. Esta tradição tinha raízes profundas em mim, embora na minha mente consciente havia muito tempo eu tivesse largado tudo isso de mão como sendo bobagem, ou pensava que tivesse.

Mas uma vez católico, sempre católico. E, bem, se você foi um católico do meu tipo, esqueça. Boethius simplesmente não se consegue tirar da mente. Então, um mosteiro católico me parecia um ajuste natural. Ali eu poderia viver, trabalhar e rezar entre um pequeno grupo de homens que haviam escolhido passar suas vidas juntos, e assim talvez descobrir algo sobre a socialização e interação dos homens em um ambiente totalmente masculino.

E o melhor de tudo, pensava eu, é que eu podia encontrar a resposta para outra pergunta premente que minhas experiências anteriores haviam suscitado. Eu havia ido a clubes de *striptease*, havia chegado o mais perto que pude dos impulsos mais grosseiros, primitivos e manifestamente mais devoradores do animal homem.

Havia visto e experimentado parte do que isso poderia fazer a um homem. Agora queria ir à outra extremidade do universo conhecido. Queria saber o que acontece quando você se afasta do sexo. Queria saber o que o celibato faz a um homem. E achei que a resposta a essa pergunta poderia ser encontrada em um mosteiro.

Por isso, fiz algo louco como ir para um lugar onde eu não conseguia sequer localizar num mapa, para viver entre pessoas que eu não conhecia e que não me conheciam, e tudo o que conseguia pensar a respeito era onde iria esconder meus tampões quando chegasse a minha menstruação.

Mas apesar dos meus temores, Ned conseguiu entrar no lugar com pouquíssimo esforço. Eu havia trocado algumas cartas com o diretor de vocação. Tivemos uma longa conversa por telefone. Apresentei-lhe uma ou duas referências de caráter e expressei meu desejo de fazer um retiro ampliado. Eles estavam procurando expandir suas fileiras entre os jovens que tinham talentos a oferecer, tinham muito espaço para convidados e estavam em constante necessidade de dinheiro (aqueles que faziam retiro nesse mosteiro pagavam uma taxa diária pelo quarto e pela comida), e por isso pareciam bastante contentes em satisfazer meu interesse, fosse qual fosse o resultado.

Para meus propósitos, o lugar era perfeito. Em qualquer época havia cerca de trinta monges vivendo na abadia, aparte aqueles que se afastavam periodicamente para tratar de questões da igreja ou ministrar a fé nas paróquias locais. Era um grupo relativamente pequeno e administrável, com o qual eu podia me misturar e observar.

Misturar-me e observar significava acompanhar as orações rigorosas da abadia e o programa de trabalho, que requeriam alguma prática. O dia todo era pontuado por toques de sino. Infelizmente, estes não eram sinos pastorais serenos soando suavemente nos corredores e nas colinas. Eram sinos elétricos, aqueles mecanismos tipo alarme, agudos e martelantes, antigamente usados nas escolas públicas para marcar o início e o fim de cada período. Eles estavam colocados, a intervalos regulares, nas paredes de todo

o mosteiro. Um deles ficava bem do lado de fora da minha porta. Seu toque era tão estridente, que a primeira vez ele me acordou no horário brutal das cinco e meia da manhã. Eu estava no corredor antes de saber onde estava.

A primeira oração da manhã, a vigília, era às seis horas. Em geral, durava até as seis e meia. Depois vinha o café da manhã, que era uma refeição silenciosa, seguida pela segunda sessão de oração matinal, o louvor, às sete e quinze. Às oito horas estávamos prontos para começar o trabalho do dia, que prosseguia até a oração do meio do dia, ao meio-dia. Em seguida vinha o almoço. Esta era a única refeição informal do dia e, por isso, a conversa era permitida. Depois do almoço, o trabalho do dia era reassumido até próximo às cinco da tarde. A missa diária era às cinco, seguida do jantar. O jantar era, em geral, uma refeição formal e silenciosa, durante a qual um dos monges lia em voz alta. Depois do jantar vinha um curto período de recreação, e depois a última oração em grupo do dia, as vésperas, às seis e quarenta e cinco.

Tudo isso estava estabelecido em detalhes na escrivaninha do meu quarto, junto com alguns livros religiosos, uma breve história do mosteiro e um conjunto de regras e diretrizes para os visitantes.

Meu quarto era escassamente mobiliado, como todos os outros quartos, com um colchão fino sobre uma estrutura de molas de metal, uma pia com espelho, uma escrivaninha e uma cadeira de madeira, uma estante de livros, uma cadeira de leitura e um armário. Ficava no quarto andar do claustro, o andar normalmente reservado aos noviços. Mas não havia noviços lá nessa época, nem havia vários anos. Tinha muitos quartos vazios no andar, com colchões enrolados sobre as camas e nada além de crucifixos solitários nas paredes nuas.

Embora não fosse um noviço, um monge chamado Irmão Vergil era uma das outras poucas pessoas que viviam naquele andar. Seu quarto ficava duas portas adiante da minha e nós compartilhávamos um banheiro. Ele estava vivendo ali porque não havia recebido seus votos finais ou solenes. Era um caso especial. Foi noviço

na abadia quando estava com vinte e poucos anos e recebeu seus votos preliminares (também chamados simples) depois de completar o noviciado. Mas no fim do período normal de experiência de três a quatro anos entre os votos simples e os solenes, ele decidiu deixar a comunidade e sair pelo mundo. Voltou a estudar, formou-se em biologia, trabalhou durante algum tempo como assistente de laboratório e então, quando as subvenções de pesquisa terminaram, acabou vendendo seguros e automóveis para sobreviver. Teve casos amorosos e, como ele mesmo contou, ficou com o coração partido. Adquiriu coisas: aparelhos de som, automóveis, instrumentos eletrônicos, uma casa de três quartos. Mas, em 2001, decidiu voltar para o mosteiro e recebeu seus votos simples pela segunda vez. Foi o único monge que conheci que deixou o mosteiro e voltou, e um dos poucos monges que conheci que veio para a vida religiosa já como um homem maduro, tendo experimentado tudo o que o mundo lá fora tinha a oferecer.

Seu segundo período de experiência de três anos estava quase concluído quando o conheci. Ele estava às vésperas de receber os votos solenes. Depois disso, passaria para o andar de baixo, tendo conquistado seu lugar junto à irmandade veterana.

Iniciei minha primeira amizade verdadeira na abadia com o Irmão Vergil, um relacionamento que no fim me ensinaria mais sobre os limites das amizades masculinas e sobre o delicado equilíbrio de camaradagem e autoconfiança que parecia prevalecer em todos os grupos de homens, do que tudo o que experimentei em uma noite saindo com meus amigos do boliche.

Vergil foi encantador, uma linha vital de comunicações para mim, no início. Ele não era um dos introvertidos sorumbáticos que eu esperava encontrar no claustro. Muito ao contrário. Era um Albert Brooks* não-judeu. Tinha o mesmo rosto engraçado e olhos maliciosos, o cabelo bem aparado, barba curta e grisalha e um corpo

*Ator norte-americano que recebeu uma indicação para o Oscar de Melhor Coadjuvante pelo filme *Nos Bastidores da Notícia*. (N. T.)

flácido com uma barriga intumescente sob seu cinto. Havia um sarcasmo disfarçado e uma inteligência brilhante em suas observações, que me fazia querer homens como ele estabelecidos no purgatório para que céticos como eu tivessem alguém com quem almoçar. É claro que Vergil tinha muito mais que a sua inteligência, e eu logo perceberia isso, mas no início esse palhaço agridoce foi um presente de Deus.

Fiquei encantadoramente surpresa, por exemplo, quando, no meu segundo dia, durante a missa, bati com muita força meu cotovelo no braço da minha cadeira e, enquanto fiquei ali sentada massageando meu osso e sentindo uma dor visível, Vergil inclinou-se para mim e disse: "O carvalho é terrivelmente implacável, não é?"

Um monge amigável e com senso de humor? Isso seria possível?

Vergil sabia sobre o quê brincar. A carpintaria era um de seus ofícios. Ele era o carpinteiro-residente da abadia, e sua principal tarefa, quando não estava ocupado com tarefas mais urgentes, era construir ataúdes para os outros monges. Nos meus primeiros dias no mosteiro, fui até a oficina para ajudar Vergil. Conforme seu senso de humor, Vergil fazia os ataúdes em três tamanhos: grande, pequeno e pequeno e gordo. Os tamanhos eram uma indicação maliciosa para alguns dos apelidos dos monges, um dos quais era padre Richard, o Alto. O apelido era usado para distingui-lo do outro padre Richard, o mais corpulento do mosteiro, que era conhecido como Irmão Richard, o Gordo.

Naqueles primeiros dias na oficina, passei horas conversando com Vergil, enquanto ele me ensinava a usar o nível elétrico e a lixadeira para emparelhar e alisar as extremidades dos ataúdes. Nossa amizade decolou quando descobrimos nossos interesses comuns e os compartilhamos.

Descobrimos que tínhamos o mesmo senso de humor e amor pela língua. Expressávamos nossas opiniões políticas e freqüentemente concordávamos. Citávamos *Monty Python* sem parar um para o outro. Ele lia em voz alta suas coletâneas de Gilbert e Sullivan. Eu lia em voz alta minha coletânea de poemas de W.H. Auden.

Conversávamos sobre filosofia e teologia. Perguntei-lhe sobre seus votos, buscando e encontrando respostas criteriosas para minhas perguntas sobre a vida monástica. Vergil tinha um intelecto natural. Não parecia ler particularmente bem fora de seus campos prescritos (biologia, teologia católica e sua ocupação, comédia musical), mas tinha um dom inato para o raciocínio lógico e uma curiosidade insaciável, ambos contagiosos.

Eu lhe disse que cantava árias de ópera para as vacas no pasto depois do jantar, e ele sorriu com uma excitação divertida, quando perguntou: "Ah, você canta?" Ele tinha uma voz precisa e clara, e levava muito a sério seu canto na igreja. Muitos dos outros monges eram difíceis de se ouvir, e ele desligava seus audifones, durante os serviços, para suportar o som do órgão. A maioria dos outros monges recrucificava o Senhor todos os dias enquanto cantava.

Vergil parecia contente de ter outra voz apreciável para lhe fazer companhia. Ele, com freqüência, nos liderava na antífona e em outros hinos, e cantava as partes de solo nos salmos do responsório, afinando-se baixinho em um diapasão que ele mantinha, para esse propósito, no cantinho do seu banco.

Como eu descobriria, a afinação obsessiva com o diapasão era um de seus muitos tiques de retenção anal, cuja maioria eu achava muito divertida, especialmente porque eram uma das poucas coisas sobre as quais ele não tinha nenhum senso de humor.

Ele gostava das coisas assim. Os detalhes tinham de ser corretos. Os erros o desagradavam. Queria que sua afinação estivesse certa, e sua parte cantada perfeitamente. Ansiava por uma precisão gregoriana no canto de seus irmãos, e estremecia diante de suas notas desafinadas. Passava e engomava seus lenços e fazia seus próprios hábitos, alguns dos quais ele fazia totalmente à mão.

Este era o clássico Vergil. Ele estava no controle, ou gostava de pensar que estava. Essa era uma parte importante da sua auto-imagem, indispensável para sua sanidade e situação no mundo.

Aperfeiçoava-se nos rituais prognosticáveis da vida monástica. Gostava de ordem e parecia necessitar dela.

Eu me tornei parte desse esquema.

Vergil costumava me chamar para ir até ele na igreja como se eu fosse um cachorro. Dependendo do dia e de quem aparecia ou não para as orações, às vezes eu me sentava uma cadeira ou duas de distância dele, na nossa fila. Quando o serviço começava e ele via que as cadeiras entre nós iam continuar vazias, sem tirar os olhos do seu hinário, chamava-me para o seu lado com um discreto gesto de mão que significava "venha". E, como um subserviente treinado, eu ia. Abria meu livro na página certa e ele apontava com seu indicador, ainda sem olhar para mim, para o local certo na oração. Isso era *pro forma*. Eu era o aluno, ele era o mestre e, neste aspecto, nosso relacionamento tinha uma perspicácia satisfatória, era preciso e discreto.

Eu me perdia um pouco nesse ritual, ou Ned se perdia. Não consigo ter certeza do quê e em que extensão. Sei que Norah voava para o seu relacionamento com Vergil — alguém que parecia apresentar um complemento de estimulação emocional, intelectual e espiritual. E vôo não é a palavra errada. As mulheres freqüentemente voam para os novos relacionamentos com abandono, tocando todos os pontos de contato como sinos em uma árvore. Os homens, não. Especialmente com outros homens. E era aí que Vergil e eu entrávamos em choque, embora eu diga isso com o benefício da percepção tardia.

No momento, eu simplesmente desfrutava do cuidado que Vergil tinha comigo nos serviços, mesmo que fosse o seu comando e a minha obediência a ele, porque, embora ele o fizesse com todo o seu afeto marcial, também o fazia com uma bondade inesgotável e com um desejo genuíno de me incluir. Ficando ao lado dele, próxima o bastante para sentir o cheiro da sua respiração, que sempre cheirava a Listerine ou Altoids, misturando minha voz com a dele eu sorria para mim mesma com absoluta afeição. Mas entre homens, especialmente entre homens que vivem juntos sob votos de castidade, onde o medo do desejo sexual é onipresente e poderoso, e os limites da intimidade estritamente colocados na distância de um mastro de barco, paixões próprias de meninas e até exuberâncias pseudo-platônicas definitivamente não cabem.

"Você está se apaixonando por ele", disse padre Jerome.

"Não, não estou", disse eu. "Não é nada desse tipo."

"Sim, está", disse ele, "e é assim."

Padre Jerome falou com a voz da experiência. Ele disse ter visto isso muitas vezes antes. Desde o momento em que conheci padre Jerome e ouvi sua voz estereotipicamente alegre, compreendi que ele fosse gay — por orientação, não na prática —, e para ele mesmo, se não à força do óbvio, para todos os demais também. Essa foi uma das razões por que fiquei amiga dele.

Ele tinha cinqüenta anos, mas parecia dez anos mais moço. Era meio gordinho, com um rosto redondo e coberto de acne. Tinha um sorriso deslumbrantemente branco, com dentes grandes e perfeitos, que ele me disse que foram clareados por seu dentista. Foi transferido de uma paróquia de algum lugar no norte, estava sem paróquia no momento, e abrigado na abadia, talvez esperando permanecer para sempre se eles assim decidissem depois de um período de experiência. Estava ali havia apenas uma semana quando eu cheguei, e não sabia muito melhor do que eu qual era o seu lugar. Certamente, não era um deles.

Fui com ele até a cidade no meu terceiro dia ali, esperando ser o mais honesto possível sobre mim mesma pelo menos com uma pessoa na abadia, alguém que eu achasse poder ter alguma perspectiva no lugar. Achei que podia baixar a minha guarda com ele. Ele era solto e afável. Tinha o senso de humor genérico dos gays, uma hilaridade felina. Entendíamos um ao outro, nesse particular. Tanto que me senti suficientemente à vontade para mencioná-lo.

"Eu gosto de você, padre Jerome", disse eu.

"Por que isso?" perguntou ele.

"Ah, não sei. Você me faz rir."

"Não. Seja honesto", insistiu ele. "Por quê?"

Ele estava sondando.

"Bem", hesitei. "Não acho que eu possa ser tão honesto. Posso?"

"É claro que pode. Nada que você possa me dizer me aborreceria."

"Hmm. Tem certeza?" Ele pareceu saber o que eu ia dizer e estava me encorajando para dizê-lo. Era o tipo de jogo que eu fazia antes com as pessoas gays. Você acha que está diante de outra pessoa gay, mas nem sempre quer ser o primeiro a dizê-lo, porque pode estar errado, ou eles próprios podem nem ter consciência disso.

"É claro", disse ele. "Diga."

"Está bem", disse eu, aproveitando a deixa. "Porque você é muito bicha."

Ele me olhou surpreso.

"O que é um bicha?", perguntou ele.

"Ora, vamos", disse eu. "Você não sabe o que é um bicha?"

"Não. O que é?"

Eu estava preso ali. Não via escapatória. "Bem, você sabe", eu disse lentamente, "um homem gay, afeminado."

Pronunciei as palavras "gay" e "afeminado" com certa hesitação. Seria possível que ele não soubesse que era gay? Ou simplesmente esta era uma terminologia que ele nunca tinha ouvido?

"Você acha que eu sou afeminado?", gritou ele horrorizado.

"Bem, sim, eu acho."

"Você quer dizer como em *A Gaiola das Loucas*?"

"Bem", respondi, "aquilo era um pouco exagerado. Mais tipo Robin Williams do que Nathan Lane. Lane era uma bicha hilária."

"Pare de dizer isso", cortou ele. "Detesto essa palavra."

"Desculpe", disse eu. "Eu o insultei. Esqueça que eu disse qualquer coisa, de verdade. Eu pensei que você soubesse."

"Não, não", ele se recuperou. "Você não me insultou."

Houve um silêncio pesado, e então, de repente, ele falou sem pensar: "Então você acha que eu sou gay?"

"Eu sei que você é gay", disse eu. "Ou digamos que eu aposto qualquer coisa nisso."

"Mas *como* você sabe?"

"Bem", disse cautelosamente, "vou lhe dizer outro termo que você não conhece, '*gaydar*'. Você já ouviu falar nisso?"

"Não."

"Bem, isso significa uma pessoa gay que reconhece outra pessoa gay."

"Então, você é gay. Você tem estado com homens." Seu interesse agora foi realmente despertado.

"Hmm, sim", disse eu, com certa dificuldade. "Eu tenho estado com homens. E com mulheres também. Mais mulheres do que homens."

Diante disso, ele se sobressaltou. Perguntou-me mais a respeito. Como era isso, o que eu fazia sexualmente com homens e por quê. Ele soltou a frase de abominação usual do Leviticus, e acrescentou que achava o sexo gay nojento. Ele ficou horrorizado com o que havia visto disso. Mas era visivelmente fascinado por isso. Pesquisou muito na internet, disse ele, encontrando os *sites* mais assustadores. Havia até assistido alguns episódios da série dramática gay do Showtime, *Queer as Folk*, tudo puramente com um horror curioso, você entende, sem um interesse lascivo.

Também lhe perguntei sobre sua história sexual.

Ele me disse que era virgem. Entrou na vida religiosa aos vinte anos e efetivamente aí matou sua sexualidade. Eu não sabia se deveria acreditar ou não nisso, embora os poucos outros monges com os quais falei abertamente sobre sua sexualidade tivessem dito algo similar. A maioria deles havia ingressado na ordem muito jovens, em torno dos vinte anos, e alguns, talvez a maioria, o fizeram sem ter tido nenhuma experiência sexual. Alguns deles, incluindo o padre Jerome, falaram dos inevitáveis sonhos úmidos e das ereções involuntárias que acompanhavam a puberdade, mas o fizeram de um modo resumido e confuso, como se fosse algo experimentado havia muito, muito tempo, e agora difícil de lembrar. Um deles disse simplesmente: "Não sou interessado em sexo." Pareceu muito desconfortável quando disse isso. A simples idéia de corpos se jun-

tando o fazia contorcer-se em sua cadeira, como se estivesse evocando uma má lembrança.

Vergil, ao contrário, foi caracteristicamente engraçado sobre o assunto, dizendo: "Existe supressão e existe repressão. Vejamos. Eu estou tentando me lembrar o que é pior. Oh, sim. A repressão. É quando você diz 'Eu não tenho um pênis.' Isso não funciona. E há a supressão, que é quando você diz 'Baixe, rapaz!'"

Nem todos tinham uma perspectiva tão clara sobre o assunto mas, ao contrário de Vergil, muitos deles não tiveram uma vida muito independente fora do claustro.

De todo modo, deve ter requerido um esforço superhumano ou uma capacidade de negação patológica para esses homens irem contra uma inclinação biológica tão forte. Pelo menos Vergil teve o bom senso de ver que ingressar numa existência casta desta maneira, por força preemptiva, provavelmente não funcionaria. Ele saiu para o mundo e, como disse, "teve realmente uma boa experiência"; e no fim de tudo, quando atingiu o fundo do prazer, compreendeu que puro sexo não era o que ele queria. Viu então que, como os similares para pobreza e obediência — bens materiais e liberdade sem limites — a luxúria o deixou sentindo-se vazio e insaciável.

O sexo libertino não era um mal evitado por ele. Era mais como um prato que, uma vez devorado, ele achou deficiente e agora ignorava, não sem angústias ocasionais, mas com uma espécie de lassidão conquistada. Entretanto, Vergil tinha sérios problemas com o controle e, como Ned veio a saber, isso era ainda parte do pacote sexual e emocional, e provavelmente sempre seria, em parte porque Vergil era simplesmente Vergil, mas principalmente porque Vergil havia escolhido reingressar em uma comunidade de homens que girava em torno do controle, do *self* e de outras coisas. Era isso que a castidade e a obediência significavam na abadia. Ninguém estava ali praticando a não-conexão. Eles estavam praticando isso à moda ocidental, com disciplina e absoluta frieza.

Padre Jerome era um exemplo clássico. Na nossa ida até a cidade eu lhe falei sobre minha amizade com Vergil, e foi quando,

como um velho professor, ele disse "Você está se apaixonando por ele." Mas como ele sabia? Como podia realmente saber, se não estava reconhecendo em mim sentimentos que ele próprio experimentava?

"Não sei", admiti finalmente. "Pode ser que esteja."

Eu honestamente não sabia. Os sentimentos ficavam estranhos naquele lugar, isolado das perspectivas claras do mundo exterior. Imagino que se Ned fosse realmente um homem, qualquer pessoa moderadamente observadora estaria certa ao assumir que ele era tão gay quanto uma parada, e que tinha pensamentos impuros com relação ao Irmão Vergil. Na minha conduta, eu não estava me importando de ser muito fanchona. Estava sendo eu, embora propositalmente menos explícita do que teria sido como eu mesma.

Entretanto, mesmo reduzidos, como um homem meus comportamentos femininos marcantes, meu temperamento emotivo e até minha escolha de palavras soava como gay, ou no mínimo estranhos. Jerome, ansioso para afastar as conjeturas sobre sua própria sexualidade, rapidamente repeliu esses indícios e os rejeitou com toda a força de sua própria auto-aversão.

Em sua presença, eu cometi o erro de, certa vez, me referir a um dos outros monges como bonitinho — o tipo de coisa que as mulheres dizem o tempo todo sobre cavalheiros idosos encantadores como aquele a quem eu estava me referindo. Ele estava com noventa e tantos anos e sucumbindo ao mal de Alzheimer. Toda vez que você o via, ele colocava a mão sobre o seu braço, sorria para você da maneira mais beatífica e dizia "Eu o abençôo." Achei isso muito comovente. Embora não criativa, "bonitinho" era a palavra que me veio à mente durante o almoço naquele dia, e aquele tom que se usa para falar com um filhotinho a acompanhava. Mas assim que a observação ofensiva saiu da minha boca, o Irmão Jerome replicou, em tom zombeteiro:

"Ele não é bonitinho. Não se chama outros homens de bonitinhos."

Eu cometi erros similares diante dos outros monges. Certa noite, durante o jantar, cometi um erro crasso, quando disse ao

padre Richard, o Alto, que ele parecia muito bem para a sua idade. Ele parecia. Eu não conseguia acreditar que ele tivesse oitenta anos. Assim que o comentário saiu da minha boca, todos na mesa pararam de comer com o garfo no ar e olharam para mim como se eu tivesse três cabeças. Padre Richard, o Alto, disse um "obrigado" desconfiado, com os olhos meio fechados, e desviou o olhar, visivelmente constrangido.

Mas a conclusão dos outros monges era clara: "O que há de errado com você, rapaz? Você não sabe que homens adequadamente educados não se comportam dessa maneira uns com os outros?"

Naturalmente, eu não sabia, e ia aprender uma grande lição sobre isso mais cedo do que esperava. Eu teria de aprender, como desconfio que muitos meninos têm quando atingem a puberdade, a não ser tão gay. Isso foi algo que eu já havia observado, mas ainda não havia vivenciado totalmente.

Vi a mesma coisa acontecendo com Alex, o filho de Bob, no boliche. Segundo a opinião geral, Alex era um "fresquinho", um filhinho da mamãe que precisava ser fortalecido. Todo o mundo implicava um pouco com ele, provocando-o com uma observação dura quando ele vinha até nós chorando porque perdeu sua bola na máquina da pista, ou foi trapaceado e expulso de um jogo pelo recepcionista.

"Não seja bebezinho", dizia Bob. "Meu Deus. Vá até lá e pegue seu dinheiro de volta. Ou será que vou ter de fazer isso pra você?"

No mesmo espírito, certa vez Jim fez Alex colocar sua mão sobre a mesa e a manter ali enquanto pudesse, enquanto ele batia repetidas vezes nos nós de seus dedos com uma régua de plástico. Alex resistiu o quanto pôde, fazendo caretas, mas determinado a não falhar no teste. Era tudo feito na brincadeira, e Jim não machucou Alex seriamente, nem pretendia fazê-lo. A régua não era tão rígida. Mas o espírito da coisa estava ali, e a mensagem era clara. Endureça sua carcaça, garoto.

E o mesmo aconteceu com Ned, embora o processo tenha sido bem menos explícito.

Não se tratava apenas da tensão sexual da suposta homossexualidade de Ned, e de sua ligação com Vergil, desajeitadamente expressada, mas de sua aparente ignorância dos limites masculinos.

Para algum deles, acho que muito depressa ficou bem claro que eu era o homem mais fraco daquele *front*, o rapaz que você tem de endurecer nas coisas básicas antes de ele ir para a linha de frente e colocar em risco a vida de todos. No início, eu não entendia essa dinâmica. Certamente não esperava isso de jeito nenhum em um mosteiro.

E, é claro, era inteiramente diferente de qualquer coisa que você encontrasse entre os militares. Os monges não irromperiam no meu quarto no meio da noite, me amarrariam na minha cama e me surrariam com barras de sabão enroladas em fronhas, ou me obrigariam a fazer abdominais na lama, sob a chuva, até que eu prometesse não falar sobre meus sentimentos.

Mas após uma semana, percebi claramente que eu era uma ameaça a seu frágil ecossistema de relacionamento masculino polido.

Não me surpreendi quando fui alvo de olhares carrancudos e acenos de cabeça desaprovadores por parte do padre Jerome ou de pessoas como o padre Cyril. Cyril era o prior do mosteiro, o que significava, ele não perdeu tempo para me informar isso quando nos conhecemos, que era o segundo no comando após o abade. Com 68 anos de idade, ele transpirava a visão enciumada de um homem infeliz que sabia não haver solução para suas aspirações não satisfeitas. Era também velho demais para mudar ou crescer ou para fazer as coisas que ele não fez, e lançava suas inseguranças sobre qualquer um que julgasse inferior a ele em intelecto ou situação.

Se eu fosse um sério pretendente a um lugar no noviciado, padre Cyril certamente teria feito o máximo para apagar minha vela. Eu esperaria isso dele. Não queria ninguém, em sua pequena arena de escolhidos, saindo da linha ou desafiando sua autoridade. Além disso, cabia a ele fazer cumprir a hierarquia da abadia, que era o seu princípio organizador.

Como recém-chegado, você se ajustava ou afundava. Ou aprendia qual era o seu lugar ou ia embora. Não poderia haver lugar, para alguém que saiu do nada, em um mundo onde a obediência era um voto, e aprender a ser como os outros era um marco de fidelidade. Jerome obviamente internalizou essa mensagem longo tempo atrás e, por isso, era um vínculo de negação e infortúnio.

Nesse lugar, eu pude ver como uma pessoa podia ser destruída. Isso começou acontecendo comigo. E quando isso estivesse resolvido, quando a pessoa tivesse aceito os termos da regra monástica e se humilhado suficientemente diante de Deus e da ordem, a enorme autoridade de Cyril, que no mundo exterior assemelhava-se ao poder de um gerente em um McDonald's, de repente significava um inferno de muitas coisas mais. Nesse sentido, não era diferente do meio militar. Submeter-se, tornar-se como os outros, uma simples máquina previsível, ordenada e à mão, e nunca, jamais, mostrar fraqueza ou carência.

Mas eu estava acostumada a mostrar essas coisas — o privilégio de uma mulher livre.

Eu era o jovem e incompetente Ned, no fundo do poço, buscando instrução, orientação, de braços abertos. Fiquei perdido na política e na mentalidade compactada da abadia, e estava impressionada com a rapidez com que isso aconteceu. Ned entrou direto no personagem. Ned imediatamente se apaixonou um pouquinho pelo Irmão Vergil, da maneira como costuma acontecer com os noviços e os postulantes, mas que não se supunha que fosse acontecer comigo, e seu erro tinha de ser corrigido, porque essa era a obrigação de seus superiores, cortá-lo ao primeiro sinal. Em grupos íntimos de homens, espera-se que os impulsos freudianos surjam e, com ajuda e orientação, se resolvam. Faz parte do processo nos mosteiros, e também parte da razão do noviciado, pôr para fora todo esse material enterrado, todos os problemas com o pai, os problemas com o irmão, os problemas com o trabalho, e dispensá-los logo no início, antes que eles se entrincheirem e antes que a comunidade tenha que desperdiçar muito tempo e muitos recursos com um iniciante mal adaptado.

Entretanto, eu estava praticamente certa de que o que sentia por Vergil não era sexual nem mesmo romântico, embora a mentalidade distorcida desse lugar, sempre à busca de desejos proibidos, tivesse me feito imaginar isso. Os sentimentos eram bastante reais, fossem quais fossem seus motivos, e totalmente inesperados. Foram eles que me atraíram para o vórtice emocional da abadia e para a experiência mais plena possível de ser um jovem desocupado e expressivo em um ambiente só masculino destinado a livrar os jovens de suas confusões.

Experimentando em primeira mão esse tratamento estranho e exótico, desenvolvi uma nova simpatia pelos garotos e pelos rapazes, e senti tristeza pelo dano causado a eles nesses ritos de passagem os quais todos toleramos e lhes infligimos para transformá-los em homens. Eu me lembro dos apuros de meus irmãos com este mesmo processo, vendo-os como meninos chorando em casa com minha mãe, contando-lhe as terríveis crueldades perpetradas contra eles por outros meninos e homens na escola e no acampamento de verão. Nessa época, eles eram tão vulneráveis quanto eu, e ainda conseguiam demonstrá-lo. Além disso, ainda podiam pedir e encontrar conforto e simpatia pelo seu sofrimento. Mas agora, como tantos outros homens, se meus irmãos demonstram qualquer emoção, eles só demonstram raiva, porque isso é tudo o que lhes tem sido permitido. Há muito tempo, eu não os vejo chorar. Talvez eles não consigam mais.

Sei que isso também era verdadeiro para pelo menos um dos monges mais cândidos que, quando lhe perguntei quantas vezes na vida ele havia chorado, disse que podia contar as vezes nos dedos de uma das mãos.

"Sou uma pessoa muito racional", disse ele tristemente. "Não sou dado a explosões. Faz parte da minha criação germânica." Disse que estava apenas iniciando o processo de desaprender isso com seu próprio conselheiro espiritual que, significativamente, era uma mulher. Mas estava indo devagar, pois havia muita coisa a superar. Quase todos os outros monges tinham problemas similares, disse ele, mas a maioria deles estava longe de querer lidar com eles.

Num ambiente desse tipo, não deveria me surpreender que minha primeira semana amigável com Vergil se transformasse em algo inexplicavelmente impróprio em um lugar tão pequeno.

Ele parou de me convidar para ir à oficina. Começou a me ignorar nos serviços e emanava uma inequívoca hostilidade, quando obrigado a ficar muito próximo de mim. No almoço, sentava-se o mais longe possível de mim e, se nos falássemos de passagem, ele era breve e superior. Era de uma frieza inegável, que me pegou completamente desprevenida, e atirou Ned na angústia juvenil da insegurança.

Padre Jerome também percebeu o afastamento de Vergil.

Mas ele estava procurando isso. Pontapés e feridas se ajustavam ao seu esquema. Ele dizia conhecer os costumes dos mosteiros. Dizia saber tudo sobre paixões e ligações não naturais, e as hierarquias da fraqueza e da mágoa, da traição e do controle emocional, que envenenavam o espírito sob a superfície ritual da vida enclausurada.

"Ele está lhe fazendo um favor, afastando-se de você agora", disse ele. Mas isto foi dito no contexto de tantas outras idéias paranóicas e tendências sórdidas, que eu não sabia se devia ou não levá-lo a sério. Parecia profundamente atormentado a maior parte do tempo, como eu certamente estava.

Ele dizia coisas como: "Nunca confie em ninguém aqui. Eles vão traí-lo. Acredite em mim."

Já estava paranóico sobre as ramificações da nossa conversa "gay". Toda vez que nos víamos, ele perguntava: "Você não contou a ninguém nada do que conversamos outro dia, contou?"

Eu lhe garanti que não, o que era verdade, mas isso não parecia acalmar suas dúvidas ou desviá-lo de sua constante circunspecção. Tinha medo de se expor ao grupo, e seu medo o tornava vingativo.

Ele falava com um tom de "eu não lhe disse?" quando tocava no assunto da nova e repentina frieza de Vergil para comigo.

"Menino, ele não consegue nem ficar perto de você, consegue?", dizia ele com satisfação.

"Então eu não estou imaginando isso?", perguntava eu.

"Não. Ele definitivamente não quer nada com você."

Essa era uma observação sarcástica. Ele não estava apenas esfregando na minha cara suas previsões; estava também me criticando por eu ser gay. Desde aquela conversa sobre gays, ele vinha me espicaçando em nossas provocações casuais, a estranha observação homofóbica destinada a esgotar a minha paciência — como citar um artigo de jornal recente em que um membro proeminente da liderança católica havia dito que casar com uma pessoa do mesmo sexo era como casar com seu bichinho de estimação. Ele riu entusiasticamente ao me contar isso.

"Quase morri de rir quando li isso. Foi tão engraçado."

"Você é um idiota", disse eu, visivelmente zangada. "Assim como a pessoa que disse isso."

Quando me afastei, percebi que o Irmão Felix, de quem eu não sabia nada exceto seu nome, estava segurando o riso quando se levantou de sua cadeira, dois lugares abaixo de padre Jerome.

Eu havia notado o Irmão Felix antes, mas não havia falado com ele diretamente. Ele, como muitos outros monges, usava óculos, era barrigudo e tinha um ponto raspado no meio do seu cabelo fino. Com cinqüenta anos de idade, era um daqueles sobre os quais eu pensei como um dos monges da geração média, ou de ponte. Era bem mais velho do que o Irmão Vergil, mas muito mais jovem do que os monges octogenários como Richard, o Alto. Era posterior ao Vaticano II, mas não tão posterior a ponto de ter escapado totalmente da pressão dos antigos costumes. Mas ainda era jovem o bastante para entender e se identificar com a geração mais jovem. Para mim, essa posição única na hierarquia da abadia faria dele um instrumento fundamental para entender a má situação emocional de Ned na abadia e contextualizá-la dentro da estrutura da masculinidade carregada em vigor ali. Ele se mostraria uma fonte bem mais confiável do que Jerome, posto que não inteiramente contraditória.

Mas essas revelações vieram muito mais tarde. Inicialmente, interpretei muito mal Felix, ele era apenas outro abastecedor e

consumidor das piadas homofóbicas usuais abundantes em quase todos os ambientes exclusivamente masculinos, o mosteiro não constituindo uma exceção.

Nós nos conhecemos formalmente durante um jogo de mah-jongg na sala de lazer. Eu jamais havia jogado isso antes, mas diante do seu convite juntei-me a um quarteto que incluía ele, Vergil e Jerome. Tive um pouco de trabalho para conseguir colocar direito meus pungs e chows* e cometi vários erros. Felix estava mal-humorado naquela noite, e esta não foi a melhor das circunstâncias para conhecê-lo. No entanto, quando consegui conhecê-lo melhor e conquistei seu respeito, descobri que este seu mau humor era bastante raro e, em geral, dirigido a pessoas que ele considerava tolas. Na minha ignorância do jogo, eu estava exibindo as características de um tolo. Tive de ser corrigido em vários movimentos e suas correções eram incrivelmente cortantes.

"Não. Você não pode pegar da pilha de descarte a menos que tenha um pung ou um chow para mostrar."

"Está bem, está bem. Desculpe. Relaxe, Irmão, relaxe", disse eu.

"Por favor", acrescentou ele, entre dentes.

Enquanto jogávamos, fiquei distraída com a televisão, que estava ligada no fundo da sala. Em geral, nesse horário um grupo dos monges mais velhos se reunia em torno do aparelho para ouvir o noticiário. Um segmento específico sobre a epidemia da obesidade americana chamou minha atenção. A câmera estava focalizada em um homem imenso e cambaleante, enquanto ele descia a rua bamboleante. Eu não conseguia desviar o meu olhar. Ainda estava olhando quando chegou minha vez de jogar.

"Ei!" disse Felix, num crescendo de irritação. "Sua vez."

"Desculpe", disse eu. "Eu estava hipnotizado pela barriga daquele homem."

---

* No Mah-jongg, *chow* significa uma seqüência numérica de três peças do mesmo naipe; *pung* são três peças iguais de qualquer tipo ou valor (N. T.)

"Como é que é?", disse ele.

Jerome olhou para suas peças. Vergil teve um ataque de riso.

Eu me virei imediatamente, tentando disfarçar como um adolescente surpreendido em um malfeito.

"O quê?", exclamei. "O sujeito era incrivelmente gordo. Isso é tudo."

Mas não importava o que eu dissesse. Seja como for, eu não estava sendo inteiramente honesto com eles, e por isso não podia me queixar de que eles estivessem se divertindo às minhas custas. Além disso, essas brincadeiras faziam parte de seus gracejos e eu não podia revelar o meu disfarce respondendo com uma insinuação mais obscena, como poderia ter feito no mundo exterior.

Essencialmente, era essa a natureza ingênua desses homens, serem os primeiros a fazer a brincadeira e rir o mais alto possível — a metáfora de todo ritual de vínculo masculino. Nisto, eles eram bem parecidos com meus companheiros de boliche, embora ingenuamente eu esperasse que não fossem. Entretanto, suas observações tinham uma aspereza que nunca senti com Jim, Bob e Allen. Eu percebia, da maneira como percebemos quando ouvimos um casal idoso criticando um ao outro, que havia muita coisa sendo dita sem ser dita.

O comportamento misturado na sala de lazer ensinou-me muito sobre a maneira de os monges tratarem uns aos outros, suas habilidades interpessoais ou ausência delas. Observando e ouvindo durante um curto tempo, pude perceber como muitos deles eram rígidos e ineptos em relação um ao outro, e por que, em contraste, eu chamava tanto a atenção. Pela maneira como eles enganavam um ao outro e depois recuavam, quase pensaríamos que fossem totalmente estranhos, não pessoas que viviam juntas, alguns deles havia trinta anos ou mais.

As noites de terça-feira eram as noites sociais. O abade havia determinado que, uma noite por semana, os monges se sentariam em círculo e tentariam conversar um com o outro. Isso tinha de ser ordenado, ou não acontecia. Seu objetivo era estimular uma maior

proximidade ou abertura entre os monges, algo que eles estavam de várias maneiras tentando fazer funcionar havia algum tempo, na abadia.

Aparentemente, uma vez eles tentaram instituir um programa de abraços. Este, também eles tinham de fazer cumprir de uma maneira formal para que acontecesse. Alguns monges, em especial os mais velhos, que haviam incorporado uma aversão a qualquer contato físico com outros homens, simplesmente não conseguiam fazê-lo de uma maneira espontânea. Tanto Vergil quanto Felix contaram-me sobre este incidente. Foi, obviamente, um grande evento na história da abadia, do qual Vergil zombou, mas Felix entendeu melhor. Felix me contou sobre o absurdo quase total disso, como alguns abraços pareceram naturais, ou quase naturais, mas disse que abraçar alguns de seus companheiros monges era como abraçar uma tábua. O exercício não durou. O desconforto em forçar a afeição tornou-se grande demais ou, talvez, como Vergil pareceu sugerir, a repugnância de alguns monges pelas técnicas modernas de *role-play* destruiu o espírito da coisa e a derrubou antes que ele pudesse ser mantido. Evidentemente, cada homem tinha suas próprias dificuldades com a intimidade — todos os monges tinham — e a tentativas de lidar com essas dificuldades eram sempre espinhosas, embora necessárias em uma comunidade onde os homens estavam tentando viver juntos em um espírito de amor.

Pelo que eu posso dizer, não era apenas isso. Como cristãos, eles achavam que tinham de expressar maior afeição um pelo outro, ou até que, como pessoas que viviam na mesma casa, tinham de aprender a se misturar em vez de simplesmente coexistir. Era isso que suas necessidades, quer eles conseguissem ou não admiti-lo, estavam apontando na rede formal desse arranjo de vida. Suas necessidades de afeição, contato, companheirismo e compaixão estavam se fazendo sentir. Para alguns deles, era apenas uma corrida angustiante para a morte; para outros, era a passagem do fim da meia-idade; e para alguns estava acontecendo por uma simples sensibilidade constitucional, recusando-se, no fim, a serem deixados de lado.

Mas eles eram homens socializados e não sabiam como conversar uns com os outros sobre muita coisa, que dirá sobre seus sentimentos. E quem poderia culpá-los? Isso, na nossa cultura, tem sido tradicionalmente o papel feminino e ainda não foi inteiramente tirado de nós. As mulheres ainda são, com freqüência, os comunicadores, os interlocutores entre os homens e elas próprias, os homens e seus filhos e até entre os homens uns com os outros. Observando os monges, eu não pude deixar de pensar, que sem o tecido conectivo, sem a influência feminina, esses homens eram como carrinhos de bate-bate tentando se fundir.

Essas reuniões das noites de terça-feira eram dolorosas de assistir. Todos nós sentávamos em nossas cadeiras em círculo. Havia longos silêncios e, então, pequenas tentativas patéticas de preencher os silêncios com falas precipitadas e confusas que raramente fluíam.

Então alguém pegava uma revista e começava a folheá-la. Outra pessoa pegava a cópia da abadia de *The Best of Calvin and Hobbes* e fazia o mesmo. Eu e um ou dois dos monges gravitávamos em torno das *Crossword Omnibus*, do *New York Times Sunday*, que em geral ficava aberto em uma das mesas. Finalmente, as pessoas levantavam-se e saíam da sala ou ficavam ao lado da porta que dava para o pátio, fingindo estar fascinadas pela disposição iminente do tempo moldando-se fora da janela. Finalmente, o abade desistia ou o sino tocava para as vésperas.

Padre Richard, o Gordo, era o monge com quem eu mais freqüentemente fazia palavras cruzadas. Ele era o mestre dos noviços, o que significava que, como Vergil e eu, ele residia no quase totalmente vazio quarto andar. Correspondendo ao seu apelido, ele era realmente gordo, tipo Papai Noel, com uma barba e um bigode brancos e um riso alegre e vivo que enrugava seu nariz e mostrava suas gengivas e seus dentes, pequenos como os de um bebê. Sempre tinha uma generosa camada de caspa na frente de seu hábito. Isso me fez pensar afetuosamente em um comentário jocoso que Jim fez, certa vez, sobre um companheiro do boliche: "Ele não precisa de Cabeça e Ombros. Precisa de Pescoço e Peito."

Com o padre Gordo, fazer palavras cruzadas era uma forma de intimidade, e uma lição de humildade intelectual. Era uma viagem ao interior da sua mente, que era onde ele vivia. Eu achava muito gratificante sentar perto dele, os dois inclinados sobre as palavras cruzadas, rindo sobre as coisas que escrevíamos certo ou errado, ou das chaves muito herméticas e suas respostas esotéricas. Com ele, esse era um início corajoso para qualquer um, e eu considerava isso uma vitória. Afinal, não era como se fosse dar uma volta com ele, colocasse seu braço em torno dele e dissesse então, padre, fale-me sobre sua infância. Seu estilo interpessoal era muito sutil e sem interferência.

Vergil tinha muita afeição e respeito pelo Padre Gordo. Certa vez ele me disse, em seu tom usual de afastamento sardônico, que o padre Gordo lidava com os noviços da mesma maneira que lidava com suas plantas, das quais ele tinha dúzias espalhadas por todo o quarto andar. As plantas eram criaturas entrelaçadas, indômitas, que pareciam se agarrar e que você tinha a certeza de que iriam alcançá-lo e agarrá-lo quando passasse por elas. Não havia nenhuma flor entre elas. Eram plantas masculinas, todas folhagens verdes, vigorosas e parecendo emborrachadas, as quais mesmo um polegar negro teria dificuldade de pressioná-las para matar.

Ao que parecia, os noviços tinham de ser tão vigorosos quanto aquelas folhagens para receber a atenção do padre Gordo. Pela maneira como Vergil contou isso, se você fosse um noviço e o padre Gordo visse que você não estava indo bem no lugar em que estava, ele movia você para um lugar onde recebesse mais luz ou sombra. Se visse que você precisava de água ou poda, ele providenciava. Mas não ia ficar do seu lado ou ficar checando você todos os dias. Deixava você seguir o seu curso e fazia um leve ajuste periodicamente, caso necessário, mas isso era o natural.

Esse era também o seu estilo intelectual. Ele era brilhante, um matemático treinado, mas um óbvio polímata, bem versado em qualquer coisa para fazer palavras cruzadas como se estivesse simplesmente preenchendo um formulário. Mas não sentia a necessidade de bater na sua cabeça com seu poder mental. O que ele sabia, convertia em uma sabedoria silenciosa. Jamais interrompia ou pressionava. Jamais tentava convencer. Ele apresentava. Ele sugeria. E suas sugestões eram tão profundamente corretas, tão claramente expressadas, que faziam com que nos sentíssemos, mal comparando, como um burro ao qual tivesse sido concedido temporariamente o poder da fala.

Era uma presença benigna e quase avuncular quando se chegava a conhecê-lo, mas uma pessoa formidável, nunca sendo menosprezado por gente como Cyril ou Jerome. Tive o impulso de abraçá-lo mas, por puro respeito, não me atrevi.

Entretanto, por mais que os monges a desdenhassem, e por mais simplória que pudesse parecer, a idéia do abraço não era totalmente desprovida de mérito. Na verdade, era o que o médico poderia ter prescrito. Essa revelação veio até mim quando conversei pela primeira vez com o padre Henry.

Padre Henry estava morrendo de câncer de próstata. Havia feito toda a quimioterapia e radioterapia que seu corpo pôde tolerar, e os médicos disseram-lhe que não podiam fazer mais nada por ele. Estava muito doente, mas ainda conseguia andar. Ainda ia, toda sexta-feira, a uma das alas da maternidade local para participar de um programa de carícias para bebês prematuros. Ele e os outros voluntários carregavam os bebês nos braços durante várias horas, afagando-os, aconchegando-os e conversando com eles em um esforço para aumentar suas chances de sobrevivência.

Certa noite, quando o padre Henry estava explicando tudo isso a mim na sala de lazer, eu disse: "Uau, mas isso é fantástico. Talvez eu possa me juntar a você algum dia. Eu poderia realmente fazer algumas carícias exatamente agora."

Vergil lançou um olhar para Felix. De repente, eu me senti mais uma vez exposta e constrangida, de uma maneira como jamais teria permitido que ninguém me fizesse sentir em outro contexto. Poderia ter protestado, não fosse um rapaz cercado por outros homens que, posso lhe dizer pelos olhares que trocaram, abrigavam agora profundas suspeitas de que eu fosse gay, carente e indisciplinado no controle dessas tendências.

Eu, por minha vez, estava, sem dúvida, me tornando o rapaz que seria humilhado para me abster das admissões emocionais. O peso da desaprovação de meus irmãos garantiria isso, ou me destruiria no processo.

Por isso eu não esperava. Não havia pensado que poderia, na verdade, me tornar tão inteiramente Ned a ponto de me sentir constrangida pelas conjecturas dos monges, ou aborrecida pela ferroada da desaprovação deles. Mas foi precisamente essa experiência, a imediação dela, que me levou a ver e entender a dinâmica da aceitação e da rejeição fraternais que sustenta a comunidade e define o bem-estar emocional de seus membros.

Sentindo isso atuar em mim mesma, comecei a vê-la atuar também nos outros, embora neles fosse muito mais habilmente disfarçada do que jamais seria em mim.

Mesmo com anos de estoicismo praticado no passado, o endurecido Vergil não tinha sido capaz de esconder do inferior Ned o quanto ele precisava da aprovação de seus pares. Certo dia, próximo ao fim da minha estada, chegou a notícia de que tinha obtido a permissão para receber os votos solenes. Veio até meu quarto todo orgulhoso. Estava distante de mim havia dias, mas agora queria que eu compartilhasse da sua alegria. Não a alegria da iminência de seus votos solenes, mas, como ele enfatizou, a alegria de sua inclusão. Ele havia sido votado por seus irmãos. Eles o haviam aceito como um deles. Estes homens, com quem ele havia vivido durante três anos, consideraram-no digno o suficiente para passar o resto de sua vida com eles. Os votos que ia receber eram, em certo sentido, simbólicos votos nupciais coletivos, não tanto com Deus, mas com este grupo de irmãos que viviam juntos na saúde e na doença e enterravam um ao outro na parte sul da igreja.

Eu tive certeza de que isto estava intimamente conectado com as decisões desses homens não apenas de fazer o voto de castidade, mas de ingressar no modo de vida monástico em vez de se tornarem padres diocesanos. Era uma maneira inteiramente legítima de homens se casarem com outros homens — cultivarem pela vida toda, a companhia de seu próprio sexo — e isso era verdade tanto para os heterossexuais quanto para os homossexuais. Era a única coisa que todos os monges pareciam compartilhar em comum: um profundo desejo de aprovação e apoio fraternal e paternal, uma necessidade quase inconsolável de uma família masculina vinculada.

Os homossexuais julgavam-no conveniente provavelmente porque assim podiam evitar o grave pecado da sodomia — pelo menos em teoria — e ao mesmo tempo desfrutar de todos os arranjos domésticos masculinos e evitar as temidas expectativas da existência heterossexual "normal" — a intimidade com uma mulher.

Os heterossexuais também viam o apelo de se casar com outros homens. Vários dos monges com quem eu falei sobre castidade deram-me a impressão de que as mulheres não eram criaturas com as quais eles conseguissem lidar em qualquer nível. Estes homens não eram gays. Eles simplesmente não queriam as exigências emocionais e as lutas constantes de lidar com o sexo oposto. Eram tipo Henry Higgins*, velhos solteiros convictos. Queriam estar entre sua própria espécie, ser entendidos e deixados, na maior parte do tempo, sozinhos para realizar seu trabalho sem uma esposa valentona os atormentando. Mas, e isto é fundamental, não queriam ficar sozinhos. Um monge me disse: "Eu tentei isso [viver sozinho] e não funcionou". A vida na abadia era uma um pouco parecida com a vida num dormitório de universidade e, para um certo tipo de personalidade podia oferecer a solução perfeita para a alienação sexual e a solidão. Era, de muitas maneiras, uma vida muito mais fácil do que as alternativas. Bem menos estressante. Bem menos envolvida, especialmente em se tratando do tipo de homem que não queria cozinhar ou limpar, e que pensava nas mulheres como uma outra espécie, intolerável.

Mas aí também há dificuldades. Viver entre os homens na abadia também tinha seu lado negativo. A influência protetora que

---

* Personagem representado por Rex Harrison no filme *My Fair Lady*. (N. T.)

as mulheres podem proporcionar, as habilidades de comunicação que elas podem emprestar e estimular estavam perdidas para esses homens, o que prejudicava muito o seu lado emocional. A maioria deles estava sofrendo por dentro, precisando do consolo um do outro, mas totalmente sem capacidade para comunicar esses sofrimentos e carências, que dirá oferecer consolo em troca.

O padre Claude era um exemplo perfeito dessa dinâmica triste em vigor. Com 82 anos, era o segundo monge mais velho do mosteiro. Emocionalmente falando, era da velha escola. Ninguém conseguiria fazê-lo falar sobre seus sentimentos. Ou pelo menos foi o que pensei no início, e tive a impressão de que foi isso que os outros monges pensaram durante um longo tempo. Provavelmente com bons motivos. Claude havia sido o mestre dos noviços uma certa época, e Vergil me contou que ele era severo nesse papel. Emocionalmente severo. Ou seja, não era de abraços. Vergil disse que, quando era noviço, quando foi pela primeira vez para o mosteiro, certa ocasião em que estavam caminhando juntos, Vergil colocou a mão afetivamente no ombro de Claude, da maneira como fazemos quando estamos conversando animadamente quando alguém de quem gostamos. Vergil disse: "Nunca vi ninguém se afastar tão depressa e furiosamente."

Conheci o padre Claude na oficina de marcenaria num daqueles primeiros dias em que estava ajudando Vergil com os caixões. Claude cuidava da horta e das colméias, ambas localizadas em uma pequena clareira a cerca de 50m da oficina.

Ele costumava ir de vez em quando à oficina para uma pausa e para conversar um pouco. Ficava ali tirando o suor de sua testa com um lenço, rosto e mãos cobertos de manchas marrom-escuras, suas roupas de trabalho folgadas, soltas sobre sua estrutura magra, seus olhos azuis reumosos devido à idade. Ele e Vergil tinham uma relação afetuosa, zombeteira, que consistia em Vergil fazer a maioria das referências à muita idade e ao juízo questionável de Claude, e em Claude terminar principalmente com observações irônicas sobre a insolência verbal e a incompetência de Vergil. O jogo fez com que eu estimasse ambos.

Depois de uma das visitas de Claude, Vergil disse: "Ele pode ser, às vezes, um pouco tolo. Temos uma piada sobre ele. Dizemos quando padre Claude ficar senil, como saberemos?"

Era uma das brincadeiras carinhosas de Vergil, cheias de um amor desajeitado e intraduzível.

Resolvi visitar Claude depois disso. Com grande orgulho, ele me mostrou sua horta e suas colméias. Disse que provavelmente havia sido picado centenas de vezes na sua vida, quer colhendo mel, quer transferindo colméias, mas disse que isso nunca o aborreceu. Ele adorava as abelhas. Podia falar horas sobre elas, contar tudo o que você quisesse saber. Os outros monges chamavam as abelhas de suas amigas de seis pernas, e acho que falar sobre elas era a versão de Claude de falar sobre o tempo, uma brincadeira neutra que o deixava à vontade.

Mas à medida que fui passando cada vez mais tempo com padre Claude, fazendo-lhe perguntas e caminhando com ele na horta, ele começou a se abrir. Tinha coisas a dizer, se você o sondasse. Talvez fosse a idade avançada, o abrandamento que ocorre a algumas pessoas. Talvez fosse minha abordagem feminina, ainda que ele não a reconhecesse como tal. Fosse o que fosse, contou-me coisas sobre a sua infância, deu-me imagens que jamais vou esquecer. E, no fim, disse o mais íntimo, a coisa sofrida que ninguém ali jamais me disse.

Certa noite, na sala de lazer, eu lhe perguntei se ele algum dia se arrependeu de ter se tornado padre. Acho que isso o pegou de surpresa, porque quase como um reflexo ele respondeu que não — não de uma maneira defensiva, mas de uma maneira confusa, como se realmente jamais tivesse considerado isso. Mas no dia seguinte, encontrou-me no refeitório no fim do almoço, inclinou-se e disse: "Sabe, eu estive pensando sobre o que você me perguntou ontem, e me lembrei de uma coisa que um colega padre certa vez me disse. Ele disse: 'Sabe, às vezes eu gostaria que fôssemos noviços de novo.' E eu lhe perguntei: 'Por quê? Porque foi uma época maravilhosa?' E ele respondeu: 'Não. Porque então eu poderia ir embora.'"

Padre Claude riu diante da lembrança e apertou meu braço.

Eu ri, peguei-o pelos ombros e disse-lhe ternamente "Padre Claude, eu realmente gosto muito de você. Você me dá esperança."

"Obrigado", disse ele, balançando sua cabeça para baixo levemente, na direção do chão. "Gostaria que meus irmãos se sentissem dessa maneira."

Eu não conseguia acreditar que ele tivesse dito isto. Supunha-se ser o tipo de coisa que padre Claude jamais diria ou sentiria.

"Eles não sentem?" perguntei.

Pressionando seus lábios com uma expressão carrancuda, triste e pesarosa, ele disse "Não parecem sentir."

Até mesmo o sossegado padre Claude, antigo mestre dos noviços que não suportava um toque amigável no ombro, um homem que havia escolhido passar toda a sua vida adulta neste mesmo claustro, mesmo ele, no fim estava sem amigos, sem a sensação de que seus co-irmãos o estimavam.

Isso me fez ponderar sobre como a estima era realmente conquistada e perdida entre os irmãos. Soube por Vergil que ser aceito na comunidade era uma afirmação enorme. Provavelmente, era assim para todos os monges. Mas também soube por Vergil, e havia percebido por outros comentários de Felix, que havia pelo menos um monge entre eles que havia perdido o respeito de seus irmãos. Ninguém foi indiscreto o suficiente para nomeá-lo no início, mas à medida que minha estada se estendeu, e os próprios problemas de Ned com a trituração da estima se estabeleceram, descobri quem era e por que os outros monges tinham uma opinião desfavorável sobre ele.

O tema surgiu pela primeira vez certo dia, na oficina. Vergil mencionou que um dos outros monges, Irmão Crispin, estava sofrendo de depressão e tomando remédio para isso.

"Ele está deprimido porque acha o resto de nós não o respeita", disse ele. "E ele está certo; nós não o respeitamos. Mas ele continua fazendo as mesmas coisas que o fizeram perder nosso respeito."

A conclusão era que se Crispin simplesmente ficasse na sua, ganharia o respeito deles novamente e- puff — a depressão desapareceria, ele ganharia o seu respeito e — puff — sua depressão iria embora.

Descobri que Felix compartilhava o desafeto de Vergil por Crispin. "Algumas pessoas", disse ele durante uma conversa que estávamos tendo sobre a vida na abadia, "preferem tomar Prozac a enfrentarem seus problemas."

Saímos de carro juntos naquela tarde. Eu não tinha acesso a um carro e, por isso, tentando passar algum tempo sozinho com ele e conhecê-lo melhor, pedi-lhe que me levasse com ele, e ele concordou. Foi então que eu soube como estava errada sobre ele. Como o julguei mal. Apesar de sua observação sobre Crispin, ele não foi realmente brusco, desmentindo minha opinião sobre ele. Ao contrário, foi muito bondoso e aberto comigo.

Conversamos sobre a vida emocional no mosteiro e ele admitiu que havia sérios problemas de intimidade na comunidade. Em sua opinião, a maioria dos monges era incapaz de falar sobre seus sentimentos um com o outro ou discutir alguma coisa além de esportes e o tempo. Nesse aspecto, eles eram homens típicos.

"É possível", disse ele, "em um ambiente monástico como este, passar vinte anos ou mais sem falar com alguém e não saber por quê."

Mas, enfatizou ele, havia muitas forças militando contra as boas habilidades de comunicação. Além de toda a socialização emocionalmente repressiva que os homens da sua geração tradicionalmente sofreram, os monges mais velhos tinham a carga adicional de terem sido treinados no seminário para não socializarem uns com os outros. Fazer com que se soltassem agora significaria ir contra tudo o que eles conheciam.

Ele me contou que, nos velhos dias pré-Vaticano II, os monges noviços eram proibidos de ficar sozinhos uns com os outros. Eram proibidos de ir a qualquer lugar em grupos de menos de três. Em parte, a idéia que estava por trás destas regras tinha sido estimular um sentido de comunidade, mas a preocupação mais premente seria afastar a tentação de uma intimidade inapropriada

entre os irmãos. Intimidade inapropriada não era inteiramente um eufemismo para sexo gay. Supunha-se que os monges deviam evitar amizades profundas ou ligações platônicas de qualquer tipo com qualquer pessoa de qualquer sexo, para que estas ligações não ficassem entre eles e Deus ou criassem lealdades concorrentes dentro do grupo. Mas como disse Felix, apesar de tudo, a tensão sexual era algo premente e quase onipresente, e as regras existiam, em grande parte, para manter os homens longe da tentação.

Ele falou sobre uma crescente divisão de gerações entre os monges mais velhos e os mais moços. Além disso, disse que vários dos noviços jovens que tiveram nos últimos anos acharam tão difícil quanto eu se integrar na comunidade, e por razões similares — a eliminação emocional de tantos de seus membros, a sufocação institucionalizada de intimidades inocentes, afeições espontâneas e até, pode-se ousar dizer, alegria. Enquanto Felix estava falando, lembrei-me do padre Gordo me contando sobre um noviço reprovado que foi surpreendido mantendo um gatinho escondido no seu quarto, algo considerado absolutamente inaceitável. De minha parte, havia me impressionado imediatamente, com uma ausência perceptível, que o mosteiro não abrigasse nenhum tipo de animal de estimação, nem mesmo aqueles que ficavam fora de casa, que a propriedade teria certamente acomodado. Perguntei a respeito e me disseram que era uma questão de política, uma política que agora não parecia absolutamente incongruente com a vida emocional um tanto atrofiada da abadia.

Felix ficou, então, um pouco na defensiva.

"Você pode ficar tentado a pensar que nem sequer gostamos uns dos outros, mas há muita coisa nesta comunidade que um forasteiro não enxerga, muita coisa que acontece sob a superfície que faz de nós uma comunidade."

Eu sabia que isso era verdade, em parte porque já havia aprendido muito sobre a qualidade silenciosa das amizades masculinas, mas também porque havia ouvido outros monges falarem sobre estas intimidades ocultas. Eles falaram de conhecer outros monges pelo som de seus passos nos corredores, ou de saber que o

próprio Felix sempre dava quatro espirros por vez. Mesmo no curto tempo que passei na abadia, aprendi a reconhecer o arrastar de pés de Vergil, o andar deslizante quando passava pela minha porta indo e vindo do banheiro. Podia ver como são possíveis milhares de intimidades minúsculas como esta entre esses homens, grandes amabilidades concedidas de passagem. Mas eles não conseguiam substituir inteiramente o que não estava ali.

Felix admitiu outro tanto. Como ele disse, foi, uma vez, mais aberto e até tentou um contato emocional mais direto com seus coirmãos, mas foi magoado e, desde então, se fechou.

Quando eu lhe fiz perguntas sobre ele e quando ele respondeu e me fez mais revelações sobre seus pensamentos e viu que eu estava aberto para recebê-los, pude ver sua personalidade arrogante e doutoral se desvanecer. Pude sentir sua solidão, sua necessidade de uma intimidade havia tanto tempo castrada, mostrando-se como as palmas das mãos de alguém afundando contra a janela de um carro. Ele ainda estava vivo ali, intacto atrás do abatimento e da negligência.

Por isso eu soube que, quando ele disse "Algumas pessoas preferem tomar Prozac a enfrentarem seus problemas", ele estava realmente dizendo: "Crispin acha que ele é o único aqui que está sofrendo?"

Era também apenas o velho reflexo masculino, o mesmo que Vergil havia tido. Para eles, Crispin era fraco e estava usando um comprimido para fazer o que ele devia ter sido decidido o bastante para fazer por si mesmo. Mas achei que havia, também, um toque de inveja em seus julgamentos. Ele tinha tido a coragem de gritar.

Eu estava curiosa para saber como o Irmão Crispin via tudo isso, e então finalmente decidi procurá-lo. Não havia trocado mais que algumas palavras com ele desde que estava na abadia. Ele era muito quieto, o tipo de pessoa que desaparece, em um grupo. Eu simplesmente não o havia notado muito. Agora sabia por que e me sentia mal com isso.

Ele estava seriamente acima do peso, cerca de uns quarenta quilos. Na maneira quase envergonhada e autodesaprovadora como parecia habitar seu corpo, era possível ver a magnitude do seu isolamento e a infelicidade que transbordava por cada poro. Seu cabelo preto estava moldado no velho corte de tigela característico dos monges, menos a tonsura. A franja estava irregular e alta sobre sua testa. Ele era flácido e seu rosto era jovem e indefeso. Apesar de seus quarenta e um anos, ainda quase se podia vê-lo na oitava série.

Qualquer raiva que Crispin sentisse havia se voltado para dentro, como ocorre tão freqüentemente nas pessoas deprimidas, e ele apresentava uma expressão humilde, derrotada, os ombros caídos como que para abrigar o plexo solar, o andar pesado e lento. Ele trabalhava na biblioteca, literalmente bloqueado pelos livros. Eles estavam todos empilhados em torno dele, embora eu duvidasse que ele tivesse a energia ou a concentração para lê-los. Eu sabia que não conseguia, quando estava deprimida.

Fazê-lo falar foi difícil, mas finalmente abordamos o tópico da sua depressão e ele disse que havia tomado Prozac, mas havia trocado pelo Zoloft. Perguntei-lhe quando havia começado sua depressão. Ele disse que alguns anos atrás, durante uma das reuniões periódicas em que os monges discutiam as questões da comunidade, ele explodiu. Disse que simplesmente se levantou e começou a gritar com todo mundo, finalmente desabafando anos de descontentamento reprimido.

Pelo que ele falou, era difícil dizer se essa cena havia precipitado um genuino colapso nervoso nele, ou se os monges simplesmente condenavam esse tipo de exibição pública de emoção psicótica descontrolada sob qualquer circunstância. Seja como for, Crispin disse que, depois do incidente ele "se afastou" durante algum tempo. Mais uma vez era difícil saber se foi internado em uma ala para doentes mentais em um hospital ou se para uma instituição especial de retiro monástico, e se foi por vontade própria ou foi mandado. Tive a impressão de que foi mandado, mas Crispin relutou em continuar a falar e eu não quis pressioná-lo.

Podia ver minha própria história na de Crispin. Estando nesse lugar por algumas semanas, eu já havia começado a sentir que se realmente fosse um jovem considerando essa vida ou se fosse jovem demais para não saber bem e tivesse me juntado a eles em um acesso de ardor visionário, teria sucumbido e sido degradado, certamente, como foi Crispin.

E mais uma vez me impressionou que o destino de Crispin não estivesse vinculado principalmente ao monasticismo, mas ao ambiente totalmente masculino em que ele vivia, a única diferença sendo uma diferença de grau. Muito pior teria acontecido com ele na prisão ou na carreira militar, onde os mais fracos são sempre extirpados ou maltratados pelos fortes. Mas o instinto era o mesmo. Ele estava no fundo do poço, o garoto gordo no *playground*, a projeção odiada das fraquezas escondidas de todo o mundo, a manifestação arrepiante da masculinidade fracassada à mostra. Ele era um homem adulto, como Ned, que não teve o cravo adequadamente arrancado dele.

O tempo que passei com Crispin deixou-me triste e ansiosa para deixar a abadia. Eu também havia começado a ficar deprimida entre todo o sofrimento que havia descoberto. Mas não queria que as coisas se resolvessem desta maneira. Não queria ir embora com nada além um monte de maus sentimentos a reboque. Mas só tinha alguns dias pela frente.

Precisava mudar o teor dos meus encontros. Precisava de alguém com quem conversar, alguém de fora dessa briga. Padre Gordo veio imediatamente à minha mente.

Mas fora da sala de lazer era difícil chamar a atenção do padre Gordo. Ele estava muito ocupado durante o dia, como a maioria dos monges, e se alguém fosse tomar o seu tempo, era melhor que fosse por uma questão cósmica. Isso significava, mais ou menos, confessar seus pecados. Então, decidi confessar meus pecados. Era estranho pensar no confessionário como sendo um lugar onde se podia conhecer melhor um homem, mas o Irmão Felix conhecia o padre Gordo muito melhor do que eu e sugeriu isso.

"Fazer palavras cruzadas é uma maneira de conhecer o padre Richard", disse ele. "Outra é pedir a ele para ser seu confessor."

Além disso, eu estava procurando um confessor entre os monges. A carga de ter mentido para entrar no mosteiro, e ter o tempo todo enganado essas pessoas numa questão que seria uma terrível ofensa para eles se viessem a ter conhecimento dela, estava pesando na minha mente durante toda a minha estada ali. Eu me sentia culpada e queria ficar limpa.

Dois dias antes da minha partida, consegui me encontrar com padre Gordo em meu quarto no meio da manhã, após as laudes. Na hora em que ele bateu na minha porta, eu lhe perguntei onde deveríamos ir, e ele disse: "Aqui há duas cadeiras. Vamos ficar aqui mesmo."

Então ficamos. Ele se sentou na minha cadeira de leitura, eu me sentei na cadeira da minha escrivaninha, e começamos.

"Perdoe-me, Padre, porque eu pequei", disse eu. "Faz muito mais tempo do que consigo me lembrar desde minha última confissão."

Essa foi a única coisa formal que eu disse durante toda a confissão. O resto foi apenas conversa, que era exatamente o que eu esperava que fosse. Comecei expressando arrependimento pelo mal que iria causar a alguns monges. Depois toquei em alguns pontos da teologia católica que sempre me incomodaram. Ele inseria algumas coisas de vez em quando, mas a maior parte do tempo ele só ouviu.

Então comecei a lhe perguntar a seu respeito, sobre o seu passado, por que ele se tornou monge. Com uma parcimônia que era característica nele, ele disse: "em algum lugar entre me tornar um policial e me tornar um *cowboy*, tornei-me um padre. Embora o padre Claude não tivesse dito isso em tantas palavras, achei que ele fez essa escolha por uma razão similar. Era uma forma de serviço civil para uma certa geração, como ser um soldado. Se você não fosse talhado para uma, fazia a outra.

Mas havia muito mais coisas além disso para alguém complexo como o padre Gordo. Ele havia se formado na faculdade local,

onde ele e muitos monges agora ensinavam, e disse que quando era aluno ali ficou muito impressionado com os monges que conheceu.

"Pensei que se eles conseguiram ser o tipo de pessoas que eram vivendo essa vida", disse ele, "então eu queria experimentar."

E se havia alguma propaganda para aquela vida, era o padre Gordo. Ele era um homem exemplar. Não de algum modo perfeito. Mas exemplar. Profundamente bondoso. Profundamente amável. Solene, humilde, generoso.

Perguntei-lhe sobre a questão do abraço e da dificuldade que tantos monges tinham em mostrar afeição um pelo outro. Estava curiosa para saber onde ele se inseria, nesse espectro. Ele me contou sobre sua amizade com o padre Henry, que havia sido uma longa e dedicada amizade. Disse que ia visitar o padre Henry em seus aposentos ou no hospital muito freqüentemente, nessa época. Conversavam durante uma ou duas horas e sempre davam um longo e apertado abraço no final do encontro.

"Estou ajudando meu amigo a morrer", disse ele.

Ficamos um tempo calados depois deste último comentário. Padre Gordo tinha me olhado bem nos olhos quando disse isso, para ver se eu conseguia sustentá-lo, se eu desviaria o olhar ou ficaria desconfortável. Sustentei seu olhar e acenei com a cabeça, e ficamos olhando um para o outro durante vários longos momentos. Finalmente, interrompemos o contato e ele nos trouxe de volta à minha confissão.

"Muito bem, mas nós não estamos aqui para nada disso, certo?"

"Não", disse eu. "Há uma coisa que eu preciso lhe contar. Mas estou preocupado em lhe contar."

"Eu acho que talvez saiba o que é, e tudo bem."

"O senhor sabe? Isso é interessante. O que é?"

"Você é gay."

Isso me fez rir. Muito. Até *ele* achava que Ned era gay. Eu sabia que ele não se incomodava muito com essa questão em relação ao padre Jerome, e sabia que realmente não se preocupava com

o pecado da sexualidade de ninguém. Isso estava claro. Mas estava curiosa para saber de onde ele havia tirado essa idéia.

"Bem, sim", disse eu. "Eu sou gay, mas não da maneira como você pensa, e não é isso que tenho para lhe contar. Mas estou curioso, o que o fez pensar isso?"

"Bem, seu jeito é muito afeminado."

Isso era incrível. Como mulher, nunca ninguém me acusou de ser afeminada. Este era outro dos truques de Ned. Vestir-se como um homem e, assim, enfatizar a mulher. Revelar a verdade sob a rubrica de uma mentira.

Padre Gordo continuou: "Tudo bem, se não é para me falar que você é gay, o que é?"

"Isso é realmente ruim", disse eu, "e estou com medo que você vá se sentir obrigado a quebrar o segredo da confissão quando eu lhe contar. Aliás, como você se sente com respeito ao segredo? Quero dizer, se eu lhe dissesse que sou um assassino — que não é o que vou lhe dizer, mas se fosse — você se sentiria obrigado a ir até a polícia ou a contar a seus irmãos?"

"Não", disse ele.

Entretanto, eu iria colocá-lo em uma posição difícil. Mas tinha de esperar que ele mantivesse a confidência, mesmo que estivesse dentro do seu direito *me* dizer que não ia mantê-la, para me obrigar moralmente a revelar meu malfeito. Eu sabia disso.

"Muito bem", disse eu, finalmente. "Aqui vai: eu não sou um homem. Sou uma mulher."

Ele estava com aquele seu sorriso tolerante, alegre, que se congelou em seu rosto. Silêncio mortal.

"Não sou um transexual nem nada desse tipo", prossegui. "Sou totalmente mulher biologicamente, e também lésbica. Vim aqui disfarçada para estudar e escrever sobre esta comunidade de homens enclausurados. É parte de um estudo mais amplo que estou realizando sobre homens e mulheres e como eles são tratados diferentemente no mundo."

Ele começou a acenar a cabeça lentamente, o sorriso desaparecendo, mas ainda presente ali em uma forma de choque. Então, muito devagar, ele disse, "Como Margaret Mead."

"É, mais ou menos."

Houve outro silêncio. Então, perguntei: "Você está zangado?"

"Bem, estou com a sensação de ter sido usado."

"Sim", disse eu. "Eu sei e peço desculpas. Você acha que pode me perdoar?"

"Sim, eu a perdôo", disse ele, sem hesitação.

"O caso é", disse eu, "que tive experiências reais aqui. Não fui apenas uma observadora. E embora algumas delas tenham sido dolorosas, também passei por uma mudança espiritual e entrei em contato com pessoas e comigo mesma de modos que não vou me esquecer tão cedo."

Ele aquiesceu. Então, começou a rir.

"O que foi?", disse eu.

"Eu estava só pensando que gostaria que você tivesse me colocado no seu testamento, ou algo assim, para que eu pudesse contar essa história — 'Era uma vez...'"

"Bem, talvez eu possa liberá-lo para falar a respeito", disse eu. "Vamos ver onde isso vai dar."

Ele me deu a absolvição e disse que, como penitência, eu deveria ir até a igreja, me sentar ali e pensar.

Quando estávamos terminando, eu disse: "Saber que eu sou uma mulher muda tudo, não é?"

"Sim", disse ele.

"Está vendo, agora eu posso abraçar você, certo? Não podia ter abraçado antes, podia?"

"Sim", disse ele, "e não, antes você não podia."

Para o padre Gordo, abraçar um velho amigo como padre Henry, que estava morrendo, era uma coisa. Abraçar um jovem pretenso noviço era outra. Mas abraçar uma amiga mulher, uma filha enjeitada que não podia deixar de pensar nele como um avô perdido, isso era algo totalmente diferente.

Ambos levantamos e nos aproximamos um do outro. Coloquei meus braços em torno do seu pescoço e minha cabeça no seu ombro. Ele me abraçou bem apertado, com grande afeição.

"Obrigada", disse eu, quando ele saiu do quarto.

Ele sorriu de novo. Depois que fechou a porta, eu sorri também quando olhei para baixo e vi que a frente do meu moleton preto estava coberta de caspa.

Mais tarde, naquela mesma manhã, fiz minha penitência. Fui até a igreja e pensei. Pensei se devia ou não contar a Vergil e aos outros sobre a minha verdadeira identidade. Fiquei imaginando se eles também conseguiriam me perdoar.

Atingi o fim do meu percurso, ou um dos fins. Se tivesse ficado lá mais tempo teria havido muito mais desastres e reformas emocionais, porque esse era o curso planejado, um paradigma muito antigo e a essência do que a nossa cultura veio a pensar sobre a tutela masculina aplicada rigidamente à alma moral: destruir um homem para construí-lo mais forte. Encontre a culpa em si e a cure.

Afinal, eu era a única entre eles que havia cometido a maior transgressão e, perdoando Ned tão pronta e completamente, não somente o padre Gordo me mostrou a clareza da mente e do coração que a autodisciplina emocional, aplicada da melhor maneira, pode proporcionar a qualquer homem ou mulher capaz de encará-la, mas me mostrou os rigores do *insight* que Ned ainda tinha que descobrir em si mesmo.

Depois da minha confissão com o padre Gordo, eu sabia que precisava conversar com Vergil, e, por isso, na minha penúltima noite combinei de encontrá-lo para termos algum tempo particular juntos. Decidimos dar uma volta no jardim. Conversei sobre vários outros assuntos antes de chegarmos ao tema real. Vergil estava se sentindo desconfortável com o que ele percebia que estava vindo, mas neste momento eu não estava mais escondendo nada, e finalmente cortei a conversa.

"Então", disse eu, "o que aconteceu conosco um tempo atrás? Um dia éramos amigos, no outro era como se você mal me conhecesse. Eu fiz alguma coisa que o deixou zangado? Eu o desapontei de alguma forma?"

Ele se virou calmamente e disse: "Não, de jeito nenhum. Não sei o que você quer dizer."

"Ora, vamos, Vergil, você sabe, sim. Eu não imaginei isso. Algo mudou radicalmente após a primeira semana, e eu gostaria de saber por quê."

Ficamos girando em torno do mesmo ponto por alguns minutos, com Vergil dizendo que estava ocupado e preocupado com seus votos solenes e toda uma série de outras coisas não relacionadas comigo. Eram explicações plausíveis, mas havia mais coisas a dizer e Vergil, no fundo, era honesto demais para esconder isso muito bem, mesmo em suas negativas.

Então, frustrada, eu disse: "Olhe, só me diga a verdade, mesmo que fira meus sentimentos. Eu realmente gostaria de saber. Juro, se você está pensando o que eu acho que está pensando a meu respeito, está errado."

Vergil não respondeu, e então fui em frente e disse o óbvio: "Sei que todos aqui acham que eu sou gay. Mas eu preciso que você saiba uma coisa, e você tem que acreditar em mim. Não estou sexualmente atraído por você."

Ele me interrompeu aqui. "Olhe, o fato de você sentir necessidade de dizer isso — de que isso nunca passou pela sua mente ..."

"Eu sei, eu sei. Você acha, como todo mundo, que estou querendo negar. Quanto mais eu protesto, mais verdadeiro deve ser. Mas você está errado. Acredite em mim."

Eu podia lhe dizer que ele, na verdade, não estava acreditando nisso, mas ele não me pressionou, e então falei, "Isso não importa agora. Diga-me o que fiz que o aborreceu."

"Está certo", disse ele, abrandando, finalmente. Suspirou. "Você estava grudado demais em mim. Era como aquela coisa da qual eu simplesmente não conseguia me livrar." Ele pronunciou as últimas quatro palavras devagar, com ênfase, sacudindo sua mão

direita em um movimento repetido para baixo, como se ela estivesse coberta de sujeira.

"Eu podia ver isso acontecendo", prosseguiu ele. "Reconheci os sinais."

Como Jerome havia dito, Vergil achou que eu estava desenvolvendo uma afeição por ele, assumiu que era de natureza homossexual e tomou providências para acabar com aquilo.

"Então, eu estava certo", disse eu. "Você se afastou propositadamente."

"Sim", admitiu ele. "Mas, veja", acrescentou, "acho que você teve uma boa influência nesta comunidade. Você trouxe a consciência emocional e a possibilidade de mudança. Você não é um seguidor. Nós precisamos disso."

Vindo de Vergil, este era, na verdade, um grande elogio, e me confirmou o que eu esperava que tivesse acontecido — que, por mais que eu tenha sido uma invasão em suas vidas, e por mais que às vezes eu tenha me comportado mal entre eles, de algum modo toquei estes homens. Depois que ele falou isto, eu me senti momentaneamente oprimida por uma sensação de cura e possibilidade, uma sensação de que, apesar do seu aspecto estóico, estes homens, no fundo, eram afetivos e estavam vivos — mutilados, talvez, mas não mortos, e de modo algum sem alguma capacidade para me afetar, e para melhor.

Eu sabia, então, que era o momento certo para dizer a Vergil a verdade a meu respeito.

"Vergil", disse eu, agitada. "Tenho uma confissão a lhe fazer."

"Certo", disse ele, com total tranqüilidade. "O que é?"

"Há algo sobre mim que eu não lhe contei."

"Sim?"

"É. Algo importante."

Caminhamos um pouco em silêncio, e então eu me virei na direção dele. A essa altura, como eu estava prestes a ir embora, não estava mais usando a minha barba. Eu não a usava havia vários dias. Para mim, deve ter parecido óbvio que algo não estava muito

certo. Mas este era o teste de percepção que continuamente acontecia com Ned. As pessoas viam nele o que eu a havia condicionado a ver. Quando eu removia a barba, eles não viam nada além de um rapaz barbeado. Mas eu queria pressionar Vergil nesse ponto. Ele era perceptivo e eu queria que ele visse. Será que querer me revelar me relevaria, como querer me disfarçar havia me disfarçado? Será que a sugestão funcionava dos dois jeitos?

"Você não tem nenhuma idéia do que é?", perguntei.

Ele pensou durante um minuto, depois arriscou algo sobre o qual ele obviamente havia pensado durante algum tempo.

"Você não é católico", disse ele.

Isso era típico de Vergil. Ele veria a heresia em um micróbio antes de ver uma pessoa travestida olhando-o no rosto. Era rígido sobre a sua doutrina, embora, como possuísse um *self* sardônico, não conseguia evitar fazer, de vez em quando, uma ou duas observações agudas sobre o tema. Lembro-me de certa vez em que estávamos procurando nas estantes do mosteiro alguma leitura apropriada para Ned, e ele se deparou com a obra *So-and-So*, S.J. Tornou a recolocá-la imediatamente na prateleira e disse: "Não, esse não vai funcionar."

"Por que não?", perguntei.

"Eu tenho sérias dúvidas sobre se os jesuítas eram mesmo católicos", disse ele.

Eu o amava por isso. Era um excêntrico e sabia disso.

Nas últimas três semanas, eu havia lhe apresentado tantas coisas sobre a minha descrença nas discussões teológicas que a pergunta de Vergil não me surpreendeu nem um pouco.

"Não", disse eu. "Eu sou católico — certo, ou eu era — embora você esteja certo de que eu não sou mais, ou pelo menos não o sou na medida em que você jamais poderá deixar de ser católico."

Vergil olhou para mim após esta observação, como se eu o tivesse espetado com uma vareta, o que evidentemente eu havia feito. Isso fazia parte do nosso jogo, quando ele estava sendo jogado, parte do que havia nos ligado um ao outro o tempo todo.

"Tente de novo", disse eu.

"Hmm. Vamos ver. Você é um fugitivo de um hospital psiquiátrico."

"Não. Não tecnicamente, embora ser um novaiorquino certamente conte."

Os monges ficaram todos em cócegas diante do fato de eu escolher para morar um bairro chamado Hell's Kitchen (Cozinha do Inferno). Para eles, o show excêntrico de Nova York estava tão longe de sua casa quanto se pudesse imaginar. Para mim, estava e não estava.

Neste ponto, parei Vergil no caminho, fiquei olhando para ele e disse: "Olhe para mim. Está bem na sua frente. Você não consegue enxergar?"

"O quê?" Ele olhou para o meu rosto. "Estou vendo um rapaz de cabelos grisalhos."

"Não, não é isso", disse eu. "Olhe mais de perto." Tirei meus óculos.

"Não sei", disse ele, olhando-me atentamente de novo. "O que é?"

Ele estava pasmo. Confuso.

Ambos nos viramos e continuamos caminhando. Tentei uma última coisa.

"Não sou o que pareço ser."

Isso foi dito quando rodeamos o canto do caminho ao lado da oficina de marcenaria e começávamos a voltar para o claustro. De repente, ele se virou para mim, o momento da revelação chegando finalmente com força total.

"Você é uma mulher."

"Sim", disse eu, aliviada.

Agora estávamos na frente da abadia. Uma descoberta desta magnitude iria requerer pelo menos mais uma volta pelo gramado. Continuamos andando. Vergil estava registrando em silêncio esta informação. Eu observava seu rosto. Ele lançava olhares furtivos para o meu peito.

"Eu os tenho", disse eu, captando o seu olhar. "Eles estão apenas sob um apertado sutiã de esporte. Não sou um transexual. Sou uma mulher disfarçada."

Isso pareceu responder a primeira pergunta em sua mente. Prossegui com o resto da explicação.

"Sou também uma lésbica", disse eu, "e, por isso, agora você vai entender, Ned não podia ser gay e por isso eu nunca quis dormir com você. Entendeu?"

Ele aquiesceu com a cabeça. Parecia ao mesmo tempo desapontado e aliviado. Eu havia esperado o alívio, mas não o desapontamento. Havia algo mais ali.

Eu lhe falei sobre o livro. Ele inicialmente não ficou satisfeito, por todas as razões que se pode esperar, sentindo-se traído e usado. Seu estilo ortodoxo ficou abalado, como eu esperava, mas não da maneira punitiva que eu pensei que poderia. Eu havia rompido o selo do claustro, e isso, ele me lembrava, era uma violação muito séria da lei canônica. Sugeriu que eu fosse me confessar. Eu lhe disse que já havia me confessado com o padre Gordo e que a minha decisão de lhe contar a verdade era parte da minha penitência.

Em certo aspecto, Vergil aceitou isto como certo e adequado, mas para minha grande surpresa sua reação tornou-se, então, pessoal, algo que na verdade eu nunca havia visto antes em Vergil.

"Por que eu?", perguntou ele. Por que eu o havia escolhido para dedicar uma atenção especial?

Esta era uma pergunta que só as mulheres com quem sai haviam me feito antes.

"Porque eu estava ali?", perguntou, ao que parecia magoado. Parecia que, assim como os outros, ele achava que meu interesse nele não havia sido genuíno.

"Bem, sim e não", respondi, sinceramente, como havia respondido a todos os outros. "Por isso escolhi falar com você primeiro — porque você estava ali. Mas os sentimentos que desenvolvi depois foram reais. Eu não poderia fingi-los. De jeito nenhum. Isso pode parecer uma trapaça pra você, mas não é. Coisas muito reais e profundas podem acontecer — e para mim aconteceram — sob a capa de uma falsidade. Este tem sido o ponto central desta expe-

riência. As verdades que aprendi e vivenciei não teriam se revelado de outra maneira."

Ele concordou, ao que parecia, embora não tenha dito nada. Estava calmo, a cabeça inclinada, pensando. Eu prossegui.

"Vergil", disse eu. "Eu me importo muito com você. Por isso estou lhe contando tudo isso. Realmente sinto muito pela mentira. Espero que consiga me perdoar."

Continuamos falando, entrando em detalhes e, para seu crédito, Vergil facilitou as coisas para mim. Foi receptivo, compreensivo, imediatamente me perdoando, como havia feito o padre Gordo. Mostrou todos os aspectos do melhor e do mais sábio que havia nele, embora tivesse todas as razões para não fazê-lo, e eu ao mesmo tempo o admirava e me sentia grata.

"Agora posso lhe dizer", disse eu, finalmente. "Este é realmente um lugar difícil para se ser uma mulher."

"Bem, a idéia é essa", riu ele. E eu também ri, embora com uma sensação estranha de constrangimento. Pensei muitas vezes nesse comentário em retrospecto e, seja isso justo ou não, em certo sentido confirma muito o que senti sobre a desfeminização de Ned — e de Crispin, também — nesse ambiente. Era uma resposta estranha diante disso. Na teoria, viver juntos amigavelmente como homens não necessitava criar uma atmosfera que fosse hostil às mulheres ou mesmo à feminilidade. Mas foi isso que os monges fizeram e, segundo Vergil, foi uma coisa planejada. O mau tratamento dado a Ned não foi imaginário, e a masculinidade consolidada que reinava tão pesadamente no mosteiro não era, ao que parecia, apenas o resultado de homens vivendo juntos sem mulheres. Era o resultado de homens trabalhando ativamente para destruir quaisquer tendências femininas humilhantes em si mesmos e em seus irmãos.

Mas por quê? Por que esta necessidade de uma atmosfera tão viril? Certamente, este era o machismo escravo de uma variedade particularmente taciturna, heterossexual e, como disse Felix, germânica. Não era um machismo comum. Mas ainda assim era machismo, em sua necessidade de tornar óbvio o seu oposto. E isso

parecia inteiramente supérfluo em um mundo onde a alma era, ostensivamente um instrumento de Deus.

Então por quê? Por que a misoginia cultural? A resposta, quando chegou até mim, não era, de modo algum, misteriosa. Na verdade, era um clichê. O próprio Felix havia dito isso. Eles se refugiavam no machismo porque temiam intimidades inapropriadas entre homens. Um homem feminizado é um homem gay, ou assim reza o estereótipo. Um homem feminizado é um homem fraco, e um homem fraco que permite intimidades é uma vítima das afirmações do caos e de sua libido.

Isso parecia dolorosamente óbvio no meu caso particular. As piadas, a paranóia, a exclusão.

O pensamento de que Vergil podia ser gay já havia passado pela minha mente, mas eu não estava absolutamente certa sobre meus instintos nessa questão, de modo nenhum certa como estava sobre Jerome. Mas agora Vergil e eu estávamos nos confessando um ao outro, e por isso decidi assumir o risco de que ele pudesse ser honesto se eu lhe perguntasse da maneira certa. Lembro-me de ele ter me falado sobre seu tempo fora do mosteiro, e de ter dito que foi "realmente um bom tempo", como se tivesse cometido todos os pecados ao mesmo tempo em uma grande festa. Mas ele tinha sido cuidadosamente não específico quanto a sexo. Lembrei-me também de outro comentário enigmático que ele fez naquela ocasião, que agora fazia muito mais sentido para mim: "Somos todos criaturas de Deus e amor é amor e sexo é sexo, e eles não são a mesma coisa."

Em outras palavras: Senhor, faça-me heterossexual, mas não agora.

Decidi que tinha de perguntar, mas não queria fazê-lo usar a palavra gay. Percebi que ele se sentia desconfortável com ela. Este não era um interrogatório. Por isso, simplesmente lhe perguntei, como se fosse de passagem, se as pessoas com as quais ele teve relacionamentos durante seu tempo afastado do mosteiro haviam sido homens.

Agora, os caminhos estavam abertos entre nós. Talvez saber que eu era uma mulher tivesse afastado alguns de seus medos, o

suficiente para saber que eu não era mais uma ameaça para ele. Sua atração física, se houve, provavelmente morreu com a minha revelação. A tentação foi afastada.

Ele não resistiu à admissão. Assentiu com a cabeça.

"Então você nunca dormiu com uma mulher?" perguntei, mais audaciosamente.

Ele me olhou maliciosamente: "Não que eu saiba."

Vergil era cômico ao extremo e, como padre Gordo, como não se ofendia, era uma honra para sua ordem religiosa. Quando era mais necessário, quando ele estava extremamente decepcionado, era fiel a seus mandamentos: amar, perdoar e não julgar.

Era também um contato suave. Havia me deixado à vontade e eu lhe era grata por isso.

Estou certa de que parte dele estava também aliviada, o que tornou mais fácil para ele receber minhas novidades tão complacentemente. Quando Ned tornou-se uma mulher, o problema gay desapareceu e, com ele, a masculinidade transgressiva que ele incorporava, assim como a intimidade inapropriada que ele havia provocado. Neste contexto, uma mulher devia ter sido percebida como um presente, especialmente porque, de todo modo, eu estava indo embora. Uma mulher era bem mais aceitável do que uma bicha. Ela podia ser mantida à distância, suas necessidades e sua desordem emotiva satisfatoriamente explicadas, depois postas de lado. Mas em um homem essas qualidades eram bem mais perturbadoras. Elas podiam entrar, se infiltrar, ameaçar e, pior que tudo, seduzir. O homem desacompanhado era perigoso, como o mais leve toque em um ponto de pressão que pode derrubar todo o prédio. Era uma crise da qual eles estavam livres.

Vergil e eu nos separamos em novos termos de intimidade, despertos para outro potencial em nós mesmos e um no outro. Ele me garantiu que eu tinha nele um irmão, caso precisasse de um, e eu sabia que isso era verdade. Um irmão para uma irmã. Fácil. Normal. Bom.

Prometemos nos escrever.

Afora Vergil e o Padre Gordo, Felix era a única pessoa que eu queria visitar antes de partir. Queria lhe falar sobre mim e queria lhe pedir desculpas. Eu o vi na sala de lazer e lhe disse que estava indo embora na manhã seguinte. Agradeci-lhe pelo tempo que passamos juntos. Antes que eu dissesse qualquer coisa sobre minha verdadeira identidade, ele lançou seus braços à minha volta e me abraçou forte, bem forte, me apertando com intensa gratidão. Era óbvio, pela maneira como me abraçou, que este era um abraço que estava ansioso para dar — mas não tinha dado — havia muito tempo, porque ninguém estava querendo ou era capaz de recebê-lo. Nesse abraço, pude perceber tudo o que estava encerrado em Felix e, por procuração, em Claude e Vergil, e em tantos outros homens que eu ainda iria conhecer fora da abadia.

Quando nos separamos, disse-lhe que tinha algo a lhe dizer. Eu me sentei e abruptamente contei-lhe tudo. Ele ficou por um segundo sentado, olhando para mim com uma expressão de choque que ele estava, por delicadeza, tentando desesperadamente disfarçar. Posso dizer que ele estava desconfortável. Mas também posso dizer que a nossa amizade não foi abalada. O vínculo que havíamos estabelecido era assexuado, e o que Felix disse a seguir confirmou isso.

"Bem, na verdade não muda nada, muda?"

Ele disse isso mais como uma afirmação que como uma pergunta, e eu concordei. Não mudava. E isso fez dele a única pessoa, em toda a minha carreira como Ned, que não mudou sua atitude em relação a mim quando soube que eu era uma mulher. Nós nos abraçamos de novo para dizer adeus, e o abraço foi o mesmo. Ele não precisou saber que eu era uma mulher para me dar o primeiro abraço, e não mudou seu aspecto quando me deu o segundo, sabendo muito bem que eu *era* uma mulher. Foi um momento breve mas, para mim, inesquecível, e um presente perfeito de despedida.

Deixei a abadia na manhã seguinte, sentindo-me renovada e positiva sobre as afeições reais que lá compartilhei.

Pensando agora sobre isso, não vou fingir que a abadia era

um lugar normal para examinar a experiência masculina, o tipo de lugar onde se espera encontrar homens prototípicos movendo-se em seu elemento — um bar esportivo, digamos, ou uma pista de boliche. A grande maioria dos homens americanos jamais chegou a milhas de distância de um mosteiro, nem renunciaria voluntariamente a suas vidas sexuais, auto-eróticas etc. Mas como eu disse no início deste capítulo, isso é parte da razão por que fui lá, para ver o que acontece com os homens quando eles estão fora do seu elemento, quando estão sem a companhia de mulheres.

E eu supunha que o que encontrasse ali não iria me surpreender. Mas surpreendeu. Em toda a sua reducente complexidade, me surpreendeu. A maioria dos homens americanos pode não ser monges, mas os monges que conheci eram, certamente, homens americanos, ou, modificando um velho ditado, descobri que você pode tirar o homem do seu elemento, mas não pode muito freqüentemente tirar o elemento do homem. Na abadia, eu esperava encontrar pessoas preocupadas principalmente com questões espirituais, um lugar onde o estilo ou a qualidade da masculinidade do homem seria irrelevante, onde os limites socializados artificiais que bloqueavam a intimidade masculina no mundo externo havia muito teriam sido derrubados, e onde os medos trancados à chave da homossexualidade estariam muito além do radar como sendo inconcebíveis. Mas, em vez disso, encontrei uma comunidade mergulhada na corriqueira angústia masculina.

Encontrei a masculinidade destilada, não mitigada pela influência feminina, e por isso observável em um estado concentrado. Esses homens estavam sofrendo juntos em silêncio, num sofrimento que eles mal conseguiam reconhecer, que dirá lidar com ele. A causa da sua angústia e da sua disfunção, em grande parte os enganava, mas, para alguém de fora, era perfeitamente clara. Ou pelo menos o era para alguém de fora como eu, que viveu a vida de uma mulher e depois foi submetida a seu tratamento como um rapaz. Vivi no claustro entre eles, como um deles, mas permanecia eu mesma, e desse ponto de vista peculiar conseguia vê-los, ao mesmo tempo, tanto de dentro quanto de fora. O contraste era incrível.

Senti imediatamente a perda das liberdades emocionais que desfrutei na minha vida como mulher, e não apenas a perda, mas o esmagamento dessas liberdades em nome da ordem, da reserva e do isolamento masculinos, assim como da homofobia. Pude perceber que a abadia era um lugar realmente muito difícil para uma mulher, e pude ver, como Vergil havia dito, que ela era planejada para ser assim. Mas como Ned pude ver que era também um lugar muito difícil para um homem emocional, e que, nesse sentido, não era, afinal, tão diferente do mundo externo.

Isto não significa dizer que também não encontrei paz, um amor profundo e a elevação da alma nesse lugar. Encontrei, sim. Eles estão inegavelmente presentes para qualquer um disposto a recebê-los, e se a minha experiência tivesse sido tão unilateral como as preferências do padre Jerome poderiam tê-la tornado, eu não teria ficado tão emocionalmente enredada como fiquei. Vergil, Felix, Claude, Henry e padre Gordo, entre outros, foram seres humanos profundos que me proporcionaram o grande presente do contato genuíno. Eles lutavam, é claro, com os problemas humanos masculinos e cotidianos, mas ardiam brilhantemente em seus íntimos. Eram boas pessoas preocupadas com o bem-estar dos seus semelhantes, tentando contribuir, como podiam, para o despertar espiritual daqueles que os cercavam.

Passei a gostar profundamente deles e desde que saí de lá tenho me correspondido com vários deles como eu mesma. Eles me contaram que a reação geral na comunidade à notícia de que eu era uma mulher foi em grande parte divertida e um pouco constrangedora. Mas quando voltaram à sua realidade, foi uma perturbação breve, um episódio curto em uma estada muito longa. Eu estive lá por pouquíssimo tempo. Eles estavam lá para a vida toda.

Sinto falta dos monges freqüentemente. Sinto falta das longas caminhadas pelo gramado, com eles e sozinha, procurando as grandes corujas cornudas e ardilosas que parece que fazem seus ninhos no alto da torre do claustro. Muitas vezes as ouvi piando no crepúsculo, e passei muitas noites, após as vésperas, seguindo seus chamados, esperando vê-las empoleiradas, mas nunca consegui. Na

minha última noite lá fui, em vez disso, ver as colméias do padre Claude.

Atrás do pomar, em um ramo baixo de uma das nogueiras-pecã, vi um ninho de vespas abandonado. Eu estava a apenas cerca de dois metros, no máximo, de distância, quando o percebi na luz turva, ponderando se o padre Claude havia visto isso. Mas meus olhos se concentraram e percebi que não estava vendo uma colméia nem um ninho. Era o corpo de uma enorme coruja. Ela estava dormindo, com os olhos fechados, o corpo balançando ligeiramente quando o ramo se movia à brisa da noite. Devo ter ficado ali durante cerca de um minuto, impressionada. Então, sonolenta, ela abriu seus olhos e me viu ali em pé, perto demais para ela se sentir à vontade. Um olhar de real surpresa apareceu em sua cara, e em seguida um vago aborrecimento. Olhou de volta para mim durante alguns segundos, parecendo pensar em como um sapatão humano havia conseguindo chegar até ela. Então, desdenhosamente, abriu suas enormes asas e voou.

6 Trabalho

"Atitude Red Bull." Era o que dizia a propaganda, e isso dizia tudo. Eu estava olhando os classificados no jornal local tentando encontrar um lugar onde Ned pudesse conseguir o que um escritor meu amigo muito apropriadamente chamou de experiência de *O Sucesso a Qualquer Preço* — ou seja, um trabalho de vendas de alta competitividade, em um ambiente saturado de testosterona, onde as pessoas humilham umas às outras dizendo coisas como: "Meu relógio custa mais caro do que o seu carro."

Eu tinha certeza de que esses lugares ainda existiam — sabia que existiam —, especialmente em Wall Street, mas um diletante de anos de idade com um diploma mofado de filosofia não passaria da sala de expedição da Goldman Sachs, quando firmas como esta estavam recrutando estudantes universitários credenciados. Eu tinha de ser mais modesta em minhas aspirações.

Então, estava procurando empregos para iniciantes que não requeressem experiência. Foi quando caí no buraco do coelho e me vi na terra do Red Bull. No suplemento de empregos de domingo, circulei todos os anúncios para os quais Ned poderia eventualmente se qualificar, ou pelo menos ter um desempenho razoável na entre-

vista, e, com exceção de alguns excêntricos, como uma colônia de nudismo procurando um assistente e um cachorro precisando de um motorista, eles eram todos bastante similares. Queriam pessoas empreendedoras, com iniciativa, que fossem "altamente capacitadas" e "ávidas por sucesso", triturando o que tivessem pela frente para esmagar a concorrência. Atitude positiva era indispensável. Não era exigida experiência. Prometiam "DIVERSÃO!" e, para aqueles com as qualidades certas, progresso imediato.

Trainees iniciantes na área administrativa eram desejados no que pareciam ser ambientes corporativos de carreira rápida. Este foi o tíquete de Ned para uma vaga no escritório, rápido e rasteiro. A primeira coisa que fiz na manhã de segunda-feira foi telefonar para os três anúncios e marcar entrevistas para mais tarde naquele mesmo dia ou na manhã do dia seguinte. "Não venha de roupa esporte", disseram. "Use um terno." Melhor ainda, pensei. Ned poderia, finalmente, usar pela primeira vez seus paletós e gravatas, uma regalia exclusivamente masculina.

Tomei um Red Bull na manhã seguinte para entrar no clima. Fiquei com dor de cabeça e com o xixi verde, mas não muito mais do que isso. Talvez o narcótico não combinasse bem com estrogênio. Evidentemente, eu não era um touro.

Mas, é claro, os touros são conhecidos por seus testículos. Os touros são essencialmente seus testículos. Os termos são intercambiáveis, motivo por que os literatos fracotes e outros fanfarrões com insuficiências masculinas correm com os touros em Pamplona. É preciso ter culhões para correr com os touros ou entregá-los, dependendo do caso. Por isso, um energético chamado Red Bull (Touro Vermelho) é feito para rapazes, ou pretensos rapazes, e realmente significa "*blue balls*" (saco roxo), assim como certamente o famoso Hummer, enorme veículo esportivo utilitário feito para homens que querem conseguir mulheres pelos seus carros. Por isso, quando um anúncio diz "Atitude Red Bull", você pode ter certeza de que o paradigma é masculino e que você vai ter a experiência de *O Sucesso a Qualquer Preço*, não importa o que você ou seus colegas tenham ou não entre as pernas.

E assim foi. Ned colocou uma de suas quatro gravatas de bom gosto, padrão Perry Ellis, com um nó Windsor, combinando com sua camisa verde sálvia, suas calças cinza chumbo, seu paletó cor-de-terra e seus mocassins pretos bem engraxados, e apareceu no horário para suas entrevistas, com o currículo na mão.

Seu currículo era o meu currículo, com um tom mais modesto e improvisado aqui e ali — impressionante o bastante para eu passar da porta, mas não tão impressionante para fazer minha solicitação parecer suspeita. Como veio a se comprovar, não havia motivo para preocupações. Minha educação colocou-me à frente da fila com um aceno de cabeça, e ninguém questionou minha história sobre querer tentar uma nova carreira aos 35 anos, por uma questão de simples desafio. Mas esses locais dedicavam-se a entrevistar quase todo mundo, e estavam entrevistando o tempo todo. A maioria deles colocava anúncios no jornal todos os domingos. Isso já me contava algo sobre a sua rotatividade. Era o mesmo que um encontro casual no banheiro.

Em um destes lugares, todos eles suítes minúsculas alugadas em prédios de escritórios, cheguei cedo para a entrevista, e fui ao banheiro para checar a minha barba e ajustar minha gravata. Um rapaz de outro escritório daquele andar me seguiu, fingindo lavar sua caneca de café. Eu fingi lavar minhas mãos.

"Ei", disse ele, "o que vocês estão fazendo aqui, afinal?"

"Não sei ainda", eu disse. "Estou aqui para encontrar alguma coisa. Por que está perguntando?"

"Bem, é que eu vejo um monte de gente entrando e saindo daqui o tempo todo."

"Você acha que pode ser uma frente de prostituição?" arrisquei.

Ele não esboçou um sorriso.

"Não".

Mas também poderia ter sido. E de certa maneira era, mas eu ainda teria que descobrir isso. Nessa altura, eu estava apenas contente por ter a oportunidade de testar minhas roupas em um

escritório e desfrutar do "barato" que elas estavam provocando em mim.

Eu estava parecendo mais alta em minhas roupas. Sentia-me habilitada a honrá-las, fazer jus a elas e usá-las de uma maneira que Ned jamais havia feito em roupas informais. O paletó cobria bem quaisquer preocupações que eu tivesse com o peito e os ombros, deixando-me quadrada e plana em todos os lugares certos, permitindo-me atuar com uma confiança quase total no meu disfarce. Um terno, é em todos os pontos, um indicador impenetrável da masculinidade, assim como os atuais indicadores de atratividade nas mulheres: cabelos loiros, maquiagem pesada, corpos magros e seios grandes. Uma mulher pode ser absolutamente feia se examinada de perto, e toda parte desejável dela pode ser falsa, produto de clareamento, silicone e cirurgia, mas, se ela usar os indicadores certos, ela é excitante. Ela é o seu disfarce; não uma pessoa, mas um tipo. Descobri que um terno faz mais ou menos a mesma coisa a um homem. Você vê o terno, não o homem, e se curva diante dele.

Eu, por minha vez, reagi a essas mudanças de maneira expectante. Pela primeira vez na minha jornada como Ned, senti o privilégio masculino baixar em mim como uma capa isolante, e todos os comportamentos masculinos que estive, até então, tão conscientemente tentando produzir para o meu papel, vieram de repente a mim sem esforço.

Minha voz tornou-se instintivamente mais úmida, deixando-me mais solta na pose de alguém que não precisa falar alto para ser ouvido. Eu falava mais devagar, e com um jeito que me pareceu de uma absurda autoridade, especialmente nas minhas entrevistas, onde era esperado que eu falasse mais alto. Eu correspondi a essa expectativa com uma facilidade desconcertante. Inclinei-me para trás na minha cadeira e cruzei as pernas bem abertas, tornozelo sobre o joelho, apoiando meus braços nos braços da cadeira ou deixando-os cair ao lado do corpo. Minhas mãos pareciam um pouco mais pesadas, mais experientes, balançando enquanto eu andava, indolentes na sua autoconfiança.

Ninguém jamais imaginaria que *este* Ned era gay.

Meus modos também mudaram. Parei obsessivamente de dizer "desculpe", "por favor" e "obrigado" nos restaurantes, nos postos de gasolina e nas lojas, como sempre pareço fazer como mulher. Em vez disso, simplesmente pedia o que queria de uma maneira direta, sem desculpas, sem rodeios. Apenas "dê-me isso agora do jeito que eu quero". E a parte mais estranha era que, de algum modo, mesmo sem estas palavras de cortesia, eu não agia de uma maneira rude, e ninguém jamais o interpretou desse modo. Era como participar de um entendimento comum de que é assim que os homens são. É assim que eles falam. Eles são diretos, sucintos. Não precisam explicar. Nós entendemos.

Para a atendente do posto de gasolina, eu dizia "Dê-me um daqueles chicletes também", enquanto ela cobrava a minha conta. Para a garçonete do restaurante onde fui a um almoço de negócios com um de meus colegas, eu disse: "Dê-nos dois filés." Mesmo meus "obrigados" — nunca "muito obrigados" — eram bruscos quando os dizia, mas conseguiam soar magnânimos, como se eu estivesse honrando uma criada que estava abaixo da minha deferência.

Como mulher, eu muito freqüentemente uso adjetivos. "Sabe, acho que vamos experimentar os filés. Eles são bons aqui?" Tento estabelecer uma conexão com os atendentes, uma desculpa implícita por seu tipo de trabalho e minhas ordens em tudo o que eu digo. "Detesto ter de incomodá-la, mas quando tiver uma chance, pode me arranjar mais água?" Os "obrigadas" são onipresentes e o tom de voz mais suplicante que indiferente. À atendente do posto de gasolina, eu teria dito: "Sabe de uma coisa? Você poderia me dar um daqueles chicletes também?" E se o meu pedido chegasse depois do toque da máquina registradora, eu acrescentaria um "desculpe" extra à solicitação.

Ned saía com um monte de gente, e as pessoas gostavam dele devido à sua coragem, quando ele a demonstrava. Mas tenho a certeza de que ele, às vezes, se beneficiava de uma dose sutil de Norah em seu interior, um deslize mais suave ou um toque macio, como uma observação delicada, que o distinguia dos rapazes que

estavam em torno dele. Como duas colegas suas disseram, ele era uma estranha mistura de insolência e humildade que elas achavam encantador. "Acho que nunca encontrei isso antes", disse uma delas. "Mas eu gosto." As mulheres viam algo nele que era menos repelente do que os avanços grosseiros e a conversa tola dos outros homens do escritório. Seus olhos se suavizavam quando pousavam nele, e elas lhe pediam as coisas com humildade, como se ele fosse o novo guarda na fila da prisão e elas não vissem um homem havia muito tempo.

Fui a muitas entrevistas e nelas aprimorei meu comportamento arrogante em resposta aos sinais que ia recebendo de meus entrevistadores, todos eles muito diferentes de quaisquer sinais que eu já recebi sendo entrevistada como mulher.

Como mulher, fui entrevistada e contratada por pessoas (e tive chefes) de ambos os sexos. Os homens eram quase sempre rígidos e formais, bem treinados para não dizer ou fazer qualquer coisa que pudesse ser interpretada como ofensiva. Eram assim também como chefes. Só trabalho. Iguais oportunidades para todos e nem a mais leve insinuação. É claro que, mais tarde, depois de eu estar trabalhando em um lugar por algum tempo, alguns chefes, em geral os chefões e aqueles para os quais eu não trabalhava diretamente, flertavam comigo inocentemente em seus escritórios afastados, quando eu lhes levava alguns papéis para assinar. Eu aceitava o flerte com a exata indiscrição imatura, para deixá-los saber que eu sabia qual era o meu lugar, mas devolvia o cumprimento com insolência suficiente para mantê-los afastados. Era um jogo fácil. Nunca sério e nunca nada que eu não conseguisse manejar.

Em geral, tinha muito mais trabalho com minhas chefes mulheres. Nas entrevistas, essas mulheres eram todas sorrisos, cheias daquela conversa feminina falsa que já se conhece: "Nós temos isso em comum... Ah, vamos nos divertir muito."

E eu era tão ruim me fingindo de boa e atenuando as coisas, quanto nós, mulheres, somos educadas para ser e, freqüentemente, nos sentimos obrigadas a continuar sendo, pelo menos na superfície, mesmo em ambientes competitivos ou hierárquicos. Enquanto

isso, elas estão exatamente na idade certa para pensar, "Todas as velhas facas que foram lançadas nas minhas costas, eu vou lançar nas suas, *ma semblable, ma soeur*!"

E olhe, nós apunhalávamos. Elas apunhalavam e nós apunhalávamos. Travávamos o tipo de luta de cadelas traiçoeiras pelas quais as irmandades são famosas. Elas eram inseguras no seu poder, e eu não ia baixar a cabeça para isso, e o aperfeiçoamento dos flertes inocentes não conseguia aliviar o desgaste.

Mas nas entrevistas de Ned, as pessoas não esperavam que ele fosse amável. Esperavam que ele se vangloriasse, que fosse presunçosamente encantador e imperturbável, e assim eu fiz e assim eu fui. Saí totalmente impune e consegui ser muito melhor atriz do que realmente sou. A confiança é tudo e, em suas entrevistas, Ned era simplesmente uma fantástica manifestação de confiança.

A maioria dessas entrevistas, especialmente aquelas para os empregos Red Bull, requeriam que a pessoa preenchesse a maior parte dos requisitos para um emprego que estivessem presentes no seu currículo. A este era anexado um questionário destinado a determinar a adequação de suas atitudes para o cargo. Quase invariavelmente, uma das perguntas era: em uma escala de um a dez, como você avaliaria suas habilidades para lidar com as pessoas? Estes eram empregos de vendas, acima de tudo, empregos de vendas administrativas, conseqüentemente, e sua capacidade para manipular as pessoas seria a chave para o seu sucesso, tanto no campo quanto no escritório. Sempre dei a mim mesma um oito e meio por minhas habilidades para lidar com as pessoas, e quando me perguntavam o que eu queria dizer com isso, podia sempre dizer algo sobre eu ser um camaleão.

"Consigo falar com qualquer pessoa", dizia eu.

Certo. A verdade é que eu odeio as pessoas. Odeio especialmente as pessoas que usam expressões como "habilidades para lidar com as pessoas". E quando falo com pessoas, em geral, é com pessoas loucas, nas ruas em Nova York, porque eu posso ser rude com elas sem que elas percebam. Mas Ned era um artista da trapaça, e escondia o meu desprezo. Suas entrevistadoras mulheres flertavam

com ele, exercendo o controle sutil de suas posições, mas ainda assim desfrutando do subtexto da tradicional dominação masculina. Seus entrevistadores homens davam-lhe o total tratamento de homem para homem. "Ei, cara, como vai?" Falávamos a mesma língua.

Em uma entrevista com um entrevistador homem e outro candidato homem, o entrevistador disse "Bem: vocês sabem como é com a maioria dos anúncios de televisão. Quando aparecem os comerciais, a gente pega o controle remoto e muda de canal — a menos, é claro, que mostre a Cindy Crawford, certo?"

Ha, ha. Homens sendo homens. Mas isso era só um preâmbulo para o que descobri sobre o emprego, quando os homens eram excessivamente vinculados. Os rapazes desse ambiente esperavam que você dissesse palavrões e fizesse brincadeiras sexistas. As mulheres não, é claro. Mas mesmo quando eu dizia coisas que eram inadequadas, de algum modo eles conseguiam que elas funcionassem em meu benefício. Ao responder uma pergunta sobre minhas habilidades para lidar com as pessoas com uma entrevistadora mulher, eu disse: "Bem, sabe, eu falo com todo mundo. Talvez seja uma coisa que aprendi em Nova York. Você sabe como é lá [ela vinha transferida de Nova York], você pode falar com as pessoas espontaneamente na fila do caixa ou em qualquer lugar, e elas não olham pra você como se dissessem 'Quem merda você pensa que é?'"

"Bem, Ned", disse ela, rindo de maneira coquete, abanando seu rosto, "devo admitir que a novaiorquina que existe em mim está enrubescendo. Nunca ouvi ninguém dizer 'merda' em uma entrevista. Na verdade, é um tanto reanimador."

Eu tinha a certeza de que havia conseguido aquele emprego, mas naquela noite recebi um telefonema confirmando. Na verdade, Ned foi aceito em todos os empregos aos quais se candidatou, meia dúzia no total. Não que isso fosse um grande feito, pois as entrevistas para os empregos Red Bull eram basicamente convocações em massa. Mas para uma pessoa com as habilidades de lidar com pessoas como um *serial killer*, com uma visão schopenhaueriana da vida e uma profunda aversão por vendedores de todo tipo, Ned teve um desempenho fantástico.

As pessoas acreditaram nele. Acharam que ele era feito do material certo, o tipo de material que eles poderiam escravizar e aperfeiçoar em sua imagem e atirar no mundo para conseguir mais dinheiro para eles. Acharam — como me disse depois um colega que era muito ligado aos chefes — que Ned tinha aparentes todas as qualidades de um excelente vendedor.

Os entrevistadores eram sempre iguais: espertos, jovens, propagandistas vazios de uma ética maquiada, todos eles seguindo à risca as linhas da empresa.

"Ned", diziam sempre, "esta é sua grande oportunidade. O que fez você se interessar por este cargo?"

"Bem", dizia eu, "eu cheguei ao topo no meu campo em três anos e logo me senti entediado. Se conquisto algo, quero ir em frente e procurar outra coisa."

O fato de isso ter saído da minha boca e ninguém rir da minha cara é uma amostra de até que ponto falar besteira pode projetar a sua imagem, especialmente quando você é homem. Se eu dissesse isso como mulher, sobretudo da maneira que eu disse como Ned, ou seja, com meu pênis entre os dentes, posso garantir que o escroto do chefinho que estivesse me entrevistando naquele dia teria encolhido de terror, prejudicando, por semanas, a mobilidade do seu esperma. Evidentemente, Dano, o supervisor e um dos chefes da Clutch Advertising, o rapaz com a calma super-exagerada dos gângsters de terno preto de *Cães de Aluguel*, inclinado sobre sua mesa, estava buscando algumas respostas. Quando Ned disse sua fala selvagemente exagerada, ele era o homem. Ele era o tipo de sujeito que Dano queria.

"Uau", disse Dano. "OK, então dê-me duas ou três qualidades que melhor o descrevam, Ned."

Engoli em seco.

"Confiança. Competência. Ambição."

"Ótimo", disse ele, escrevendo-as no meu currículo e envolvendo-as com um círculo. "E o que está buscando no seu próximo emprego?"

Engoli em seco de novo. "Um desafio", disse eu.

Bingo. Resposta certa.

Estas eram minhas respostas preparadas, e eram sempre recebidas com os mesmos sinais de aprovação.

Os empregos Red Bull tinham todos a mesma fórmula. Se a pessoa passasse na primeira entrevista, ia para a segunda. Esta era um período de observação de um dia, durante o qual eu ficava grudada com uma das pessoas de vendas do local, observando-a trabalhar, contando-lhe mais algumas coisas sobre mim mesma e tendo uma idéia do trabalho. Se sobrevivesse à segunda entrevista, passava para a terceira, que era, essencialmente, a oferta de emprego com um enorme preâmbulo de bombeamento do ego a ela anexada.

Quando a pessoa ia para essas segundas entrevistas, percebia muito rapidamente por que os escritórios dos Red Bulls eram tão pequenos e pouco mobiliados. Em geral, eles tinham uma área de recepção, um escritório com uma mesa e duas cadeiras, uma pequena sala de reunião e outra pequena sala, sem móveis, com as paredes cheias de cartazes motivacionais com frases do tipo ESTILO AO ANDAR, FALAR E SE VESTIR, e SEJA O MELHOR, ESPERE O MELHOR, em grandes letras pretas.

Ninguém, exceto um ou dois dos chefões, estava lá durante o dia. Eles eram os gerentes, e estavam constantemente realizando entrevistas. As pessoas saíam ou eram demitidas numa freqüência tão incrível que os gerentes eram obrigados a renovar seu estoque toda semana, apenas para manter seus quadros completos.

Além de ser uma sala de entrada e saída indecentes para conduzir entrevistas, o escritório era apenas um lugar para as pessoas de vendas descarregarem suas coisas e se encontrarem para conversar no início e no fim de cada dia de trabalho de onze horas, o que eles esperavam ansiosamente e com prazer. Estimular-se psicologicamente no início do dia e congratular-se profusamente pelo que se realizou no fim do dia, era fundamental para a atitude Red Bull. Era a única coisa que fazia as pessoas enfrentarem as horas cansativas e desmoralizantes na rua.

A quase totalidade dos dias de onze horas era passada andando e vendendo coisas de porta em porta, fosse serviço de

telefonia, livros de entretenimento ou cartões VIP. Os livros de entretenimento eram cheios de cupons para as lojas locais, e o pessoal de vendas os vendia indo de casa em casa nas áreas residenciais que cercavam as lojas anunciadas. Os cartões VIP ofereciam incentivos similares para os residentes e os lojistas. Pelo custo do cartão (digamos, 65 dólares), um spa local podia oferecer ao proprietário do cartão três idas "gratuitas" a suas instalações.

Era isso. Esse era o trabalho. Ir de porta em porta sob sol quente, chuva ou neve, hora após hora, fazendo o mesmo discurso pelo menos cinqüenta vezes por dia para pessoas, em sua maioria, hostis aos vendedores. Se a pessoa não vendesse, não comia. Ali se trabalhava 100% sob comissão, e os chefes que sentavam suas bundas no escritório ficavam com uma bela parcela de tudo o que o vendedor vendesse.

Dano achou ter encontrado em mim um sujeito esperto. Educado, articulado, autoconfiante e disposto. Mandou-me para a minha segunda entrevista com um rapaz de 27 anos chamado Ivan, um ex-tenista profissional húngaro que jamais conseguiu entrar no circuito profissional. Ele tinha uma tia morando no país, e então veio para cá ostensivamente para ir para à universidade, mas teve de abandoná-la no meio do curso e começou a fazer tudo o que aparecesse para sobreviver, inclusive *strip-tease* em despedidas de solteiro e ensinar danças de salão. Também dizia ter sido preparador físico durante algum tempo, o que, segundo ele explicava por que o colarinho da sua camisa era pelo menos 3cm maior do que o seu pescoço.

Ivan não era o único que se vestia mal. Embora andássemos de porta em porta sob as intempéries, os chefes insistiam que usássemos terno e gravata. A maioria dos rapazes do grupo não tinha dinheiro suficiente para se permitir comprar um terno de verdade, e era dotada de um extremo mau gosto para comprar um exemplar apresentável. Nenhum deles tinha a mais leve idéia de como dar nó em uma gravata. Por isso, todos pareciam o epítome do vendedor barato, amarrotados e sebentos, sem uma palavra em suas bocas ou

um pensamento em suas cabeças que não tivessem sido ali colocados pela gerência.

Ivan tinha 1,80m de altura e uma compleição atlética, e por isso eu conseguia acreditar que ele tivesse sido um *stripper*, além de preparador físico. Começou a perder seu cabelo cedo, e, por isso alguns anos atrás decidiu raspar toda a cabeça. Tinha um terno preto Hugo Boss que comprou quando estava realmente ganhando dinheiro. Fez questão de me dizer isso e de me mostrar a etiqueta. Disse que às vezes guardava sua caneta no bolso da frente do paletó para que, quando estivesse tentando fazer uma venda, pudesse mostrar, de relance, a etiqueta ao cliente. Usava esse terno todos os dias e, embora ele fosse bem cortado, de algum modo conseguia fazê-lo parecer decaído e desalinhado, em parte porque se enchia de poeira nas estradas sujas dos campos em que ficavam na nossa zona de trabalho.

No meu primeiro dia de trabalho com Ivan, demos uma carona a um terceiro vendedor chamado Troy, que estava trabalhando em parte da nossa zona, mas não tinha carro. Muitos desses rapazes não tinham, e por isso freqüentemente tinham de pegar carona e ser deixados no meio do nada com a promessa de que seus colegas voltariam para pegá-los dali sete horas. Fizemos isto com Troy, e da primeira vez que o fizemos achei que Ivan estava brincando. Nós o deixamos em seu terno preto com nada além de sua sacola de mercadorias, em um dia ensolarado e úmido, a uma temperatura de 30 graus, na esquina da rodovia e de uma estrada suja que ia dar na zona rural. Ele havia tomado o café-da-manhã em uma loja de conveniência, e aquela era a única comida que ele veria pelas próximas sete horas.

Quando deixamos Troy, fiz um comentário sobre sua condição, e Ivan disse "Não se preocupe. Ele vai ficar bem. Vendeu dezessete livros de uma só vez em um *camping*. Um *camping*! O cara é incrível."

"Como ele agüenta?" perguntei.

"Ele vem do gueto", disse Ivan. "Esta é sua única oportunidade de ganhar algum dinheiro de verdade. Não tem escolha. É basicamente isso ou o McDonalds, e pelo menos aqui ele tem uma chance de progredir."

Essa era a verdade dos empregos Red Bull. Qualquer um que estivesse neles, estava desesperado. Eles se agarravam à esperança de que também poderiam ser promovidos à gerência se trabalhassem bastante. Certamente, isto era possível, mas você tinha de passar dez, onze, doze horas por dia fazendo um trabalho humilhante, seis vezes por semana, para conseguir passar a assistente de gerente.

"Ele é um dos nossos melhores vendedores. Usa uma dessas técnicas de venda não-ortodoxas."

"O que você quer dizer com isso?"

"Bem, você não pode fazer isso fora daqui, porque muitas dessas pessoas são totalmente racistas [Troy era negro], mas em outra zona em que trabalhávamos, uma zona de brancos ricos, liberais, ele fazia uma coisa louca. Certa vez, quando eu estava trabalhando com ele, um menino atendeu a porta e Troy disse: "Diga a sua mãe que tem um crioulo na porta." Então, o menino entrou na casa e você conseguia ouvi-lo gritar: "Mãe, tem um crioulo na porta." Quando a senhora veio até a porta, estava mortificada, e disse: "Oh, meu Deus, me desculpe." E Troy replicou: "Tudo bem. Faça o seguinte. Tenho aqui estes ótimos livros de entretenimento que estamos vendendo para uma boa causa..." E lançava o seu discurso e ela comprava dois livros na hora. Você consegue acreditar?"

Na verdade, depois de um bom tempo no emprego, eu conseguia. Na minha opinião, esses rapazes tinham justificativa para fazer praticamente qualquer coisa para vender sua mercadoria. Eles trabalhavam duro para isso.

A Clutch Advertising tinha um corpo de vendedores de cerca de vinte e cinco pessoas, das quais apenas quatro eram mulheres, e, embora todas as três companhias Red Bull em que trabalhei fossem dominadas e dirigidas por homens, no que se poderia chamar polidamente de vibração masculina, a Clutch era especialmente machista. E embora em certos aspectos Ivan fosse um peixe fora d'água neste ambiente — sendo um estrangeiro, ele era mais

bem educado, tinha mais cultura e falava um inglês melhor do que o resto do pessoal — em outros aspectos, ele se ajustava perfeitamente. Como Ivan, muitas pessoas que tinham um ótimo desempenho nas companhias Red Bull haviam praticado esportes competitivos. Davis, o segundo no comando da Clutch, foi um grande jogador de basquete na universidade, mas nunca conseguiu ser profissional.

Todos esses rapazes pensavam e falavam como treinadores e grandes jogadores. Tinham a grande vantagem da combatividade que sempre me impediu de levar a sério os esportes. Ser o melhor, vencer o outro sujeito, vender mais, conseguir mais pontos, foder as mulheres mais bonitas. Essas eram as únicas coisas que lhes importavam na vida, e elas importavam muito. Para eles, vender era apenas outra forma de pontuar, se superar ou vencer, e o escritório refletia essa atitude em todos os aspectos. Era o fedido vestiário masculino.

Toda manhã e toda noite, quando o pessoal de vendas se reunia na sala sem móveis, saía da caixa de som canções rap ou alguma banda de rock tipo AC/DC. Na minha primeira manhã na Borg Consulting, outra companhia Red Bull onde trabalhei por um curto tempo, fiquei especialmente espantada ao ouvir a canção rap *OPP* (que significa Other People's Pussy*) a todo volume, às sete e meia da manhã. Nenhuma das mulheres do grupo parecia dar a mínima àquela antífona ou a suas pretensas implicações.

Ivan também era um fã da música rap. Em parte, foi com ela que ele aprendeu a gíria americana e achava infinitamente divertido recitar trechos das letras que ele ouvia no rádio, especialmente aquelas misóginas. Ele estava sempre deixando-as escapar de improviso, rindo de si mesmo enquanto dirigia nas estradas sujas da nossa zona em seu velho e maltratado Ford Escort 1989, sem seguro e sem registro. Levantar um monte de poeira e trepidar as laterais do carro nas estradas cobertas de seixos era uma maneira de aliviar o tédio das

* "A Xoxota das Outras".

longas tardes. Ele adorava especialmente o termo "merda sonante", que ele com freqüência dizia em determinados momentos para causar efeito, porque em seu forte sotaque, eu tinha que admitir, ela adquiria uma certa qualidade onomatopaica engraçada.

Como qualquer outro rapaz das companhias Red Bull, Ivan via o seu emprego como uma extensão do seu pênis. Sua masculinidade dependia da qualidade do seu desempenho, e toda venda era como uma sedução, como pegar uma garota num bar. Era, como os gurus sempre diziam, assumir o controle da situação. Atrás de cada porta estava uma venda, se você tivesse competência para realizá-la. Era simples assim. Tudo nesse negócio era sexual ou uma extensão da sexualidade masculina — conquista, confiança, capacidade. Realizar a venda era como conseguir as calcinhas, e perdê-la era colocá-las no rabo. Não havia meio termo. Não havia desculpas. Apenas sucesso ou fracasso.

Ivan falava sobre sexo quase o tempo todo, o que não era difícil de fazer quando toda venda ou toda venda perdida era uma metáfora sexual. Quando perdíamos uma venda, Ivan assumia isso pessoalmente e, em geral, tinha de recompor seu ego de alguma maneira. Ele diria: "Sabe, alguns caras conseguem encarar isso e não fazer nada. Mas eu não consigo. Sinto na pele, se alguém bate a porta na minha cara." No trabalho, no entanto, ele geralmente conseguia se controlar, e por isso freqüentemente salvava sua "própria pele" com um comentário malicioso no carro. Isso parecia aliviar sua mente.

Uma vez paramos na casa de um sujeito, saímos do carro e estávamos na metade do caminho até a porta quando o sujeito disse: "Esta é uma propriedade particular e vocês não estão convidados a entrar."

Quando voltamos para o carro, Ivan assobiou: "Esse cara provavelmente masturba sua mulher e come o rabo dela."

Então riu e me contou sobre uma mulher que disse ter pegado em um bar. Falou que, quando foram para a casa dela e se sentaram para tomar um drinque, ela disse: "Não me diga quando você for fazer, mas quando estiver pronto me empurre contra a parede, me masturbe e coma o meu rabo."

Foi então que eu compreendi que Ivan era absolutamente repleto de merda. Mas era isso que fazia dele um vendedor tão bom. E ele era um vendedor fantástico. Conseguia vender para qualquer pessoa. Uma vez, quando saímos juntos, ele vendeu um livro de cupons para uma mulher que estava passeando com seu cão ao lado da estrada. Ele nem sequer saiu do carro. Apenas se inclinou para fora da janela e fez seu discurso ali mesmo. Era incrível como ele conseguia parecer adequado e sincero sem parecer nem um pouco bajulador.

Mas, bajulador ou não, algumas pessoas simplesmente não lhe davam a mínima. Um sujeito que tinha um cão de guarda que ficou rodeando o carro quando paramos para ir até a casa, disse-nos para irmos embora imediatamente. "Nem saiam do carro", disse ele. Isso pôs Ivan em movimento.

"Filho da mãe", disse ele. "Tire esse cachorro daqui."

Ele assobiou para o cachorro quando deu a volta no carro. Aspirou um monte de catarro do nariz para a garganta enquanto tentava fazer com que o cachorro se aproximasse da sua porta, mas o animal não se aproximava o bastante. Ivan cuspiu na direção dele, mas errou, dizendo: "Quando os caras são assim, gosto de cuspir em seus cachorros, um grande e belo ranho bem na cara. Isso realmente os deixa loucos."

Esse era o lado ralé de Ivan, e no carro, comigo, ele o deixou explodir com uma causticidade que parecia que jamais acabaria. Tinha uma resposta para tudo.

Depois que me contou a história indigesta, eu disse: "Ivan, com quantas mulheres você dormiu?"

"Setenta e quatro", disse ele, sem hesitação.

Mais uma vez, provavelmente uma gigantesca mentira, mas quem vai saber?

Ivan também dizia ter um QI de 180 e um pênis de 22 cm. Mas até aí todos eles têm, pelo menos uns para os outros.

Eu lhe perguntei sobre o que gostava em uma mulher e ele disse algo que confirmou, com notável precisão, o que já havia ouvido de outros homens e eu mesma havia suspeitado por minhas experiências nos clubes de *strip-tease*.

"É provavelmente por ter assistido muitos filmes pornôs quando era garoto", diz ele, "mas espero que a xoxota não tenha cheiro nem gosto."

Assim como uma boneca, pensei. Como uma Barbie de plástico. Nada que se possa encontrar na natureza.

Em nosso caminho de volta para o escritório naquela noite — nosso tempo na rua terminou às oito da noite —, conversamos sobre isso com Troy. Ele disse: "Eu me entendo bem com as xoxotas, desde que elas tenham gosto de xoxota. Se ela for fedida, aí temos um problema."

Então partimos para uma conversa sobre como ele poderia conseguir qualquer uma das mulheres do escritório, se quisesse. Ninguém o desafiou a isso. Era como a coisa do QI ou do pênis enorme. Não se mexe com os limites de um homem. Era apenas parte da exibição. Quando acabou de nos contar sobre o conquistador que era, Troy disse que tinha uma piada para nos contar.

"Por que as loiras não têm pêlo na xoxota?", perguntou ele.

"Por quê?", Ivan e eu dissemos em uníssono.

"Vocês já viram grama em uma rodovia?", disse Troy.

Cada dia na rua terminava com outro encontro no escritório para o fechamento. Para fechar com a gerência, você registrava o número de livros de entretenimento (ou pedidos, ou cartões VIP) que havia vendido no dia, pegava sua parte do lucro e dava o resto aos chefes. Na Clutch, cada conjunto de livros de entretenimento (nós os vendíamos em conjuntos de dois) custava 40 dólares, 13 dos quais iam para o vendedor, 10 para o gerente direto e o restante para o gerente superior e vários clientes para os quais os livros também estavam dando dinheiro. Então, se em um determinado dia você vendia seis conjuntos de livros, ganhava um total de 240 dólares, dos quais 78 iam diretamente para o seu bolso naquela mesma noite, na forma de dinheiro vivo. Os outros 162 saíam pela janela e subiam as escadas.

Vender seis conjuntos era um dia de trabalho respeitável. Vender dez era fantástico, e por este privilégio você tocava o sino de metal que ficava na frente da sala do barulho, para as celebrações do fim do dia. Quando você tocava o sino, recebia os cumprimentos de todos, desde os gerentes até o resto dos vendedores que estavam ali. Os parabéns normalmente vinham na forma de um acrônimo do Red Bull — JUICE, que significava Join Us In Creating Excitement*. Tudo o que era bom era JUICE, e toda realização era "JUICE por isso" ou "JUICE por aquilo". Se você tocava o sino, era saudado com um coro de "JUICE para Ned, JUICE para Ned". Como eu disse, era como estar num vestiário masculino depois do jogo.

Assim, mesmo num dia muito, muito bom — vender dez conjuntos de livros requeria muita atividade e não ocorria com muita freqüência — você só ganhava 130 dólares, e quando dividia isso pelas onze horas de trabalho, estava ganhando apenas 11,31 dólares por hora. Em um dia médio, quando você vendia talvez cinco livros, ganhava 65 dólares, o que representava um salário horário de 5,90 dólares, pouco mais que o salário mínimo, e isso sem nenhum tipo de benefício. Você era empregado como contratado autônomo, o que significava que se esperava que você pagasse seus próprios impostos trimestrais. Isso também significava que a companhia não o empregava oficialmente, o que, por sua vez, significava que não tinham de lhe pagar um salário mínimo por hora ou lhe proporcionar benefícios médicos ou férias remuneradas. Em suma, você era um escravo legal, esperando ansiosamente, um dia, ganhar seus quarenta acres e uma mula.

No fim do meu primeiro dia, que foi, tecnicamente, apenas minha segunda entrevista, Ivan deu-me uma ótima recomendação e Davis e Dano ofereceram-me um emprego na hora. Eles queriam saber se eu podia começar a trabalhar no dia seguinte. O dia seguinte era sábado, um dia normal de trabalho na Clutch. Eu disse

* "Junte-se a Nós para Criar Estímulo".

que sim. Eles teriam uma reunião de vendas de todos os escritórios pela manhã e eu não queria perder esse espetáculo.

Dano era um feitor de escravos inteligente. Ele sabia que, para manter sua gente fazendo dinheiro para ele, tinha de motivá-los o bastante para terem iniciativa, mas jogar com suas inseguranças para poder controlá-los. Para isso ele usava uma técnica dupla. Pressionava-os, de um lado, exacerbando sua ganância e seu desespero para conseguir o todo-poderoso dinheiro e o estilo de vida que vem com ele, e, ao mesmo tempo, contendo-os do outro lado ameaçando sua auto-estima já baixa. Assim, deduzia ele, se você tivesse sucesso nisso, seria um dos chefes. Teria tudo o que eu tenho. Se fracassar, será um molóide, um ninguém, um perdedor. Era uma combinação muito eficaz. Toda manhã ele ou Davis fazia uma preleção nesse sentido, recompensando publicamente os bem-sucedidos do dia anterior e censurando firmemente os tristes perdedores. Era esse o objetivo da cultura matinal do escritório: manter as cabeças das pessoas acima do nível da água e chutar o seu traseiro para que elas saíssem para um dia mais odioso e se arrastassem penosamente por sua zona de trabalho com sorrisos babacas e radiantes em seus rostos.

Sábado era uma reunião especial de todas as pessoas de vendas da Clutch da área metropolitana, provavelmente cerca de cem pessoas no total, das quais apenas 10% eram mulheres. Dez por cento no máximo. Nós nos reuníamos às nove da manhã em um armazém de subúrbio perto do nosso escritório. Durante a primeira hora, Ivan e eu nos misturamos com o resto do pessoal. Ivan me apresentou como o novo rapaz, e eu recebi vários tapinhas de boas-vindas no ombro e apertos de mão calorosos de muitos daqueles homens execravelmente vestidos. Cada um deles parecia a ovelha negra de alguma família, ressentidamente limpos para ir à igreja porque seus pais os arrastava para lá sob pena de ficarem de castigo. A maior parte deles usava camisas social e gravata, e algum tipo de calça cáqui, de acordo com os códigos de vestuário da gerência, mas todos pareciam ter dormido com aquelas roupas.

Sussurrando no meu ouvido, Ivan deu-me a configuração do terreno. Apontou para um rapaz negro atarracado, de meia-idade, vestido de terno, um dos poucos homens mais velhos na companhia. Tinha um bigode grisalho fino, cuidadosamente aparado que, como disse Ivan, os outros rapazes há muito vinham lhe dizendo para raspar.

"Nós lhe dizemos que esse bigode faz com que ele pareça inferior, mas ele não o raspa", disse Ivan, "porque, veja só, sua mãe lhe disse que o bigode faz com que sua boca pareça tão boa que poderia ser uma xoxota."

Eu achei que havia entendido mal. "A *mãe* dele lhe disse isso?" perguntei.

"É."

O homem em questão abriu seu caminho no meio daquela gente toda e veio em nossa direção. Era uma daquelas pessoas que olha direto no seu rosto quando aperta sua mão.

"E aí, novato", disse ele, apertando a minha mão e abrindo seu melhor sorriso de vendedor molhado de saliva.

"Oi", disse eu, desviando o olhar.

"Olhe aquela garota ali", disse Ivan, retomando a conversa e apontando para uma loira alta e magra de sapato Chanel e minissaia, "ela tem dezoito anos e está grávida, e tudo o que quer é trepar. Meu único objetivo, hoje, é fodê-la à noite."

Ele estava fazendo jus ao seu apelido, RDK, que queria dizer Raw Dog King*. Davis o havia dado depois de uma noite em que se embriagaram juntos em um bar. A certa altura da noite, Ivan saiu do bar com a garota que pegou para aquela noite, e foi visto trepando com ela entre dois carros, no estacionamento.

"É", disse Davis sobre o incidente, "ele ficou trepando bruto com ela a noite toda". Fiquei sabendo que "trepar bruto" significa que você não se dá o trabalho sequer de fazer as preliminares ou, como eles poderiam ter dito, lubrificá-la com alguns estímulos antes

* "Rei da Trepada Bruta".

de penetrá-la, e, provavelmente, sem preservativo. Segundo se dizia na companhia, esta era a prática padrão de Ivan. Nos "encontros" ele era como uma equipe de demolidores, daí o apelido Raw Dog King. Isso soava como uma barraca de hoagies* de beira de estrada, do tipo que lhe causaria uma disenteria para o resto da vida.

Enquanto nos movimentávamos entre os grupos de rapazes, invariavelmente pegávamos uma conversa sobre as poucas mulheres no local — quais eram acessíveis a trepadas, e em que circunstâncias. Troy estava indo sondá-las. Ele se afastou de nós e se dirigiu a duas garotas de um dos outros escritórios. Elas pareciam estar se agarrando uma à outra em busca de apoio. Aparentemente, como um dos rapazes que estavam ali conosco foi gentil o bastante para me informar, algumas das garotas de um dos escritórios ligados ao nosso formavam sua própria equipe de vendas e se auto-intitulavam The Swallows**. Diante disso, todos os rapazes da minha roda riram, às gargalhadas.

"Não podemos adivinhar se elas sabem ou não o que isso significa", disse um deles.

"Deus", pensei. "Essas pobres garotas não têm nem idéia de com quem estão lidando, e agora que eu sei, gostaria de não saber."

A atenção de Ivan havia se desviado para outra presa. Ele apontou para o traseiro de uma garota baixinha que estava em pé cerca de três metros à nossa esquerda.

"Veja só aquela ali", disse ele. "Já transei com ela. Era uma patinadora importante. Tem um corpinho lindo."

O pessoal foi se acalmando sob o comando de Davis. Ele estava indicando, com os braços, que formássemos um círculo de costas para a parede do armazém e nos sentássemos para que Dano pudesse falar. Ivan e eu já estávamos próximos à parede e, por isso, nos agachamos. A patinadora ainda estava de pé. Ivan me cutucou

* Hoagie: Na Filadélfia e arredores, nome dado a um imenso sanduíche recheado de carnes e outros ingredientes que, em geral, só os homens conseguem comer inteiro. (N. T.)

** "As Andorinhas", mas também pode querer dizer "As Engolidas".

com o cotovelo, acenando com a cabeça na direção dela. "Agora temos um bom ângulo do seu traseiro", disse ele.

Quando Dano foi para o meio do círculo, em segundos a atmosfera do armazém mudou de uma algazarra de bordel para um encontro de oração. Todos os olhos estavam fixados no homem e as pessoas fizeram silêncio.

"Olá, pessoal", gritou Dano.

"Olá, chefe", gritou o pessoal.

Estas eram as falas de praxe. Os chefes de todas as companhias Red Bull começavam suas reuniões matinais dessa maneira. Dano ocasionalmente variava um pouco o *script* no nosso escritório durante as cerimônias matinais de premiação, quando a pessoa do mais bem-sucedida do dia anterior era uma mulher. Depois do "Olá, pessoal", "Olá, chefe" introdutórios, ele dizia: "Encontrei um rapaz."

O pessoal repetia: "Encontramos um rapaz."

"Um rapaz do tipo altamente motivado".

De novo o pessoal repetia, embora desta vez pulando para cima com as mãos no ar enquanto dizia a palavra "altamente".

Então Dano dizia novamente, "Não é um rapaz. É uma moça."

E o pessoal respondia: "Uma cabrita."

Dano adorava essa merda. Podia-se dizer que ele vivia para isso. Era como algum alto sacerdote em um culto de comércio livre, treinando um discurso para os fiéis, justificando sua pequena empresa gananciosa com toda a habilidade de um Jim Jones* sem o Kool-Aid.

O *script* era mais ou menos o seguinte:

DANO: Para fazê-los se animarem com a nossa companhia, não precisamos aparecer com um impressionante pacote de

* Jim Jones era um missionário norte-americano que, em 1978, foi responsável pela morte de 900 seguidores, na Guiana Francesa, todos envenenados por uma substância chamada Kool-Aid após ter-lhes anunciado o fim do mundo. (N. T.)

benefícios, de 401 quilos, composto de planos de aposentadoria, opções de ações, o que for. O que temos de fazer é convencê-los de que conseguimos uma fórmula para o sucesso imediato e para um enorme lucro, diferente de qualquer coisa que vocês já viram antes. E tudo o que vocês têm de fazer é tirar proveito dela. É simples assim. Tudo o que precisam fazer é pagar seus impostos, organizar o seu tempo e, antes que percebam, estarão dirigindo seu próprio escritório.

Vocês são pagos a cada venda que realizam e, quanto mais vendas realizam, mais dinheiro ganham. Se seguirem o sistema e se dispuserem a trabalhar, posso lhes garantir que vão chegar a algum lugar, porque, em meus vinte anos no negócio, nunca vi ninguém fracassar. Vi apenas pessoas desistirem.

Todos querem o meu lugar, e se alguém disser que não quer, está mentindo. Quem não quereria? Eu ganho muito dinheiro, uso um relógio de vinte mil dólares. É o negócio que me proporciona minha riqueza, minha casa com piscina, meus carros, minhas férias, minha família. Tenho uma esposa linda que jamais pensei que poderia conseguir, e a consegui porque tinha muito dinheiro.

TODOS: (*Muitos risos e aplausos*)

DANO: Vocês estão dizendo para si mesmos: "Dano está promovendo uma esposa linda. Vamos fazer o pré-nupcial."

TODOS: (*Mais risos*)

DANO: Olhem. Ponto básico. Há os caras mais importantes, os caras médios, os novatos e os perdedores. Obviamente, o cara mais importante chegou lá mais cedo que gerente. Obviamente, o cara mais importante fica lá até mais tarde que o gerente. Obviamente, o cara mais importante toca o sino todos os dias. Obviamente, o cara mais importante pode treinar e motivar praticamente todo o mundo. Obviamente, o cara mais importante está ali para vencer. Você quer ser esse cara mais importante porque é isso que vai fazê-lo conseguir a casa, os carros, a esposa. O cara mais importante é o próximo cara na linha de promoção. JUICE?

TODOS: (*Gritam*) JUICE.

DANO: Isso não tem nada a ver com o que vocês estão ven-

dendo ou onde o estão vendendo. Tem a ver com vocês. Vocês têm o que isso requer? (*Sai*)

TODOS: (*Gritam*) JUICE, JUICE, JUICE, JUICE.

No final da fala de Dano, recebemos nossas ordens de marchar. Incentivos para o dia. Se você vendeu até cinco conjuntos de livros, vai receber os usuais treze dólares por conjunto. Se vendeu entre cinco e dez conjuntos de livros, vai receber 15 dólares por conjunto, e se vendeu entre dez e quinze conjuntos de livros, vai receber vinte dólares por conjunto. Começamos com equipes de três. A primeira equipe a voltar para o escritório tendo vendido todos os quinze conjuntos de livros vai ganhar um bônus extra de trezentos dólares. O prazo máximo, ou tempo de DQ (desqualificação) era seis e meia da tarde.

Ivan dispôs as coisas de forma que ele e eu estaríamos compondo com Tiffany, a grávida de dezoito anos de idade com quem ele ia transar à noite. No minuto em que entramos no carro, Ivan começou a planejar como poderíamos ganhar o bônus de trezentos dólares. Entrou no estacionamento de um Wendy's* para Tiffany comer alguma coisa.

Ele e eu ficamos em pé ao lado do carro fazendo as contas.

"E se você for para uma ATM, comprar todos os quinze conjuntos de livros com seu próprio dinheiro, depois voltarmos para o escritório primeiro, conseguirmos os vinte dólares por cada um e mais o bônus?", disse ele, com os olhos arregalados.

"Vou continuar quebrado do mesmo jeito", disse eu. "Vou gastar trezentos dólares e conseguir trezentos dólares de volta. Temos que realmente vendê-los ou não vai funcionar."

"Merda", disse Ivan. "Tudo bem, então. Temos que usar a Tiffany. Ela tem seios grandes e você a viu andar. Ela tem uma vantagem sobre nós."

---

* Wendy's é uma rede de lanchonetes com sede na cidade de Dublin, nos Estados Unidos. Há mais de 6.600 estabelecimentos da rede, em todo o mundo. (N. T.)

Eu tinha de admitir que ela tinha um andar rebolante que não correspondia a sua idade, mas ainda assim era uma futura mãe solteira, de dezoito anos de idade, que vivia comendo porcarias e tomando Diet Coke, e trabalhava andando o dia todo porque não tinha outra escolha. O pai de seu bebê, como soube no carro, estava preso por tráfico de drogas. Ela tinha perspectivas piores que qualquer outro na companhia, e tudo em que Ivan conseguia pensar era como poderia seduzi-la para dar uma rapidinha ou pôr seu pinto em ação. Ele era inclemente.

Quando Tiffany voltou para o carro, Ivan disse-lhe diretamente o que planejava. Contou-lhe que a idéia era visitar muitos clientes num mesmo lugar e voltar para o escritório o mais cedo possível. Os estabelecimentos comerciais eram, em geral, bons lugares para vendas múltiplas, porque os livros de cupons eram isentos de impostos para os proprietários e podiam ser oferecidos como incentivos para os empregados ou até para os clientes. Para fazer um melhor uso de Tiffany, ele teria como alvo um estabelecimento de artigos de interesse masculino, explicou ele, como uma loja de ferramentas ou um negociante de automóveis.

Ela estava feliz em desempenhar esse papel. Achava que era de seu maior interesse andar o mínimo possível.

"Além disso", suspirou ela, exalando um cigarro que havia acabado de acender, "eu realmente preciso desse bônus."

"Você o quer?", disse Ivan, piscando para mim pelo espelho retrovisor.

"É, eu realmente o quero", disse ela.

"Bem, confie em mim", disse ele, olhando de novo para mim e sorrindo diante do duplo sentido, "você vai conseguir."

Tiffany levantou seu blusão até acima do umbigo. Ela estava usando um blusão branco sobre um top apertado de *lycra* branco. Queria saber se achávamos que sua barriga estava aparecendo muito para ela tirar aquele suplício. Nós decidimos que a rotina da pobre-garota-grávida funcionaria contra nós.

"Não, você está ótima", disse Ivan.

Nós partimos, procurando um negociante de automóveis numa rua principal. Ivan estava me sondando sobre um cenário propício, algo com que Tiffany pudesse estar de acordo, algo que a ajudasse a se livrar rapidamente da mercadoria.

"Vamos, cara, você é o ex-escritor", disse ele.

Então, imaginei o seguinte: Tiffany é a única mulher em um escritório cheio de rapazes — o que não está longe da verdade. Eles não a respeitam — também não é uma mentira. É sua primeira semana no trabalho e eles não a querem, e então a enviaram com mais mercadoria do que ela poderia, para vender em algumas horas. Fizeram uma aposta no escritório de que ela não conseguiria. Então a enviaram com Ivan, que não fala direito o inglês, porque ele é o único rapaz que tem alguma coisa a ver com ela.

Ivan gostou disso. "Sim, bom, está ótimo", disse ele.

"Vou esperar no carro", disse, envergonhada.

Então Ivan encontrou um negociante de automóveis, entrou em uma rua lateral e estacionou o carro fora do campo de visão. Tiffany estava desabotoando seu blusão e ajustando seus seios para tirar deles o máximo proveito. Devido à gravidez, eles já estavam bastante monstruosos para sua estrutura ainda magra. Com o blusão totalmente desabotoado, ela era toda "negócios ao ataque". Quando saiu do carro e iniciou seu andar rebolante pelo terreno rumo ao *showroom*, com passadas longas, o peito empinado, os quadris mexendo de um lado para o outro sob sua minissaia, seu blusão ondulando como uma bandeira atrás dela com a brisa, de repente eu tive certeza de que ela havia entendido muito bem o duplo significado de "Swallows". Ela sabia o que estava fazendo. Era excessivamente bonita de se olhar. Como Troy, ela estava usando para o que valia a pena a mesma coisa que eles usavam contra ela. Também como Troy, ela era uma vendedora muito bem-sucedida.

Ivan a acompanhou até o *showroom*, caminhando alguns passos atrás para deixá-la causar seu pleno efeito. Já estavam lá havia cerca de vinte minutos. Achei que este era um bom sinal. Mas quando voltaram para o carro, não haviam feito nenhuma venda. Tentamos outro negociante e uma funilaria, mas nada funcionou, e

então decidimos ir para alguns bairros residenciais e fazer as vendas ao velho estilo, porta a porta.

Foi aí que tive a minha primeira oportunidade de fazer meu discurso de vendas. Era um bairro bonito, de classe média alta, com os terrenos cuidadosamente gramados, entradas para carro demarcadas e carros dignos de inveja. As pessoas estavam do lado de fora aparando seus gramados ou brincando com seus filhos, um monte de pais cumprindo suas obrigações dos sábados com os filhos, jogando beisebol ou molhando o jardim. E ali estava eu, o vendedor repugnante em seus mocassins, tendo de andar até estas pessoas e lhes fazer o pior e mais depressivo discurso de vendas que eles provavelmente já ouviram.

É muito humilhante se tornar a coisa que você odeia. Eu me sentia como um inseto, entrando nas vidas privadas das pessoas em minhas roupas elegantes. Não conseguia sorrir de uma forma gregária. Timidamente, era o melhor que eu conseguia fazer. Em meus dez primeiros discursos, a primeira palavra que saiu da minha boca foi "Desculpe". Porque eu sentia que os incomodava. Realmente sentia muito estar impingindo a alguém meus nojentos livrinhos de cupons, especialmente em sua casa.

"Sinto muito incomodá-lo", dizia eu, ou "Detesto interrompê-lo". Era a única coisa em todo o discurso que eu dizia sinceramente. O resto vinha como a merda que era, e a maioria das pessoas balançava suas cabeças e fechava suas portas sem dizer uma palavra.

A maior parte do discurso era um *script* que você tinha de memorizar e praticar diante do espelho ou treinar com outro vendedor. Não havia como se livrar dele. Eles nos testavam pela manhã em sessões informais. Um dos rapazes encaminhava-se até você, enfiava o dedo no seu ombro e dizia: "Vamos ouvir seu discurso."

Se você não entrasse nele com o prazer apropriado, eles achavam que lhe faltava entusiasmo e levavam você para ter uma conversinha com o gerente.

"Oi", dizia eu, "meu nome é Ned Vincent e estou aqui hoje representando os negociantes locais da sua área para informar-lhe

sobre novas promoções que eles estão oferecendo. Alguns de seus vizinhos já estão aproveitando essas oportunidades, e gostaríamos de nos certificar de que você está obtendo todos os descontos aos quais tem direito."

Era terrível. Eu era o Ned-esvaziado, toda a atitude do meu terno tirada de mim por essa fala sebenta e pela recepção repudiada que eu normalmente conseguia. Quando as pessoas me viam chegando, deviam pensar que eu era algum tipo de mórmon solitário, indo resignadamente de casa em casa. Eu via uma cortina se mexer numa janela da frente da casa e ninguém responderia à campainha.

Desnecessário dizer que não vendi nada aquele dia. Ivan e Tiffany só venderam dois conjuntos de livros cada um, e passamos a última hora do dia sentados em um Starbucks*, lambendo nossas feridas. Então ficou bem claro que Ivan não estava fazendo progressos com Tiffany. Quando ela foi ao banheiro, ele tentou salvar seu orgulho, resmungando na minha direção: "Ela talvez esteja precisando chupar um bom pau. Só isso."

De volta ao escritório ficou-se sabendo que Doug, usualmente maior vendedor da Clutch, que estava havia semanas cotado para passar a assistente de gerente, conseguiu o bônus, como sempre, sendo a convencido a ir para a rua com vinte conjuntos de livros em vez de quinze. Ninguém mais teria chance. Provavelmente, comprou vários deles em um esquema tipo Ivan para garantir a vitória. Mas ele era conhecido por vender copiosamente por toda a cidade todos os dias; por isso, era provável que realmente os tenha vendido.

Era um pequeno alpinista social esquelético e com um rosto inescrutável, que vivia para o negócio e para a linha da companhia como um verdadeiro crente. Era um ex-marinheiro e, como todo rapaz da Clutch, esta seria o seu tíquete para a vida melhor e uma esposa mais bonita do que ele jamais poderia ter imaginado. Tinha

* A Starbucks é a maior franquia de café dos Estados Unidos e possui quase seis mil *coffee-shops* espalhados pelo mundo todo. (N. T.)

apenas 23 anos, mas já estava se vangloriando de que se aposentaria com 35.

No fim do dia, todos se reuniram com Dano, que sentou-se atrás de sua mesa como um rei das drogas sem tempo a perder, distribuindo e remexendo os trocados das transações da tarde. Rid Rock estava explodindo na sala de jogos, e os rapazes estavam todos blasfemando e se queixando do estresse do dia. Não se podia evitar. No minuto em que você aparecia, alguém pegava você pela mão e apertava seus dedos mecanicamente, como um macaco agarrando sua perna, um alívio aceitável de homem para homem.

"Ei, Ned, tudo bem, cara?", diziam, e realmente esperavam a resposta, como se checando para ver se você exibia sinais de mau funcionamento ou inteligência estranha. Se você não misturasse seus dedos com os deles, eles ficavam fazendo conjeturas a seu respeito, como se você estivesse pensando demais para ser normal. Alguns dos rapazes usavam alfinetes de ouro em forma de rinoceronte em suas lapelas, sinal de que foram promovidos à "liderança", um passo intermediário entre o vendedor e o assistente de gerente. Perguntei a um dos rapazes por que um rinoceronte.

"Porque os rinocerontes não conseguem andar para trás", disse ele, sorridente.

Por mais vidrado em sexo e depravado que pudesse ser, Ivan me ajudava a seguir em frente, porque sentia tanto desprezo quanto eu pelo *ethos* total do lugar. Não que estivéssemos acima dos seus encantos momentâneos, especialmente quando era o único dinheiro que você tinha possibilidade de conseguir no dia. Quando você estava vendendo ou, como Ivan dizia, quando estava "na zona", sentia-se como um vaso sagrado da avareza, e era, sem dúvida, sexual. Cada venda era uma experiência, mas uma experiência ligeiramente diferente, dependendo da pessoa que abria a porta. Você tinha que dançar em torno de seus pontos fracos e penetrá-los profundamente quando via a abertura. Cada venda tornava você mais confiante, e mais confiança produzia mais vendas. Os treinadores estavam bastante certos nesse sentido.

Isso aconteceu comigo certo dia em que havia saído novamente com Ivan, e estava recebendo ovos e tomates na cara, indo de rejeição em rejeição, até que tive certeza de que jamais faria uma venda. Ivan esteve zombando de mim o dia inteiro, observando-me quando eu fazia meu discurso na escada de entrada, enquanto ele ficava sentado no carro fumando e rindo.

"Assuma o controle, mauricinho", disse ele. "Arranje um parceiro. Jesus."

Em uma casa, nós nos dirigimos a uma senhora idosa que estava caminhando pelo seu jardim para fazer um pequeno exercício. Era uma compradora fácil, garantiu-me Ivan. Mas antes que eu conseguisse terminar a primeira frase, ela me cortou com frieza: "Não estamos interessados."

Eu ainda era muito novato e me sentia constrangida demais para saber que você nunca pára aí, e então falei: "Tudo bem, então. Seja como for, obrigado."

Quando deu a partida no carro, Ivan disse: "É inacreditável. Você foi escorraçado por uma senhora de noventa anos de idade."

E assim foi pelo resto da tarde, até próximo das cinco horas, quando Ivan estava cantando canções de rap para me provocar. "Muito bem, lá vamos nós", disse ele enquanto me empurrava para minha próxima inevitável derrota. "Sacuda a bunda. Observe a si mesmo. Diga-me com quê você está atuando."

Então, finalmente, naquela que eu achava ser a centésima casa em que me apresentava naquele dia, um sujeito que não parecia desse tipo simplesmente virou-se e me entregou os quarenta dólares. Eu não conseguia acreditar. Nem Ivan. E tive que admitir que me senti bem em conseguir pelo menos um dinheiro trocado, para variar, mesmo que isso significasse renunciar a um pedaço da minha acalentada superioridade moral no processo.

A corrupção da venda me capturou muito rapidamente depois disso, e no espaço de algumas horas passei do virgem desajeitado que perde seu hímen no bordel ao carteiro esperto que sempre toca duas vezes. Fiz mais seis vendas antes de acabar o tempo, conseguindo até o endosso presunçoso de Ivan, no processo. Provei

minha masculinidade, assumi o controle, mostrei meus culhões seja o que for, não importa — fiz a única coisa que falhei em fazer repetidas vezes no trabalho de rua, não somente na Clutch, mas nas outras firmas Red Bull que visitei.

Na Borg Consulting, passei meu segundo dia no trabalho de rua com outro rapaz de 23 anos que, em sua abordagem do trabalho, entusiasmada e direcionada pelos hormônios, era muito parecido com Ivan e Doug. Ele também se via aposentando-se logo após os trinta anos. Também sexualizava tudo, em um jogo de resultado zero. Como Ivan, ele ficava confuso e frustrado diante da minha incapacidade para mostrar os culhões ao me apresentar aos clientes.

"Você é um homem", dizia ele. "Tem de se apresentar como um homem."

Ele era muito claro neste ponto. O discurso das garotas era diferente. Elas flertavam. Elas persuadiam e sorriam e abriam seu caminho nas vendas ardilosamente, que era exatamente a maneira como comecei a tentar fazer minhas vendas. No início, experimentei tratar a venda assim como eu pedia um prato em um restaurante como uma mulher, ou como pedia ajuda em um posto de gasolina — suplicando. Mas vindo de um homem, isso era impróprio. Não funcionava. Provocava desprezo tanto nos homens quanto nas mulheres, Nesse sentido, era muito mais parecido com tentar pegar uma mulher num bar. Como rapaz, eu tinha de irradiar minha simpatia por mim mesma e pela vítima, não a aparência de fraqueza e carência. As pessoas vêem fraqueza numa mulher e querem ajudar. Vêem fraqueza num homem e querem esmagá-la.

Quando fiz a minha primeira venda naquela tarde com Ivan, superei essa divisão. Readquiri a atitude que tive nas minhas entrevistas e, quanto mais eu a via funcionando nas mentes e nos rostos das pessoas, virando-as para o meu lado, mais a usava em meu próprio proveito.

Depois de ter realizado duas vendas seguidas, fiquei exultante. Pus fim à maldição. Eu estava num movimento contínuo. Parei de me apresentar na venda, como uma garota, e comecei a

falar como um homem. Se havia seduzido duas pessoas, poderia fazê-lo de novo. Além disso, não precisava do discurso dos chefes. Podia fazer meu próprio discurso, e ele soaria melhor e mais espontâneo do que qualquer coisa que os idiotas da Clutch pudessem criar. As pessoas reconheciam a baboseira ruim quando a ouviam. Eu precisava de uma baboseira boa.

Essa foi a cadeia de pensamento, e a cadeia de pensamento tornou-se um ato, uma representação, a representação de um homem suplantando a de uma mulher: competência, controle — e não minhas suplicas, desculpas e carência anteriores. O sucesso elevou minha moral. E a moral alta fez minha vitalidade fluir, e a minha vitalidade escreveu seu próprio *script* maligno. Eu me tornei criativo, e a criatividade, por mais gasta e barata que possa ser, é algo que muito poucas pessoas vêem. Aprendi muito disso com Ivan.

Na terceira casa, saí do carro e atravessei o gramado em direção a uma mulher que estava trabalhando em seu jardim. Eu estava de bom humor, e ela podia perceber isso. Meu sorriso era genuíno e ela o retribuiu com cordialidade.

"Como vai?", perguntei.

"Não vou mal", disse ela. "E você?"

Isso já era um milagre. Nenhuma das minhas outras saudações evocou cortesia. Todas as outras pessoas haviam cortado sumariamente a minha conversa: "O que você quer?" ou "O que está vendendo?" De algum modo, eu havia superado esses obstáculos nas duas casas anteriores e, seja como for, realizei minhas vendas, mas agora não precisava mais disso. Essa mulher estava relaxada. Ela estava seguindo a minha liderança. Estávamos ali em pé, conversando, como duas pessoas sem compromisso que tinham todo o tempo do mundo.

Perguntei-lhe sobre o seu jardim. Ela tinha um sotaque, e então perguntei-lhe de onde era. Ela era inglesa, e eu lhe disse que havia crescido lá. Conversamos sobre isso mais alguns minutos, enquanto ela voltava a suas plantas, ajoelhando-se diante de um de seus canteiros de flores e escavando o chão com uma trolha.

Finalmente, quando surgiu uma brecha, ela indicou com a cabeça os livros de cupons que estavam na minha mão e perguntou, muito educadamente: "Então, o que você tem aí?"

Eu olhei para os livros como se tivesse me esquecido de que estavam ali.

"Bem, estou aqui fazendo uma espécie de pesquisa de mercado", disse eu, "e estes são os protótipos. Estou tentando perceber o que as pessoas acham deles. Posso lhe mostrar uma cópia? Quem sabe a senhora pode me dar sua opinião?"

Isso era uma total inverdade, é claro, mas facilitaria sua entrada no discurso da venda, que eu planejava apresentar no final da nossa conversa, não no início. Eu havia aprendido esta lição com meus fiascos anteriores. Quando fazia meu discurso de cara, a maioria das pessoas criava uma barreira e me negava a venda antes mesmo de eu ter tido a chance de lhes mostrar o produto. Aprendi isso como um rapaz desacompanhado, também. O discurso de cara do vendedor, era o equivalente a abordar uma mulher em um bar com um avanço sexual grosseiro, e conduzir a investida em uma tônica barata. Você estaria morto antes de chegar ao fim da sua frase. Por isso, ponderei, se eu primeiro tirasse a venda da abordagem e simplesmente pedisse a opinião da cliente, ela poderia baixar sua guarda.

E eu estava certa. Ela baixou.

"Certo. O que é?", perguntou.

Eu me inclinei e folheei os cupons, indicando os melhores e afirmando que o livro, se usado adequadamente, iria restituir várias vezes seu valor de quarenta dólares. Essa parte era verdade. Os livros eram realmente um bom negócio, mas se você o apresentasse com insegurança ou à maneira de um *telemarketing*, jamais teria a chance de apontar isso para ninguém. Por outro lado, pensei, se você tivesse a chance de mostrá-lo, as pessoas dificilmente o rejeitariam.

Mais uma vez, eu estava certa.

"Então", disse eu, "o que a senhora acha? É um bom produto?"

"É", disse ela. "Parece ser."

E aí estava. Pronto. Eu estava no controle. Eu a havia conduzido exatamente para onde eu queria. Ela admitiu que o produto era desejável. Agora, se eu me oferecesse para vendê-lo a ela, ela iria, por sua própria admissão, estar rejeitando um bom negócio se não o comprasse.

"Certo", disse eu. "Bem, é isso que estamos oferecendo. Realmente gostaríamos que as pessoas experimentassem os livros para ver se funcionam, e talvez nos dessem alguns indicadores de como poderíamos melhorá-los. Por isso, estamos colocando estes poucos protótipos à venda. A senhora acha que estaria interessada em experimentar um deles e nos dar sua opinião?

O que você acha? Ela estava. E comprou. Saiu com seu talão de cheques, e na glória masculina, Ned fez mais um ponto.

"Mauricinho", disse Ivan. "Você é bom."

E durante algumas horas degradadas eu supus que era. Deus me ajude.

No fim do dia, entreguei a Ivan o dinheiro que havia ganho. Não queria ter nada a ver com ele. Além disso, ele precisava mais dele que eu, e quando se tratou de vender a mística masculina, ele me ensinou praticamente tudo o que eu sabia.

É um pouco apavorante, na verdade, a freqüência com que tenho pensado nesses dias com Ivan, ouvindo aquelas palavras "assuma o controle" ou "mostre seus culhões" ecoando na minha mente, em meu cotidiano como mulher. Não são palavras vazias. Elas funcionam. Elas funcionam em muitas situações que, do contrário, poderiam controlar uma pessoa. Elas são a voz demorada de Ned assumindo quase como uma personalidade alternativa, realizando o trabalho quando eu não consigo. Elas se prolongam irritantemente, como ouvir Musak no supermercado, e me lembram de que talvez a vantagem masculina prevalecente mais forte seja puramente mental. Pensar faz isso.

Na manhã seguinte, Davis deu-me o tratamento de estrela na sessão matinal de rap.

"Eu encontrei um rapaz... um rapaz do tipo altamente motivado... Sr. Ned Vincent. Ontem ele saiu com Ivan e fez sete vendas, colocou mais de noventa dólares em seu bolso. JUICE para isso."

"JUICE", gritaram os vendedores entre uma onda de aplausos.

Fui treinada para este momento. Davis havia me ensinado o que dizer quando me escolhessem para a fala do melhor vendedor. Eu tinha de creditar meu sucesso ao sistema, operar o sistema, operar a chamada lei das médias que, segundo as definições da companhia, significava que uma entre dez pessoas compraria o produto, não importando o que lhes dissesse — a idéia era de que se você o apresentasse a cem pessoas em um dia, fosse como fosse deveria vender dez conjuntos de livros. Dirigir-se à próxima casa, casa após casa, era chamado de "operar a lei das médias". Mais cedo ou mais tarde, você faria a venda. Dizer aos outros vendedores que operar a lei das médias havia funcionado para você em um dia bom era fundamental para manter a moral. Dizer a verdade, ou seja, dizer que você vendeu tantos conjuntos de livros quanto os que você levava porque simplesmente havia aprendido a mentir cada vez melhor à medida que o dia foi passando, não era a política da companhia. Não gerava o orgulho do escritório, ainda que, é claro, aprender a mentir melhor fosse o que todos que tinham um bom desempenho estavam realmente fazendo. Não que a lei das médias não funcionasse. Ela, até certo ponto, funcionava. Mas muito poucas das pessoas que vendiam dez conjuntos de livros em um só dia realmente visitaram cem pessoas. Eles omitiam as arestas, e essas arestas eram os fatos difíceis, cercadas de curvas em S no final de um bom dia de trabalho.

Eu disse o que se esperava que eu dissesse, e todos me deram tapinhas nas costas e me apertaram as mãos até minhas palmas doerem, e eu queria enforcar Ned com sua própria gravata. Doug, o ex-marinheiro que em geral era o melhor vendedor, aproximou-se de mim desconfiado, naquela manhã, ponderando se eu havia descoberto seus segredos.

"Bom trabalho, cara. O que está funcionando para você?"

Ele estava usando um terno xadrez azul e branco gasto e mal cortado, e fez uma parada inocente contra a janela.

"Faço as pessoas pensarem que estou lhes dando algo, em vez de estar tirando algo delas", respondi.

Diante disso, ele parou por um segundo, como se eu tivesse lhe dito um preço em uma moeda estrangeira. Era possível ver o cálculo passar por seu rosto e depois a faísca do reconhecimento. Decidiu que essa era uma observação útil, mesmo que não se pudesse dizer que ele soubesse absolutamente o que ela significava. Ele a colocou em um canto do seu pequeno cérebro esquadrinhador para uso futuro, provavelmente em algum seminário que logo estaria dando em um Sheraton, em Cleveland.

Mudou de assunto, olhando-me fixamente com seus olhos opacos.

"Olhe, cara, eu vou sair com você hoje e estaremos no curso de golfe às quatro horas."

Desconfiei que os chefes estavam por trás disso, cortejando-me através dele porque não podiam se incomodar com isso. Ele ia me mostrar a vida de um grande vendedor, os frutos da renda prometida sob a forma de um taco especial de golfe e um charuto.

Eu não conseguia encarar essa perspectiva, caminhando no campo de golfe com esse espertinho de olhar insultante me contando suas histórias do campo de treinamento e corrigindo meus movimentos.

Mas o dia não correu como o esperado. Paramos para pôr gasolina no caminho para a nossa zona e tentamos vender alguns conjuntos de livros enquanto estávamos ali, apresentando-os a outras pessoas que enchiam os tanques de seus carros.

Ninguém comprou.

Nesta marcha, não iríamos voltar para casa antes das dez, que dirá ir ao curso de golfe, a menos que vendêssemos para cada libertino e divorciado na sede do clube. Eu também não conseguia encarar isso.

No carro, Doug contou-me histórias sobre esse tempo vendendo na rua, todas elas, mais uma vez, sobre sexo. Disse que, certa vez, dirigia-se a uma casa e ouviu um casal discutindo alto lá dentro. Conseguia ouvir tudo, enquanto andava. "Sua puta de merda" pra cá e "sua boceta fodida" pra lá. Quando ele tocou a campainha da porta, esta se abriu imediatamente e a dona da casa estava ali em pé, nua. O marido estava no fundo da sala, perto da escada, observando o olhar de Doug para sua esposa ou, como disse Doug, observando-o tentando não olhar para sua esposa. Doug fez a apresentação do produto olhando para o chão ou diretamente nos olhos da mulher.

"Ela é bem bonita, não é?", disse o rapaz para Doug.

"Senhor", disse Doug, "eu realmente não estava olhando."

Isso fazia parte do material clássico dos rapazes, como os homens na rua que não olhavam nos meus olhos quando achavam que eu era homem. Você não olha outro homem nos olhos e não olha tempo demais para a mulher dele. Olha o bastante para registrar, talvez, a inveja nos olhos dele, mas não além disso. Um rapaz queria saber se você achava sua mulher excitante, e até se você a desejava, mas mais do que isso ultrapassaria o limite e você estaria com problemas. Doug sabia disso instintivamente, como qualquer homem sabe.

A essa altura, Doug já havia feito toda a apresentação da venda que ia fazer. A mulher pegou seu talão de cheque, principalmente por maldade, imaginou Doug — provocar seu marido com uma compra desnecessária. Quando se inclinou para preencher o cheque na mesa da entrada, o marido deu-lhe um tapa na bunda e olhou para Doug.

"Ela gosta disso — você não gosta?", disse ele.

É claro que tudo isso era, provavelmente, mentira, como a maioria das conversas dos homens. Fantasia projetada. Que vendedor ambulante não quer encontrar uma mulher nua em casa?

Por volta do meio-dia, Doug entrou em uma subdivisão de uma marcação nova situada em uma elevação de terra atrás da rua principal. Estava, evidentemente, caçando na zona de outro vendedor, mas esse era um de seus atalhos. Comprava seus próprios livros (desconfio que, às vezes, até perdendo algum dinheiro),

invadia a zona dos outros, enfim, fazia o que fosse preciso para melhorar sua imagem aos olhos dos chefes e chegar a assistente de gerente. Esse era seu único objetivo na vida. Para ele, o dinheiro parecia ser a coisa mais importante, e sem uma carreira universitária ou qualquer perspectiva de uma, esquemas de progresso pessoal como este eram seu único caminho para a riqueza. Engolia qualquer coisa que Dano dissesse. Sem dinheiro não haveria casa, barco, esposa sensual, filhos, a percepção de si mesmo como um provedor e, portanto, nenhuma percepção de si mesmo como um homem.

Quando estacionou na calçada, Doug me disse que circundasse as casas no sentido anti-horário. Ele faria o contrário e nós nos encontraríamos no meio. Comecei minha rota, mas havíamos feito principalmente listas "sem residências" — escrevendo os números de todas as casas que não eram residência, de modo que podíamos fechar o círculo até o fim da tarde, talvez sem realizar nenhuma venda. Fui a cerca de dez casas e só encontrei duas pessoas em casa, nenhuma delas interessada em cupons.

Fazia um calor sufocante. Minha barba estava derretendo no meu rosto e eu estava com as costas da minha camisa molhadas de suor, sob o blazer. Depois da décima casa, desisti e me sentei na extremidade da entrada da garagem de alguém, à sombra de uma árvore recém-plantada — ela era tão novinha que a grama sob ela mal havia crescido —, um toque surreal que emprestou uma dose extra de desespero existencial a todo o procedimento; como se ali não fosse a terra e eu já estivesse morta e não soubesse, e a vida após a morte fosse essa labuta infernal pelos subúrbios por toda a eternidade. E esperei por Doug, que havia feito o caminho contrário do beco sem saída serpenteado e deveria estar quase à vista. Ficar parado debaixo de uma árvore era algo que eu tenho a certeza de que muitos vendedores faziam alguns dias. Ivan me disse que, às vezes, ficava sentado no carro no acostamento de uma estrada deserta fumando, escondendo-se do calor e da humilhação. Isso era suficiente para tornar uma pessoa tão amarga quanto ele era, e eu podia ver como alguns antigos vendedores que estavam tentando

sustentar suas famílias nesse trabalho ficavam ali sentados consumidos pela auto-aversão e pela impotência.

Doug voltou depois de mais ou menos uma hora, tendo vendido apenas um conjunto de livros nesse tempo. Ele estava com a cara no chão, diante do novato. O brilho da manhã o havia desgastado. Sua vivacidade incômoda havia desaparecido e seus olhos estavam um pouco mais ferozes do que antes, quase materiais, com um ponto de ressentimento em suas pupilas.

Eu imaginei, dadas todas as metáforas de potência e as bravatas que os vendedores homens contavam, se aceitar este tipo de derrota não era mais fácil para uma mulher. Vencer ou conquistar não fazia parte da nossa definição cultural. Não estava vinculado à nossa genitália. Havia um sexismo residual nisso para as mulheres, uma guinada benigna em ser considerada inútil durante tantos séculos no mundo do trabalho. Se fizéssemos a coisa certa, as pessoas diriam "está muito bom para uma garota", e se fracassássemos ainda seríamos elogiadas por tentar. Mas um homem, ele era um estúpido inútil se não tivesse um bom desempenho, e dizia isso a si mesmo pelo menos tão duramente quanto qualquer outra pessoa diria. Sentar sob uma árvore no meio de um dia de trabalho, pensando melancolicamente sobre o pouco ou o nada que você tinha a mostrar para si mesmo, era quase tão afeminado quanto parecia.

Eu podia sair daquilo impunemente, e foi o que fiz. Fiz o que centenas de pessoas desesperadas haviam feito antes de mim. Disse a mim mesma que simplesmente não valia a pena. Não queria mais ficar andando no calor. Não tinha nada a dizer a Doug nem ele a mim. Isso só provocaria mais discussão e mais caminhada. A apoteose de machão de Ned veio e foi embora.

Pedi a Doug para me dar uma carona até o escritório, e ele o fez com muito pouco protesto. Entrei lá, coloquei minha mercadoria na sala de conferência vazia e saí. Os chefes não estavam lá, mas estavam acostumados a ver as pessoas desistirem e, portanto, não fariam um espalhafato ou precisariam saber por quê. Eles sabiam por quê. Por isso tinham um anúncio permanente no jornal.

Decidi não revelar a minha história à gerência da Clutch. Eles não tinham tempo nem interesse em nada que não fosse lucro. O que eles iam dizer? "Está certo, mas quantos conjuntos de livros você vendeu hoje e como fez isso?"

Para eles, cada um de nós era apenas outro par de mãos sujas enchendo potencialmente seus bolsos. Ser homem ou mulher não parecia ter nenhuma implicação profunda. Eles — ao contrário dos vendedores, que usavam o sexo estereotipicamente para seu benefício no trabalho — não estavam particularmente interessados nele ou, tanto quanto pude observar, sequer conscientes de seus ditames.

Durante uma das minhas entrevistas na Borg, perguntei explicitamente à chefe, Diane, o que ela pensava sobre as diferenças entre os homens e as mulheres no negócio — como era o seu desempenho, comparativamente, o que usavam para seu proveito próprio e o que os continha.

Tudo o que ela disse foi: "Eu não enxergo o gênero. Realmente não enxergo."

E queria dizer isso mesmo. Ela acreditava que isso era verdade, e certamente na prática de contratação e no decoro da companhia era verdade, pois a diretoria na Borg, ao contrário da diretoria na Clutch, era igualmente dividida, metade homens, metade mulheres, e se esperava que cada um correspondesse às mesmas expectativas. Na Borg ninguém exclamava "Uma cabrita!" quando uma mulher se destacava nas vendas.

Mas era improvável que Diane fosse cega ao sexo das pessoas quando lidava com elas como pessoas, individualmente, ou seja, a menos que ela empregasse algum tipo altamente sofisticado de auto-hipnose que enganasse o resto de nós. Nos contatos que tive com ela como Ned, não foi isso que observei.

Achei que ela me tratava como um homem, e eu digo isso com alguma confiança, porque a conheci e trabalhei com ela mais tarde na minha carreira como Ned, e então reconheci muito bem os sinais — o sorriso flexivelmente controlador, o olhar ligeiramente afetivo, ambos dizendo: "Você é um homem e eu sou uma mulher, e é assim que conversamos um com o outro."

É claro que esta não era a única maneira como as mulheres interagiam com Ned, mas era uma delas, uma das muitas. Às vezes, como nos meus encontros, elas eram desconfiadas ou superiores. Às vezes eram distantes, protegidas, mas educadas, à maneira como as mulheres nos bares às vezes se comportaram, quando me aproximava para lhes oferecer um drinque. Outras vezes flertavam conscientemente, tocando na minha manga ou no meu colarinho para enfatizar o contato.

Os homens não eram diferentes. Eles também avaliavam você pelo *quê*, não por *quem* você era, e falavam com você de acordo com isso, mecanicamente, como se estivessem tratando com um conjunto de características, não com uma pessoa. Era como se as pessoas tivessem cinco ou dez *scripts* em suas mentes, cada um rotulado para um tipo, e todos eles se ajustavam para um sexo ou o outro. Quando viam você, escolhiam o *script* que melhor se adequava e atuavam a partir dele, inconscientemente. Para os homens, havia o *script* da ligação entre companheiros e o *script* "Ei, você não é gay, é?" e nada mais.

Em toda a minha experiência indo e vindo como mulher e homem — freqüentemente saindo em público como homem e como mulher num mesmo dia —, raramente interagi de maneira significativa com alguém (até mesmo os balconistas das lojas) que tratasse a mim e às pessoas que estavam comigo de uma maneira codificada pelo gênero, ou congelei pouco à vontade quando eles não tinham certeza se eu era um homem ou uma mulher.

Era o congelamento que sempre me abalava mais. As pessoas ficam literalmente paralisadas durante um momento, às vezes meio em pânico, às vezes totalmente em pânico, quando não sabem qual é o seu sexo. Você pode perceber a confusão instalada ou, com pessoas educadas, reprimida, e depois pode perceber o ajuste sendo feito para o homem ou para a mulher, ou para um campo neutro extremamente desconfortável e robótico entre os dois. Se elas não sabem qual é o seu sexo, literalmente não sabem como tratá-la. Não sabem por que código optar, que linguagem falar, que palavras e gestos específicos usar, até que ponto podem ser aproximar de você

fisicamente, se devem ou não sorrir e como. Nisto não somos diferentes dos cães — com a notável exceção, é claro, de que nenhum cão jamais se enganou sobre o sexo de outro.

O comportamento codificado pelo gênero era tão prevalente, que passei a me perguntar se não era quase impossível para qualquer um de nós tratar o outro de uma forma neutra em relação ao sexo, como o é conceituar a linguagem sem a gramática. O lingüista Noam Chomsky é famoso por postular que todas as línguas têm alguns princípios gramaticais em comum, e que as crianças nascem com um conhecimento intacto desses princípios gramaticais. Ele declarou que este conhecimento inato explica o sucesso e a velocidade com que as crianças aprendem a língua. Segundo Chomsky, então, o cérebro humano é reforçado para pensar gramaticamente ou, de modo mais geral, para inserir as informações e os estímulos em algumas categorias de pensamento. É assim que ele funciona e é assim que somos capazes de pensar. Assim, fico imaginando se poderia haver uma gramática do gênero pré-programada e possivelmente inevitável destruída em nossos cérebros. E se, por isso, todo encontro era prescrito.

Para minha mente, os ambientes Red Bull eram inequivocamente voltados para o sexo, mesmo em suas encarnações mais sutis em lugares como a Borg.

Diane "enxergava o sexo" e tratava seus empregados como seres sexuados, freqüentemente flertando com os homens como um meio de exercer controle, e ligando-se superficialmente às mulheres pela mesma razão. Como no cotidiano, nem toda interação era pesada, e nem toda interação era pesada do mesmo jeito. Mas havia padrões codificados pelo gênero ocorrendo na maior parte do tempo, as correntes fluindo sob as palavras e as atitudes, e se você procurasse por eles, como eu estava procurando, colocando-se na pele de outra pessoa, não podia deixar de perceber sua intenção. Eles lhe diziam o que você era e como se comportar.

Com seu *modus operandi* de colisão insensata e ambientes de quase culto, as companhias Red Bull dificilmente representavam a média da cultura dos escritórios ou dos ambientes corporativos americanos. Primeiro, porque raramente estávamos no escritório. Segundo, porque vivíamos, na maior parte do tempo, fora do sistema, quando se tratava de receber pagamento e pagar impostos, e mesmo de fazer relatórios de trabalho. Quase tudo nesses locais era um exagero do que você encontrava em companhias antigas, grandes, respeitadas, conhecidas e estabelecidas — os tipos de lugares que trabalhei no início da minha carreira antes de me tornar escritora, e meu único ponto de comparação. As companhias Red Bull tinham toda uma cultura própria, embora essa cultura estivesse sempre buscando se expandir cada vez mais, e conseguisse isso não só pelo país, mas pelo mundo, promovendo novos gerentes jovens, abrindo novos escritórios e contratando mais jovens subordinados para gritar JUICE em cada continente.

Tudo que era RED BULL era exagerado. A conversa barata, o ritmo de trabalho, a propaganda motivacional. Mas suponho que seja isso que a *Glengarry Glen Ross** significa para as pessoas, uma visão resumida para acentuar o foco. Lá vi coisas brutais, muito parecido com o que vi nos clubes de *strip-tease*.

Será que eu as teria visto de uma forma tão não-adulterada em uma firma de advocacia ou em uma companhia de investimentos? Duvido. Por uma razão: ninguém poderia cantar a canção *Other People's Pussy* na sala de reuniões desses lugares, ou prostituir as funcionárias com almoços de uma forma tão descarada como fizemos com Tiffany para vender cupons, e prolongar isso, mesmo por brincadeira.

Mas de algum modo eu não tenho muita dificuldade para imaginar profissionais homens muito bem remunerados falando de

---

* *Glengarry Glen Ross* é um excitante relato sobre as personalidades competitivas em um decadente escritório de corretagem de Chicago onde seus negócios ocorrem em um clima extremamente acirrado e todos disputam a melhor venda. O ousado e furioso mundo do empresariado americano, onde as mentiras, trapaças e roubalheiras são tudo no dia-a-dia do trabalho... e onde o vendedor faz qualquer coisa para fechar um negócio. (N. T.)

uma maneira tão baixa como falávamos, quando estão sozinhos no escritório de algum deles, ou fazendo algazarra enquanto tomam drinques depois do trabalho, ou, como se sabe que fazem alguns executivos, em almoços longos num clube de *strip-tease*. Também não me custa imaginar que, de maneiras mais insidiosas, as mulheres ainda são objetificadas e usadas para se conseguir uma vantagem estratégica nos altos escalões da América de colarinho branco. A lei do assédio sexual empurrou para debaixo do tapete muito sexismo ostensivo e a cultura de clube dos homens, mas a maioria de nós sabe que eles ainda estão aí. Nem seria justo assumir que simplesmente porque, por necessidade, eu arranjei empregos que não requeriam uma formação intelectual mais avançada, os trabalhadores de todos os níveis de renda e formações educacionais não levam para o escritório idéias e comportamentos carregados de sexo e de idéias codificadas pelo gênero.

Nem "nós", que aos nossos olhos somos sempre as supostas exceções à regra. Atuamos de muitas maneiras, mas, especialmente no trabalho, dentro dos limites que são traçados para nós, e os papéis dos gêneros não são exceção. Nossas expectativas para nós mesmos como homens e mulheres são, em grande parte, aquelas de nossos pais ou cuidadores que, como têm mostrado muitos experimentos psicológicos, muito provavelmente fizeram coisas tão cruelmente condicionadoras e tolas quanto nos vestir de azul e nos dar caminhões para brincar se éramos meninos ou, se éramos meninas, nos vestir de cor-de-rosa e nos dar bonecas.

Vender de porta em porta como Ned me ajudou a viver mais que a vida de um homem médio, durante algum tempo. Consegui ser um dos rapazes ensebados nas vendas, ver as garotas visadas do outro lado da sala, e a mim mesma nelas. Consegui sentir as pressões da masculinidade no local de trabalho e entender, em primeira-mão, que eles ainda estão tão ligados quanto sempre foram à virilidade masculina e, portanto, à auto-estima. Vi as mulheres à minha volta trabalhando com uma motivação diferente — desmentindo a sempre sugerida suposição de sua inferioridade, e se

desviando da objetificação sexual persistente. Eu me lembrei de ter sido similarmente motivada.

Vi os estilos estrondosos dos vendedores — homens e mulheres — que tentavam me ensinar a ser um homem. Desenvolvi um par de culhões durante um tempo e percebi as alturas a que podem levar genitais bem conduzidos. E, talvez mais importante, pela primeira e única vez na minha vida como Ned, eu me senti capacitado como homem, embora eu atribua este sentimento bem mais às roupas que eu vestia que às circunstâncias em que as vestia. Meu paletó e gravata tinham um efeito surpreendentemente poderoso, tanto sobre mim quanto sobre as percepções que as pessoas tinham sobre mim.

Pensando retrospectivamente sobre a experiência e como é absurdo a roupa de um homem conseguir "fazê-lo" totalmente, lembro-me de uma passagem do romance *A Árvore do Diabo*, de Jerzy Kosinski, que me veio à mente depois de terminar minha experiência de trabalho como Ned. No romance, o protagonista realiza uma façanha muito parecida com a minha, e obtém uma reação similar do público. Ele tem um uniforme militar feito para ele por um alfaiate, embora o modifique com vários acessórios diferentes (usando, por exemplo, as lapelas de um uniforme britânico, os bolsos de um uniforme sueco e o colarinho de um uniforme brasileiro) para torná-lo irreconhecível como o uniforme real de qualquer país. E então, o usa em público onde quer que vá nas próximas semanas.

Quando ele volta, pela primeira vez de uniforme, ao hotel onde estava hospedado, o *concierge* fica tão impressionado pelo vestuário, que não reconhece o homem até que ele dê o seu nome. Daí em diante, o *concierge* insiste em tratá-lo com uma cortesia exagerada. As reações persistem com quase todo homem que o vê de uniforme. O manobrista do estacionamento traz seu carro sem que ele precise pedir, ignorando seis outros clientes que estão esperando. Em restaurantes com longas filas, ele é acomodado imediatamente. As companhias aéreas dão-lhe assento preferencial em vôos totalmente lotados. E, talvez o mais ultrajante, sua

palavra é aceita como verdade inquestionável, mesmo quando ele conta mentiras gritantes.

Kosinski escreve: "Confrontadas com a minha camuflagem, é a testemunha que se decepciona, permitindo que seus olhos dêem credibilidade e autenticidade ao meu novo personagem. Eu não a fiz de tola; ela aceita ou rejeita minha verdade alterada."

Minha experiência foi muito parecida, embora não tão grandiosa. Um terno, ou um paletó e gravata, é um uniforme — na verdade, literalmente, pois os primeiros ternos dos homens foram derivados dos uniformes militares. Minhas roupas de trabalho davam-me credibilidade, respeitabilidade, autoridade. Era um disfarce para o meu disfarce, e nele eu, a atriz, era invisível, embora de modo algum invulnerável.

Eu voei muito alto brevemente. Depois caí sentada e não consegui me levantar. Eu era um dos desistentes, suponho eu. Não um dos vencedores.

O único contato que tive com alguém da Clutch depois que saí foi com Ivan. Nós nos falamos rapidamente por telefone alguns dias depois, e ele me disse que a única coisa que os chefes haviam dito sobre o meu desaparecimento foi: "Bem, ele não era tão impressivo."

7 | *Self*

O poeta e tradutor Robert Bly desencadeou o mais moderno movimento de homens nos Estados Unidos, em 1990, com a publicação de seu livro *João de Ferro (Iron John)*. Nele, Bly identificou o que ele via como uma crise de identidade na masculinidade americana, causada, em grande parte, pela prevalência de relacionamentos rompidos entre pais e filhos, o desaparecimento dos rituais de iniciação masculina e uma carência de modelos masculinos para os garotos. Usando mitos e histórias de fadas como seus guias, especialmente a história *João de Ferro*, dos Irmãos Grimm, que dá título ao livro, Bly encorajava os homens a se reconectarem com o Homem Natural enterrado dentro deles, como um meio de curar suas almas roubadas e feridas.

Os homens, declarou ele, sofreram uma evolução dolorosa nas últimas décadas, passando de um modelo falido para o seguinte. Primeiro, foi o homem dos anos 1950, que supostamente "gostava de futebol, era agressivo, defendia os Estados Unidos, nunca chorava e sempre provia". Mas era insensível e brutal, isolado e perigoso. Depois veio o homem dos anos 1960, assaltado pela culpa e pelo horror da Guerra do Vietnã e encorajado, pelo início do movi-

mento feminista, a entrar em contato com seu lado feminino. Bly elogiava este novo homem gentil e criterioso por deixar para trás o estoicismo ríspido da geração de seu pai, mas lamentava sua total deterioração no homem dos anos 1970, ou o que Bly chamava de *soft man* [molengão], um homem sem espinha dorsal e sem força, um homem infeliz, mais compassivo que o homem dos anos 1950, mas sem contato com as partes vitais e selvagens da sua masculinidade.

Na leitura de Bly da história de *João de Ferro* de Grimm, os homens passivos e medrosos devem ter a coragem de reivindicar sua masculinidade essencial, literalmente extraindo de dentro de si sua ferocidade e sua vitalidade, assim como o jovem da história de Grimm tirou o cabeludo e enlameado João de Ferro do fundo de um pântano. João de Ferro, ou o simbólico Homem Natural, por mais apavorante, desgrenhado e feio que ele possa parecer, é, segundo Bly, a chave para a auto-realização e a liberdade dos homens, o caminho para diante nas vidas dos homens.

João de Ferro tornou-se um *best-seller* nacional e, embora Bly e outros tenham conduzido *workshops* privados só para homens durante toda a década de 1980, o livro trouxe este trabalho e seu propósito declarado à consciência do público. Desde então, os novos *workshops* e organizações para homens disseminaram-se pelo país e pelo mundo.

Quando iniciei este projeto, havia ouvido falar de Bly, de *João de Ferro* e do movimento dos homens, mas não tinha idéia do que os homens faziam ou sobre o que conversavam nesses encontros secretos. As mulheres não tinham permissão para participar deles e os homens que participavam, em geral faziam segredo do que lá acontecia.

Como o mosteiro, este era outro mundo masculino fechado que eu achei que poderia me oferecer *insights* valiosos na experiência masculina e nas lutas dos homens para se redefinirem na era pós-feminista. Mas, ao contrário dos monges, os homens que se juntavam a estes grupos estavam enfrentando seus problemas, conversando sobre eles abertamente e examinando intencionalmente sua masculinidade, como eles próprios e como a cultura a definiam. Era o lugar perfeito para terminar a jornada de Ned.

Escolhi um grupo pequeno de cerca de 25 a 30 homens que se reuniam uma vez por mês. Eu tinha de viajar cerca de uma hora e meia de carro para chegar às reuniões, que aconteciam em uma sala de ensaios de um centro comunitário. A sala em si era do tamanho de um pequeno estúdio de dança, sem móveis, com exceção de um piano no canto e espelhos em duas das paredes. Sentávamos em cadeiras dobráveis dispostas em um círculo no centro da sala.

Ali, apenas me sentando e ouvindo, achei que chegaria ao final da odisséia de Ned em um ambiente terapêutico aconchegante. Mal sabia eu que esta última etapa da jornada iria me empurrar para o ponto de ruptura.

Fui à minha primeira reunião em meados de julho, a pior época do ano para Ned tentar manter seu disfarce em espaços fechados, com um ar condicionado deficiente, e excessivamente iluminados. Eu estava constantemente dando pancadinhas em meu rosto com um lenço para evitar o deslizamento da barba. Acrescente-se a isso a atenção especial que obtive por ser um membro novo, e pode-se imaginar por que eu estava transpirando profusamente desde o momento em que entrei. Estava esperando me esgueirar e sentar no fundo sem ser percebida, mas o grupo havia algum tempo não via um novato, e por isso Gabriel, um dos membros mais antigos do grupo, apresentou-me a todos na sala.

Gabriel era encantador. E realmente um sofredor. No minuto em que o conheci, pude perceber que seu sentido do *self* estava espalhado em pedaços pelo chão, como uma motocicleta que foi desmontada em uma garagem anos antes e ainda não haviam conseguido montá-la novamente. Ele era bonito, com um jeito sincero, esportivo, na faixa dos quarenta anos, mas com o cabelo ainda loiro, opaco e aparado, e vestia jeans, camiseta de manga longa e sapatos Birkenstock. Era inofensivo e bem intencionado, mas de início um pouco desconcertante com sua ansiedade em se vincular

comigo como um irmão. Na minha segunda visita, insistiu em me abraçar quando cheguei e quando fui embora.

Em geral, não sou uma pessoa muito afeita a grupos terapêuticos, especialmente aqueles tipo culto, em que circulam livretos mimeografados cheios de mantras e aforismos inconsistentes, ou poesia leve que se supõe parecer profunda, mas em geral não é. Este grupo era um clássico desse gênero, pelo menos em sua literatura. Tinha seu próprio livreto mimeografado, que um dos membros fundadores havia montado, e estava cheio de fragmentos citados de gurus do movimento dos homens, como Bly, Joseph Campbell e Michael Meade, assim como algumas pérolas extraídas de Yeats, Eliot, Emerson e outros poetas mortos famosos. Mas, para mim, nesse contexto até os mestres pareciam flácidos e inadequados.

O restante do livreto consistia, principalmente, de perguntas que deveriam funcionar como diretrizes vagas para a discussão sobre o tema designado para aquela reunião. Perguntas como: Quais são minhas necessidades emocionais não satisfeitas? Até que ponto a minha masculinidade é definida pelas expectativas que as outras pessoas ou a sociedade têm de mim? Eu respeito os outros homens?

Havia sete temas, ou estágios de crescimento em todas, em vez dos usuais doze que costumam aparecer repetidamente em reuniões de recuperação de viciados. Como um grupo dos doze passos, nós fazíamos um rodízio deles de semana para semana. Quando terminávamos o sétimo estágio, voltávamos, na vez seguinte, para o primeiro estágio.

Chame-me de não evoluída, mas eu não queria abraçar ninguém ali justamente porque isso fazia parte do programa. Eu não participo de "programas". Eu não gosto de "programas", mesmo que conheça pessoas que participam deles, e mudaram suas vidas para muito melhor como resultado. Eu queria abraçar as pessoas quando sentisse algo por elas, quando estivesse pronta. Além disso, eu me via como o inimigo, neste grupo, e achava melhor manter as coisas desse jeito.

Mas ali o abraço era fundamental para a terapia. A maioria dos homens não tende a compartilhar muita afeição física com seus amigos homens, por isso aqui eles determinaram essencial dar abraços longos e apertados um no outro em toda oportunidade possível, como uma maneira de compensar aquilo que o mundo, durante tanto tempo, os privou, e pelo fato de terem sido socializados para rejeitarem um ao outro.

Não era totalmente incomum no início e no fim dessas reuniões, ver pares de rapazes engajados em abraços prolongados. Às vezes eles estavam chorando, às vezes estavam apenas apoiando um ao outro com palavras de conforto.

Mesmo como alguém que já havia visto e nunca havia ficado chocada com a visão de muitos homens gays se abraçando longa e ternamente em público, demorei algum tempo para me acostumar a ver esses homens heterossexuais se abraçando assim. Eles estavam realmente apoiando um ao outro, cuidando um do outro, e isso não é algo que se vê com muita freqüência no mundo exterior. Ned nunca havia visto isso no seu. E quando se via estes homens procedendo dessa maneira, compreendia-se como eles necessitavam deste amor fraternal e paternal substitutos, e como precisavam expressar isso fisicamente.

Estes homens passaram toda a sua vida fazendo os acenos tradicionais de entendimento silencioso. Mas isso não era mais suficiente. Os monges, ou alguém entre eles, talvez influenciados pelo movimento dos homens, foram sábios o bastante para perceber isto. Mas não é o tipo de coisa que você possa forçar, especialmente quando está tentando reverter uma existência digna de ser programada. Estes homens estavam aqui porque queriam estar, e, embora durante o tempo que passei com eles houvesse sempre uma parte de mim que permanecia desconfortável com a postura de auto-ajuda do grupo, no caso eu tinha que admirar o esforço. Eu conhecia muitos homens que poderiam ter tido uma ajuda similar, se ao menos tivessem conseguido abrir uma brecha, por menor que fosse, em suas defesas. Quem era eu para escarnecer desta medicina, mesmo que suas máximas não fossem do meu agrado?

As reuniões sempre começavam da mesma maneira, da maneira como começa a maioria das reuniões dos AA e outras dos doze passos, com um dos membros lendo um trecho da parte designada do livreto, depois dando uma fala de cinco a dez minutos ao grupo sobre o tópico da noite. Costuma ser uma questão muito vaga, repleta de um desconforto expressado com todo empenho. Nenhum destes homens estava particularmente ansioso para ficar diante de uma sala cheia de outros homens e contar-lhes como se sentia. Como disse um deles, para ele era uma façanha perceber que tinha sentimentos. Aprender a identificá-los e expressá-los, especialmente na frente de outros homens, era lhe pedir demais.

Realmente não importava o que eles diziam. Já era um milagre estarem ali falando.

Para mim, era fantástica a idéia de que uma pessoa pudesse ser incapaz de expressar suas emoções. No meu caso, identificar e expressar minhas emoções era geralmente muito fácil. Nunca me ocorreu que algumas pessoas não só não conseguissem fazê-lo, mas não tivessem a menor noção de como fazê-lo. Isso, agora entendo, é um ponto de vista altamente privilegiado, extremamente feminino, e cujo valor e raridade comparativa Ned, desde então, me fez apreciar. Para minha mente — e ficava claro, pelo que estes homens estavam dizendo, que para suas mentes também — viver a vida toda sem conectar suas emoções podia ser tão prejudicial ao espírito quanto a fome é prejudicial ao corpo. E embora ouvir sobre essa desvantagem tenha soado, para mim, como uma espécie de revelação quando ouvi-os falando a respeito tão candidamente, não devia ter sido assim, pois era apenas uma confirmação do que eu havia encontrado no mosteiro e em outros lugares como Ned. Muitos homens eram cronicamente incomunicáveis.

Depois o derramamento inicial para o grupo, o homem que estava falando voltava a se reunir aos outros e o grupo se dividia em círculos menores de discussão compostos de três ou quatro homens. Estes grupos de discussão menores, que duravam quase uma hora, funcionavam como *workshops* de aconselhamento mútuo. Costumavam ser a parte mais difícil das reuniões,

os momentos íntimos quando podiam ocorrer rompimentos de barreiras. Para mim, normalmente eram momentos para se saber mais sobre as questões básicas, os problemas especificamente relacionados ao gênero que estes homens compartilhavam e expressavam juntos. Eu freqüentemente ficava sentada à distância, fazendo anotações mentais.

Foi em um destes pequenos grupos de discussão que tive minha primeira conversa com Paul. Aconteceu vários meses depois que comecei a ir às reuniões. Eu havia me encontrado rapidamente com ele uma vez, logo no início, mas ele me intimidou, e por isso eu mantive apenas o contato em um breve cumprimento, aterrorizada com que ele pudesse ver através de Ned. Eu havia ouvido outros membros falarem sobre ele, sobre seus problemas com a raiva, mas também sobre sua percepção e inteligência. Achei que devia ser muito cautelosa perto dele. Disse a mim mesma que, se alguém descobrisse o meu disfarce, seria ele, e não seria agradável quando isso acontecesse.

Eu tinha medo dele. Era um homem de aspecto impressionante, provavelmente próximo dos sessenta anos. Não tinha mais de 1,80m, mas era pesado, tinha braços sólidos, mãos grandes e uma barriga considerável, que exibia como um lutador de sumô, como se fosse uma vantagem em uma luta, não uma desvantagem. Ele provavelmente não conseguia se mover muito depressa, mas parecia poder esmagar uma pessoa com um sopro. Tinha o rosto inchado e forte de um boxeador irlandês ou de um policial europeu corrupto, e toda a sua cabeça, lanosa com seu cabelo grisalho avermelhado, parecia um chumaço de tecido manchado.

Embora me assustasse um pouco, como padrinho do grupo e líder de seus retiros semestrais, Paul também me fascinava. Tanto quanto eu queria evitá-lo por medo de ser descoberta, mas também queria conhecer sua história, descobrir seus problemas. Eu o via como um guru neopagão com um estilo próprio e com um bando desordenado de crianças enjeitadas chorando agarradas a seus calcanhares. Não pude evitar pensar dessa maneira no início, e não gostar de Paul devido à pequena tirania que ele parecia exercer

sobre estes homens. Não era difícil dominar esse grupo. Eram, em sua maioria, pessoas destruídas, e por mais que Paul estivesse ali, e, na verdade, para ajudar seus companheiros, seus irmãos, como eles chamavam uns aos outros, acho que ele provavelmente estava ali também para a adulação bimensal. Além disso, um fim-de-semana por ano ele ia para os bosques com tambores e machadinhas e representava o Coronel Kurtz, gritando seus horrores aforísticos para seus seguidores e assando sobras de carne no fogo, ou alguma coisa desse tipo. Eu não sabia o que eles faziam nesses fins-de-semana, mas ia descobrir.

Para mim, de algum modo ele me parecia perigoso. Ao menos volátil. E o que eu estava fazendo era invasivo ao seu pequeno projeto, ou poderia ser. A raiva que isso poderia provocar nele poderia ser considerável. Pressionaria todos os seus botões. Como ele disse, um dos conflitos definidos da sua psique era o ódio por sua mãe, que ele dizia ter sido psicótica (ela estava morta) e ter tentado matá-lo. Disse que tinha as cicatrizes para provar o abuso físico que sofreu nas mãos dela.

Imaginei que Paul havia transformado seu ódio permanente por esta mulher em uma misoginia penetrante e virulenta. Achei que sua reação a mim, caso descobrisse o meu disfarce, especialmente se o descobrisse na mata, com todos os seus instrumentos (que eu supunha ser) afiados à mão, poderia facilmente se tornar desagradável. Eu podia ver isso acontecendo, toda a ira matrifóbica encontrando seu foco em mim, a mulher traiçoeira metendo o seu nariz onde não era chamada, ouvindo seus segredos e invadindo seu espaço sagrado.

É claro que nada disso era justo. Eu nem sequer conhecia o homem ainda.

Mas, desde o início, Paul foi simbólico para mim. Era o fim da jornada de Ned e Paul era sua última experiência, a última pessoa a enganar e, talvez, a confrontar. Eu queria facilitar para mim não gostar dele, porque isso me deixaria muito menos culpada por está-lo espionando. Colocá-lo em algum lugar como minha nêmesis em efígie, o tornava quase detestável em minha mente. Além disso,

a maneira como ele se apresentou em uma primeira ou segunda reunião não ajudou sua causa. Ele parecia rude e egocêntrico, até um pouco beligerante quando falava, cuspindo suas palavras como um ataque preemptivo.

A primeira vez que o vi se dirigir ao grupo, ele discursou com uma autoridade autoconcedida. Ele condescendia de uma forma quase furiosa, como se fosse um diretor repreendendo gazeteiros.

Ele disse: "Alguém falou recentemente sobre mim, 'Paul acha que é o centro do universo', e eu digo que se você não for o centro do universo, algo está errado. Você é o centro do seu universo porque, se não for, quem é?

Prosseguiu falando sobre a necessidade de cada homem respeitar os egos dos outros homens, o que no início fez o meu lado feminista arrepiar. Eu pensei: já não tínhamos egos masculinos suficientes? Mas então me lembrei da minha primeira noite travestida em East Village e da minha percepção de que respeitar os egos um do outro era exatamente o que os homens estavam fazendo com freqüência com seus olhos e com sua linguagem corporal, deslizando pelas zonas protegidas um do outro com o mínimo de engajamento. Não se tratava tanto de orgulho, mas de proteção.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, Paul disse: "Quando você olha outro homem nos olhos, isso significa uma de duas coisas. O que é?"

Ele esperou uma resposta. A minha estava pronta:

"Quero fodê-lo ou quero matá-lo", disse eu.

Todos se voltaram para mim.

"Exatamente", disse Paul. "Quero fodê-lo ou quero matá-lo."

Disso eu sabia e entendia bastante. Havia experimentado em mim mesma. Mas na versão de Paul havia mais que isso. Ele estava apresentando uma grande consideração, uma consideração que era fundamental para o propósito e para a metodologia do movimento dos homens, mas só descobri isso muito mais tarde, até saber mais das histórias destes homens e perceber o que eles estavam tentando

realizar nestas reuniões. Na época, isso só me fez pensar que Paul era um sujeito grosseiro e insignificante, mostrando a suas tropas domésticas como urinar nos quatro cantos da sala.

Mas então, Paul e eu nos encontramos de novo em um dos pequenos grupos de discussão. Estávamos sentados a uns 60cm um do outro, cara a cara, e ele não era mais uma abstração. Nem, como logo descobri, a ameaçadora por que o tomei.

Fiquei sentada quieta durante a primeira meia hora, como em geral fazia, ouvindo o que os outros homens diziam. Ele também estava ouvindo. E enquanto eu ouvia e observava a maneira como ele ouvia, comecei a ver que havia muito mais nele do que a ilusão de certeza que ele apresentava na frente da sala. Ele não era apenas um saco de ar que adorava o som da própria voz. Na verdade, ele era o único homem no grupo que realmente ouvia. Ele ouvia intensamente, em vez de apenas esperar sua vez de falar.

A maioria dos outros homens tendia a falar diante e além um do outro, raramente para ou com o outro. Eles ouviam, ao que parecia, principalmente coisas que reforçavam sua própria experiência ou ponto de vista sobre si mesmos. Eles não acenavam com a cabeça quando algo ressoava, mas assim que aquele que estava falando terminava, com freqüência simplesmente entravam na sua própria história, relevante ou não. Esta abordagem desconsiderada não parecia incomodar a maioria dos homens. Provavelmente porque estavam tão desacostumados a falar tão francamente sobre seus sentimentos, que o simples fato de se manifestarem já era suficiente. Não foram exercitados na arte de dar e receber.

Mas Paul era. Ele realmente reagia ao que você falava. Fazia uma pergunta de acompanhamento, sondava um pouco para fazer você examinar seus pensamentos. Ele interagia. Isto, associado à sua inteligência e profundidade, era muito destacado nesse grupo. Quase me fazia querer participar.

E foi o que aconteceu essa noite. Paul me atraiu e me repeliu.

Ele virou sua cadeira, como freqüentemente fazia nas reuniões, e abraçou o encosto, apoiando seu queixo em um dos punhos.

Olhou-me direto nos olhos e não desviava o olhar. Eu havia ficado em silêncio a noite toda, mas não tinha como desconsiderar aquele olhar.

Ele perguntou: "Então, qual é a sua história?"

"Estou de péssimo humor", disse eu. "Não creio poder dizer qualquer coisa útil."

"A raiva não é útil?" sugeriu ele, fixando-me mais intensamente.

Uma boa consideração. Isso aparecia freqüentemente no grupo — a idéia de que a raiva não era uma emoção improdutiva se seguida até sua fonte. Da maneira como esses homens falavam, a raiva era a única emoção que eles tinham em abundância, a única emoção que o mundo lhes permitiu ter em abundância e, portanto, por implicação, ela continha todo o resto — tristeza, sofrimento, carência, vergonha. Você podia dar nome a ela. Era um sentimento que eles conheciam bem, e era onde se escondia a maior parte de seus outros sentimentos. Ninguém ali iria julgá-lo por deixá-lo falar.

Isso era, na verdade, revigorante e, pensei, particularmente masculino. E eu, como a maioria das mulheres que conhecia, vinha sublimando a raiva por tanto tempo quanto conseguia me lembrar. Era uma emoção que não nos era permitido sentir, ou à qual não nos permitíamos. Evitá-la era parte de ser agradável e atrativa. Não queríamos ser consideradas putas, por isso a ocultávamos ou a voltávamos contra nós.

Com estes homens, eu gostava de encará-la de frente, para variar, ouvindo a raiva expressada em voz alta em termos não duvidosos.

Eu ouvia as pessoas destilando raiva sem se desculpar, em palavras ásperas e cortantes. Elas diziam coisas como "Odeio minha irmã", ou contavam detalhes sobre como fantasiavam cortar sua esposa em pedacinhos. Em um dos retiros anuais, por exemplo, um sujeito achou muito terapêutico fingir que estava cortando sua esposa com um machado — isto depois de ter chegado em casa

de uma viagem de negócios e descobrir que ela o havia deixado e levado os filhos com ela. Paul disse que recebeu um convite de casamento deste homem alguns anos depois. Nele, o sujeito rabiscou uma nota pessoal dizendo que seu segundo casamento teria sido impensável sem a cura que ele experimentou naquele retiro.

Muitos dos homens do grupo não tinham medo de admitir que tinham uma raiva assassina dentro de si. Algumas pessoas diziam isso explicitamente: "Sou um homicida." Alguns diziam saber que tinham dentro de si um estuprador em potencial — não que qualquer destes crimes fantasiados já tenha ocorrido ou viesse a ocorrer. Estavam apenas falando, dizendo as piores coisas, expressando os piores pensamentos, nem sempre violentos, mas pensamentos feios, não generosos; o tipo de pensamentos que, se a maioria de nós fosse honesta, também admitiria ter tido, de uma forma ou de outra. Eu respeitava a franqueza deles.

É claro que, se você ouvisse todas essas histórias de mutilar a esposa fora de contexto, teria uma impressão errada do que estava realmente acontecendo. Soaria como uma misoginia motivacional ou algum apelo doentio do frustrado. Mas era mais complicado do que isso. A raiva provinha de sentimentos legítimos, e, quanto mais tempo eu passava com estes homens, mais as causas fundamentais destes sentimentos tomavam forma e eu avaliava coisas que havia passado ou percebido como Ned. Muitas delas pareciam ligadas à experiência masculina comum.

Às vezes, como acontecia com Paul, a raiva e a hostilidade que estes homens sentiam pelas mulheres de suas vidas originavam-se de uma não surpreendente fonte freudiana. Suas esposas e namoradas eram, freqüentemente, versões de suas mães. Eles se lembravam de suas mães como influências sufocantes e onipresentes das quais eles se sentiam humilhantemente dependentes e das quais ainda estavam tentando desesperadamente se livrar. Um homem do grupo falou abertamente sobre isso, e em seus comentários sobre sua esposa você podia perceber o humor e o *pathos* da sua luta.

"Se eu me pusesse no lugar dela, não agüentaria. Não conseguiria me pôr no lugar dela. Ela é muito grande. E ela realmente não

deveria tentar se colocar no meu. Ela não tem culhões. Ela é mulher. Ela não tem culhões. Eu tento me livrar disso, mas a verdade é que quando penso que vou morrer, é a vida da minha mulher que aparece diante dos meus olhos, não a minha. Ainda há um menininho dentro de mim que precisa muito da mamãe. Eu admito isso. Algumas semanas atrás, até me referi a ela como minha mãe, em vez de minha esposa."

A atração e repulsão pela mamãe, e daí pelas mulheres em geral, tornavam-se ainda mais confusas e ferozes quando se referia aos pais. Aparte terem tido, e às vezes ainda terem, dificuldades com suas mães, muitos destes homens tinham relacionamentos terrivelmente tensos e pesados com seus pais. De acordo com seu comportamento habitual, como também descobri no mosteiro, o colapso entre pai e filho havia ocorrido, em grande parte, como resultado das incapacidades culturalmente condicionadas dos dois homens de se comunicarem um com o outro. Era uma desgraça que os pais legaram para os filhos por gerações: distanciamento emocional, expectativas hipercríticas, julgamento silencioso, abandono. Isso deixou populações de filhos sem exemplos, professores ou orientadores para conduzi-los através do processo complicado, confuso e freqüentemente doloroso de se tornar um homem.

Em grupos com outros homens, estes rapazes estavam tentando encontrar o amor que seus pais não foram capazes de lhes dar ou, possivelmente o amor que toda a cultura conspirou para evitar que os homens dessem um ao outro. Mais uma vez, como os monges, eles tinham uma necessidade profunda do amor de outros homens. Mas só o amor não era suficiente. Eles precisavam da afeição e do respeito de um homem, da aprovação de um homem e da perspectiva compartilhada de um homem sobre seus sentimentos. Ter o amor de uma mãe ou de uma mulher não era, e nunca poderia ser, a mesma coisa. Não preencheria o vazio.

Como Bly escreveu em *João de Ferro*, "Só homens podem iniciar homens, como só mulheres podem iniciar mulheres. As mulheres podem transformar o embrião em um menino, mas só os homens podem transformar o menino em um homem. Os inicia-

dores dizem que os meninos precisam de um segundo nascimento, desta vez para se tornarem homens."

Esta era a diferença crucial e notável entre a maneira como estes homens se sentiam com relação a suas mães e pais. Eles culpavam ambos, mas pranteavam ativamente seus pais. Procuravam reivindicar seu afeto e fazer as pazes com ele. Em relação às mães, eles principalmente queriam se livrar delas.

No contexto do anseio pelo amor masculino, às vezes o amor feminino era totalmente repugnante e enfurecedor, só servindo para enfatizar o que estava faltando.

"O que ela quer?", perguntou-me Paul.

"O quê, você quer dizer a raiva?", disse eu.

"É. A raiva é sempre uma privação. Então, o que ela quer?"

"Ser livre. Livre de expectativas."

"Que expectativas?"

Esta seria uma resposta que eles podiam relacionar, e era uma resposta verdadeira.

"As expectativas do meu pai", disse eu.

Os dois outros homens do meu pequeno círculo acenaram vigorosamente com a cabeça. Eles conheciam as tribulações de conviver com as expectativas de um pai. Todos haviam compartilhado sentimentos similares na linguagem do sofrimento, embora sua carga fosse bem mais pesada que a minha — principalmente, como teria argumentado Bly, porque eles eram homens. Os pais eram modelos para eles, de uma maneira que o meu não era nem nunca poderia ser.

Numa noite anterior, um dos homens do meu círculo me chocou quando disse: "Se pelo menos meu pai não tivesse me odiado tanto, talvez pudéssemos ter nos relacionado."

Outro falou em matar seu pai, vingando-se do "bastardo" pela infância que teve.

Um terceiro, Josh, contou-me a história da morte recente de seu pai, de sua necessidade de se reconciliar com o legado do homem e de sua incapacidade em ocupar o lugar vazio de seu pai.

Alguns meses depois da morte de seu pai, a mãe de Josh telefonou para ele e lhe pediu que fosse até sua casa e esvaziasse a oficina de seu pai. Ele havia sido uma espécie de artesão diferenciado e tinha deixado muitas ferramentas, mas Josh não era do tipo que trabalha com as mãos. Poderia-se imaginar que este deve ter sido um ponto difícil entre seu pai e ele, e provavelmente parte do que os manteve distanciados.

Josh foi até a oficina de se pai, como sua mãe havia lhe pedido.

"Toquei o cabo de seu martelo", disse ele com uma voz abalada, "Fui até o porão, onde havia filas e filas de pequenas gavetas, cheias de parafusos, cavilhas etc., tudo cuidadosamente rotulado. Eu não conseguia enfrentar isso. Não conseguia levar estas coisas para minha casa e fazer o que ele havia feito com elas. Mas então achei que talvez pudesse tirá-las de suas gavetas e misturá-las todas numa só pilha."

Quando ele falou isso, todos riram. Sabíamos o que ele queria dizer. Era um ato anárquico, um ato final de rebeldia por não ter correspondido às expectativas de seu pai.

Como a de Josh, minha história era bastante banal — meu pai e eu jamais odiamos um ao outro — mas parecia importante, e por isso a compartilhei com Paul quando ele solicitou.

"Vou lhes contar como era meu relacionamento com meu pai enquanto eu crescia", disse eu. "Ele era realmente persistente com relação às atividades intelectuais, especialmente gramática. Não conseguia tolerar a gramática ruim. Ainda não consegue. Até hoje, ele grita diante da televisão. Mas eu não era particularmente intelectual. Era um garoto que gostava de subir em árvores e que não conseguia ficar sentado tempo suficiente para ler um parágrafo. Eu vivia por intuição, e queria que ele reagisse a mim emocionalmente. Esse era o meu mundo. Mas ele realmente não o entendia. Por essa razão, havia uma desconexão entre nós e não nos comunicávamos muito bem.

"Por exemplo, se eu fosse a seu quarto no meio da noite, o acordasse e dissesse: 'Pai, é eu. A casa está pegando fogo', ele teria

dito: 'É eu, não; *sou* eu. O verbo está na primeira pessoa.' Depois viraria para o lado e voltaria a dormir."

"Você realmente precisa ir para o retiro", disse Paul, rindo.

Eu estava pensando se precisava ou não, embora estivesse me encaminhando para isso sem ter a menor idéia do que esperar ou de como iria manter o meu disfarce.

Enquanto fazia a mala para o retiro, fui ficando cada vez mais ansiosa sobre fazer essa viagem. E se descobrissem o meu disfarce? O que fariam? Será que esta era uma idéia louca? Eu estava indo para o mato sozinha com um bando de homens que achavam que eu era um homem e que tinham problemas sérios de raiva com relação às mulheres. Eles falavam até em picar as mulheres em pedaços ou cortá-las com machados. Está certo que eram exageros psicodramáticos, mas e daí? Qualquer coisa podia acontecer no mato, certo? Olhe o que aconteceu com Teena Brandon. Ela se disfarçou de homem na zona rural de Nebraska e, quando seus pretensos amigos descobriram que ela era uma mulher, dois deles a estupraram e a assassinaram. E Matthew Shepard? Pelo crime de ser gay e estar no bar errado na hora errada, ele foi espancado irracionalmente e deixado ali para morrer pendurado como um espantalho, em uma cerca de um pasto em Wyoming. Tivesse ou não razão, eu estava começando a ficar apavorada.

E, acima de tudo isso, estava a culpa. Ela estava me oprimindo, também. Apesar do encontro mais íntimo que eu e Paul acabávamos de ter, todos os medos que eu tinha dele e inicialmente vieram à tona. Ficaram piores, na verdade. Agora que estávamos vinculados de certo modo eu achava provável que ele ficasse muito mais zangado com respeito à mentira caso chegasse a descobri-la. Ele havia demonstrado afeto e preocupação em relação a mim. Havia ficado especialmente contente em saber que eu estava indo para o retiro. Achei ter realmente percebido ternura na sua voz.

Diminuí parte dessas preocupações tomando algumas precauções. Certifiquei-me de que minha namorada sabia onde eu estaria e com quem. Ela sabia o endereço e o nome completo de

Paul. Enviei e-mails a amigos, dando-lhes a mesma informação. No caso de alguma coisa terrível acontecer, imaginei que os detetives saberiam por onde começar.

O alojamento ficava em uma área arborizada próxima a um pequeno lago. As folhas estavam em plena floração e, vistas a uma certa distância, as árvores ao longo da margem do lago pareciam uma colcha de retalhos dobrada sobre as colinas. Quando chegamos, o ar estava frio, mas úmido, e a chuva que havia caído durante o dia se transformara em neblina. A propriedade era elevada e isolada o bastante para estar fora do alcance de um telefone celular, mas não mais de algumas milhas do vilarejo mais próximo. Isto acalmou alguns dos meus medos sobre o que eu faria em uma emergência, mas ainda seria uma longa corrida pela estrada poeirenta em roupas de baixo, se isso viesse a acontecer, e de algum modo eu não achava que a visão de seios e roupas íntimas justas inspiraria muita simpatia nos homens ali presentes. Só outra construção compartilhava a frente do lago, e ficava longe demais para se ouvir algo que se passasse ali.

O andar principal da nossa casa tinha um grande refeitório com cinco ou seis mesas redondas, cada uma com seis ou sete cadeiras. Havia também uma comprida mesa retangular que podia acomodar cerca de quinze ou vinte pessoas. Havia uma cozinha industrial ao lado da sala de jantar, com várias cozinheiras afáveis contratadas — a alimentação estava incluída no preço da viagem.

Também no andar principal, após à sala de jantar, havia uma grande sala de estar. Sua característica principal era uma imponente lareira de pedra que ia do teto ao chão, na qual um fogo bem cuidado estava sempre aceso. Sobre a cornija da lareira, Paul colocou os talismãs do grupo, um dos quais era — lamentavelmente — um enorme pênis cruelmente esculpido em madeira. O resto da sala estava cheio de poltronas e sofás e algumas cadeiras dobráveis de metal. Durante o fim-de-semana, realizaríamos a maior parte de nossas conversas e seminários nesta sala.

Os dormitórios ficavam em cima. Dez quartos no total,

cada um deles podendo abrigar quatro homens em dois beliches de madeira. Como um dos meus companheiros de quarto não apareceu, eu só tinha dois homens, em vez de três, para compartilhar o quarto. Entretanto, posso lhe garantir que, dada a maneira como esses homens roncavam e peidavam, dois companheiros de quarto eram mais que suficiente. Através das paredes, eu podia ouvir os homens do quarto ao lado rugindo como animais selvagens a noite toda.

Trinta e três homens, no total, foram para o retiro, o que significava trinta e dois homens e uma mulher. A casa estava cheia.

Eu havia planejado dormir de roupa e não tomar banho de chuveiro, deixando minha barba intocada e cobrindo-a com uma boa camada de sujeira, se necessário. Seriam apenas dois dias, e se eu estivesse coberta de barro durante esse tempo, tanto melhor para o disfarce.

Escolhi uma das camas de baixo, e conseguia me despir ali dentro do meu saco de dormir. Uma vez que as luzes se apagassem, eu ficaria só com minha camiseta e roupas de baixo, deixando minha camisa de flanela e meus jeans no canto do meu beliche, para colocar de novo da mesma maneira à primeira luz do dia.

Na primeira noite, chegamos no fim da tarde e jantamos. As festividades começaram logo em seguida, com um ritual de iniciação. Isto envolvia todos os 33 ficarem em pé, juntos, na sala de jantar, em uma massa tão compacta quanto pudéssemos compor. Paul encorajou isto colocando uma corda à nossa volta no chão e diminuindo ao máximo sua circunferência em torno de nossos pés.

Quando já estávamos amontoados, Paul ficou de pé à nossa frente e nos disse o que fazer. Isto estava determinado para todo o fim-de-semana. Paul nos diria o que fazer e nós faríamos.

O ritual que estávamos prestes a realizar era chamado fumigamento, um costume dos nativos americanos. Consistia de acender uma tigela cheia de incenso — a maioria sálvia pelo cheiro que exalava —, segurar a tigela diante de cada homem e fumigar seu

corpo com a fumaça, de cima a baixo, na frente e atrás, espalhando a fumaça com o que parecia ser uma asa de águia ou falcão bem emplumada e preservada.

A idéia, como Paul explicou, era que cada homem, um por um, quando se sentisse movido a fazê-lo, saísse do círculo, caminhasse na direção do fumigador, levantasse seus braços e recebesse a fumaça enquanto ela se espalhava em torno dele.

Seguindo as instruções de Paul, alguns homens penduraram uma lona no teto, dobrando-a sobre uma corda para que ela baixasse em uma estrutura em forma de A e formasse um túnel. Depois de ter sido fumigado, o homem deveria andar através do túnel na direção do que Paul havia chamado de "um outro mundo desconhecido" que o esperava na outra sala.

Paul foi primeiro, é claro, porque, como ele explicou de um modo um tanto malicioso, na selva, os líderes sempre comiam os primeiros pedaços da carne. Ele tinha uma expressão travessa nos olhos, mas ainda assim levava tudo isso muito a sério. Ficou diante do fumigador com os olhos fechados. Tinha uma mão sobre o coração e a outra mão sobre seu pinto, como se estivesse fazendo um juramento priápico de fidelidade, o que de algum modo, eu suponho que estava.

Fui um dos últimos a passar. Quando fiquei na frente dele, o fumigador me olhou nos olhos e acenou gravemente com a cabeça enquanto me fumigava. Acenei de volta com minha melhor mandíbula quadrada e me virei para entrar no túnel do desconhecido. No final dele encontrei dois obstáculos, que Paul havia dito que representavam os obstáculos que um homem enfrenta ao longo do caminho para o iluminismo masculino. O primeiro era um banco que ele havia colocado na soleira da porta. Tínhamos que passar por cima dele. O outro era uma verga baixa, que tínhamos de passar por baixo para entrar na sala seguinte. Passar por baixo dela tinha o efeito de nos fazer entrar na sala de estar com a metade da nossa altura.

A ação, em si, era absolutamente tola, mas eu entendi muito bem seu simbolismo. Entrar em uma sala com a metade

da sua altura colocava você em uma posição de desvantagem, o que eu posso imaginar que inspirava um considerável desconforto entre estes homens, especialmente quando havia outros homens presentes.

Alguma parte deles estava sempre pensando em termos de conflito e defesa, especialmente em torno um do outro. Como homem, você tinha de estar em sua altura plena e de posse de suas faculdades, quando muito próximo a outros homens. Também aprendi isso como Ned.

Era complicado, porque de certa forma tudo era fácil e fraternal, cheio daqueles apertos de mão inclusivos "ei, companheiro" que eu havia percebido logo no início da minha experiência como Ned, e havia percebido também aqui no grupo. Mas toda essa camaradagem dependia de uma observância estrita das regras. Os limites eram rígidos entre os homens e, como eu aprendi no mosteiro, era preciso encará-los adequadamente ou se arriscar a provocar uma forte reação negativa. Eu podia ver por que era difícil para estes homens baixar suas defesas emocionais um com o outro.

Para mim, como uma mulher com outras mulheres, o contato era sempre fluido. A companhia de outras mulheres não costuma deixar as mulheres tensas. Não temos nossa guarda levantada da mesma maneira. Operamos sob regras diferentes. Nossos territórios não são rígidos. Nós nos abraçamos, nos tocamos e rompemos as barreiras do espaço uma da outra, de maneiras que os homens, achariam chocantes entre eles. Nossos abraços ser superficiais, e podem nem sempre ser sinceros, mas não são ameaçadores. Podemos também ser, às vezes, competitivas e destruidoras, mas mesmo exercendo o que há de pior em nós, em geral o máximo que fazemos é ferir os sentimentos uma da outra. Por isso, você não ouve com freqüência as mulheres falarem de ter medo de outras mulheres. Mas estes homens falavam o tempo todo sobre medo, como se expor-se a outro homem fosse como se colocar sob a mira da sua faca.

Quando saí de baixo da verga, Paul estava em pé ali na luz, próximo o bastante para me tocar, com seus braços bem abertos

para um abraço. Mais uma vez, um ato simbólico. Você veio de baixo esperando um soco e, em vez disso, recebe um abraço paterno há muito esquecido. Abracei Paul defensivamente, preocupada que ele pudesse perceber meu sutiã sob minha camisa de flanela, ou a viscosidade da minha barba.

"Bem vindo, Ned", disse ele, exalando profundamente e me apertando contra ele.

Inesperadamente, eu o senti suave no abraço. Não era um abraço de urso. Ele não me bateu nas costas nem grunhiu um encorajamento. Na verdade, ele me apoiou, e, ao contrário dos primeiros abraços proselitizantes de Gabriel, que pareciam um tanto vazios e nauseantes, o abraço de Paul era real e generoso. Aqui estava o homem que eu estive demonizando, temendo, desgostando, e ele estava falando comigo como se eu fosse um filho. Minha culpa disparou.

Paul muitas vezes desempenhava a figura paterna no grupo, e a desempenhava com perícia. Os homens olhavam-no com respeito. Muito respeito. Mas seu respeito também tinha um limite. No início da noite, enquanto estava construindo o túnel e os obstáculos, Paul gritou um encorajamento para dois dos homens mais jovens.

"Parece ótimo", disse ele.

"Ei", brincou um deles em voz baixa, "elogio de César."

Ele disse isso afetuosamente, mas também era um golpe. E bateu direto no nariz. César mesmo. Pequeno César. O imperador em uma caixa de sapatos, inchado com sua própria importância. Eu pensava sobre ele dessa maneira também, junto com o desejo de traí-lo. Mas depois da nossa conversa terapêutica na reunião da semana anterior e, agora, depois deste abraço, fiquei envergonhada de meus julgamentos anteriores. Como todos os outros ali, Paul tinha muitas mágoas, e não as compartilhava facilmente.

Eu o havia visto mais cedo à noite, sentado sozinho em uma das mesas da sala de jantar, elaborando o plano de aula do dia seguinte. Ele folheava alguns livros de poesia e isneria marcadores nos locais que queria ler mais tarde. Então, a certa altura, baixou

os livros, colocou-os em uma pequena pilha, cruzou os braços em torno deles e apoiou neles sua cabeça. Ficou sentado ali durante algum tempo até eu perceber que ele estava chorando.

E então eu quis me aproximar, colocar a palma da minha mão na sua nuca e lhe mostrar que alguém estava prestando atenção. Mas ainda sentia nele uma volatilidade que me deixava preocupada de que ele pudesse se voltar e me bater com seu cinto, como um urso surpreendido enquanto está comendo. Além disso, meu movimento teria sido feminino, ou pelo menos viria de uma postura protetora, e esse tipo de coisa poderia suscitar uma recepção complicada, nessas circunstâncias em que as mães eram aves de rapina.

Espalhados na sala atrás de Paul, todos os outros homens que haviam passado pelo túnel antes de mim estavam em pé em semicírculo, cada um deles esperando por um abraço meu. Eu abracei todos, arrepiada, assim como muitos deles estavam, diante da intimidade física forçada com um estranho, mas principalmente por medo de ser descoberta.

Esse foi o fim do ritual de iniciação, e tenho que admitir que achei a coisa toda um pouco ridícula. Eu sabia o que eles estavam tentando fazer e respeitei a tentativa. A pregação de Bly estava cheia de louvações aos ritos e rituais, à mitologia e ao simbolismo. Ele declarava que a perda deles era crucial para o colapso da masculinidade moderna. Mas, para mim, estes jogos de salão insípidos não eram uma substituição. Ou se oferecia um obstáculo genuíno, uma experiência real que testasse os limites do caráter e do sentido de *self* de uma pessoa, ou ela deveria ser deixada em paz. Mas não fazê-la andar através de uma tenda de criança cheirando a comida e esperar que encontrasse a salvação do outro lado.

Na manhã seguinte, após o café, todos nos reunimos diante da lareira da sala de estar e Paul distribuiu grandes folhas de papel rascunho, uma para cada um de nós. Distribuiu também lápis, canetas e marcadores de texto. Então nos pediu para fazer um desenho do nosso herói interior. Este havia sido o tema anunciado do fim-de-semana: Você é um herói? Se é, que tipo de herói você é?

Eu encolhi de medo, quando vi aquilo escrito na literatura do retiro. Eles não podiam estar falando sério, pensei. Mas é claro que eu sabia que estavam. Os heróis e os arquétipos eram extraídos diretamente da bíblia de Bly.

"Com que se parece seu herói?", perguntou Paul.

Para nos aproximar da estrutura mental correta, ele mencionou John Wayne, Batman, o Cavaleiro Solitário e Aquiles como exemplos de heróis arquetípicos. "Nosso herói era como eles", perguntou ele, "ou um pouco diferente"? O que ele buscava, qual era a sua missão? Qual era seu calcanhar de Aquiles?

Gabriel começou a rabiscar furiosamente com um lápis preto. Ele vinha a esses retiros havia anos, e por isso supus que estivesse familiarizado com o procedimento. Seu herói estava logo abaixo da superfície.

Olhando acima do seu ombro, pude ver que ele foi muito influenciado por essa coisa do Batman, embora parecesse ter atingido também algum tema messiânico, e estava desenhando uma grande cruz no peito do Batman. Mais tarde, iria descrever o personagem como Batman-Jesus.

Eu, por outro lado, estava bloqueada. Minha folha estava em branco. A esquisita boneca de Joana d'Arc que eu tanto adorava na minha infância veio à minha mente, e tive que sufocar o riso. De algum modo, não acho que uma mulher guerreira camponesa travestida fosse ser bem recebida por esses homens ou me ajudar muito no meu disfarce. Por isso, desenhei uma bomba atômica.

Quando todos os homens haviam terminado de fazer seus desenhos e rabiscar neles algumas notas, Paul pediu que alguns de nós os compartilhássemos com os outros, e embora vários desenhos fossem tão absurdos como o de Gabriel, alguns deles eram realmente muito reveladores e, inesperadamente, refletiam a experiência de Ned.

Antes desse retiro eu não tinha tido oportunidade de descobrir quantos sentimentos de Ned sobre sua masculinidade e seu lugar no mundo eram reais ou imaginados, uma parte genuína da

experiência masculina ou simplesmente o produto dos meus olhos femininos filtrando essa experiência.

Um rapaz chamado Corey foi o primeiro a mostrar seu desenho. Eu o havia conhecido na noite anterior. Nunca o havia visto nas reuniões bimensais regulares. Ele disse que não ia mais a elas, mas ia sempre aos retiros. Eles pareciam realizar algo importante para ele. De certo modo, ele era o sujeito prototípico do movimento dos homens. Era uma verdadeira aula de fragilidade masculina oculta. Olhando para ele, você pensaria que tinha o mundo sob controle, pelo menos romanticamente. Conduzia-se como o atleta perfeito que ele era, e tinha um corpo esculpido, perfeito, com todos os músculos visíveis, até mesmo sob suas roupas. Ele me lembrava os rapazes que eu via no colégio e na faculdade que sempre tinham legiões de garotas em volta deles, todas clamando ser sua próxima conquista. Eu costumava olhar para rapazes como esse e pensar: "Como será ser como esse rapaz, um deus entre os homens?"

Obtive minha resposta.

Quando chegamos ao alojamento, todos tínhamos sido designados para subgrupos de terapia de quatro ou cinco. Esperava-se que conversássemos sobre o andamento do fim-de-semana para explorar mais intimamente as coisas que discutíamos nos *workshops*. Corey e eu estávamos no mesmo grupo, e combinamos imediatamente. Havia uma mesa de pingue-pongue em uma pequena sala atrás da lareira da sala de estar, e jogamos algumas partidas juntos. Ele era agradável e fácil de lidar, não o tipo de homem que você pensaria estar assombrado por auto-aversão e dúvidas. Mas estava.

Compartilhou seu desenho ansiosamente. Ele o chamou de *Guerreiro Solitário*, e era o retrato de um rapaz que parecia um cruzamento de Lancelot com Grizzly Adams*. Carregava um escudo

* Grizzly Adams é um lendário herói do Velho Oeste. Tranqüilo e solitário, tinha como companheira Martha, uma enorme ursa. Juntos salvaram uma cidadezinha que seria saqueada por perigosos fora-da-lei do Mississipi. (N. T.)

e uma espada, e estava perambulando pela floresta havia muito tempo. Ele estava lá, explicou Corey, porque era um rejeitado, impedido de entrar nas aldeias em que chegava.

"Por que ele não pode entrar nas aldeias?", perguntou Paul.

"Porque ainda não está suficientemente pronto", disse Corey. "Precisa se aperfeiçoar antes de se juntar à civilização."

"E qual é seu calcanhar de Aquiles?"

Corey fez uma pausa. "Ele é carente. Deveria conseguir viver sozinho corajosamente sem ajuda, mas não consegue. Ele quer amor. Precisa de amor."

"E é essa carência real que o torna tão imperfeito para entrar na aldeia?", perguntou Paul.

"É", disse Corey.

Mais tarde, no nosso pequeno grupo, Corey falou mais sobre si mesmo. Compartilhar o tempo terapêutico íntimo com ele e com o resto destes homens chamou minha atenção para outro dos estereótipos que sempre abriguei sobre os homens: a idéia de que eles não falam sobre seus relacionamentos, especialmente não um com o outro. Sempre supus que eles não eram, nem de longe, preocupados, como as mulheres, com as minúcias da intimidade. Mas depois de ouvir estes homens achei que provavelmente seria mais verdadeiro dizer que a maioria dos homens simplesmente nunca teve a oportunidade ou a permissão de explorar o tema.

Em nosso grupo, passamos a maior parte do tempo falando sobre relacionamentos do passado e presente. Todos eles, no momento tinham relacionamentos, e todos estavam preocupados com eles e se sentiam inseguros neles. Especialmente Corey. Ele tinha uma bonita namorada, disse ele, mas parecia que não conseguia desfrutar seu tempo com ela porque estava constantemente com medo de perdê-la para outro homem, especificamente outro homem que ganhasse mais dinheiro, um homem com uma posição social mais elevada. Os homens estavam sempre se movendo em torno dela, disse ele, e isto o deixava louco, em parte porque ela permitia suas atenções.

E ali estava ele, o externamente poderoso ideal masculino,

um proscrito na sua própria vida, terrivelmente inseguro na sua posição, impelido a fazer uma corajosa exibição dela externamente, proibido de mostrar fraqueza, mas, não obstante, infestado dela.

Pensando retrospectivamente sobre isso, eu ponderava agora o quanto eu e todas as outras garotas na escola adoramos à distância rapazes como ele, e o quanto lhes custava manter a nossa admiração, desempenhando esse papel. Acho que Corey simbolizava muito do que eu pensava que ia encontrar no mundo masculino ou havia invejado nele, o quanto eu e a cultura em geral projetamos nele: privilégio, confiança, poder. E aprender a verdade sobre essa pose, tanto em primeira mão, como Ned, quanto em segunda mão, por meio das confissões de Corey e destes outros homens, aprender a verdade sobre a carga de manter essa ilusão de inexpugnabilidade, ensinaram-me uma lição inesquecível sobre o sofrimento oculto da masculinidade e o papel simbiótico do meu próprio sexo neste sofrimento.

Precisávamos que os homens não fossem carentes, e por isso eles não eram. Mas, é claro, fundamentalmente precisávamos e queríamos que eles fossem carentes, para expressarem seus sentimentos e serem vulneráveis. E eles também precisavam disso. Precisavam de permissão para ser fracos, e até mesmo para falhar, às vezes. Mas em algum lugar, os sinais se cruzavam ou se perdiam totalmente, o que com freqüência deixava tanto os homens quanto as mulheres se sentindo insatisfeitos, ressentidos e sozinhos.

Corey não era o único fisicamente imponente que eu conheci no grupo dos homens, e não era o único rapaz que tinha problemas com isso, não apenas problemas de vulnerabilidade romântica ou outra qualquer, mas especificamente sobre a imagem corporal.

A maioria de nós que se desenvolveu em estudos das mulheres, conheceu intimamente as lutas que nós e a maioria das nossas amigas mulheres travou nesse *front*: o corpo como campo de batalha. Mutilação, objetificação, violação. Estas eram palavras-chaves no vocabulário feminista, e ainda são, e esse vocabulário foi construído sobre a experiência feminina comprovável. Enxergamos a nós mesmas nela porque a maioria de nós fez dietas rígidas na

adolescência, fomos obcecadas pelos tamanhos de nossos narizes, seios e bundas, os pêlos de nossas pernas, nosso pêlo púbico e nosso fluxo menstrual. Muitas de nós conhecemos alguém que foi, ou fomos anoréxicas ou bulímicas. A maioria de nós não podia pensar em uma única amiga que não travasse uma guerra com seu próprio corpo. A verdade da pretensão era óbvia.

Mas, do mesmo modo, a maioria de nós não conhecia, ou não achava que conhecia, nenhum rapaz que tivesse os mesmos problemas. Eles comiam o que queriam. Não tinham vergonha da sua gordura — a maioria deles não tinha nenhuma — ou de seus pêlos corporais ou da maneira como assentavam seus jeans. Nós nos ressentíamos da sua despreocupação. Para nós, as questões corporais eram um problema da mulher imposta pela cultura da moda, pelos olhos vorazes dos homens e, é claro, pelo produto insidioso dos dois: o mito da beleza.

Antes de eu me travestir de Ned, jamais me ocorreu considerar se os homens também tinham problemas de imagem corporal, exceto, talvez, a perda de cabelo e o tamanho do pênis. Mesmo como Ned eu achava que a maior parte do desconforto e da inadequação que eu sentia por ser um rapaz pequeno tinha a ver com ser uma mulher tentando se passar por um homem. Isso e minhas próprias neuroses "femininas" internalizadas. Mas, como acontece com tantas outras coisas sobre a experiência masculina, eu tinha meus olhos abertos no grupo, e minhas suposições desafiadas.

Na minha primeira reunião de homens, conheci um rapaz chamado Toby. Ele tinha a compleição de um buldogue inglês, com omoplatas amplos, ombros fortes e uma cintura fina. Até seu rosto, compacto com seu corte de cabelo muito rente, tinha aquela qualidade belicosa imposta que nos fazia supor, sem um segundo pensamento politicamente correto, que ele era obstinado e estúpido.

Dolorosamente insegura em meu próprio corpo "masculino", e segura no meu conhecimento feminista residual de que não pode haver nenhuma emoção negativa associada a ser o homem forte, cometi o erro de chamar a atenção para sua força muscular, dizendo, com óbvia inveja: "Como é se sentir *nesse* corpo?"

Eu havia tocado em um ponto sensível. No início, Toby nada disse. Depois, inclinando-se sobre seu colo com seus dedos entrelaçados, seus poderosos antebraços apoiados nas coxas e sua cabeça caída sobre os joelhos, ele suspirou e disse: "Objetificado."

Era uma palavra que eu jamais havia ouvido um homem usar para se referir a si mesmo.

"Toda vez que eu entro em uma sala ou em um restaurante", continuou Toby, "especialmente com outros homens, posso ver o medo em seus rostos, como se achassem que eu vou machucá-los. Eles acham que eu sou violento por causa da minha aparência."

Ele tinha razão. Será que isso era realmente menos insultante do que presumir que toda loira é burra?

Pode-se dizer que ele lutava contra este preconceito todos os dias, sentando-se ali cuidadosamente, traduzindo deliberadamente o sofrimento em linguagem, enquanto as pessoas ficavam esperando que ele lhes agredisse como um bárbaro cruel.

Ele nos disse que se sentia confinado pelos julgamentos que as pessoas faziam dele de longe. Disse que era um rapaz gentil, emotivo e atencioso, no corpo de um boxeador; e por que todos pensavam que era natural olhar para ele assim, como se ele fosse um gorila na mesa de jantar?

Ele ficou preso, tão depressa quanto qualquer outra pessoa, no papel que a cultura lhe designou. Não veio ao retiro e isso era muito ruim. Eu teria gostado de ver seus desenhos.

Outros homens no retiro compartilharam seus desenhos, e um padrão começou a emergir. Dois rapazes desenharam seus heróis como Atlas, segurando o mundo em seus ombros. Um deles era um homem de família. Ele disse que estava passando por um momento difícil no seu casamento. Estava realmente sentindo a carga de ser o ninho seguro, o provedor e o Sr. Conserta Tudo de sua família.

"Estou cansado", disse ele.

Quando Paul lhe pediu para explicar melhor o significado de Atlas, ele disse: "Imagino que eu acho que se eu segurasse tudo

junto, se eu cuidasse de tudo e de todos, que finalmente eu seria amado. Mas o preço disso é a minha vida. Estou tentando fazer o impossível. Por isso, acho que, na verdade, também sou Sísifo*."

Era uma combinação criteriosa, e talvez a descrição perfeita do homem moderno em suas maiores dificuldades e desgastado, carregando o mundo em seus ombros e rolando-o montanha acima. Ser o homem responsável por tudo, trazia consigo toda uma série de cargas e ansiedades que raramente — se é que alguma vez — ocorreu a mim ou às feministas que eu conhecia. Nós enxergávamos isso do nosso lado, e daí parecia maravilhoso estar no poder, tomar decisões, ter escolhas, escapar do campo de trabalhos forçados do provedor/administrador doméstico. Para as mulheres ambiciosas, ter uma carreira era muito melhor do que trocar sua milionésima fralda ou ficar olhando para seu papel de parede amarelo. Quando você está se sentindo preso em uma armadilha e privado de direitos, isso não quer dizer que trabalhar dentro de um terno incômodo de flanela cinza seja algum piquenique.

O outro rapaz que desenhou seu herói como Atlas enfatizou este aspecto. Além do seu Atlas, nas margens do seu desenho ele também desenhou um Hércules, o herói mais esperado. Quando Paul lhe perguntou o que isso significava, ele disse: "Bem, você sabe que Hércules está indo buscar as maçãs douradas, e Atlas é invejoso. Ele diz, 'Eu consegui um trabalho de verdade.'"

Impossível colocar isso de maneira mais sucinta. Para estes rapazes, ir para o trabalho e sustentar a família era tarefa do homem. Ainda. E era uma tarefa dura. Nela não havia férias, e você não vai encontrar muitas mulheres que enxerguem ou admitam isso. O pior de tudo é que segurar o mundo desta maneira não era apenas doloroso e cansativo, era também uma das posturas mais vulneráveis que um homem poderia assumir. E isto é, quase certamente, algo que jamais ocorreria a uma mulher.

---

* Personagem mitológico que os deuses condenaram a incessantemente rolar uma rocha até o topo de uma montanha, de onde a pedra cairia de volta devido ao seu próprio peso. (N. T.)

"Veja", disse o rapaz, "Atlas não consegue se proteger, nessa posição. Qualquer um pode se aproximar dele e chutar seus culhões."

Estava ele aí de novo — o medo do conflito na vulnerabilidade, a suposição de que até sua tarefa mais básica na vida o tornava fraco para os inimigos e continha um convite ao ataque. E tudo isto estava incorporado na missão de vida de um homem, em sua percepção da própria masculinidade.

Como sempre, as mulheres eram parte integrante desse conflito. Para esses rapazes, ser Atlas não significava literalmente carregar o mundo. Significava carregar seu pequeno pedaço dele. Ser Atlas era ser o rapaz que cuida de todas as chatices logísticas (e freqüentemente fiscais) aborrecidas, para que o cotidiano siga tranqüilamente. Significa se preocupar para que a esposa e os filhos não precisem se preocupar. E isso era carga demais para qualquer homem. Ele poderia ser um carpinteiro, como um dos rapazes do Atlas disse, ou um manda-chuva corporativo. Não importava. Ainda assim, teria a mesma sensação.

Os rapazes sentiam-se profundamente responsáveis pelas mulheres em suas vidas, antes de tudo por sustentá-las, mas, mais importante — e, neste sentido, o cavalheirismo está mais enfaticamente está presente — "assumir o sofrimento para que ela não sofra". O impulso, entre esses homens, para salvar e proteger as mulheres — e este impulso era realmente visceral e me surpreendeu. Alguma coisa os impelia inexoravelmente a sustentar as mulheres nos ombros como sua carga, e era desse impulso e de suas imposições culturais que começaram a se ressentir. Então, é claro, finalmente passaram a se ressentir das próprias mulheres.

Outro destes homens expressou os mesmos sentimentos sobre seu herói interno, quando se desenhou como o que ele chamou de "o homem ferido". Sua tarefa era salvar as mulheres, receber as explosões e os tiros em seu lugar. Outro homem desenhou-se como "o salvador", o homem que conseguia criar incêndios, combater incêndios e tirar as mulheres deles.

Sim, em parte era a Vitimografia 101. Mas era, também, uma parte muito real de como esses rapazes se percebiam como homens, e uma queixa justa. Pergunte a alguns dos provedores que você conhece o que eles acham disso e, se eles foram honestos, provavelmente vão dizer: "Eu trabalho como um burro de carga para sustentar minha família e gostaria de receber um pouquinho de crédito por isso."

Os dois lados têm suas desvantagens.

Muitas mulheres também trabalharam, e ainda trabalham, incansavelmente como provedoras e mães para sustentar suas famílias. Mas toda uma geração, ou duas ou três, deu voz a essas queixas e ofereceu a alternativa — colocada até mesmo na lei. E muito esclarecimento veio junto com essas vozes e essas leis. Por exemplo, sabíamos muito bem que não podíamos deixar Hillary Rodham Clinton fazer impune uma observação irônica sobre ficar em casa e assar biscoitos, porque sabemos que cuidar de uma casa é um trabalho árduo. Também sabemos que ela, como a única mulher no Congresso, deve sua cadeira no Senado ao movimento feminista e à eqüidade no emprego que ele impôs. Mas será que sabemos o suficiente para realmente desqualificarmos alguém desse meio masculino, que todas nós muito freqüentemente presumimos não ser nada além do contínuo beneficiário do inveterado privilégio dos homens? Será que entendemos suas dificuldades?

Além disso, será que sabemos, como escreveu a poeta feminista Adrienne Rich, que "nosso estorvo [das mulheres] tem sido nossa sinecura"? Ser o segundo sexo nos aprisionou, mas trouxe consigo pelo menos um benefício perceptível. Não tínhamos que carregar o mundo nos nossos ombros.

O sentimento é oficialmente mútuo. As mulheres achavam que seguravam o mundo e o fazia andar, e por esse serviço mereciam umas férias. Os homens, por sua vez, acham a mesma coisa. E ambos estamos certos. Mas eu precisei ser Ned, e especialmente ser Ned entre estes homens no retiro, que desenhavam repetidamente as mesmas figuras, para enxergar isso claramente, de dentro para fora.

A expressão mais dissonante da carga do homem veio de um rapaz que se desenhou como a garra do wolverine. "Ele é o animal mais feroz da terra", disse ele. "Sua mensagem é 'Vá *Embora*'. Ele combate seus rivais e inimigos machos até a morte, especialmente seu pai.

E qual é seu calcanhar de Aquiles? Fêmeas, é claro. "A briga", diz ele, "é pela fêmea". Protegê-la. Possuí-la. Precisar dela. Essa foi toda a sua vida.

Este rapaz estava mais zangado do que qualquer outro que eu tenha conhecido nessas reuniões. Ele simplesmente ficava sentado imóvel, ansioso, como se os demônios fossem tão fortes dentro dele que ele tivesse medo de se mexer.

A raiva e o sofrimento eram desgastantes e eram disfarçados pela imposição de um papel masculino, um papel cujo simbolismo gritante Paul nos fez desenhar no papel e, desse modo, expô-lo como o rabisco grosseiro que ele era.

Essa era a lição do exercício. Desenhar o nosso herói não era tão tolo quanto parecia. Os homens ali não estavam reforçando uma imagem estúpida deles mesmos como deuses homens. Estavam desenhando seu *self* caricaturado e o expondo como tal, e depois o fragmentando para uma boa avaliação. Estavam aprendendo a deixar de ser homens em camisas-de-força, que rejeitam a masculinidade dos outros homens e tentando, em vez disso, ser pessoas que pudessem reagir ao mundo sem *scripts* de conflito ou defesa já escritos em suas cabeças.

Era diferente para cada um, e era isso que Paul realmente quis dizer naquela primeira noite, quando falou tão assertivamente sobre o ego. A jornada de autodescoberta de cada homem era só dele. Ele próprio tinha de fazê-la, se conhecer e se atualizar de dentro para fora ou se perder totalmente. Era sua alienação de si mesmo, sua capitulação à "masculinidade", que primeiro o havia conduzido ao desespero. Respeitar seu ego e o ego de outro homem não tem nada a ver com andar empombado e querendo brigar, todo homem sendo um rei entre reis. Tem a ver com andar delicadamente em torno da vulnerabilidade singular do outro homem, estar

presente e disponível para o contato, mas não ser invasivo. Significa que pode ser possível olhar outro homem nos olhos sem pretender fodê-lo ou matá-lo.

A dança dos espíritos aconteceu na noite de sábado. Era o pináculo do fim-de-semana, ou se supunha que fosse. Era o momento em que os homens deveriam representar e, assim, resolver ou afastar todos os conflitos enterrados que eles desenterraram no dia e meio anterior.

Era quando entravam as armas. Era quando os rapazes, como o executivo desolado, cortavam suas esposas e onde rapazes como Corey podiam simular as humilhações de seus relacionamentos e conseguir pelo menos uma catarse parcial no processo. Depois de um jogo de pingue-pongue no final da tarde de sábado, Corey me disse o que estava planejando para a dança.

"Acho que gostaria que alguns de vocês fingissem ser aqueles outros caras que estão sempre cercando a minha namorada. Talvez vocês fingissem flertar com ela e me insultar, e então posso trabalhar a situação a partir daí."

Eu disse que ficaria contente em ajudar.

Também lhe disse o que estava imaginando e perguntei-lhe se podia me ajudar. Perguntei a Corey se ele estava disposto a me cortar.

Sim, você leu certo. Eu lhe pedi para me cortar.

Mesmo agora, simplesmente ver essas palavras na página é difícil. Explicá-las é ainda mais difícil.

Por que, você pode perguntar, depois de ter passado as últimas semanas se preocupando se esses sujeitos poderiam me atacar, eu mudava completamente de atitude e chamava um deles para me cortar?

A resposta é complicada.

A esta altura do fim-de-semana, e da vida pacata de Ned, eu estava afogada em culpa e Paul era o foco dessa culpa, em parte porque havíamos nos tornado mais próximos, mas principalmente porque ele era o fundador do grupo. O grupo era seu bebê, e enga-

nando o grupo eu sentia que estava, principalmente, o enganando. Acho que teria lhe pedido para me cortar se parte de mim não estivesse com medo de que ele pudesse aceitar. Corey era um substituto seguro. Obviamente, havia uma lógica muito distorcida em trabalhar aqui, mas acho que se eu pagasse alguma penalidade, alguma penalidade fisicamente dolorosa por mentir a Paul e a todos os outros rapazes, tudo seria compensado, não apenas tudo ali no grupo, mas tudo em todo o projeto.

A idéia de sofrer dor nas mãos destes homens havia tomado conta de mim subconscientemente, e veio à tona de repente na minha conversa com Corey. A punição era o que eu achava precisar representar na dança dos espíritos. Meu ritual, minha experiência do pseudo-herói, era a expiação. Creio que, de certa forma, não surpreendeu que a minha pressentida penitência assumiria a forma que assumiu, pois eu havia acabado de passar três semanas em um mosteiro cercado de ícones do Cristo torturado. Como eu disse, uma vez católico, sempre católico.

A única história que eu tinha como homem era uma história de falsidade, e com estes rapazes ela foi mais fundo do que qualquer coisa antes. Seu espaço seguro foi cuidadosamente entalhado, e eu encontrei meu caminho para me inserir nele por meio de uma mentira. Eu conhecia seus segredos, embora segredos que permaneceriam anônimos quando eu contasse sobre eles e, com sorte, talvez conseguisse aproximar mais os homens e as mulheres de um entendimento das lutas um do outro. Mas, e isto era algo que eu tinha tratado diretamente com os monges desde que deixei a abadia, como reconciliar conexão interpessoal genuína e *insights* potencialmente valiosos no comportamento humano com falsas pretensões?

Na época, eu não poderia reconciliá-los. Não sem alguma forma horrível de absolvição, ou era o que eu achava.

Mesmo quando eu estava pedindo a Corey para me cortar, não percebi como esse cenário havia se tornado estranho na minha mente, ou como isso iria soar louco saindo da minha boca.

"O quê?", perguntou Corey. "Você quer que eu o corte de verdade?"

"Sim", disse eu. "Quero que você pegue uma faca e me corte lentamente em tiras, meus braços e pernas, até eu lhe dizer para parar."

"Por que você iria querer que eu fizesse isso?"

"Porque é isso que eu preciso fazer. É o meu conflito. Não consigo explicar melhor do que isso. Não é para isso que serve esta coisa?"

"Bem, sim", disse ele, ainda incrédulo, "mas, cara, você não quer fazer isso. Senti muita dor física na minha vida e, acredite, ela não faz nada por você. É apenas dor."

"De onde veio toda esta dor?", perguntei, tentando, então o afastar a conversa da solicitação alarmante.

"De machucados, principalmente nos esportes. Sofri muitos machucados. Cara, dor é apenas dor, isso é tudo. Você não precisa disso."

Nós dois éramos como caricaturas, de homem *versus* de mulher, ali em pé, conversando sobre a dor em termos totalmente opostos. Ele, um rapaz tipicamente atlético cujo relacionamento com o mundo físico havia sido um golpe violento desde o início da sua juventude. Eu, uma mulher típica buscando infligir abuso em si mesma.

Corey me lembrava os rapazes com quem eu saía na faculdade, especialmente jogadores de futebol, que falavam sobre a agressão e a necessidade de contato físico violento que as infusões de testosterona da puberdade geravam neles. Pensei também nos rapazes do *reality show Jackass*, da MTV, ou nos skatistas que você vê nas esquinas das ruas, lançando-se impetuosamente em arranhões no concreto, testando, sem medo, os limites do espaço físico.

Depois pensei nos automutiladores — pessoas que se cortam e se queimam em rituais — e que 70 % deles são mulheres. A dor, para elas, e agora aparentemente para mim, era como um banho, um alívio, um castigo cumprido e um alívio em seguida. Eu nunca havia me cortado antes, ou fui submetida a queimaduras

com cigarro, ou qualquer coisa desse tipo. Mas agora esta parecia ser a única maneira de me libertar da culpa. Falando sobre isso desta maneira com Corey, suponho que estava mostrando o meu caráter. Ele me achava realmente esquisita — ele também devia ser —, um sujeito com um relacionamento realmente estranho com a dor.

Nesse contexto, pensei nos rapazes que falavam em salvar as mulheres, assumindo a dor para que elas não tivessem de sofrê-la. A dor era algo que eles assumiam por dever ou no conflito necessário. Mais freqüentemente, era o subproduto de alguma outra coisa totalmente diferente. Mas não se esperava que a maioria das mulheres enfrentassem a dor para se testar. Ela estava em nós, em parte do nosso ciclo mensal, em nossa primeira trepada, em nosso planejamento físico para dar à luz, mas não fazia parte da nossa definição cultural externa, jamais um rito de passagem obrigatório. Todo mundo tem um relacionamento com a dor. Muito freqüentemente, a da mulher é íntima e auto-imposta, e, na forma extrema, foi nisso que a minha se tornou.

Embora eu não soubesse disso na época, meu tempo como Ned estava terminando prematuramente. Eu havia planejado ir às reuniões de homens por mais alguns meses, mas o que começou como uma noção fantástica de carnificina na mata tornou-se, nas semanas seguintes, uma obsessão perigosa com a tortura purgativa. Pedir a Corey para me cortar era apenas o início dessa degeneração.

Eu estava perdendo o controle e Ned estava vindo comigo.

Mas perder o controle, ou se tornar meio primata, era algo que os rapazes haviam feito antes, nos retiros. Em parte, era para isso que os retiros serviam. A perda de controle era algo que Paul e os outros organizadores do retiro haviam previsto. Eles tomaram providências para evitar danos sérios. Dar armas afiadas para viciados em raiva era um desastre que eles conheciam o bastante para evitar.

Descobrir isso como eu descobri foi, no fim, bem engraçado. Na noite da dança dos espíritos, eu pintei meu rosto de preto com carvão da lareira. Era outra forma de disfarce, e meu próprio golpe infantil assombrando-o para a dança, onde todos os fantasmas e demônios deviam vir à tona.

Os homens haviam esvaziado a sala de jantar para as festividades e colocaram uma série de tambores africanos e de outros tipos nos cantos, para que vários membros do grupo pudessem proporcionar a trilha sonora para a noite. A sala estava incandescente. Eles haviam acendido velas a toda volta e apagaram as luzes do alto. Foi então que vi todas as armas e os implementos depositados sobre a comprida mesa de jantar, que havia sido empurrada contra as janelas para abrir espaço.

Há momentos em que a vida real torna o poder da fantasia humilhantemente limitado, e este era um deles. O grande momento. Quando olhei para a mesa, percebi que todas as lanças e facas e outras armas que eu havia vislumbrado tão maravilhosamente ameaçadoras nos olhos da minha mente eram, na verdade, feitas de plástico. Sim, de plástico. Eram brinquedos. Escudos e peitorais de brinquedo, de vikings e conquistadores, e metralhadoras que faziam *ra-ta-ta* quando você apertava seus gatilhos. Eu não conseguia acreditar.

Tive de rir de mim mesma. Aqui estava o choque final da consciência, um monte de homens brincando de guerra, e eu querendo ser sacrificada em suas mãos. Eu me sentia como uma babá pervertida. Vim para o retiro preocupada com o que poderia acontecer comigo, mas com a possível exceção de Paul e do garoto do wolverine, eu era a pessoa mais perigosa dali. Os outros homens eram gatinhos inofensivos.

Quando nos reunimos, vi que as pessoas estavam meio vestidas com vários trajes característicos. Um dos companheiros do meu grupo estava usando seu pijama de comando, uma espécie de agasalho de camuflagem que ele havia usado o fim-de-semana todo. Corey estava usando um roupão de banho curto, de cuja metade superior ele logo se livrou acima do cinto e deixou pender da sua cintura. Ele dançou dessa maneira, de *topless*, durante quase a noite toda, como muitos dos outros rapazes. Gabriel colocou uma trágica máscara dramática e galopava pela sala agachado,

escondendo-se periodicamente atrás das cadeiras e das outras pessoas, como um cão tentando fugir de um espancamento. Um dos homens de meia-idade estava usando apenas ceroulas branco-sujo. Seu pinto e seu saco balançavam e bamboleavam, enquanto ele saltava em círculos ao som dos tambores, seus peitorais pendentes e mirrados, com uma expressão de desajeitada concentração em seu rosto.

Meu companheiro de grupo em pijama de comando pegou um dos machados de plástico e passou bem uns dez minutos fingindo se masturbar com ele entre suas pernas, passando um punho aberto furiosamente ao longo do cabo, arqueando suas costas e caindo sobre seus joelhos em êxtase no clímax.

Ele disse mais tarde: "Eu queria entrar em contato com meus culhões e com meu orgasmo — com meu sêmen."

Que original.

Corey finalmente se juntou a um pequeno grupo de rapazes que se contorciam juntos, no chão, numa espécie de luta livre, grunhindo, gemendo e se atirando no chão. Ninguém ousou lançar mais ninguém neste grupo. Eles estavam tendo dificuldade para se soltar, e a maioria deles teria ficado aborrecida com o que tal atitude poderia desencadear. De vez em quando, cinco a dez rapazes diferentes ficavam agachados em um dos cantos, observando pouco à vontade. Paul ia até lá periodicamente para afugentá-los, e eles entravam relutantemente na dança, apenas para se desgarrar envergonhados e procurar outro canto para se esconder. A coisa toda teria funcionado muito melhor se todos tivéssemos nos embriagado antes ou tomado alguns alucinógenos, como as culturas nativas com freqüência faziam, e ainda fazem, nesses rituais. A idéia geral era sair de si e ter uma visão, mas ninguém ali conseguiria isso sóbrio, incluindo eu.

Eu me sentei com as penas cruzadas em um dos cantos com um par de bongôs que peguei da mesa comprida. Enquanto estava envolvida em fazer música, percebi que podia continuar fora do círculo e observar. Mas logo ficou claro que não haveria um apogeu coletivo na dança, nenhum clímax de febre alcançado e transposto.

As pessoas ficaram cansadas e desapontadas por não ter havido a revelação.

Mas para mim, a revelação já vinha se mostrando. Já havia aparecido na mesa de pingue-pongue com Corey, embora eu só fosse entender isso mais tarde, quando me vi diante dela. Meu conflito estava vindo à tona sem nenhuma preparação e, quando cheguei em casa, ele iria explodir.

A dança dos espíritos terminou sem fanfarra. Finalizou com um último grito do grupo, algo que sempre fazíamos para rematar nossas reuniões bimensais, reunindo-nos em um círculo estreito, juntando as mãos, elevando nossas mãos e deixando-as cair. Nesses momentos, eu sempre conseguia ouvir minha voz mais alta do que a dos outros, aguda e incongruente, próxima, mas nunca atingindo completamente a nota tocada.

O retiro terminou da mesma maneira que a dança dos espíritos, rotineiramente, com um café-da-manhã tranqüilo e muito reflexivo na manhã de domingo e uma despedida agradecida depois. Eu não disse nada a meu respeito a ninguém.

Voltei do retiro trazendo comigo uma série de sentimentos acumulados. Ninguém descobriu o meu disfarce e, é claro, ninguém me cortou. Mas o mal estar que sentia dentro de mim permanecia ali e estava aumentando.

Eu estava me aproximando do fim de um ano e meio passado disfarçada de homem. O retiro dos homens foi o apogeu dessa mascarada e, de certo modo, a parte mais difícil de enfrentar. Eu havia ido para o mato com esses rapazes sem saber o que os líderes do retiro iam nos pedir para fazer. Havia imaginado todos os tipos de coisas, nenhuma das quais — felizmente — aconteceu. Mas de algum modo, isto não aliviou a pressão na minha mente, e continuei a imaginar cenários em que eu suscitaria alguma reação violenta por parte de Paul ou de algum dos outros.

Quando o retiro acabou, eu sabia que havia realizado a última grande tarefa. Uma parte de mim sabia que eu não precisava mais manter a existência de Ned, ou todo o esquema de preparação

que o tornava possível. E quando percebi isso, toda a culpa sobre ser uma impostora, a ansiedade de ser surpreendida, e na época o extremo desconforto de violar minha própria identidade de gênero surgiram precipitadamente. Eu não tinha mais os recursos ou as razões para deter isso.

Eu podia usar o termo "colapso" para caracterizar o que aconteceu em seguida, mas ele não descreve realmente o que aquilo parecia. "Esgotamento nervoso" é outro termo acessível, mas ele também vai pouco além de estigmatizar a experiência como alguma catástrofe que poderia virar um filme para a televisão. A realidade não era, de modo algum, tão dramática. Não houve nenhum terremoto. O chão da minha casa não se abriu e engoliu a mobília.

Estava tudo muito tranqüilo, como se eu tivesse saído um dia para fazer um serviço e voltasse para uma casa de verão onde todas as cadeiras e mesas haviam sido cobertas com lençóis.

Não fiquei paranóica ou histérica, nem fiz uma cena em público. Não me sentia extenuada ou com medo. Não sentia nada, e isso era apavorante. Não houve quebra da realidade. Nenhuma. Eu não ouvia vozes. Não via nada que não estivesse ali. Na verdade, acontecia o oposto. O cenário imperceptível do cotidiano tornou-se tão pesado, tão pouco imaginativo, que eu me senti como se estivesse usando o que me cercava como um terno de cimento.

Eu simplesmente fui embora, ou alguma parte de mim foi, e deixei o resto de mim para elaborar os detalhes, o que, no meu caso, significou me internar em um hospital.

O evento em si foi tão sutil, ou talvez minha idéia do que é realmente o colapso mental era tão dispersa, que eu não estava sequer consciente de que ele havia ocorrido. Eu sabia que algo havia acontecido. Sabia que tinha de tomar medidas para evitar ou mitigar algum desastre iminente, mas quando estava no hospital me percebi perturbada pelos outros pacientes e pela minha presença entre eles. Às vezes, de uma forma absurda.

Certo dia, enquanto comia aquelas detestáveis panquecas do café-da-manhã do hospital, perguntei a um deles "por quê" ele

estava ali, e ele me disse que tinha tido um esgotamento nervoso depois que sua esposa o deixou por outro homem.

"É mesmo?", disse eu. "Como é um esgotamento nervoso? Eu sempre quis saber."

Na época, parecia que eu havia me trancado em uma ala psiquiátrica por nenhuma razão particular. Não associava minha condição com nada que havia acontecido no ano e meio anterior. Achei simplesmente que minha medicação antidepressiva havia parado de funcionar e, por isso, entrei no buraco mais próximo. Essa era minha frase oficial: "Estou ajustando a minha medicação." Um eufemismo. Como se checar o espaço interno não fosse um procedimento diferente, ou mais envolvido do que uma lavagem nos ouvidos.

A verdade é que eu havia me tornado o que os especialistas chamavam de "passivamente suicida". Eu andava por ali em transe, procurando Pauls em todos que eu encontrava. Pauls que carregavam consigo facas de verdade e eram peritos no seu uso. Como pessoas desse tipo eram muito fáceis de encontrar na cidade de Nova York, meu terapeuta achou conveniente sugerir que eu me mantivesse longe das ruas, e a parte desperta de mim concordou.

Só quando eu me sentei na sala de estar da ala psiquiátrica para conversar com vários assistentes sociais, alunos de medicina e psiquiatras desatentos, conectei este episódio de uma forma significativa com Paul ou Ned, ou passei a entender que Ned estava acabado.

Certamente, Paul era alguém associado a Ned, ele era o foco da minha culpa, que eu sabia bem que persistia, mas não era a única causa, nem mesmo a mais prevalente, da morte de Ned.

A causa mais profunda estava em Ned, era inerente a ele, e esteve ali desde o início. Em primeiro lugar, Ned era um impostor, e os impostores que não são sociopatas finalmente implodem. Assumir a identidade de outro não é algo simples, mesmo que não envolva uma mudança de sexo. Requer esforço, vigilância e energia constantes. Muita energia. Mesmo nos melhores momentos, é exaustivo. Você está sempre com medo de que alguém saiba que

você não é quem você diz que é, ou que saberá imediatamente se você der o menor passo em falso. Você está fora de si em dois sentidos. Primeiro, porque está sempre se observando do lado ou de cima, tentando conseguir o desempenho correto e enxergar a aproximação de ciladas, mas também porque está sempre tentando habitar a *persona* de alguém que não existe, nem mesmo no papel. Você não tem o benefício de um *script* ou o tratamento de um personagem que pode lhe dizer como essa pessoa pensa ou como foi sua infância, ou o que ele gosta de fazer. Ele não tem história nem substância, e ser ele é como ser um adulto lançado de volta no pior da adolescência complicada de outra pessoa.

Mas havia outras coisas além disso. Ned era, também, um homem, embora só fachada e sem nenhuma substância, mas eu ainda era muito uma mulher espiando através de suas janelas, e a dissonância cognitiva que isso estabelecia era simplesmente insustentável a longo prazo, como manter duas idéias mutuamente exclusivas na minha mente e, ao mesmo tempo, tentar jogar malabares e andar de bicicleta.

Ser Ned era um pouco como ser uma zebra que está tentando se passar por uma girafa. Tentar ser um homem quando você é uma mulher não é apenas ser um cavalo de uma cor diferente, ou uma pessoa que trocou suas velhas roupas por novas: novas roupas, nova maquiagem e novo cabelo. Através de Ned, aprendi que a dificuldade era que o meu gênero tem raízes no meu cérebro, possivelmente raízes bioquímicas, vivendo muito próximo do cerne da minha auto-imagem. Inseparavelmente próximo. Bem mais próximo do que a minha raça, classe, religião ou nacionalidade, na verdade tão próximo a ponto de ser incomparável com estas categorias, embora esteja tão freqüentemente agrupado a elas, na teoria.

Quando eu desarraiguei, uma por uma, cada uma das minhas características de gênero, e inseri as de Ned, inconscientemente direcionei a extremidade mais fina de uma cunha em minha percepção do *self*, e enquanto eu vivia como Ned, criando raízes na sua vida e um lugar inventado no mundo, uma falha geológica abriu-se na minha mente, precipitando eventos sísmicos pequenos

e depois cada vez maiores em meu subconsciente, até que a camada finalmente cedeu.

Deixei o hospital após apenas quatro dias, não porque estivesse curada, longe disso, mas porque ouvir minha companheira de quarto falar a noite toda sobre os gigantes suecos ou sobre como os DJs do rádio estavam lhe chamando de prostituta não estava me ajudando a melhorar.

Demorei dois meses inteiros de cuidado meticuloso e repouso para sair daquele estado. Várias vezes, durante esse período, pensei em telefonar para Paul, mas desisti. Nunca consegui confiar nas minhas motivações para querer vê-lo e lhe contar sobre mim, e por isso tirei da cabeça qualquer encontro; em vez disso, me concentrei em me expurgar de Ned.

Com o tempo, Ned foi se estabelecendo no meu sistema. Isto me permitiu conduzi-lo de uma maneira mais convincente à medida que o projeto prosseguia, mas foi isso também que me fez, finalmente, me curvar sob o seu peso. Isso era de se esperar. Como um raro (raro, porque criterioso) psiquiatra mais tarde me diria quando declarei que o meu esgotamento certamente me prejudicaria como narradora, e por isso prejudicaria todo o projeto: "Ao contrário, tendo feito o que você fez, eu pensaria que você era louca se não tivesse tido um esgotamento."

De um modo estranho, achei que o que me aconteceu como Ned era o que acontecia, de uma forma ou de outra, com a maioria dos homens do grupo de homens, embora eu tenha experimentado mais intensamente a alienação pelo fato de ser uma mulher. Meu esforço foi desastroso por necessidade. Mas, para esses homens, viver em sua caixa de homem também não era um ajuste particularmente bom, e aprender isso em um grau considerável pode ter sido a melhor lição de Ned na toxicidade dos papéis de gênero. Esses papéis provaram ser canhestros, sufocantes, entorpecedores ou mesmo fatais para muito mais pessoas do que eu imaginava, e pela simples razão de que, homem ou mulher, eles não se deixavam ser eles mesmos. Mais cedo ou mais tarde, esse conflito viria à tona, mesmo que não se estivesse tentando cruzar os limites do sexo.

A masculinidade é uma mitologia pesada que paira sobre os ombros de todo homem.

Isso é bem verdade. Mas o que fazer a respeito? Dificilmente consigo escrever essas palavras e defendê-las. A libertação dos homens não é uma plataforma onde você possa correr, mesmo que seja a última fronteira de reabilitação da nova era: o opressor como o oprimido. Atualmente, não sentimos simpatia política pelo "homem", porque ele tem sido o conquistador, o estuprador, o fomentador de guerras, o plutocrata, o pesadelo coletivo sentado sobre o seu peito. Certo? Certo. "Buuu", dizemos diante de sua queixa. "O tirano chora." Quando a imagem vociferante do Grande Oz passa a ser o homúnculo confuso puxando alavancas atrás de uma cortina, estamos compreensivelmente deficientes de solidariedade.

Mas como Paul, que está há anos no movimento dos homens tentando defendê-lo contra feministas furiosas, certa vez me disse: "São as mulheres que estão pagando o preço mais alto pela disfunção dos homens. Não estamos de jeito nenhum contra elas." E ele está certo. A cura dos homens é do interesse das mulheres, embora para elas essa cura signifique aceitar, em algum nível, não somente que os homens são também — eis a palavra temida — vítimas do patriarcado, mas (e esta será a parte mais difícil de engolir) que as mulheres têm sido co-determinadoras do sistema, às vezes tão empenhadas e ativas quanto os próprios homens em colocar e manter os homens em seu papel. Do ponto de vista feminista, isso soa, no máximo, como uma abdicação de responsabilidade, uma saída fácil para o inventor e, na pior das hipóteses, um momento exasperador de responsabilizar a verdadeira vítima. Mas, do ponto de vista de Paul, significa que os homens e as mulheres estão finalmente concordando em algo: o sistema suga.

Por tudo isso, o movimento dos homens permaneceu, em grande parte, um negócio clandestino, relegado a retiros no mato. Ser uma vítima é bem menos praticável politicamente quando o algoz é também você, e a apresentação do jugo é auto-imposta. Será que alguém pode realmente marchar pelas ruas gritando "*j'accuse*" e "*mea culpa*" ao mesmo tempo? É possível ser, ao mesmo tempo "O Homem" e o rebelde?

Não na nossa revolução, companheiro.

É difícil posicionar um movimento quando o território é tão íntimo. Os homens, afinal, não conseguem exatamente se reunir no gramado da Casa Branca e demonstrar seu direito de chorar em público ou reivindicar sua perda do amor dos pais. Estas, ao que parece, são questões para serem discutidas no divã do terapeuta. Questões privadas.

Mas, evidentemente, as vidas privadas dos homens são também nossas. Paul estava correto sobre isso. Você ser ou não uma feminista tem pouco importância nessa questão. Se os homens ainda estão realmente no poder, beneficia-nos consideravelmente, a todos, curar os melancólicos que estão no comando. E, mesmo que não estejam, ainda assim são membros das nossas famílias e ainda compõem metade da população do planeta. Dificilmente poderíamos existir, e menos ainda viver ou mudar, sem eles. E, como pode.

Realmente não sei como é ser um homem. Nunca consegui saber. Mas sei aproximadamente. Sei algo sobre o que é ser tratada como um. E esta, no fim, foi a razão desta experiência. Não ser, mas ser aceito.

Sei que grande parte do meu desconforto vinha precisamente do fato de eu ser o tempo todo uma mulher, continuando uma mulher mesmo no meu disfarce. Mas também sei que outra parte respeitável do meu desconforto vinha, como também para os homens que eu conheci no grupo e em outros lugares, da maneira como o mundo me recebia nesse disfarce, um disfarce que era tanto uma simulação para meus amigos homens quanto era para mim. Esta, talvez, seja a última idiossincrasia da minha aventura. Não fui desmascarada no meu disfarce no mundo dos homens porque minha máscara era muito real, mas porque o mundo dos homens é um baile de máscaras. Só no meu grupo de homens eu vi estas máscaras serem removidas e avaliadas. Só então eu soube que o meu disfarce era a única coisa que eu tinha em comum com todos aqueles homens naquela sala.

No fim, decidi não contar a Paul a meu respeito. Não tinha mais medo dele, mas fiquei preocupada de que o constrangimento que ele provavelmente sentiria por não ter descoberto o meu disfarce em algum momento durante aquele tempo pudesse colocá-lo em uma situação que, agora, parecia-me injusta e desnecessária. Este foi um aspecto das minhas revelações anteriores que eu não avaliei inteiramente na época, mas agora via tudo muito claramente. Eu havia esperado que as pessoas ficassem chocadas ou desconcertadas, até zangadas, mas não constrangidas. Mas eu acho que o constrangimento estava no fundo do que a maioria das pessoas sentiu quando eu lhes disse que Ned era, realmente, Norah. Aprendi muito sobre a química das interações homem/mulher conversando, durante a transição, com as pessoas, mas fiz isso um pouco às suas custas. Fiz isso, na época, inconscientemente, mas agora eu sabia o suficiente para entender melhor. Eu não ia fazer Paul sofrer, e isso, eu temia, seria o que mais aconteceria se eu lhe contasse o que fiz.

Nunca me despedi dos rapazes pela mesma razão. Simplesmente parei de ir às reuniões. No entanto, estava tentada a voltar como eu mesma. Queria lhes dizer que havia ouvido o que eles tinham a dizer, que o que eles disseram ajudou a fortalecer minhas próprias descobertas sobre a masculinidade e me ajudou a enxergar a minha própria vida como homem com um alívio consideravelmente maior. Sua honestidade possibilitou isso e eu lhes era grata por isso. Mais que tudo, queria lhes desejar sorte, dizer-lhes que achava que eles estavam fazendo um trabalho importante e que talvez não demorasse muito para mais algumas pessoas tomarem conhecimento disso.

8 O fim da jornada

Foi difícil ser um homem. Realmente difícil. E havia muitas razões para isto, e a maioria delas, quando as conto, faz com que eu pareça um cansado e prototípico jovem com raiva.

Não é exatamente uma postura que me agrade. Eu costumava odiar esse personagem, o rapaz na peça ou no romance que se queixa sem parar de que tudo é ruim na sua vida e cuja responsabilidade é sempre de outra pessoa. Sempre o achei tedioso e antipático. Mas depois de viver como um homem durante apenas um pequeno pedaço da minha vida, posso realmente me unir a esse discurso e lhe apresentar o meu próprio. Na verdade, essa é a única maneira em que posso verdadeiramente caracterizar minha vida como homem. Não gostei dela.

Não gostei de como me senti desajeitada e tive de me preparar para passar por um homem aceitável como tal. Tinha que eliminar muita coisa, quando passava de mulher para homem. Não havia previsto isso quando comecei a ser Ned. Pensei que, sendo um homem, eu conseguiria fazer todas as coisas que não conseguia fazer como mulher, coisas que sempre invejei nos meninos quando era criança: as aparentes liberdades de não ter medo no mundo,

andar ruidosamente e parar com as pernas abertas. Mas quando tive na verdade que ser Ned, raras vezes me senti totalmente livre. Longe de me sentir solta, me vi oprimida.

Reduzi tudo: meu riso, minhas palavras, meus gestos, minhas expressões. A espontaneidade saiu pela janela e foi substituída por tensão, dissimulação e controle. Eu endureci e me contive quase a ponto da ossificação.

Não podia ser eu mesma e, depois de um certo tempo, isso realmente me deprimiu. Passei muito tempo temendo ser descoberta, mesmo depois de saber que ninguém questionaria o meu disfarce, que comecei a me sentir tão rígida e confinada quanto um par de placas com anúncios transportadas pelos homens-cartazes. E o que realmente me preocupava não era ser descoberta como a mulher que eu era. Era de ser descoberta como menos que um homem de verdade, e desconfio que isto é algo que muitos homens enfrentam sua vida toda, este constante escrutínio e auto-escrutínio.

Alguém está sempre avaliando sua masculinidade, sejam outros homens, outras mulheres, e até mesmo crianças. E todos estão sempre procurando a sua fraqueza ou a sua inadequação, como se fosse uma espécie de praga que eles têm terror de pegar ou, mais importante ainda, de que outros homens a captem. Se você não faz o movimento certo, não coloca seus olhos no lugar certo num dado momento, aos olhos da cultura, em geral, isso ameaça toda a estrutura. Conseqüentemente, alguém tem sempre que estar lhe chutando por baixo da mesa, redirecionando-o, fazendo de você — ou o mantendo — um homem de verdade.

E isso — aprendi muito rapidamente — é a camisa-de-força do papel masculino, e que não é menos constritora do que seu oposto feminino. Você não tem permissão de ser um ser humano completo. Em vez disso, passa a ser uma mistura treinada de posturas estóicas. Passa a ser o que se espera de você.

O pior desse escrutínio era poder ser percebida como um homem afeminado. Os outros homens, como foi confirmado, eram hipervigilantes sobre as regras da masculinidade e ficavam desconcertados, às vezes profundamente desconcertados, por meu fracasso

em observar essas regras. Conseguiam ser absurdamente obtusos sobre todos os tipos de outros sinais, especialmente os emocionais, mas eram ligados ao quociente da masculinidade. Tanto que, na verdade, se justifica o termo homofobia — e certamente eu nunca fui fã dessa palavra. Mas me parecia que a maioria dos homens tinha realmente medo, um medo às vezes quase desesperado, da bicha espectral no meio deles. É difícil explicar isso de outra maneira. Só o medo poderia fazê-los observar tanto os sinais de outro homem, especialmente quando tantas coisas mais na interação masculina segue despercebida.

É claro que ser visto como um homem afeminado me ensinou muitas coisas sobre a relatividade do gênero. A minha vida toda, fui considerada uma mulher masculina. Isso possibilitou, em parte este projeto. Mas pensei, que, quando eu saísse como homem, algum desequilíbrio iria se corrigir e eu seria um sujeito comum, bem dentro do espectro aceitável do gênero. Mas de repente, como homem, as pessoas estavam vendo minha feminilidade explodindo por todo lugar, e não a recebiam bem. Na verdade, nem mesmo as mulheres. Elas também queriam que eu fosse mais masculino e *sexy*, e às vezes também faziam suas suposições de que eu fosse homossexual, até mesmo quando saíam comigo. Daí a expressão "meu namorado gay".

Nesse aspecto, as mulheres eram difíceis de agradar. Elas queriam que eu estivesse no controle, grotescamente grande e forte, tanto no espírito quanto no corpo, mas, ao mesmo tempo, também terno e vulnerável, subserviente a seus caprichos e dócil como um coelhinho. Queriam alguém em quem se apoiar e de quem depender, a quem olhar com respeito e ao lado de quem desfalecer, mas, apesar disso, alguém que soubesse do seu lugar reduzido no mundo pós-feminino. Mantinham sua suposta superioridade moral e sexual sobre mim e, às vezes, tentavam me manipular com ela.

Mas ficar na profundeza da psique masculina não era melhor. Lá eu também via os homens na sua pior situação. Via como um impulso sexual implacável e humilhante pode deixá-lo degradado e vulnerável, e como ele pode fazer seus pensamentos

incessantes sobre as mulheres se tornarem inumanos. Na verdade, nunca sei como funciona esse impulso no cérebro quando a testosterona é desencadeada, mas vi como um homem pode se sentir alternadamente animalesco e impotente na companhia de mulheres e como ele pode ficar amargo e freqüentemente pueril na companhia de homens. Sei como esse impulso pode se tornar mais básico nas rodinhas masculinas, onde as expectativas da masculinidade mais uma vez exercem sua influência nociva, estimulando-o a encobrir a carência e a insegurança com grosseria ou pretensa potência.

Meus companheiros de boliche encorajavam-me a falar palavrões e eu os encorajava a fazer o mesmo. Soltávamos todo o ar odioso de nossos balões, como monologuistas loucos com uma forma concludente da síndrome de Tourette*. Dizíamos todas as coisas que importavam e que não importavam, e que não podiam ser ditas em companhia mista, e uma espécie de catarse acontecia, muito parecida como o que acontecia nas reuniões dos grupos de homens, mas sem a autoconsciência terapêutica. A companhia de seus irmãos pode tornar você pior e melhor. Melhor, porque lhe permite drenar parte da sua raiva, mas pior porque mantém você sem falar sobre a dor subjacente, porque esse ritual do vínculo masculino é, em si, apenas outra parte da masculinidade que o está perturbando.

Era assim que eu me sentia quando estava principalmente com homens. O diálogo era infame e, como uma mulher no meio disso eu me sentia suja e amedrontada só de ouvi-lo. Ficava chocada porque no seu pior aspecto era muito pior do que eu achei que seria, tão estranhas e inexoráveis eram as obsessões com foder, competir e maltratar o homem fraco. Ele estava ali quase todo o tempo e me fazia pensar que muitos homens são bem piores do que a maioria das mulheres tem idéia, mas também são muito melho-

* A Síndrome de Tourette (*ST*) é um distúrbio neurológico ou "neuro-químico" que se caracteriza por tiques – movimentos abruptos, rápidos e involuntários – ou por vocalizações que ocorrem repetidamente com o mesmo padrão. (N. T.)

res, porque eu sabia de onde vinha grande parte daquilo e como era difícil superá-lo. Sabia que eles estavam ligados a milhares de nós e expressando sua angústia em um código empolado.

Esta foi, provavelmente, a parte que eu mais detestei. Como homem, você tem uma extensão emocional de três notas. Ou seja, pelo menos no que se refere ao mundo exterior. As mulheres atingem oitavas, escalas cromáticas de lágrimas, alegrias, ansiedades, desespero e resplandecência erótica, e agora, depois do *black bra feminism*, ficamos até cáusticas também. Conseguimos ser putas, pelo menos parte do tempo, e as pessoas escreveram livros orgulhosos sobre isso. Mas os homens conseguiram pouco mais do que bravatas e raiva. Esqueça a dúvida. Esqueça o sofrimento. Eles dão socos. Eles cuidam dos negócios. E seus intestinos se liquefazem sob o estresse.

Isso aconteceu com os meus.

É verdade que os homens também conseguem coisas boas. Às vezes ainda conseguem um respeito e uma deferência especiais, e um direito de se vangloriar. Descobri isso no trabalho. Adquiri o poder de exagerar, de acreditar em meu "pinto de 18cm" e no meu "QI de 180", ilusórios ou não. Não importava. Eu tinha o direito de dizer "Experimente-me", mesmo quando não tinha nenhuma idéia do que estava fazendo. Às vezes, senti aquela confiança do clube do Bolinha, de pura e injustificada arrogância, que vi em mais homens do que posso contar. Sempre costumava imaginar como eles faziam isso. Agora eu sei. Eles faziam porque uma aparência forte é tudo o que você tem quando não há nada por trás dela senão a fraqueza que você não pode demonstrar. É o maior presente que você consegue, a compensação por todo o resto, como se a cultura estivesse lhe dizendo: "Vamos extirpar seu coração, mas vamos lhe dar pernas e um passe VIP para compensar isso."

Mesmo quando Ned estava em seu apogeu, conseguindo todos os benefícios da masculinidade, usando paletó e gravata, pavoneando-se nos corredores do escritório, cheio de uma sensação da própria importância, mesmo então eu não gostava da sua vida. Mesmo quando a bazófia era falsa, e não porque eu era uma

mulher, mas porque o bom sentimento estava vindo de fora de mim. Mesmo o *feedback* positivo era ainda *feedback*, ainda uma expectativa cultural, pretendendo fazer de mim quem eu era, me tornar aceitável como um homem real de uma maneira que eu não havia sido no mosteiro.

E isso magoava pessoalmente. Havia ainda alguém me dizendo como ser, dizendo "Boa, cara, agora você conseguiu". Havia ainda alguém atrás do meu olho tomando notas, e ainda que ouvir encorajamento fosse sempre melhor do que ser humilhado como bicha, bruto ou fracasso, ainda assim era, do mesmo modo, insultante, porque me dizia que ser eu não era o bastante.

Esta não era só uma queixa minha, não era apenas uma má combinação de uma mulher com um papel de homem no mundo, embora isso certamente aumentasse o contraste. Era a queixa de todos os homens em meu grupo de homens, e um problema, se não sempre uma queixa, para quase todos os homens que conheci, embora alguns deles fossem fechados demais para expressar, que dirá ver, quanto mal a "masculinidade" estava lhes causando.

Nesse sentido, minha experiência não foi única. Ser um homem era, na maior parte do tempo, uma série de expectativas irrealistas, limitantes, exasperadoras e depressivas chegando constantemente por sobre a cerca, e você era apenas um fantoche tentando atuar de acordo com as instruções. A masculinidade branca na América não é mais o padrão pelo qual as mulheres, e todas as outras minorias, estão sendo avaliadas e consideradas deficientes, ou pelo menos não parece dessa maneira vista de dentro. É apenas mais um conjunto de comandos de marcha, outro estereótipo onde se inserir.

Aprender isto me surpreendeu. No início do projeto, lembro-me de pensar que viver como um homem e ter acesso ao mundo de um homem seria como conseguir uma entrada para o grande auditório, para o principal evento, após ter passado a minha vida observando os procedimentos de um monitor de vídeo ou do gramado de fora. Esperava que tudo fosse grande e feito abertamente, a transação real, ao vivo e a um metro do meu rosto, em

vez de visto através de um vidro obscuro. Certamente, houve uma época na América em que isso teria sido assim, quando as salas de reunião de diretoria e milhares de outros lugares eram somente para homens, e conseguir entrar neles teria me proporcionado um tratamento de rei e me dado a verdadeira sensação de exclusividade e amplitude que eu estava prevendo.

Mas para mim, entrar no chamado clube dos homens nos anos iniciais do novo milênio pareceu muito mais me juntar a uma subcultura que a um clube de campo. Andar pelo mundo como um homem e interagir com outros homens como um deles parecia, de certa maneira, muito mais semelhante a interagir com outras pessoas gays no mundo heterossexual. Quando alguns homens apertavam a mão de Ned e o chamavam de camarada, parecia que o estavam reconhecendo como um dos seus, de uma maneira muito parecida com aquela que as pessoas gays, quando nos encontramos umas com as outras, freqüentemente damos uma à outra algum sinal de inclusão, que diz: "Você é um dos meus."

Estar com os rapazes na noite de boliche como Ned era, de certa forma, como eu mesma ir a um bar gay para estar com pessoas do mesmo tipo que eu. Há muitas razões por que entrar naquela pista de boliche pela primeira vez na noite da liga dos homens foi tão chocante para mim, quanto seria para qualquer um dos meus companheiros de boliche entrar num bar gay. Eu estava no clube secreto errado, isto é, até Jim, tomando-me por um deles, um heterossexual, apertou pela primeira vez a minha mão e me deixou saber, sem ser necessário dizer, que eu estava entre amigos, que ali não haveria julgamentos, que — se eu quisesse — podia dizer palavrão, peidar, beber minha cerveja e falar sobre *strippers* com a mesma impunidade como poderia ser uma bicha enfurecida em meu bar lésbico local.

Realizar este contato afastado e confortante com os homens e sentir o alívio que senti quando minha vida como homem foi adiante não era um sinal de eu ter me unido à super-classe, para a qual a superioridade é assumida e não é questionada. Era mais como se unir a um sindicato. Era o complemento e o refúgio dos meus

encontros penosos, que eram, com freqüência, suficientemente alienados e irritantes para me fazer ponderar se colocar homens e mulheres juntos amigavelmente em uma base permanente não era, às vezes, como negociar a paz no Oriente Médio.

Acredito que *somos* tão diferentes na agenda, na expressão, na perspectiva, na natureza, mas tão diferentes que não consigo evitar de quase acreditar, depois de ter sido Ned, que vivemos em mundos paralelos, que no fundo, na verdade, não existe essa tal criatura unificadora mística que chamamos de ser humano, mas apenas seres humanos homens e seres humanos mulheres, tão separados como seitas.

No fim, a maior surpresa em Ned foi o modo como ele se transformou em um ser tão poderosamente psicológico. A chave do seu sucesso não estava nas roupas, em sua barba ou em nenhuma outra coisa física que eu fizesse para fazê-lo parecer real. Foi na minha projeção mental dele, uma projeção que, com o tempo, tornou-se indetectável até para mim. As pessoas não o viam com seus olhos. Elas o viam com o olho da sua mente. Viam o que queriam ver, pelo menos no início, embora eu ainda tivesse controle sobre a imagem. Depois viam o que esperavam ver e o que eu havia me tornado sem saber: o estado mental de Ned.

Sei que isso é verdade porque, em várias situações posteriores na temporada de boliche, por exemplo, ou mais tarde em minha estada no mosteiro, parei de usar minha barba, meus óculos e até, às vezes, até minha faixa, e ninguém questionou meu disfarce. Ninguém parou de ver Ned. Ficaram tão surpresos quanto qualquer outra pessoa, quando finalmente lhes contei a verdade.

Mesmo no meio do projeto, quando saía no mundo como eu mesma, durante os períodos de descanso quando estava escrevendo ou fazendo uma pausa no Ned de tempo integral, as pessoas quase invariavelmente me confundiam com um homem, ainda que eu estivesse usando uma camiseta branca justa sem sutiã. Depois que terminei o projeto, desligada havia vários meses de Ned e de volta à minha feminilidade mental, as pessoas em toda parte se dirigiam a mim como "senhora", mesmo no auge do inverno, quando eu estava usando um gorro preto e um casaco de marinheiro.

Sabendo, como eu sei agora, que meu estado mental feminino podia ter um efeito poderoso sobre as percepções que as outras pessoas tinham de mim, não espanta que esse estado mental tenha deturpado tão fortemente minhas próprias percepções.

Mas, evidentemente, entrar nas cabeças dos homens e sair da minha própria era o objetivo deste projeto. Parte do propósito de escrever um livro como este era aprender algo sobre o grupo infiltrada e depois, da melhor maneira possível, dar um bom uso a esse conhecimento. Inevitavelmente, tive de perguntar a mim mesma se a minha experiência como Ned tinha ou não mudado a maneira como eu vejo os homens e interajo com eles.

Inesperadamente, a resposta a essa pergunta é ao mesmo tempo sim e não. Sim, no sentido de que tenho uma empatia inevitável pelos homens, a qual adquiri vivendo entre eles. De algum modo, sei como é estar na sua pele deles e receber alguns dos golpes e preconceitos que o mundo lhes inflige. Eu os entendo melhor, é claro, do que entendia antes, e gosto de pensar que, em meus momentos mais conscientes, uso esse entendimento de um modo útil.

Embora uma ocasião desse tipo ainda não tivesse surgido desde que terminei o projeto, espero que da próxima vez que vir um homem angustiado, eu controle meu instinto de cobri-lo de cuidados, a menos que seja convidada a isso. Em vez disso, espero me lembrar de meus momentos de maior intimidade com Jim e, talvez, me basear no que aprendi com Paul e com os rapazes do grupo dos homens sobre o espaço respeitoso que um homem freqüentemente necessita em torno de si quando está vulnerável ou chorando. Pode ser possível, agora, interpretar os silêncios dos homens que me cercam como algo mais do que vazios ou reservas, e me sentir mais confortavelmente presente e disponível para eles sem sempre precisar que a nossa troca de idéias seja explícita ou facilmente resolvível na minha linguagem.

Muitas vezes sou apenas uma testemunha, processando as interações das outras pessoas com mais simpatia e discernimento.

Mas, em geral, não estou em posição de intervir. Recentemente, por exemplo, vi um homem e um rapaz sentados em uma mesa próxima em um restaurante. Era uma tarde de sábado e se imaginava que fossem pai e filho tendo um de seus dois dias por mês juntos pelas regras de algum acordo de custódia pouco contestado. Também era possível perceber que o pai estava entediado, e provavelmente só estava ali com o filho porque a mãe insistiu nisso, querendo um dia para ela. O pai estava ignorando o garoto, até mesmo conversando banalidades com alguém em seu telefone celular durante grande parte da refeição, como se estivesse apenas matando tempo em uma esquina, esperando por um ônibus. O menino estava sentado com os ombros encolhidos em sua cadeira, olhando para seus ovos e para o espaço com a expressão derrotada de alguém que cresceu acostumado a ser desconsiderado. Mas era possível, também, perceber a dor e o desespero em seus olhos. Era possível vê-lo registrando o efeito de mais uma rejeição indiferente da única pessoa cujo mais leve encorajamento teria significado uma enormidade. Aqui estava a construção e a desconstrução de mais outro homem sem pai, cuja vida e percepção de si seria para sempre alterada por experiências como essas. Não havia nada que eu pudesse fazer, exceto captar os olhos do garoto e sorrir com uma expressão de pesar, sabendo, é claro, que a compaixão de uma mulher era inútil em momentos assim.

No mesmo dia, vi outro pai jogando bola com seu filho no parque. Quando terminava um passe, o pai corria atrás do menino e se atracava com ele alegremente na grama. Ambos caíam rindo no chão, meio lutando, meio se abraçando. Era o tipo de cena que eu acharia exasperadoramente batida e manipulativa em um comercial, mas que agora me parecia tocante, um momento efêmero na vida de um menino que podia fazer toda a diferença.

Em momentos assim eu vejo as vidas dos homens de uma nova maneira, e isso é inestimável. Mas se interajo ou não diferentemente com os homens no cotidiano após ter vivido como Ned, é uma questão completamente diferente. Eu achava que com certeza

iria interagir de maneira diferente. Muito diferente. Que não conseguiria evitar isso. Mas, para minha surpresa, percebi que as coisas não se passaram desse modo.

No dia-a-dia sou muito parecida com o que eu era: de novo uma mulher, vivendo, como sou obrigada, no meu lado da divisão entre os mundos paralelos dos sexos. Os homens também continuam iguais ao que eram antes, vivendo em seu lado dessa divisão. São quase inacessíveis para mim agora, e acho que este afastamento tem muito a ver com o componente psicológico invasivo de Ned, que, ao mesmo tempo, possibilitou e prejudicou o projeto. Como Ned, eu achava cada vez mais difícil e depois impossível manter minhas *personas* masculina e feminina simultaneamente intactas. Já disse que era como tentar defender, ao mesmo tempo, duas idéias mutuamente exclusivas na minha mente, e que essa dissonância cognitiva essencialmente fechou meu cérebro. Para sair desse blecaute, eu tinha que aprender a ser de novo meu *self* ligado ao gênero e excluir, ou mesmo esquecer, Ned. Não podia viver nos dois mundos ao mesmo tempo, e por isso escolhi o lado ao qual o hábito e a minha criação me acostumaram, e ao qual meu cérebro, com toda a probabilidade, me predispõe.

Eu digo que eu "escolhi", mas uso esta palavra apenas num sentido limitado, porque não estou certa de quanta escolha significativa conseguimos fazer nessas questões. Acho que escolhi ser Ned de uma maneira semelhante à que uma pessoa gay pode escolher se casar. Assumi as armadilhas, adotei os comportamentos e até me hipnotizei na mentalidade. Mas simular a masculinidade não me fez mudar substantivamente minha identidade básica de gênero mais do que alguém pode mudar sua preferência sexual adotando um estilo de vida heterossexual. Em vez de escolher me tornar uma mulher novamente, é provavelmente mais verdadeiro dizer que eu retornei ao modelo. Parei de fingir. Voltei para mim mesma e, assim fazendo, eu perdi, como não poderia deixar de ser, meu *status* de inserção no outro campo.

Evidentemente, de certo modo, o que uma mulher quer e

precisa da masculinidade está longe de ser muito diferente daquilo que um homem quer, e que deve ter sido responsável por muitos problemas que enfrentei no meu papel masculino. Mas não foi responsável por tudo. Se tivesse sido, não haveria movimento dos homens sobre o qual falar ou, pelo menos, não um movimento com a mesma agenda, uma agenda que não procurava resgatar ou exonerar o patriarcado, mas de muitas maneiras o evidenciava mais de dentro para fora. Alguma coisa está genuinamente deslocada na "masculinidade", e embora eu talvez tenha visto esse deslocamento mais claramente ou sentido mais dolorosamente porque não nasci dentro dele, não há como negar a disfunção real nas vidas de muitos homens. Vi muitos homens censurarem-na publicamente ou sofrerem visivelmente em silêncio sob sua influência para registrar tudo na minha perspectiva estrogenada.

Muitos homens estão sofrendo. Isto é evidente. Muitos deles estão vivendo emocionalmente sem pais ou subsistindo, em terrível conflito, com os pais que têm, e isso tem ferido e até mutilado ambas as partes bem mais do que a maioria deles consegue dizer, motivo pelo qual tantos de nós desconhecemos metade do que acontece.

Os garotos têm sua sensibilidade rotineiramente escarnecida, envergonhada e extirpada deles, e este tratamento deixa cicatrizes para a vida toda. E nós, mulheres, ponderamos por que, como homens, eles não reagem a nós com mais sentimento. Na verdade, vamos além disso. Nós os responsabilizamos e os menosprezamos por sua insensibilidade. E não somos as únicas. Os homens estão no centro do seu próprio conflito. Tanto quanto qualquer um, eles endurecem um ao outro seguidamente, e com freqüência não vêem defeito nisso porque não fazê-lo seria exibir uma flexibilidade emocional que à maioria deles há muito tem sido negado ou proibido o direito de expressar.

A cura é uma palavra vazia neste contexto, claudicante, falsa e cheirando a autopiedade. Inspira desprezo, ou irá inspirá-lo, nos homens que mais precisam dela. Mas a cura é requerida, especialmente entre os homens, onde ela será mais difícil de inspirar. Os homens têm sua experiência compartilhada apoiando a eles, apoiando a sua fraternidade, a suposição de afeição que Ned percebia nos estranhos apertos de mão dos homens. E isso é um começo. Mas superar todo o resto, o reflexo territorial, as reações emocionais bloqueadas e a raiva extremamente desgastante, isso requer mais confiança vulnerável que a maioria dos homens concede a alguém. Seria como escavadoras aprendendo balé.

Talvez isso venha a acontecer. Lenta, vacilante, por tentativas. Espero que aconteça. Os homens ainda não conseguiram seu movimento. Não mesmo. Não intimamente. Eles têm esse direito, assim como as mulheres que vivem com eles, lutam com eles, cuidam deles e os amam.

Enquanto isso, eu fico exatamente onde estou: em todos os aspectos feliz, orgulhosa, livre e contente em ser uma mulher.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao meu agente, Eric Simonoff, que se tornou uma pessoa importante quando eu não estava perto, mas ainda assim concordou em me representar. Sua paciência, conselhos e trabalho árduo foram indispensáveis. Gostaria também de agradecer à divulgadora da Viking, Clare Ferraro, por sua visão, generosidade e retaguarda. Sou mil vezes grata à minha editora, Molly Stern, por enxergar e entender o potencial deste livro. E outras mil vezes grata à minha extraordinária agente, Carolyn Coleburn, por me animar sob o peso do Bizonho* e de tudo o mais que é negativo e moroso na mídia. Também estou em débito com a editora assistente da Viking, Alessandra Lusardi, cujo trabalho incansável e — e na maior parte do tempo pouco reconhecido — nos bastidores fez com que tudo caminhasse tranqüilamente. Meus agradecimentos especiais também aos departamentos de vendas e marketing

* Um dos personagens da turma do Ursinho Puff, da Disney, o Bizonho é um burro azul acinzentado, muito triste, recheado com serragem.

da Viking, por seu encorajamento, habilidade e entusiasmo contagiante. Tenho uma dívida eterna com o brilhante Bruce Nichols por sua ajuda editorial e encorajamento sensível em meio ao meu pior desespero e auto-aversão. Envio meu amor e gratidão à minha querida amiga Claire Berlinski por ler tudo desde o início, e repetidas vezes, e por sua honestidade, e apoio incansável e sempre criterioso. Meus agradecimentos também a Ryan McWilliams, por me ensinar como fazer e manter uma barba. Sem você, Ryan, este livro realmente não poderia ter sido escrito. Obrigada, Kate Wilson, por sua competência e treinamento. Sou grata também a Gary Mailman por seus sábios conselhos, a John Gallager por sua primeira leitura útil e benevolente do manuscrito, a Scott Steimle por seu humor, tolerância e amizade, a Donald Moss por me ajudar a me livrar dos demônios, a Chris Parks, Laurie Sales e Kurt Uy por serem meus parceiros intrépidos no crime, aos monges por sua hospitalidade, sabedoria e benevolência e, finalmente, a todos que participaram deste projeto involuntariamente e compartilharam suas reações, *insights* e perdão de uma maneira tão generosa. Finalmente – embora um "obrigada" nem sequer comece a ser suficiente – gostaria de agradecer a meus pais e a meus irmãos por seu amor, apoio, compreensão incansável e crença revigorante em quem sou. Eu lhes devo tudo.

Num grande esforço de empatia e de astúcia, marcando um excitante jornalismo de imersão, *Feito Homem* é a perspectiva de Norah sobre a dificuldade de ser homem, mesmo em um mundo feito por eles.

Com seus companheiros da liga de boliche, Norah desfrutou da aceitação difícil e gratificante da camaradagem masculina indetectável para alguém de fora. Um trabalho temporário em vendas mostrou-lhe as pressões violentas enfrentadas por homens que fariam qualquer coisa para ter sucesso. Ela foi a clubes de *strip-tease*, teve encontros com mulheres ávidas por amor (mas desapontadas com os homens) e foi bem recebida em comunidades exclusivamente masculinas. Narrando sua jornada com extraordinária profundidade, empatia e humor, Norah usa sua experiência íntima e inédita para explorar os muitos mistérios singulares da identidade de gênero e também para mostrar quem são os homens quando não há mulheres por perto.

Tendo estado onde certamente nenhuma mulher jamais esteve, Norah Vincent nos apresenta um relato surpreendente – uma narrativa cativante e analítica sobre o mundo dos homens, que certamente vai provocar conversas inflamadas e fascinantes.

Norah Vincent deixou seu trabalho como colunista independente do *Los Angeles Times* para realizar a pesquisa deste livro. Seus artigos têm sido publicados em jornais como *The New Republic*, *New York Post*, *The Village Voice* e *The Washington Post*, dentre outros. Ela tem dado muitas entrevistas para programas de rádio e de televisão. Atualmente mora na cidade de Nova York.

"Norah Vincent é uma livre-pensadora autêntica; uma jornalista independente à moda européia, que desafia posições arraigadas assumidas pela Academia, pela Política e pela Mídia. Seu trabalho tem estado sempre impregnado de ceticismo e energia audaciosos. Ela é um modelo de feminismo pragmático, esclarecedor."

Camille Paglia

ISBN 85-7665-173-4